

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES – UCAM  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO REGIONAL E  
GESTÃO DA CIDADE  
CURSO DE MESTRADO EM PLANEJAMENTO REGIONAL E GESTÃO DA  
CIDADE

ANA PAULA PEREIRA DE CAMPOS LETTIERI

ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS E A VIDA NAS  
CIDADES:  
USOS E APROPRIAÇÕES DE TRÊS PRAÇAS  
LOCALIZADAS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ

2019

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES – UCAM  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PLANEJAMENTO REGIONAL E  
GESTÃO DA CIDADE  
CURSO DE MESTRADO EM PLANEJAMENTO REGIONAL E GESTÃO DA  
CIDADE

ANA PAULA PEREIRA DE CAMPOS LETTIERI

ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS E A VIDA NAS  
CIDADES:  
USOS E APROPRIAÇÕES DE TRÊS PRAÇAS  
LOCALIZADAS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

Dissertação apresentada ao Programa de  
Mestrado em Planejamento Regional e Gestão da  
Cidade da Universidade Candido Mendes –  
Campos dos Goytacazes/RJ, para a obtenção do  
grau de MESTRE EM PLANEJAMENTO  
REGIONAL E GESTÃO DE CIDADES.

Orientador: Valdir Júnio dos Santos, D.Sc.

CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ

2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

Preparada pela Biblioteca da **UCAM – CAMPOS** 013/2019

Lettieri, Ana Paula Pereira de Campos.

Espaços livres públicos e a vida nas cidades: usos e apropriações de três praças localizadas em Campos dos Goytacazes/RJ / Ana Paula Pereira de Campos. – 2019.

217 f.; il.

Orientador: Valdir Júnio dos Santos.

Dissertação de Mestrado em Planejamento Regional e Gestão da Cidade – Universidade Candido Mendes – Campos. Campos dos Goytacazes, RJ, 2019.

Referências: f. 185-191.

1. Praças. 2. Espaços livres públicos. 3. Planejamento urbano I. Universidade Candido Mendes – Campos. II. Título.

CDU – 711.61

Bibliotecária Responsável: Flávia Mastrogirolamo CRB 7<sup>a</sup>-6723

ANA PAULA PEREIRA DE CAMPOS LETTIERI

ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS E A VIDA NAS CIDADES:  
USOS E APROPRIAÇÕES DE TRÊS PRAÇAS LOCALIZADAS  
EM CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Planejamento Regional e Gestão da Cidade da Universidade Candido Mendes – Campos dos Goytacazes/RJ, para a obtenção do grau de MESTRE EM PLANEJAMENTO REGIONAL E GESTÃO DE CIDADES.

Aprovada em 06 de Junho de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Valdir Júnio dos Santos, D.Sc – Orientador  
Universidade Candido Mendes

---

Prof<sup>a</sup>. Lia Hasenclever, D.Sc  
Universidade Candido Mendes

---

Prof<sup>a</sup>. Teresa de Jesus Peixoto Faria, D.Sc  
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro

CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ

2019

Dedico este trabalho à minha mãe, Silvana Pereira de Campos, por ser meu exemplo e inspiração. Suas lutas e vitórias me permitiram chegar até aqui e perceber que nada é impossível quando se tem garra e fé.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me fortalecido nos momentos mais difíceis desta caminhada, se fazendo presente e sendo alicerce quando os pensamentos me faziam achar que não seria possível. Se hoje alcanço esta vitória é porque confiei Nele.

A minha família pelo amor incondicional, por serem minha base, pelo incentivo ao estudo desde sempre, pela compreensão nos momentos de ausência e, principalmente, por terem me educado me fazendo acreditar que com dedicação conseguimos atingir nossos objetivos. Especialmente à minha mãe, por ser uma mulher guerreira e batalhadora que nunca mediu esforços para oferecer o melhor à família e, particularmente, à mim. Se não fosse por sua dedicação e amor, a vida seria muito mais difícil. Agradeço por ter tornado meus caminhos mais leves e bonitos!

Ao meu marido Julio, por muitas vezes ter sido companhia para visitar as praças, pelo apoio, por ouvir minhas reflexões e contribuir com sua opinião, por oferecer suporte quando estava tensa e por entender minha falta de tempo recorrente. Obrigada pelo companheirismo!

A Universidade Candido Mendes, aos professores e colegas do mestrado por todo o conhecimento compartilhado e por terem feito as aulas mais agradáveis mesmo quando eu estava tão cansada. Agradeço também à Cida, que com seu sorriso sempre estava disposta a nos ajudar.

Ao meu orientador Valdir, por ser um professor excepcional, que se preocupa não somente em transmitir saberes mas com o aluno enquanto pessoa. Obrigada por sempre ter acreditado no meu potencial, mais do que eu mesma, por ter me impulsionado quando o desânimo quis tomar conta, pelas conversas, conselhos e por ter estado sempre disponível e disposto a ajudar. Desde o início sabia que seria meu orientador e hoje tenho certeza de que essa parceria foi imprescindível, obrigada por tudo! Você é um exemplo.

Aos membros da minha banca, por terem aceito o convite e pelo tempo dedicado a contribuir com esta dissertação!

Ao Instituto Federal Fluminense e, especialmente aos componentes do curso de Arquitetura e Urbanismo, por terem contribuído com a realização de mais esta etapa da minha vida. Aos integrantes do núcleo APPA por todo o rico conhecimento possibilitado através das discussões e contato com outras pesquisas envolvendo a paisagem. Agradeço principalmente, aos meus bolsistas de pesquisa, que tanto contribuíram com a construção deste estudo. À Mariana Pires, Ana Karolina Abreu e Juliana Poncioni, por terem se dedicado ao início da análise das praças junto à mim e hoje seguirem seus próprios caminhos. Ao Mário Ribeiro, Monique Pessanha e Letícia Oliveira, pelos quais tenho enorme gratidão por todo empenho, dedicação e apoio, sem a participação e companhia de vocês tudo teria sido muito mais difícil!

A todos que contribuíram de alguma forma com a concretização deste trabalho, muito obrigada!

## **RESUMO**

### **ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS E A VIDA NAS CIDADES: USOS E APROPRIAÇÕES DE TRÊS PRAÇAS LOCALIZADAS EM CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ**

Esse trabalho tem como objetivo analisar os usos e apropriações atuais existentes em três praças públicas de Campos dos Goytacazes/RJ – São Salvador, Trovadores e José Dias Nogueira – as quais localizam-se em bairros com perfis bastante distintos do município. Tendo em vista a complexidade e multiplicidade de interesses que passaram a permear a produção do espaço urbano com a consolidação do sistema capitalista e, no caso de Campos dos Goytacazes, das transformações que fazem parte de sua história, acredita-se que reflexos se sucederam nos espaços livres públicos como um todo mas, sobretudo, nas praças e, especialmente, na relação dos usuários com estas. Em virtude disso, contatou-se a importância de analisar estas relações, suas características, desdobramentos e consequências para a esfera pública. Para tanto, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais – as quais possibilitaram o embasamento teórico deste trabalho - e pesquisa de campo com abordagem multimétodos, a partir da qual analisou-se os mais diversos aspectos das praças selecionadas e de sua relação com a vida na cidade. Os resultados apontam usos principais que variam entre as praças estudadas, guardando estreita relação com suas características e de seu entorno, o que reforça as possíveis influências do planejamento nestes espaços. Indicam ainda diferenças na interação entre seus usuários, que sugerem uma ressignificação da vida pública.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaços Livres Públicos. Praças. Produção do Espaço. Planejamento.

## **ABSTRACT**

### **PUBLIC FREE SPACES AND LIFE IN CITIES: USES AND APPROPRIATIONS OF THREE SQUARES LOCATED IN CAMPOS DOS GOYTACAZES/RJ**

This paper aims to analyze the existing uses and appropriations in three public squares of Campos dos Goytacazes / RJ - São Salvador, Trovadores and José Dias Nogueira - which are located in neighborhoods of the city with very distinct profiles. Given the complexity and multiplicity of interests that have come to permeate the production of urban space with the consolidation of the capitalist system and, in the case of Campos dos Goytacazes, where the transformations are part of its history, it is believed that public spaces as a whole but, above all, in the squares and, especially, in the relation of the users with these. By virtue of this, the importance of analyzing these relations, their characteristics and consequences for the public sphere was contacted. For this purpose, bibliographical and documentary researches were carried out - which enabled the theoretical basis of this work - and field research with a multimethod approach, from which the most diverse aspects of the selected squares and their relationship with city life were analyzed. The results point to the main uses that vary between the squares studied, keeping close relation with their characteristics and their surroundings, which reinforces the possible influences of the planning in these spaces. They also indicate differences in the interaction between their users, which suggest a re-signification of public life.

**KEYWORDS:** Public Free Spaces. Squares. Space Production. Plannig.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Localização dos municípios do Estado do Rio de Janeiro e divisão regional	55
FIGURA 2 - População total, por gênero, rural/urbana e taxa de urbanização - Campos dos Goytacazes – RJ	56
FIGURA 3 - Mapa indicando a localização das primeiras praças públicas de Campos dos Goytacazes/RJ	60
FIGURA 4 - Mapa indicando a localização das praças existentes atualmente na cidade de Campos dos Goytacazes	64
FIGURA 5 - Mapa indicativo da densidade demográfica por bairro em Campos dos Goytacazes/RJ	65
FIGURA 6 - Mapa indicativo do valor do solo por bairro em Campos dos Goytacazes/RJ	67
FIGURA 7 - Mapa indicativo da renda média por domicílio por bairro em Campos dos Goytacazes/RJ	68
FIGURA 8 - Gráfico com valores de Royalties + Participações Especiais recebidos por Campos dos Goytacazes/RJ entre 2008 e 2019	76
FIGURA 9 - Mapa de uso e ocupação do solo do entorno da Praça São Salvador considerando-se um raio de 250 metros	96
FIGURA 10 - Mapa de uso e ocupação do solo do entorno da Praça dos Trovadores considerando-se um raio de 250 metros	97
FIGURA 11 - Mapa de uso e ocupação do solo do entorno da Praça José Dias Nogueira considerando-se um raio de 250 metros	99
FIGURA 12 - Planta da Praça São Salvador com indicação das visadas do entorno	101
FIGURA 13 - Visada “A” da Praça São Salvador ilustrando, ao fundo, a Catedral de São Salvador	102
FIGURA 14 - Visada “B” da Praça São Salvador indicando a predominância de edifícios altos, construídos a partir de 1970	103

FIGURA 15 - Visada “D” da Praça São Salvador demonstrando a predominância de edifícios ecléticos e a presença do Shopping Plaza, no lado direito da imagem	103
FIGURA 16 - Visada “C” da Praça São Salvador com as Avenidas Rui Barbosa e Nelson de Souza Oliveira e, mais ao fundo, o Rio Paraíba do Sul	103
FIGURA 17 - Planta da Praça dos Trovadores com indicação das visadas do entorno	104
FIGURAS 18 e 19 - Edificações existentes na visada “A” da Praça dos Trovadores	105
FIGURA 20 - Muro extenso sem aberturas existente em um trecho da visada “B” da Praça dos Trovadores	105
FIGURA 21 - Edifício residencial multifamiliar localizado na visada “B” da Praça dos Trovadores com arquitetura que se destaca dos demais	105
FIGURAS 22 e 23 - Edifícios multifamiliares baixos existentes na visada “C” da Praça dos Trovadores	106
FIGURAS 24 e 25 - Presença de grande extensão de muros totalmente fechados na visada “D” da Praça dos Trovadores	107
FIGURA 26 - Planta da Praça José Dias Nogueira com indicação das visadas do entorno	108
FIGURA 27 - Visada “A” da Praça José Dias Nogueira	108
FIGURA 28 - Visada “B” da Praça José Dias Nogueira	108
FIGURA 29 - Visada “C” da Praça José Dias Nogueira	109
FIGURA 30 - Visada “D” da Praça José Dias Nogueira	109
FIGURA 31 - Planta da Praça São Salvador com indicação do programa de necessidades da mesma	111
FIGURA 32 - Planta da Praça dos Trovadores com indicação do programa de necessidades da mesma	114
FIGURA 33 - Planta da Praça José Dias Nogueira com indicação do programa de necessidades da mesma	117
FIGURA 34: Monumento ao Expedicionário, localizado na Praça São Salvador	122
FIGURA 35 - Busto de José dias Nogueira, situado na praça de mesmo nome	122
FIGURA 36 - Chafariz Belga da Praça São Salvador com lodo no fundo, crescimento de vegetação e partes danificadas, demonstrando seu mau estado de conservação	123
FIGURA 37 - Praça dos Trovadores vista pelo lado de fora, demonstrando a presença de canteiros em quase todo o seu entorno e a inexistência de calçadas externas a estes	124
FIGURAS 38 e 39 - Rampas de acesso às praças dos Trovadores e José Dias Nogueira, respectivamente. Ambas danificadas	125
FIGURAS 40 e 41 - Brinquedos danificados nos <i>playgrounds</i> das praças dos Trovadores e José Dias Nogueira, respectivamente	126

FIGURA 42 - Equipamentos de ginástica existentes na praça José Dias Nogueira	126
FIGURA 43 - Lixeira da praça dos trovadores feita com toras de madeira, o que possibilita que o lixo saia pelos espaços vazados	127
FIGURA 44 - Resto da estrutura de uma lixeira na Praça José Dias Nogueira	127
FIGURAS 45 e 46 - Piso com aspecto danificado nas praças São Salvador e dos Trovadores, respectivamente	128
FIGURAS 47 e 48 - Bancos danificados nas praças São Salvador e José Dias Nogueira, respectivamente	128
FIGURA 49 - Mapas Comportamentais da Praça São Salvador	139
FIGURA 50 - Mapas Comportamentais da Praça dos Trovadores	142
FIGURA 51 - Mapas Comportamentais da Praça José Dias Nogueira	146

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Quantidade de entrevistados na Praça São Salvador por faixa etária	147
GRÁFICO 2 - Forma como os entrevistados na Praça São Salvador se auto identificam quanto à cor da sua pele	148
GRÁFICO 3 - Ocupação dos entrevistados na Praça São Salvador	149
GRÁFICO 4 - Principais lugares frequentados pelos entrevistados na Praça São Salvador em seus dias de folga	150
GRÁFICO 5 - Relação dos entrevistados na Praça São Salvador com o bairro no qual ela está situada	150
GRÁFICO 6 - Percepção dos entrevistados na Praça São Salvador sobre o bairro no qual ela está situada	151
GRÁFICO 7 - Frequência com a qual os entrevistados costumam ir a Praça São Salvador	152
GRÁFICO 8 - Atividades que os entrevistados costumam realizar na Praça São Salvador	153
GRÁFICO 9 - Respostas dos entrevistados quanto ao que mais gostam quando estão na Praça São Salvador	154
GRÁFICO 10 - Respostas dos entrevistados quanto ao que mais lhe chama atenção fisicamente na Praça São Salvador	155
GRÁFICO 11 - Respostas dos entrevistados quando perguntados se mudariam algo na Praça São Salvador	155
GRÁFICO 12 - Como os entrevistados se sentem quando estão na Praça São Salvador	156
GRÁFICO 13 - Opinião dos entrevistados se o espaço da Praça São Salvador é bem cuidado/preservado	157
GRÁFICO 14 - Opinião dos entrevistados sobre o que a Praça São Salvador representa para a comunidade como um todo	158
GRÁFICO 15 - Quantidade de entrevistados na Praça dos Trovadores por faixa etária	159
GRÁFICO 16 - Bairros nos quais residem os entrevistados na Praça dos Trovadores	160

GRÁFICO 17 - Forma como os entrevistados na Praça dos Trovadores se auto identificam quanto à cor da sua pele	160
GRÁFICO 18 - Ocupação dos entrevistados na Praça dos Trovadores	161
GRÁFICO 19 - Principais lugares frequentados pelos entrevistados na Praça dos Trovadores em seus dias de folga	162
GRÁFICO 20 - Relação dos entrevistados na Praça dos Trovadores com o bairro no qual ela está situada	163
GRÁFICO 21 - Percepção dos entrevistados na Praça dos Trovadores sobre o bairro no qual ela está situada	163
GRÁFICO 22 - Frequência com a qual os entrevistados relataram que costumam ir a Praça dos Trovadores	164
GRÁFICO 23 - Atividades que os entrevistados relataram que costumam realizam na Praça dos Trovadores	165
GRÁFICO 24 - Respostas dos entrevistados quanto ao que mais lhe chama atenção fisicamente na Praça dos Trovadores	166
GRÁFICO 25 - Respostas dos entrevistados quando perguntados se mudariam algo na Praça dos Trovadores	167
GRÁFICO 26 - Como os entrevistados se sentem quando estão na Praça dos Trovadores	167
GRÁFICO 27 - Opinião dos entrevistados se o espaço da Praça dos Trovadores é bem cuidado/preservado	168
GRÁFICO 28 - Opinião dos entrevistados sobre o que a Praça dos Trovadores representa para eles próprios	168
GRÁFICO 29 - Opinião dos entrevistados sobre o que a Praça dos Trovadores representa para a comunidade como um todo	169
GRÁFICO 30 - Quantidade de entrevistados na Praça José Dias Nogueira por faixa etária	170
GRÁFICO 31 - Forma como os entrevistados na Praça José Dias Nogueira se auto identificam quanto à cor da sua pele	171
GRÁFICO 32 - Ocupação dos entrevistados na Praça José Dias Nogueira	172
GRÁFICO 33 - Principais lugares frequentados pelos entrevistados na Praça José Dias Nogueira em seus dias de folga	172
GRÁFICO 34 - Relação dos entrevistados na Praça José Dias Nogueira com o bairro no qual ela está situada	173
GRÁFICO 35 - Percepção dos entrevistados na Praça José Dias Nogueira sobre o bairro no qual ela está situada	174
GRÁFICO 36 - Frequência com a qual os entrevistados relataram que costumam ir a Praça José Dias Nogueira	175

GRÁFICO 37 - Atividades que os entrevistados costumam realizam na Praça José Dias Nogueira	176
GRÁFICO 38 - Respostas dos entrevistados quanto ao que mais gostam quando estão na Praça José Dias Nogueira	176
GRÁFICO 39 - Respostas dos entrevistados quanto ao que mais lhe chama atenção fisicamente na Praça José Dias Nogueira	177
GRÁFICO 40 - Opinião dos entrevistados se o espaço da Praça José Dias Nogueira é bem cuidado/preservado	178
GRÁFICO 41 - Opinião dos entrevistados sobre o que a Praça José Dias Nogueira representa para eles próprios	178
GRÁFICO 42 - Opinião dos entrevistados sobre o que a Praça José Dias Nogueira representa para a comunidade como um todo	179

## **LISTA DE QUADROS**

QUADRO 1 - Levantamento das praças existentes atualmente na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ	63
QUADRO 2 - Resultados obtidos através da Avaliação do Grau de Atratividade das visadas do entorno das praças São Salvador, dos Trovadores e José Dias Nogueira	100
QUADRO 3 - Resultados do diagnóstico de elementos construídos e florísticos obtidos através de visitas às praças São Salvador, dos Trovadores e José Dias Nogueira	121

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

<b>APPA</b>	Ateliê de Pesquisas da Paisagens
<b>APEF</b>	Associação dos Profissionais de Educação Física
<b>CODEMCA</b>	Companhia de Desenvolvimento do Município de Campos.
<b>ETC</b>	Economia, Trabalho e Cultura.
<b>FAU-USP</b>	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
<b>FMC</b>	Faculdade de Medicina de Campos.
<b>FME</b>	Fundação Municipal de Esportes.
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
<b>IFF</b>	Instituto Federal Fluminense.
<b>ISECENSA</b>	Institutos Superiores de Ensino Censa.
<b>QUAPÁ-SEL</b>	Quadro do Paisagismo no Brasil – Sistema de Espaços Livres.
<b>SEL</b>	Sistema de Espaços Livres.
<b>SEL-RJ</b>	Sistema de Espaços Livres do Rio de Janeiro.
<b>SMDA</b>	Secretaria Municipal de Desenvolvimento Ambiental.
<b>UENF</b>	Universidade Estadual do Norte Fluminense.
<b>UFF</b>	Universidade Federal Fluminense.
<b>UFRJ</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E ESPAÇO PÚBLICO: ELEMENTOS DE DIÁLOGO .</b> <b>.....</b>	<b>27</b>
2.1 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO .....	27
2.2 O ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA .....	33
2.3 PAISAGEM E PRAÇAS PÚBLICAS: ELEMENTOS CONCEITUAIS .....	39
2.4 PAISAGEM URBANA E PLANEJAMENTO .....	48
<b>3 O CONTEXTO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES .....</b>	<b>55</b>
3.1 AS PRAÇAS PÚBLICAS NA PAISAGEM URBANA .....	59
3.2 AS PRAÇAS PÚBLICAS E O PLANEJAMENTO URBANO MUNICIPAL .....	71
<b>3.2.1 Legislação urbana municipal.....</b>	<b>72</b>
<b>3.2.2 Ações protagonizadas pela prefeitura entre 2010 e 2018 .....</b>	<b>75</b>
<b>4 ESPAÇO PÚBLICO: O DESAFIO DO PLANEJAMENTO EM ÂMBITO LOCAL..</b>	<b>84</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DOS BAIRROS NOS QUAIS LOCALIZAM-SE AS PRAÇAS ESTUDADAS .....	88
<b>4.1.1 Centro .....</b>	<b>88</b>
<b>4.1.2 Jardim Flamboyant I .....</b>	<b>90</b>
<b>4.1.3 Custodópolis .....</b>	<b>92</b>
4.2 USO E OCUPAÇÃO DO SOLO NO ENTORNO DAS PRAÇAS .....	94
4.3 AVALIAÇÃO DO GRAU DE ATRATIVIDADE DAS VISADAS DO ENTORNO.....	99
4.4 AVALIAÇÃO DO TRAÇADO E DO PROGRAMA DE NECESSIDADES .....	110
4.5 DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS .....	118
4.6 VISITAS EXPLORATÓRIAS .....	129
4.7 MAPA COMPORTAMENTAL CENTRADO NO LUGAR .....	135
4.8 ENTREVISTAS .....	147
<b>4.8.1 Praça São Salvador.....</b>	<b>147</b>

<b>4.8.2 Praça dos Trovadores.....</b>	<b>159</b>
<b>4.8.3 Praça José Dias Nogueira.....</b>	<b>170</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>180</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>185</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>193</b>
APÊNDICE A: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS .....	194
APÊNDICE B: MODELO DE FICHA 1 – AVALIAÇÃO DO GRAU DE ATRATIVIDADE DAS VISADAS DO ENTORNO .....	198
APÊNDICE C: MODELO DE FICHA 2 – AVALIAÇÃO DO TRAÇADO E DO PROGRAMA DE NECESSIDADES .....	200
APÊNDICE D: MODELO DE FICHA 3 – DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS .....	204
APÊNDICE E: MODELO DE FICHA 4 – VISITAS EXPLORATÓRIAS .....	216
APÊNDICE F: MODELO DE FICHA 5 – MAPA COMPORTALMENTAL CENTRADO NO LUGAR .....	217

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo geral desta dissertação consiste em analisar os usos e apropriações atuais existentes em três praças públicas localizadas no município de Campos dos Goytacazes/RJ, sendo elas a Praça São Salvador<sup>1</sup>, situada no centro da referida cidade, a Praça dos Trovadores (mais conhecida como Praça do Flamboyant), que fica no bairro de classe média alta Jardim Flamboyant I, e a Praça José Dias Nogueira, localizada em Custodópolis, bairro este que pertence à periferia da cidade. Vale destacar que tal classificação socioeconômica dos bairros será utilizada ao longo desta dissertação, tendo sido adotada após a observação de outros trabalhos e a partir do estabelecimento de faixas com base no mapa da Figura 7, o qual ilustra a renda por domicílio por bairro em Campos dos Goytacazes/RJ com base em dados do censo IBGE (2010) e mapa do IBGE (2010). Desse modo, considerou-se como bairros de classe baixa os com renda média por domicílio inferior a um salário mínimo, bairros de classe média baixa os com renda média por domicílio de um a dois salários mínimos, de classe média os com renda entre dois e quatro salários mínimos, de classe média alta com renda entre quatro e cinco salários mínimos e, por fim, de classe alta, os com renda superior a cinco salários mínimos.

Ao analisarmos os usos e apropriações partimos do pressuposto de que as praças, desde os seus primórdios, configuram-se como elementos de grande importância para as cidades e seus moradores, independente da forma ou funções por elas assumidas ao longo do tempo em decorrência das transformações vividas pela sociedade. Seja por seu papel de destaque no traçado urbano, por seu valor do ponto de vista ambiental e da qualidade de vida na cidade, por sua concepção enquanto espaço de lazer e de circulação, ou por sua dimensão social, quase sempre estiveram presentes no cenário citadino, fazendo parte do cotidiano e, muitas vezes, de relevantes acontecimentos políticos e sociais que compõem a memória coletiva.

---

<sup>1</sup> Devido à proximidade entre as praças São Salvador e Quatro Jornadas, para efeito de análise neste trabalho considerou-se que ambas compõem uma única praça, tendo em vista a sua unidade visual e continuidade espacial.

No entanto, com a efetivação do capitalismo, seu avanço e consolidação no território global, a produção do espaço urbano ganha outra dimensão, passando a ser incorporada à lógica de reprodução do referido sistema (CARLOS, 2011). Nesse contexto, diante da necessidade constante e incessante de expandir-se, o processo de acumulação passa, inevitavelmente, a incorporar o espaço, o qual adquire atributo de mercadoria. (HARVEY, 2005).

Sob esta nova ótica, a paisagem urbana passa a ser moldada de forma muito mais complexa, envolvendo conflitos de interesse entre o capital e o social e, para além disso, os interesses dos diversos agente produtores envolvidos - Estado, mercado imobiliário e população (ALVAREZ, 2015). Diante disso, o “sentido de obra”<sup>2</sup> aos poucos é eliminado, tendo em vista que a participação da população em geral nesta construção é cada vez mais reduzida, o que reforça a necessidade de luta pelo que Lefebvre (2008) chama de “direito a cidade”, referindo-se ao direito do cidadão de participar da produção e apropriação da cidade, e não apenas de utilizá-la.

Neste sentido, destaca-se que o Planejamento Estratégico, adotado hoje pela administração pública de diversas cidades, pode reforçar este fenômeno, contribuindo com a valorização de determinados espaços urbanos privilegiados em detrimento de outros, os quais, sem investimentos, desvalorizam-se cada vez mais.

Diante deste contexto, os espaços livres públicos e, especificamente, as praças –objetos de estudo deste trabalho, têm incorporados processos que atingem as cidades como um todo com destaque para a territorialização, o segregacionismo e a fragmentação.

Isto posto, aponta-se que urbanistas pós-modernos argumentam que, na cidade contemporânea, o espaço público enquanto lugar da cidadania e do encontro social estaria desaparecendo, resultado de processos que culminam na progressiva substituição destes por espaços pseudo-públicos, que podem estar contribuindo com o abandono e afetando o convívio social da cidade.

De fato, é possível elencar uma série de fatores que podem estar reduzindo ou inibindo o uso das praças públicas, como a degradação e falta de manutenção das mesmas; a existência de um programa de necessidades inadequado quando consideradas as atuais demandas e necessidades dos usuários; a existência de outras opções mais atrativas ou convenientes de lazer (condomínios, clubes, *shoppings centers*); a violência ou sensação de insegurança; apropriações

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Carlos (2011) em referência à construção social da cidade e que será discutido no capítulo 2.

indevidas do espaço (drogas, moradores de rua); entre outros. No entanto, é importante mencionar que estes espaços ditos “mais atrativos ou convenientes” também não estão isentos de problemas.

Contudo, o que se observa na verdade não é o desaparecimento ou desuso generalizado destes espaços livres públicos, e sim, transformações nas relações sociais que neles se manifestam (ou não), ocasionando o que Gomes (2011) denomina como “recoo da cidadania”<sup>3</sup>. Segundo Serpa (2018), tal fenômeno seria resultado de mudanças nas esferas de vida pública e privada, as quais vem sofrendo, respectivamente, processos de encolhimento e expansão. (SERPA, 2018).

Tendo em vista que os espaços livres públicos e, neste contexto, as praças, têm um papel essencial na constituição e nas dinâmicas sociais da cidade, seu encolhimento corresponde a um prejuízo geral para a vida na cidade, o que contribui com o surgimento e/ou fortalecimento de diversas problemáticas que permeiam o cenário citadino.

Traçado este panorama, acredita-se ser imprescindível analisar as relações entre as praças e a população, suas características, desdobramentos e consequências para a esfera pública, além de observar se os fenômenos destacados se manifestam de forma homogênea nos diversos contextos que compõem a cidade. Para tanto, define-se como recorte locacional deste trabalho, a cidade de Campos dos Goytacazes, localizada na mesorregião Norte Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro.

Campos, juntamente com Macaé e, mais recentemente, com São João da Barra, destaca-se economicamente na região, devido às atividades ligadas ao petróleo e às instalações portuárias. Por um tempo, a economia da região foi baseada no cultivo da cana-de-açúcar, que entrou em decadência entre as décadas de 1970 e 1980, acarretando o declínio dessa economia. Contudo, com a descoberta do petróleo na Bacia de Campos, na década de 70, os recursos municipais tiveram aumento significativo por meio do recebimento dos *royalties*.

A referida mudança econômica, trouxe rápidas e significativas transformações para a cidade de Campos dos Goytacazes sob os mais variados aspectos, refletindo-se ainda na sua paisagem e estrutura urbana como um todo. Nesse contexto, acredita-se que o processo de urbanização vivenciado pela cidade, mais especificamente desde o “boom” do petróleo, foi estruturado sem relacionar a expansão do tecido urbano com o conjunto de espaços livres

---

<sup>3</sup> Na percepção de Paulo César da Costa Gomes, em seu livro *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*, nota-se atualmente uma regressão dos espaços públicos em decorrência da crescente privatização de espaços comuns, progressão das identidades territoriais, emuralhamento da vida social e crescimento de ilhas utópicas.

públicos, com a infraestrutura urbana, nem com as demandas cotidianas da população. Os interesses diversos dos atores sociais envolvidos no processo de urbanização direcionaram o crescimento e consolidação da forma urbana da cidade de Campos configurando e amplificando problemas urbanos já existentes. (ALIPRANDI, 2017)

Diante deste cenário, analisar as praças no município e, principalmente as relações destas com seus moradores, torna-se imprescindível para compreender seu papel atual na esfera pública e no tocante às interações sociais e expressão da cidadania. Além disso, tal estudo poderia vir a contribuir na elaboração de políticas públicas que visem à qualificação estes espaços livres públicos e outros existentes na cidade.

Vale destacar que a temática proposta neste trabalho parte também de uma motivação pessoal da autora, tendo em vista que a mesma faz parte do núcleo APPA (Ateliê de Pesquisas da Paisagem), dentro do qual já desenvolve uma pesquisa semelhante na linha de “Sistema de espaços livres e morfologia urbana”.

O APPA consiste em um núcleo de pesquisa composto por docentes e pesquisadores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense – IFFluminense, que tem como principal objeto a paisagem do município de Campos dos Goytacazes e região, objetivando compreender a estrutura da forma urbana e estudar os elementos que compõem a paisagem, em especial seu sistema de espaços livres, suas formas de apropriação e de desenvolvimento da esfera pública, suas características, tanto morfológicas quanto simbólicas, e seus agentes produtores.

Ressalta-se que o núcleo está vinculado à Rede Nacional de Pesquisa Quadro do Paisagismo no Brasil - Sistema de Espaços Livres (QUAPÁ-SEL) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), que envolve pesquisadores de mais de 40 cidades brasileiras, bem como ao grupo Sistema de Espaços Livres do Rio de Janeiro (SEL-RJ) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que participa da mesma rede de pesquisa. Coordenada pelo prof. Dr. Silvio Soares Macedo, a rede de pesquisa tem por objetivo principal compreender as principais relações processuais contemporâneas entre os sistemas de espaços livres e a forma urbana das cidades brasileiras, entendendo o papel dos agentes envolvidos no processo de produção do espaço urbano.

Diante deste contexto, a proposta deste trabalho não ocorre de forma isolada, dialogando com as pesquisas desenvolvidas pelo núcleo APPA e com outras que envolvem cidades de todo o país.

Assim, com o propósito de contribuir para o entendimento das questões que permeiam os processos destacados, esta dissertação busca compreender a produção do espaço urbano e o modo como determinados aspectos se refletem nos espaços livres públicos na cidade contemporânea. Neste sentido, procura também clarificar conceitos pertinentes à temática estudada e perceber de que formas o planejamento tenta moldar a paisagem urbana.

Visa, ainda, caracterizar as três praças em estudo, bem como seus entornos, apresentando informações que permitam entender a influência de um sobre outro, tais como: localização, acessibilidade, uso e ocupação do solo circundante, grau de atratividade das fachadas das edificações contíguas, importância histórica, traçado, mobiliários e equipamentos urbanos existentes, cobertura vegetal presente, programa de necessidades, estado geral de conservação e intensidade de uso.

Com isso, pretende-se, a partir das observações realizadas, verificar de que formas os moradores da cidade se relacionam com as praças analisadas na atualidade, e de que modo estes espaços livres públicos contribuem para a ocorrência de relações sociais ou segregação da população. Tais informações poderão ainda contribuir para que se detecte quais fatores podem estar envolvidos no uso ou desuso atual destas praças.

Tendo em vista o exposto, optou-se que a pesquisa desenvolvida neste trabalho possuísse natureza aplicada e descritiva, objetivando identificar os usos e apropriações manifestados pelos usuários das praças selecionadas no município de Campos dos Goytacazes na contemporaneidade, compreendendo quais fatores e elementos estão envolvidos neste processo e de que modo influenciam na relação espaço-indivíduo e, de forma mais ampla, na vida social da cidade.

Além disso, foi adotada uma abordagem qualitativa, através da qual com base na percepção do fenômeno estudado buscar-se-á a essência de seus significados. Segundo Gil (1999), a pesquisa qualitativa possibilita o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada.

Como percurso metodológico foram realizadas, inicialmente, pesquisas bibliográficas, as quais contribuiriam para o aprofundamento teórico, conceitual e técnico, que serviu como base para a dissertação. Para tanto, foram realizadas consultas em artigos, dissertações, teses e livros, com o intuito de alcançar a compreensão de temáticas relativas à produção do espaço urbano; ao panorama dos espaços públicos na cidade contemporânea; à contextualização dos

conceitos de paisagem, espaços livres e praças públicas, bem como seus significados e principais características; e à importância do planejamento para a paisagem urbana.

A partir da revisão bibliográfica realizada, constatou-se que a produção e reprodução do espaço urbano, apesar de sempre terem estado intrinsecamente relacionadas à ação do homem e às transformações de ordem econômica, social e política inerentes à sociedade, alcançaram um outro patamar a partir da consolidação do sistema capitalista, o que relaciona-se principalmente ao fato da cidade passar a ser vista como mercadoria. Percebeu-se ainda, que a paisagem urbana como um todo, destacando-se neste cenário os espaços livres públicos e, mais especificamente, as praças públicas – objetos de estudo desse trabalho – refletem esse processo modificando-se ao longo do tempo no que diz respeito à sua forma, funções e, especialmente, em relação aos usos e apropriações manifestados sobre eles, identificando-se que, neste sentido, o planejamento urbano pode exercer expressiva influência.

Posteriormente, procedeu-se a pesquisa documental, a partir da qual visou-se identificar informações gerais e dados históricos relevantes em relação ao município, aos bairros Centro, Jardim Flamboyant I e Custodópolis, e às praças analisadas. Com base na legislação municipal, se buscou ainda compreender se o planejamento urbano da cidade de Campos dos Goytacazes contempla as praças públicas e de que modo isto ocorre. Dessa forma, a pesquisa documental permitiu contextualizar a análise proposta no cenário local, constatando suas especificidades e contradições.

Em seguida, foram realizadas as pesquisas de campo nas três praças selecionadas para o trabalho, com o intuito de observar suas características e investigar as relações e fenômenos que ali se manifestam. Esta pesquisa foi dividida em duas etapas: análise em relação às características físicas das praças e dos entornos e; análise cognitiva dos usos e apropriações. Para tanto, foi adotada uma abordagem multimétodos que integra elementos de Avaliação Pós-ocupação e ferramentas de análise desenvolvidas pelo Instituto Gehl.

O Instituto Gehl tem como missão transformar o modo como as cidades são moldadas, tornando a vida pública um impulsionador intencional para o *design*, política e governança. Tal instituto desenvolveu algumas ferramentas para análise da vida pública, baseados em décadas de pesquisa aplicada, as quais visam medir como as pessoas usam os espaços públicos e entender melhor a relação entre esses espaços e a vida pública que ocorre neles.

A Avaliação Pós-ocupação, por sua vez, consiste em um conjunto de métodos e técnicas que visam mensurar o desempenho dos espaços construídos em uso, levando em consideração não somente o ponto de vista do observador mas também o grau de satisfação dos usuários.

Assim, na etapa de Análise em relação às características físicas das praças e dos entornos, foram empregadas as seguintes técnicas: elaboração de mapa de usos e ocupações identificados no entorno, avaliação do grau de atratividade das fachadas dos edifícios contíguos, diagnóstico dos elementos construídos e elementos florísticos e verificação do traçado e programa de necessidades de cada praça estudada.

Já no que diz respeito à Análise cognitiva dos usos e apropriações, as técnicas utilizadas consistiram em: visitas exploratórias, Mapa Comportamental e entrevistas.

Antes de descrever cada uma das técnicas mencionadas, bem como o percurso metodológico, é importante ressaltar que a escolha das praças São Salvador, Trovadores e José Dias Nogueira para realização da pesquisa, pautou-se na hipótese de que os perfis de usos e apropriações das praças podem variar em função das áreas da cidade na qual estas estão localizadas, a exemplo dos bairros de classe média alta, das áreas centrais e dos bairros de classe média baixa. Desse modo, optou-se pela seleção de bairros com diferentes perfis socioeconômicos, de modo que fosse possível observar e comparar como cada contexto, assim como suas especificidades, e o modo como estes influenciam nos usos e apropriações destes espaços públicos.

Optou-se ainda por estabelecer um recorte temporal que contempla observações realizadas nos anos de 2018 e 2019, visando compreender como os fenômenos estudados se davam neste período em Campos dos Goytacazes. Tal recorte foi definido ainda, pela possibilidade que oferece de análise e observação dos fatos por parte da própria autora.

Sendo assim, dentro da Análise em relação às características físicas das praças e dos entornos, a primeira técnica empregada foi a elaboração de Mapas de Uso e Ocupação. Para tanto, foi estabelecido um raio de 250 metros partindo do centro da praça, com o intuito de observar e avaliar as influências do entorno imediato no seu uso, bem como caracterizá-lo. No que diz respeito aos usos, adotou-se a classificação como residencial, comercial, serviço, institucional, uso misto, terrenos vazios, edificações sem uso e espaços livres públicos de permanência. Esses critérios serão avaliados a partir das funções detectadas por meio da observação externa das construções.

Entende-se que o uso e apropriação de um espaço público não depende apenas de seu traçado e programa de necessidades, mas também sofre considerável influência do uso e ocupação do solo em seu entorno, como demonstrado anteriormente. Como afirma Jacobs (2011), a vivacidade e a variedade são responsáveis por atrair mais animação, ao passo que a apatia e a monotonia repelem a vida no local.

Neste sentido percebe-se que o uso do solo no perímetro imediato à praça pode desempenhar um papel num grau de influência ainda maior em relação ao uso no raio de abrangência considerado na análise anterior, devido à relação mais estreita que pode vir a ter com o espaço público e por integrar a sua paisagem.

Baseado nisso, a segunda técnica consistiu na “Avaliação do Grau de Atratividade das Fachadas” contíguas às praças, utilizando como base e adaptando o modelo adotado pelo Instituto Gehl. A classificação se baseia em características, como por exemplo o tamanho das fachadas e sua proporção “vazio sobre cheio”. Além disso pode haver a presença de construções que funcionam como marcos na paisagem, distinguindo-se dos componentes a sua volta, podendo ser utilizados como referências de localização (LYNCH, 1997); elementos naturais de relevância na paisagem local, como rios e remanescentes florestais; e ainda casos em que o próprio desenho do espaço livre, elementos de seu programa, ou sua própria localização causam um bloqueio da paisagem fora de seus limites.

Posteriormente, foi realizado o diagnóstico dos elementos construídos e elementos florísticos que compõem cada uma das praças e a verificação do traçado e programa de necessidades das mesmas. Ambas as análises se deram por meio da aplicação de fichas elaboradas com base em ferramentas desenvolvidas pelo Instituto Gehl e contemplaram a observação de elementos como pisos, mobiliários e equipamentos urbanos, condições de acessibilidade, infraestrutura, cobertura vegetal, entre outros, avaliando, inclusive, seu grau de conservação. Também foram identificadas as atividades possibilitadas pelas praças em função do projeto desenvolvido e suas características formais.

Em relação à Análise cognitiva dos usos e apropriações, o primeiro instrumento utilizado na pesquisa de campo consistiu em visitas exploratórias às praças selecionadas para análise. A primeira visita caracterizou-se por uma caminhada despreocupada feita pela pesquisadora no local de estudo com o objetivo de proporcionar um primeiro contato mais atento da mesma com os locais pesquisados.

Em seguida, foi aplicado o Mapa comportamental, que segundo Rheingantz *et al* (2009):

[...] é um instrumento para registro das observações sobre o comportamento e as atividades dos usuários em um determinado ambiente. É muito útil para identificar os usos, os arranjos espaciais ou *layouts*, os fluxos e as relações espaciais observadas, bem como indicar graficamente as interações, os movimentos e a distribuição das pessoas, sejam elas relativas ao espaço ou ao tempo que permanecem no ambiente considerado (RHEINGANTZ et al, 2009).

Assim, a partir dele foram identificadas as atividades dos usuários, fluxos e relações espaciais. Para tanto, as visitas às praças foram realizadas em diferentes dias da semana e diferentes horários, de modo a identificar possíveis variações de usos.

Por fim, foram aplicadas entrevistas estruturadas junto a frequentadores das praças, moradores dos bairros e pessoas que trabalham no entorno das mesmas, com o intuito de captar informações relevantes para a pesquisa que possam não ter sido identificadas nas demais técnicas aplicadas e complementar a visão da pesquisadora em relação aos espaços estudados.

Os resultados de todas as informações coletadas foram agregados ao trabalho, de modo que fosse possível proporcionar uma compreensão clara sobre o perfil de cada uma delas, assim como estabelecer correlações entre as mesmas.

Busca-se então, a partir das observações feitas com base nos instrumentos metodológicos aplicados, correlacionar os resultados com o embasamento teórico desenvolvido, verificando de que modo se complementam e/ou contradizem e respondendo aos objetivos traçados para esta pesquisa.

Este trabalho foi estruturado a partir da divisão em cinco capítulos. No primeiro deles, nesta introdução, foi destacada a contextualização relativa à temática abordada pela pesquisa, ressaltando sua relevância e principais motivações para a realização da mesma. Também foram expostos os objetivos que permeiam a proposta deste trabalho, bem como o percurso metodológico e instrumentos de pesquisa adotados com o intuito de atingi-los.

O segundo capítulo, por sua vez, foi dedicado à fundamentação teórica, apresentando uma revisão bibliográfica pautada em autores como Ana Fani, David Harvey e Henri Lefebvre para descrever a produção do espaço urbano; Ângelo Serpa e Paulo César da Costa Gomes, para tratar dos espaços públicos na cidade contemporânea; Silvio Macedo, Sun Alex e Eugênio Queiroga para conceituar e caracterizar paisagem, espaços livres e praças públicas; e, por fim, Flávio Villaça, Carlos Vainer e Ermínia Maricato para compreender a relação do planejamento com a paisagem urbana.

O terceiro capítulo contextualiza o município e, especificamente, os bairros nos quais se localizam as praças estudadas, apontando informações gerais e aspectos relevantes no que diz respeito à sua evolução urbana. Salienta ainda as principais características da paisagem urbana e sistema de espaços livres de Campos dos Goytacazes, demonstrando, por fim, como planejamento urbano tem sido pensado em relação à produção e conservação dos espaços livres públicos no município.

O quarto capítulo abrange a análise detalhada das três praças públicas localizadas em Campos dos Goytacazes no que tange às suas principais características, assim como do entorno no qual estão situadas. Apresenta ainda as observações realizadas a respeito dos usos e apropriações ali existentes, destacando a relação dos espaços e seus usuários. Com base nos dados coletados por meio dos instrumentos metodológicos aplicados, são indicados os resultados observados.

Nas considerações finais foram retomados os objetivos do trabalho e expressas as principais conclusões resultantes da relação entre as análises realizadas a partir das estratégias metodológicas adotadas e o referencial teórico.

## **2 A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E ESPAÇO PÚBLICO: ELEMENTOS DE DIÁLOGO**

### **2.1 A Produção do Espaço Urbano**

A produção do espaço, apesar de ter alcançado um patamar diferenciado a partir do capitalismo, antecede a prática de tal sistema no mundo, remetendo ao momento no qual o homem deixa de praticar o nomadismo e fixa moradia em determinadas porções do espaço. Neste contexto, ele passa a transformar, organizar e dominar a natureza, modificando o seu papel como condição da realização da vida humana no planeta. Desse modo, constata-se que sua relação inicial com a natureza é mediada pelo trabalho, por meio do qual realiza a produção do espaço visando a promoção de sua própria existência. Segundo Carlos (2011):

A produção do espaço situa-se num ponto da humanidade quando o trabalho, a sua divisão e a organização do grupo foram suficientes para transformar a natureza em produto humano, desdobrando-se no curso do desenvolvimento social como resultado do trabalho social global (CARLOS, 2011, p.98).

Ao vislumbrar o espaço enquanto palco da ação do homem, entende-se que a cada tipo de sociedade e a cada etapa da evolução histórica, novas formas de organização nele se manifestam, sendo geradas por processos não lineares e heterogêneos. Neste sentido, Carlos (2011) afirma que “a existência humana é espacial, e, portanto, nenhuma relação social realiza-se fora de um espaço real e concreto”, o que por consequência o torna suscetível de constantes transformações.

Com o capitalismo, a produção do espaço “adquire contornos e conteúdos diferenciados dos momentos históricos anteriores” (CARLOS, 2011), pois expande-se tanto territorial quanto

socialmente, passando a incorporar a lógica de reprodução do capital. Segundo Harvey (2005), o sistema capitalista, para sua manutenção, reforma de modo incessante e constante o mundo em que vivemos.

De acordo com a visão marxista da acumulação de capital, em seu cerne, o capitalismo caracteriza-se por uma constante necessidade de expansão, demandando para tal, excedente de mão de obra, disponibilidade dos meios de produção necessários, bem como a ampliação do mercado para absorver a quantidade crescente de mercadorias produzidas. Como afirma Harvey (2005, p.64), “O capitalismo apenas consegue escapar de sua própria contradição por meio da expansão.”

Em razão da mencionada característica, pode-se afirmar que no sistema capitalista faz-se presente a perpétua demanda de investimento e reinvestimento do capital, o qual precisa passar pelo processo de produção para possibilitar a geração de lucro. Este fenômeno pode ser claramente entendido a partir da visão de Schumpeter<sup>4</sup>, na qual o capitalismo é constituído de um sistema de “destruição criadora”, transformando permanentemente a natureza – a paisagem. Dessa forma,

O desenvolvimento capitalista precisa superar o delicado equilíbrio entre preservar o valor dos investimentos passados de capital na construção do ambiente e destruir esses investimentos para abrir espaço novo para a acumulação. Em consequência, podemos esperar testemunhar uma luta contínua, em que o capitalismo, em um determinado momento, constrói uma paisagem física apropriada à sua própria condição, apenas para ter de destruí-la, geralmente durante uma crise, em um momento subsequente. As crises temporais do investimento de capital fixo, muitas vezes expressas como ‘ondas longas’ do desenvolvimento econômico, são, portanto, normalmente expressas como reformas periódicas ao ambiente geográfico, para adaptá-lo às necessidades da acumulação adicional (HARVEY, 2005, p. 54).

Desse modo, a nível econômico, tal demanda de expansão é compreendida a partir da necessidade da reprodução do capital, que por sua vez está relacionada a aspectos espaciais que englobam infraestrutura, mercado de trabalho, matéria prima e relações sociais.

A nível político, o Estado torna-se responsável por desenvolver estratégias que orientem e assegurem a reprodução das relações no espaço, produzindo-o enquanto instrumento político, internacionalmente organizado e manipulado. Para tanto, usa de políticas públicas para

---

<sup>4</sup> Joseph Alois Schumpeter foi um economista e cientista político austríaco considerado um dos mais importantes economistas da primeira metade do século XX. O termo destruição criadora foi um conceito popularizado em seu livro *Capitalismo, Socialismo e Democracia* (1942), no qual dispõe que a natureza dinâmica do capitalismo faz com que a estrutura econômica esteja constantemente sendo destruída e dando lugar a uma nova, através de inovações e revoluções endógenas.

direcionar e regularizar fluxos, centralizando, valorizando e desvalorizando lugares através de intervenções como o “ato de planejar” (CARLOS, 2011).

No nível social, por sua vez, a prática socioespacial realiza-se pela contradição entre necessidades econômicas e políticas a as necessidades impostas para a reprodução do espaço da vida social.

Diante de tais afirmações, pode-se resumir que:

Assim, se a produção do espaço, do ponto de vista econômico, ocorre sob a racionalidade da busca do lucro e do crescimento, no plano do político, sob a lógica do planejamento, o espaço se normatiza e se instrumentaliza. Já no plano social, o espaço denuncia a vida, e, desse modo, a sociedade em seus conflitos, pois o econômico e o político se confrontam com as necessidades da realização da vida humana, que se concretizam e se expressam na e através da vida cotidiana, isto é, no plano do lugar (CARLOS, 2011, p.79).

Devido a esta característica primeira do capitalismo, este sistema mostra-se também essencialmente dinâmico, apresentando um processo de desenvolvimento marcado por sucessivas e alternadas fases de crescimento e recessão (crises), cujas causas são variadas e podem ser resultantes de fatores diversos.

Tais crises decorrem das contradições internas inerentes ao crescimento econômico e resultam de processos endógenos ao sistema capitalista, que funcionam como barreiras ao crescimento do capital, podendo ser exemplificadas por um investimento inicial insuficiente, demanda escassa ou meios de produção inadequados. De acordo com Harvey (2005, p.47), “As crises periódicas devem ter o efeito de expandir a capacidade produtiva e de renovar as condições de acumulação adicional”.

A este fato, acrescenta-se que, ao vencer cada uma dessas fases, o sistema capitalista é levado a um novo patamar, nunca retornando a um ponto anterior. Conforme afirma Harvey (2005), as crises proporcionam uma mudança no processo de acumulação para um nível novo e superior, além disso, possuem a importante função de impor algum tipo de ordem e racionalidade no desenvolvimento econômico capitalista.

Este “novo nível” gerado pelas crises, apresenta certas características, dentre as quais está a demanda efetiva expandida por produtos, a qual apresenta como principal desafio a geração de aumento da capacidade de absorção dos mesmos. Do ponto de vista da circulação do capital, o espaço aparece em primeiro lugar como mera inconveniência, uma barreira a ser superada (HARVEY, 2005).

Desse modo, para a expansão do capitalismo, deverá existir ou ser criado espaço novo para a acumulação, através da elaboração interna de novas estruturas espaciais para a reprodução do valor ou a partir da expansão geográfica para novas regiões, incrementando o comércio exterior, exportando capital e, em geral, expandindo-se rumo a criação do mercado mundial. Para Harvey (2005, p.53), “o capital passa a ser representado na forma de uma paisagem física, criada à sua própria imagem, criada como valor de uso, acentuando a acumulação progressiva do capital numa escala expansível.”

Além das características já mencionadas, o sistema capitalista também é considerado dialético, uma vez que manifesta-se como altamente produtivo, mas também perverso. Se por um lado tem potencial de geração de riqueza, melhoria de qualidade de vida, avanços na medicina, urbanidades, dentre outros benefícios, por outro lado também é extremamente excludente, desigual, não sendo capaz de incluir todos os indivíduos, gerando, portanto, pobreza, favelização, problemas de mobilidade e tantos outros que atingem a realidade urbana e mantem uma considerável parcela da população à margem do contexto de desenvolvimento e enriquecimento.

Diante do panorama geral traçado, percebe-se que no modo de produção capitalista o processo de acumulação passa, inevitavelmente, pelo espaço que, por sua vez, passa a ser visto como mercadoria, o que o torna, de certa forma, refém do referido sistema. Diante desta nova ótica, o uso do espaço é redefinido pelo valor de troca, que passa a determinar suas formas de apropriação pelos membros da sociedade.

A cidade no capitalismo e, especialmente a partir da expansão da produção industrial, é cada vez mais produzida como mercadoria, em fragmentos, por meio do trabalho nela cristalizado, que contém em si valor (valor de uso e valor de troca) e também como meio de circulação do capital, permitindo que ele se realize propriamente (ALVAREZ, 2015, p.66).

Neste contexto de mercantilização do espaço, a propriedade privada invade a vida social de forma definitiva, redefinindo o lugar de cada um no espaço, gerando segregação socioespacial, acesso diferenciado ao urbano e à vida em sociedade, quando não inviabilizando o indivíduo de viver nela. Além disso, observa-se uma homogeneização dos espaços, visto que estes passam a ser produzidos pelo capital e, também, um encolhimento da esfera pública em detrimento da esfera privada, o que acarreta uma série de consequências a nível de sociedade. Isto porque,

[...] a cidade e a realidade urbana dependem do valor de uso. O valor de troca e a generalização da mercadoria pela industrialização tendem a destruir, ao subordiná-las a si, a cidade e a realidade urbana, refúgios do valor de uso, embriões de uma virtual predominância e de uma revalorização do uso (LEFEBVRE, 2008, p.13).

Assim, Alvarez (2015) destaca a produção da cidade capitalista enquanto um processo contraditório, pois ao viabilizar a apropriação mediada pela propriedade privada, gera conflitos de usos e de interesses de classes. Nos dias atuais, com a passagem da hegemonia do capital industrial para o capital financeiro, todo esse processo ganha novas dimensões, visto que a reprodução social se efetiva coordenada por fenômenos globais. O capitalismo realiza concretamente sua expansão por todo o planeta, como condição para sua reprodução continuada. Neste sentido, ocorre a “Passagem do espaço como condição geral de acumulação para sua produção como momento fundamental do processo de reprodução do capital” (ALVAREZ, 2015, p.70).

Nesse quadro, a exigência por fluidez e flexibilidade enquanto requisitos para a reprodução do capital passam a demandar um novo espaço. As grandes transformações produzidas pelo Estado, através de seus instrumentos legais, mediante investimentos em infraestrutura e outras iniciativas, acabam por aprofundar as desigualdades ao gerar a valorização diferenciada do solo urbano.

Conforme resume Carlos (2011), nesse contexto o espaço adquire papel preponderante no processo de produção do capitalismo, “[...] primeiro como recurso, depois como força produtiva e, finalmente, mercadoria reprodutível, o que abriu perspectiva para um novo ciclo de acumulação” (CARLOS, 2011). Assim, a reprodução do espaço recria, constantemente, as condições gerais a partir das quais se realiza o processo de reprodução do capital, do poder e da vida humana sendo, portanto, produto histórico e realidade presente e imediata.

Na escala mundial, tal cenário se traduz em novas contradições, que se manifestam pela intervenção de novos valores que reorganizam novos espaços a partir da reorganização da sociedade inteira.

Na escala da metrópole, observa-se sua dominação pela lógica da acumulação/concentração de capital e poder. O fenômeno urbano enquanto prática sócio espacial se realiza como segregação, o que revela a imposição do uso produtivo do espaço ao uso improdutivo, delimitando os contornos da cidadania. Conforme afirma Carlos (2011), atualmente, a reprodução do espaço urbano da metrópole expõe o momento em que o capital

financeiro se realiza através da produção de “um novo espaço” sob a forma de “produto imobiliário”, o que exige uma fluidez avassaladora.

No nível do lugar destacam-se a homogeneidade e a fragmentação. O acesso ao espaço da cidade está preso e submetido ao mercado, no qual a propriedade privada do solo urbano aparece como condição do desenvolvimento capitalista.

O desenvolvimento capitalista deve buscar uma solução de continuidade entre a preservação dos valores dos compromissos passados (assumidos em um espaço e tempo específicos) ou a sua desvalorização, para abrir espaço novo para a acumulação. Continuamente, portanto, o capitalismo se esforça para criar uma paisagem social e física da sua própria imagem, e requisito para suas próprias necessidades em um instante específico do tempo, apenas para solapar, despedaçar e inclusive destruir essa paisagem num instante posterior do tempo. As contradições internas do capitalismo se expressam mediante a formação e a reformação incessantes das paisagens geográficas (HARVEY, 2005, p. 150).

Dessa forma, o espaço se reproduz enquanto condição da reprodução continuada do capital e, nesse sentido, atrai capitais que migram de um setor da economia para outro, de modo a viabilizar a reprodução. Nesse processo, o valor surge, muitas vezes, em decorrência de revitalizações urbanas ou por meio de exigências do turismo, seguindo a lógica de que determinada atividade econômica só pode ser realizada em determinado lugar, o que contribui com reafirmação das particularidades dos lugares.

Alvarez (2015) destaca a violência do processo de reprodução atual, que retrata o conflito de interesses entre o capital e o social. “A produção da cidade comandada pelo econômico elimina aos poucos o sentido da cidade como obra, espaços de criação e gozo” (CARLOS, 2011, p. 134).

Neste sentido, Lefebvre contrapõe a cidade produzida pelo capital a um processo excludente, que retira do indivíduo o direito à cidade enquanto direito de produção e apropriação do espaço, o qual “Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas” (LEFEBVRE, 2008, p.105). O autor reforça ainda que “O direito à cidade não pode ser concebido como um simples direito de visita ou de retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como direito à vida urbana, transformada, renovada” (LEFEBVRE, 2008, p.117 - 118).

Dessa forma, o autor defende a importância da participação do indivíduo na construção da cidade, imprimindo nela seus desejos, necessidades e sua cultura, atuando não apenas como

expectador, mas como agente produtor do espaço, reproduzindo para além das exigências do capital, o modo de vida dos urbanos e suas relações sociais.

Por esta ótica, questiona-se o processo de valorização aliado às estratégias dos empreendedores imobiliários e das estratégias do poder público, principalmente na esfera local, que reproduzem um espaço voltado aos interesses particulares do grande capital, e que, ao intervirem no urbano, interferem na prática socioespacial e, com isso, nos modos de apropriação do espaço da vida (CARLOS, 2011).

Na contramão deste processo que impõe à cidade o papel de instrumento do capital, Lefebvre (2008) afirma que ela deveria se restabelecer como obra coletiva, como o lugar de convívio e sociabilidade, destacando ainda que os cidadãos deveriam ter direito efetivo ao espaço urbano, a seus benefícios e a toda possibilidade de realização humana e social na cidade.

Tais questões relacionadas à influência do capital na construção cidadina são recorrentes nas discussões acerca do uso dos espaços públicos urbanos na contemporaneidade, suas formas, significados, relações com e entre os diferentes grupos de indivíduos que habitam a cidade. É fato que hoje, diante do panorama exposto, convive-se menos com a cidade e com as pessoas que as coabitam, observando-se um paradoxo a partir do qual os espaços públicos se manifestam enquanto local de reunião e de fragmentação, em reflexo à toda complexidade de fenômenos que se delineiam no contexto apresentado.

## **2.2 O Espaço Público na Cidade Contemporânea**

Conforme afirma Sposito (2005) no que diz respeito à cidade atual, esta seria resultado do complexo e cumulativo processo de construção urbana, o qual envolve sempre “[...] todas as outras cidades de antes, transformadas, destruídas, reconstruídas, enfim produzidas pelas transformações sociais ocorridas através dos tempos, engendradas pelas relações que promovem estas transformações”. (SPOSITO, 2005, p.11) Sendo assim, os espaços públicos, bem como as relações que neles se estabelecem, surgiram e se modificaram ao longo de um gradual processo que reflete as mudanças de ordem política, econômica e social ocorridas no decurso de transformação das cidades, como descrito no item anterior.

Em meio a lógica de reprodução do capital inerente ao sistema capitalista, ocorre um processo de transformação da cidade enquanto produção para a cidade como consumo, dentro

do qual os espaços públicos passam a ser utilizados como instrumentos de valorização fundiária, assumindo diferentes formas e tamanhos, tais como avenidas, calçadas e praças. Neste contexto, Alvarez afirma que “[...] no atual momento, a produção/reprodução do espaço se pauta pela rigidez do mercado financeiro, que eleva a níveis exponenciais a lógica da produção da cidade como negócio” (ALVAREZ, 2015, p.73).

Diante disso, “O núcleo urbano torna-se, assim, produto de consumo de uma alta qualidade para estrangeiros, turistas, pessoas oriundas da periferia, suburbanos. Sobrevive graças a este duplo papel: lugar de consumo e consumo do lugar” (LEFEBVRE, 2008, p.71). Nesse contexto, “Nas grandes cidades do Brasil e do mundo ocidental, a palavra de ordem é, portanto, investir em espaços públicos visíveis, sobretudo os espaços centrais e turísticos, graças às parcerias entre os poderes públicos e as empresas privadas” (SERPA, 2018, p.26).

Tais investimentos nos espaços públicos são, muitas vezes, reforçados por um discurso contemporâneo que engloba a valorização da natureza como forma de garantir melhor qualidade de vida aos habitantes das cidades, a oferta de opções de lazer e de locais para aliviar o estresse resultante do cotidiano citadino atribulado. Além disso, a existência de tais espaços é relacionada à qualidade estética (embelezamento), preservação da natureza e possibilidade de integração de diferentes bairros e, conseqüentemente, de seus moradores.

Serpa (2018) salienta que, no mundo ocidental, as demandas por lazer e consumo por parte das novas classes médias configuram-se como estimuladores de complexas transformações urbanas, as quais modificam as relações entre os diferentes espaços urbanos, bem como entre estes e seus usuários, gerando conseqüências diversas para a vida na cidade.

Destaca-se assim, um movimento de desvalorização – revalorização que coloca em constante transformação os espaços urbanos, em um processo a partir do qual a cidade deixa de ser apenas local do negócio e se torna o próprio negócio.

A desvalorização do espaço urbano ou de fragmentos desse espaço implica numa perda de significados de uma determinada territorialidade para o capital, seja ele produtivo ou especulativo. Conseqüentemente, uma subtração dos investimentos nessas áreas se efetua a partir da busca por melhores rendimentos em outras regiões, que passam agora por momentos de ascendência no ciclo desvalorização-valorização. Esse é o processo típico enfrentado pelos centros das grandes cidades mundiais nos fins do século XX, com especial destaque para as metrópoles brasileiras (SANTOS, 2008).

No movimento de desvalorização, certas áreas da cidade ficam de fora dos investimentos, num processo a partir do qual o capital busca rendimentos em regiões mais promissoras. Neste contexto, surgem estoques de espaços desvalorizados, que ficam em espera até que o capital encontre neles terreno fértil para novos investimentos. Nesse meio tempo, muitas vezes estas áreas acabam sendo apropriadas de maneiras informais, como a partir da presença de ambulantes e camelôs.

Por outro lado, conforme expõe Serpa (2018), os movimentos de valorização requalificam o espaço urbano, como por exemplo com a criação de um novo equipamento, mas por outro lado expulsam para a periferia os antigos moradores do bairro, tendo em vista que passam a ser reservados a um tipo específico de público, que não inclui os menos favorecidos. A valorização faz com que o custo de vida suba e as pessoas não tenham mais condições de continuar residindo ali, sendo obrigadas a se mudar para áreas mais precárias da cidade (SERPA, 2018).

Neste sentido, o autor acredita que os processos de transformação visando a valorização dos espaços públicos urbanos colaboram com a “substituição de população” dessas áreas, tornando-se, assim, “aceleradores das mudanças no perfil social dos bairros e cidades requalificadas” (SERPA, 2018, p.42).

Frente ao exposto, é importante ressaltar como este processo é contraditório, visto que na prática, as intervenções promovidas nos espaços públicos urbanos na contemporaneidade não contemplam a todos. Como relata Serpa (2018) a respeito dos parques urbanos:

Intervenções cada vez mais pontuais restringem-se a produzir cenários destinados à fascinação dos futuros usuários, transformando os novos parques urbanos em imagens publicitárias das administrações locais, sem nenhuma continuidade com práticas sociais que pudessem dar-lhes algum conteúdo ou significado (SERPA, 2018, p.62).

O trecho destacado demonstra como os espaços públicos na atualidade encontram-se desarticulados de uma produção oriunda de práticas sociais, que considere os desejos e necessidades da população e expresse seus costumes e valores comuns, vinculando-se apenas àquilo que é importante para a geração de valor de troca. Percebe-se ainda, dentro do panorama delineado, que os espaços públicos encontram-se inseridos em um processo de territorialização do tecido urbano, a partir do qual ocorre sua privatização através da existência de barreiras físicas e/ou simbólicas, que controlam sua acessibilidade e segregam os diferentes grupos sociais.

Despolitizado e segregado, o que chamamos hoje de espaço público é, em última instância, também objeto de consumo e expressão de modismos, espaço do lazer e da diversão de indivíduos, grupos/classes e frações de classe que dele se apropriam de modo territorializado e segregacionista (SERPA, 2016, p.185).

Tais barreiras podem se manifestar de diferentes formas, merecendo destaque aquelas relacionadas à disponibilidade de transporte público e condições gerais de deslocamento que viabilizem a chegada da população em geral a estes locais, tendo em vista que, do contrário, o acesso se restringirá aos moradores próximos do referido espaço público. No que diz respeito ao aspecto simbólico, observa-se que os próprios usuários dos espaços públicos acabam, muitas vezes, contribuindo para a amplificação da esfera privada, ao passo que resistem à interação social e apropriam-se de forma seletiva e diferencial dos espaços. Além disso, refere-se ainda “à presença de sinais, sutis ou ostensivos, que sugerem quem é e quem não é bem-vindo ao lugar” (ALEX, 2011, p.25). Em virtude disso, segundo Alex (2011), a acessibilidade é condição primordial para o uso e a apropriação dos espaços públicos.

Segundo Serpa (2016), “É desse modo que o espaço público se transforma em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é compartilhado, mas, sobretudo, dividido entre os diferentes grupos e agentes” (SERPA, 2016, p. 176).

As consequências deste processo de ascensão de uma esfera social que não é nem pública, nem privada, na qual predomina o distanciamento em relação ao outro, transpõem-se em uma coletividade cada vez mais decadente, que opõe-se a um individualismo crescente, o qual implica em uma perda de sociabilidade, conforme destacado por Serpa:

O encolhimento da esfera pública no mundo moderno e da expansão da esfera privada é uma realidade que vem se impondo na metrópole. Com ela reduzem-se as possibilidades da vida humana definida no âmbito da sociabilidade, das trocas como consequência da reunião diante de espaços públicos deteriorados ou de parques/áreas verdes como espaço da contemplação passiva, mais do que da ação cívica (SERPA, 2016).

Segundo Bauman (2001, p.50), os desdobramentos seriam ainda mais complexos, ao afirmar que “o esvaziamento do espaço público pode implicar no enfraquecimento do indivíduo como sujeito histórico autônomo, cerceando seus direitos, principalmente, no que remete a tomadas de decisão”. O autor acredita que os espaços públicos estejam sofrendo um enfraquecimento do seu papel essencial enquanto lugar de encontro e de discussão de questões públicas o que, conseqüentemente, desdobra-se em um enfraquecimento da esfera pública na sociedade contemporânea.

Nesse contexto, chama atenção o fato de que mesmo em um mundo globalizado como o que se vive atualmente, onde tudo parece necessitar interagir entre si, nota-se a não interação dos diversos agentes em espaços cujo uso é coletivo, mas não é compartilhado de fato. Serpa afirma que:

Mas, o que de fato prevalece nos espaços públicos, [...], são os efeitos de segmentação em detrimento dos efeitos de transversalidade, constituindo territórios justapostos que caracterizam uma incipiente ou mesmo inexistente interação entre os diferentes grupos/classes/frações de classe, evitando-se, quase como uma regra, o contato com o outro, com o diferente (SERPA, 2016, p.184).

A este fenômeno, Gomes (2011) atribui a denominação de “recuo da cidadania”, definindo-o como o “[...] processo de redefinição nos quadros da vida social coletiva que vem, gradativamente, modificando o estatuto das práticas sociais e espaciais de forma geral no mundo contemporâneo” (GOMES, 2011, p.175). Segundo o geógrafo, observa-se ainda um encolhimento do espaço público na cidade contemporânea em paralelo ao referido fato.

Em sua obra “A Condição Urbana: Ensaio de Geopolítica da Cidade”, o autor citado atribui a ocorrência do recuo da cidadania a quatro processos que se manifestam de maneira complementar no espaço urbano, quais sejam: a apropriação privada crescente nos espaços comuns; a progressão das identidades territoriais; o isolamento da vida social; e o crescimento das ilhas utópicas.

O primeiro processo, corresponde a apropriação de espaços que, em princípio, seriam considerados comuns através de iniciativas privadas e, muitas vezes, informais que podem ocorrer de forma física ou simbólica e em diferentes escalas em relação ao território citadino. Referindo-se ao Brasil, Gomes (2001) cita como exemplo de privatização do público a ocupação e exploração de áreas valorizadas por camelôs e guardadores de carro (dentre outros profissionais da economia informal), destacando os efeitos destes acontecimentos sobre os espaços e sobre a população:

Praças transformam-se assim em grandes mercados, e as principais ruas da cidade tornam-se estreitas, pois restam apenas pequenas passagens para os transeuntes. Os lugares da vida pública, da deambulação, do passeio, do espetáculo da coabitação, da ideia de vida urbana, que construíram os grandes projetos urbanísticos do final do século XIX e começo do século XX, desaparecem, dando lugar a um emaranhado de balcões de mercadoria. A dimensão do homem público se estreita, restringindo-se à de um mero passante ou no máximo se limitando à um eventual consumidor (GOMES, 2011, p.177-178).

Como segundo processo envolvido no recuo da cidadania e encolhimento dos espaços públicos, o autor destaca que a coexistência na cidade de diferentes grupos que se apropriam do espaço a sua maneira gera fragmentação, conflitos e acesso seletivo, no que ele chama de “progressão das identidades territoriais”. A territorialização por gangues, narcotraficantes, dentre outros grupos, nega o conceito da cidade unitária e do ideal de mistura social, imprimindo no espaço público uma ideia de território identitário fechado e exclusivo, que traz como consequência a diminuição dos espaços públicos na cidade (GOMES, 2011).

Gomes (2011) destaca ainda a vivência cada vez menor dos espaços da cidade em função das novas tecnologias e costumes da sociedade contemporânea, tais como os telefones celulares e a internet, que permitem que se tenha acesso ao mundo sem sair de casa. Tal circunstância é reforçada pela consolidação de espaços pseudo públicos, a exemplo dos condomínios e *shoppings centers*, que oferecem em seu interior atrativos como segurança e opções variadas de lazer, os quais restringem o uso da cidade num processo de “emuralhamento da vida social”, no qual procura-se, cada vez mais, conviver com a família e os semelhantes.

Diante disso, hoje no Brasil acentua-se uma desvalorização dos espaços públicos, a qual faz-se presente desde a instituição deste como nação, cuja história é permeada por processos de privatização do espaço, a exemplo das capitâneas hereditárias. Como reflexo deste fenômeno, os espaços públicos sofrem com o abandono tanto do poder público quanto da população, que culturalmente vincula a coisa pública a algo de baixa qualidade ou de uso exclusivo das camadas populares:

A outra consequência desse processo é que, do abandono dos espaços comuns e dessa recusa em compartilhar um território coletivo de vida social, surge o fenômeno da ocupação dos espaços públicos por aqueles que, não tendo meios para reproduzir privadamente esse estilo de vida, estão condenados a desfilar sua condição por esse espaço: os pobres (GOMES, 2011, p.184-185).

Mesmo ao utilizar os espaços públicos, o homem moderno, ao dispor de variados recursos para se transformar em invisível, como andar pela rua falando ao celular ou ouvindo música com fones de ouvido, coloca-se como inacessível para o contato social (GOMES, 2011).

Por fim, o autor menciona a tendência das classes médias brasileiras de morar em ambientes cada vez mais homogêneos e isolados, simbolizados pelos condomínios, os quais reforçam o sentido de cidade fragmentada ao constituir-se como espécies de ilhas. Neles, “O

homem público procura se reproduzir em um espaço privado, ou ainda, o espaço público é recriado em esferas menores e privadas” (GOMES, 2011, p.187).

Esses processos culminaram na não realização da esfera pública no espaço público da cidade contemporânea, esvaziando de sentido político os processos de apropriação socioespacial dos espaços públicos urbanos, a ponto de colocar em xeque a noção mesma de espaço público (SERPA, 2016, p. 186).

Como se pode notar, os espaços públicos urbanos estão sendo progressivamente objetos de processos que os desfiguram e afetam o convívio social, como apropriações indevidas, invasões, ocupações, fragmentação, segregação, territorialização. Tendo em vista o seu papel primordial na constituição e nas dinâmicas sociais da cidade, seu encolhimento corresponde a um recuo da cidadania, assim como prejudica a construção da democracia.

Neste sentido, esclarecer e caracterizar elementos conceituais como paisagem, espaços livres e praças públicas torna-se essencial para compreender de forma mais aprofundada os fenômenos aqui descritos, além de situar o posicionamento adotado por este trabalho em e meio às principais correntes e autores que os estudam. Além disso, interpretar tais conceitos possibilita ainda vislumbrar seus desdobramentos ao longo do tempo bem como identificar potencialidades e conflitos no contexto atual.

### **2.3 Paisagem e praças públicas: elementos conceituais**

Abordado por diferentes autores, pertencentes a distintos campos do conhecimento e ganhando conotações variadas em função das especificidades de cada um deles, o conceito inicial de paisagem considerava-a “[...] como a expressão materializada das relações do homem com a natureza em uma determinada porção do espaço” (CLAVAL *apud* SCHLEE *et. al.*, 2009).

Segundo Cosgrove (2004), tal expressão teve origem no Renascimento para indicar uma nova relação entre os seres humanos e seu ambiente. O surgimento da perspectiva neste período, permitiu representar em duas dimensões a ilusão realista de um espaço composto racionalmente de três dimensões, o que influenciou o aparecimento da pintura das paisagens como expressão popular na Europa, bem como sua inclusão na poesia, representação teatral, jardins e concepção de parques. (COSGROVE, 2004)

Segundo Berque<sup>5</sup> (1994 *apud* SILVA, 2014), há na história da humanidade civilizações que podem ser consideradas não paisagísticas, as quais não possuíam palavras que se referissem às paisagens nem imagens que as representassem, de modo que sua própria existência era por estas desconhecida.

Sendo assim, os progressos tecnológicos que, aos poucos, permitiram que a diversidade de paisagens existentes no planeta se tornassem reconhecidas e passassem a ser divulgadas, tiveram importante papel no fortalecimento do uso de tal conceito e no próprio reconhecimento dos significados da paisagem (SCHLEE et. al., 2009).

Tal processo, ocorreu de forma gradual e apresentando variações em função dos contextos aos quais se referiam. Desse modo, mesmo na atualidade, alguns autores, ainda associam a paisagem ao imediatamente visível, àquilo que é possível captar com o olhar, como em uma fotografia. Contudo, o conceito possui diferentes interpretações e caracteriza-se essencialmente por sua complexidade, já que “A noção de paisagem, no entanto, implica a apreensão de uma porção do espaço em três dimensões, produto da interface entre a natureza e cultura, e, conseqüentemente, abrange múltiplos aspectos e sentidos, além do visual” (SCHLEE et. al., 2009, p.233).

Neste contexto, Schlee et. al. (2009) destacam que as diversas dimensões de análise e interpretação da paisagem desdobram-se em duas vertentes: a que relaciona a paisagem à sua essência física, material, objetiva, categorizável, e a que a relaciona à sua essência simbólica, à sua experenciação e criação individual ou coletiva, sendo importante ressaltar que estas não são excludentes.

Neste sentido, é importante ressaltar a visão dos geógrafos Carl Sauer (1889-1975) e Denis Cosgrove (1948-2008), que apesar de terem vivido em momentos distintos e apresentarem diferenças teóricas e epistemológicas consideráveis, desempenharam papéis cruciais no desenvolvimento da geografia cultural e histórica (CORRÊA, 2014).

Para Sauer (CORRÊA, 2014, p.41), a paisagem é o “conjunto de formas naturais e culturais associadas em área”, sendo seus atributos essenciais a materialidade e a expressão.

No entanto, autores como Denis Cosgrove e Silvio Macedo consideram que a sua percepção se dá não apenas através da visão, mas de todos os sentidos, podendo ainda ser

---

<sup>5</sup> Geógrafo francês, orientalista e filósofo que dedicou boa parte de sua obra ao estudo da paisagem, tendo como uma das bases de pensamento a fenomenologia.

influenciada por outros fatores, como as experiências prévias do observador ou seu perfil socioeconômico, por exemplo.

Neste sentido, diferentemente de Sauer, Cosgrove não considera a paisagem na perspectiva da morfologia. O autor enfatiza a experiência que se pode ter da paisagem, possibilitando a criação de significados. Entende a paisagem como um “modo de ver”, sendo impregnada de simbolismo. (COSGROVE, 2004)

Segundo Silva (2014), para Berque, por sua vez, a paisagem é dialética, não podendo ser resumida apenas a aspectos morfológicos ou relacionados a percepção isoladamente, traduzindo-se a partir da complexa interação entre os dois.

De acordo com Holzer (1999), Berque elaborou dois conceitos para objetivar a paisagem: o de paisagem-marca e o de paisagem-matriz. O primeiro, representando o fato de que cada civilização traduz duas características na paisagem através de marcas sendo esta, portanto, resultado da intervenção humana no ambiente. O segundo, diz respeito aos esquemas culturais que relacionam espaço com a natureza, sendo assim herança desta na paisagem, seu produto nas mentes e estruturas espaciais.

Conforme destaca Macedo, “toda paisagem está ligada a uma óptica de percepção humana, a um ponto de vista social que sempre representa total ou parcialmente um ambiente” (MACEDO, 1999).

Nessa perspectiva, as paisagens deixam de ser vistas como imagens inertes, admitindo-se a interface entre natureza e cultura. Como afirma Serpa:

A paisagem pressupõe, também, um conjunto de formas e funções em constante transformação, seus aspectos ‘visíveis’, mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, em princípio, ‘invisível’, e resulta sempre do casamento da paisagem com a sociedade (SERPA, 2010).

Já segundo Silvio Macedo, a paisagem consiste na “expressão morfológica das diferentes formas de ocupação e, portanto, de transformação do ambiente em um determinado tempo” (MACEDO, 1999, p.11).

O geógrafo Milton Santos, por sua vez, acrescenta que da mesma forma que a economia, as relações sociais e políticas se transformam quando a sociedade muda, as paisagens também passam por alterações para se adaptar às necessidades do homem (SANTOS, 1997).

Neste sentido, tais autores exploram uma dimensão do conceito que demonstra que a paisagem é dinâmica, ou seja, está em constante mutação em virtude tanto de ações da natureza (mudanças fenológicas) quanto de práticas humanas (mudanças antrópicas). Desse modo, torna-se capaz de narrar histórias, devido ao fato de exprimir uma sobreposição de ações e alterações contínuas do presente e do passado, ou como dito por Lira Filho “(...) é o resultado de uma acumulação de tempos” (FILHO, 2012, p.26). Como descreve Ab’Saber (2003), “paisagem é sempre uma herança, [...] herança de processos fisiográficos e biológicos, e patrimônio coletivo dos povos que historicamente as herdaram como território de atuação de suas comunidades” (AB’SABER, 2003, p. 9).

O homem, a partir do momento em que deixa de praticar o nomadismo e fixa moradia em determinadas porções do espaço, passa a modifica-lo em função de suas necessidades de sobrevivência. Sendo assim, “Paisagens fazem parte do convívio humano, influenciando-o sob os mais variados aspectos, que vão desde o ecológico, passando pelo econômico, até o social” (FILHO, 2012, p.146). Do mesmo modo, também são influenciadas e resultam do modo de vida do homem em um determinado tempo e espaço. Sobre este aspecto, Macedo destaca que:

A paisagem é considerada então como um produto e como um sistema. Como um produto porque resulta de um processo social de ocupação e gestão de determinado território. Como um sistema porque, na medida em que qualquer ação for sobre ela impressa, com certeza haverá uma reação correspondente, a qual equivale ao surgimento de uma alteração morfológica parcial ou total (MACEDO, 1999).

A afirmação acima exposta, demonstra a complexidade inerente às paisagens, principalmente às paisagens urbanas, que consistem no recorte adotado neste trabalho, tendo em vista sua composição a partir de elementos naturais e culturais, que convivem em constante interação. Conforme define Cullen “Se me fosse pedido para definir o conceito de paisagem urbana, diria que um edifício é arquitetura, mas dois seriam já paisagem urbana porque a relação entre dois edifícios próximos é suficiente para liberar a arte da paisagem urbana (CULLEN, 2010, p.135). O autor complementa ainda que o ambiente urbano seria resultado da reprodução deste cenário à escala de uma cidade.

Nesse sentido, o Sistema de Espaços Livres (SEL), caracterizado como um sistema único e interdependente formado pelos diferentes espaços livres existentes em uma cidade, é considerado por Macedo *et al* (2018) como essencial no contexto urbano por seu papel relevante no que diz respeito à vida cotidiana, por constituir a paisagem urbana, por participar da

constituição das esferas pública e privada e por abrigar importantes elementos ambientais, como por exemplo rios e florestas. Segundo os autores:

Considera-se que toda cidade possui um sistema de espaços livres produzido durante seu processo de formação, tanto pelo poder público como pela iniciativa privada. Tal sistema está em constante transformação e adequação às novas demandas da sociedade (empresas, instituições e grupos sociais). Seu atendimento a essas demandas vai depender dos padrões culturais existentes, das decisões políticas e da disponibilidade de recursos que podem levar a eventuais processos de qualificação do sistema (MACEDO et al, 2018, p.17).

Diante do exposto, é importante destacar que o conceito de paisagem se difere do de espaço, pois este, segundo Milton Santos (2008), representa uma totalidade. Para o autor, o conceito de espaço inclui todas as outras categorias geográficas, tratando-se de um “[...] conjunto indissociável, de que participam, de um lado, certo conjunto de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento” (SANTOS, 2008, p.28).

Silvio Macedo, chama atenção para o uso muitas vezes indiscriminado do conceito de espaços livres, afirmando que “Podemos, de um modo preciso, definir espaços livres como todos aqueles não contidos as paredes e tetos dos edifícios construídos pela sociedade para sua moradia e trabalho” (MACEDO, 1995, p.16).

Os espaços livres podem ou não ser dotados de vegetação, ser públicos ou privados – no que se refere a propriedade do solo – podendo, ainda, desempenhar diferentes funções. Fazem parte do convívio urbano e abrangem ruas, praças, parques, quintais e terrenos baldios, por exemplo.

Apesar de tanto os espaços livres públicos quanto os privados serem essenciais para a cidade, os espaços livres públicos se destacam por ofertarem maior possibilidade de acesso a toda a população sendo, portanto, mais democráticos já que são abertos, proporcionando maiores chances de uso.

É, contudo, importante mencionar que as características citadas acima são bastante discutíveis visto que, na prática, o acesso e democratização de tais espaços envolvem aspectos muito mais complexos, tais como condições de deslocamento até eles (disponibilidade de transporte público acessível e de qualidade e/ou possibilidade de locomoção a pé); superação de barreiras simbólicas e promoção de segurança para todos.

De acordo com Sun Alex, (2011, p.19) “o espaço público na cidade assume inúmeras formas e tamanhos, compreendendo desde uma calçada até a paisagem vista da janela”. De acordo com o autor, este termo refere-se ainda a lugares designados ou projetados para o uso cotidiano, como é o caso das ruas, das praças e dos parques.

Neste sentido, Gomes (2014, p.163), atribui a tais espaços um papel ainda mais específico, afirmando que “trata-se, portanto, essencialmente de uma área em que se processa a mistura social”. Sendo assim, na visão do geógrafo, o espaço público teria em seu cerne, a capacidade de acolher diferentes segmentos sociais, com expectativas e interesses variados, que “nutrem-se da copresença” (GOMES, 2014, p. 163).

Serpa (2007) corrobora, defendendo o espaço público contemporâneo como “espaço da ação política ou, ao menos, da possibilidade de ação política” (2007, p.9). O autor acrescenta ainda que “o espaço público é também espaço simbólico, da reprodução de diferentes ideias de cultura, da intersubjetividade que relaciona os sujeitos e percepções na produção e reprodução dos espaços banais e cotidianos” (2007, p.9) e acredita que estes sejam ainda “mercadoria para o consumo de poucos, dentro da lógica de produção e reprodução do espaço capitalista” (2007, p.9).

Além disso, segundo o Código Civil Brasileiro, os espaços livres públicos podem ser categorizados como bens de uso do povo, de uso especial e dominicais. Nestes termos, a lei considera como bens de uso do povo, por exemplo, ruas e praças. No que tange aos bens de uso especial, menciona edifícios e terrenos de uso das administrações federal, estadual e municipal, incluindo suas autarquias. Por fim, considera bens de uso dominical os patrimônios das pessoas jurídicas de direito público (BRASIL, 2002a).

Tal conceito, pode ainda ser desmembrado em espaços livres de edificação e espaços livres de urbanização, sendo que o primeiro refere-se aos contidos dentro dos limites de uma cidade, vila ou metrópole, enquanto o segundo diz respeito à territórios ainda não urbanizados e, portanto, para além dos referidos limites (MACEDO, 1995, p.16).

Tanto os espaços livres de edificação quanto os espaços livres de urbanização podem ser classificados segundo diferentes tipologias, dentre as quais estão os espaços verdes, áreas verdes, áreas de lazer e áreas de circulação, sendo que as praças, objetos de estudo deste trabalho, enquadram-se no grupo das áreas de lazer. Silvio Macedo as descreve como:

Todo e qualquer espaço livre de edificação destinado prioritariamente ao lazer, seja ele ativo, isto é uma grande área para jogos e brincadeiras ou contemplativo, isto é áreas dotadas de um valor cênico/paisagístico expressivo em cujo interior o cidadão apenas passeia a pé, montado ou de carro, contemplando o cenário que se descortina ante seus olhos. Todos os parques, praias e praças urbanos estão englobados dentre deste conceito, possibilitando, por muitas vezes uma utilização mista, tanto para o lazer ativo, como para o passivo (MACEDO, 1995, p.20).

Além disso, destacam-se por sua configuração como centros sociais integrados ao tecido urbano, tendo fundamental importância na promoção de uma diversidade de conexões entre pessoas, atividades e lugares.

Galender (1992, p.113-114) complementa que, morfologicamente, são resultado da malha urbana, podendo assumir diferentes formas, mas sempre relacionando-se às necessidades funcionais compatíveis com o momento no qual foram criadas ou transformadas. Segundo o autor, nela “Convivem o mercado, os torneios e competições, as reuniões e as cerimônias públicas.”

Caldeira (2007), por sua vez, ressalta que as praças se diferenciam dos demais espaços livres por constituírem-se como referências, como marcos visuais e pontos focais na cidade.

Segundo Queiroga (2001, p.153), no caso das cidades brasileiras, em seus primórdios as praças apresentavam-se como espaço da igreja e das instituições públicas. Eram, simultaneamente, locais de festejos cívicos e religiosos, do pelourinho e da forca, “exemplos de controle, de ordem, de exercício do poder através da representação ideológica, da opulência ou da violência”.

Contudo, as praças, como partes da paisagem urbana, se modificam junto à ela. Diante disso, as marcas dos processos de produção e reprodução do espaço encontram-se impressas tanto na paisagem quanto em unidades morfológicas como as praças, expressando diferentes tempos históricos e características sociais. Neste sentido:

A praça representa uma espécie de espaço camaleônico, capaz de se modificar e se adaptar às transformações das cidades, possibilitando apropriações diversas. Essa peculiaridade fez com que a praça adquirisse, historicamente, uma diversidade de formas e funções, sem perder sua essência como espaço coletivo (CALDEIRA, 2007, p. 14).

Queiroga (2001), destaca ainda variações dos perfis de uso das praças em função das áreas da cidade na qual estão localizadas, destacando os bairros de alto padrão, as áreas centrais e os bairros de baixo padrão. “A praça é índice (signo) do lugar, síntese do espaço intra-urbano

em que está inserida, seja um bairro rico ou pobre, uma área central dinâmica ou estagnada” (QUEIROGA, 2001, p.185). O autor destaca, todavia, que a praça pode ser um dos elementos de identidade não apenas do bairro em que se situa mas da própria cidade.

No que diz respeito aos bairros de alto padrão, Queiroga (2001) faz uma análise em relação a dois contextos distintos: os de alta densidade e os de baixa densidade. Sobre os bairros de alta densidade, tanto nos de renda alta quanto nos de média, afirma que as ruas tendem a ser mais movimentadas e a apresentarem usos mais diversificados. As praças, por sua vez, podem desempenhar relevante função para o lazer e o convívio. Já acerca dos de baixa densidade, admite que, quando de alta renda, os espaços livres públicos tendem a possuir um uso menos efetivo e a apresentar uma dimensão mais simbólica, que reforça a imagem verde do bairro, ao passo que nos de renda média, o uso recreacional de tais espaços seria ainda frequente, embora exibindo também o abandono de algumas áreas (QUEIROGA, 2001).

Em relação ao centro das cidades observa-se que:

A praça central apresenta as mais variadas apropriações. Lugar do cotidiano das áreas centrais, local de trabalho, de passagem, de encontros, de conflitos. A diversidade é sua marca, acolhe o lúmpem, os engravatados, os aposentados. Espaço do Poder Público, da Igreja e das manifestações públicas, representa, por vezes, conflitos da nação contra o Estado. A praça como ‘espaço cívico’ não é apenas símbolo do poder instituído, mas também do ato cívico, político, simbólico, relativo às questões públicas (QUEIROGA, 2001, p.280).

Em função desta heterogeneidade que a representa, a praça central possibilita trocas muito mais ricas e diversas entre seus usuários sendo, pelos mesmos motivos, também o local das contradições sociais. Nos dias atuais, é comum observar o aumento da pobreza e da miséria se apropriando destes espaços e afastando, muitas vezes, a população em geral, a qual se auto exclui. Contudo, é importante notar que a praça central dificilmente se esvazia, tendo em vista que reflete os usos e particularidades do seu entorno, de um ponto de vista mais amplo.

Por esta ótica, destaca-se que a praça central é síntese dos aspectos que caracterizam o próprio centro da cidade, não sendo raro representar a própria cidade, como um todo, acompanhando as metamorfoses do homem público e do espaço urbano como um todo (QUEIROGA, 2001).

Nos bairros de baixo padrão, por sua vez, observa-se que a pífia ação do poder público promove, em geral, uma escassez de espaços adequados ao lazer e às relações sociais, o que acarreta, na maioria das vezes, no uso de áreas não oficiais para tais fins, destacando-se neste

sentido as ruas, tidas muitas vezes como extensão das habitações. Nesse contexto, se mostra de forma clara uma dicotomia entre a produção oficial e informal da cidade.

São raras as praças efetivamente implantadas e mantidas pelo Poder Público nos bairros pobres, mas são fundamentais os ‘espaços livres’ informalmente constituídos pela própria população. A maior ou menor formalidade na produção de ‘espaços livres públicos’ potencializa uma maior diversidade de usuários: do improvisado ‘campinho’ à praça projetada com participação comunitária (QUEIROGA, 2001, p.220).

Conforme é possível notar, diversos fatores encontram-se envolvidos na análise realizada por Queiroga em relação às praças localizadas em bairros de alto padrão, baixo padrão e áreas centrais, influenciando diretamente em suas características e especificidades. Perfis de uso e ocupação do entorno, renda média dos moradores, contemplação no planejamento urbano municipal, tipologia das construções e densidade construtiva são alguns dos aspectos mencionados que fazem com que as praças de cada uma das três distintas localizações no tecido urbano apresentem determinados usos e apropriações, maior ou menor intensidade de uso, predominância de homogeneidade ou heterogeneidade no que diz respeito aos seus usuários e identificação ou não por parte da população.

Como se pode concluir, as praças, independente do seu contexto na cidade mas, sobretudo, as centrais, são “[...] espaços públicos com forte papel simbólico, memória e referência urbana, local de manifestações que transcendem seu entorno, envolvem a cidade, às vezes a nação, nos momentos políticos mais significativos” (QUEIROGA, 2001, p.280).

Seu uso está relacionado ao contexto urbano e cultura local, sendo que seu traçado pode estimular em maior ou menor grau a comunicação, não sendo, contudo, um fator determinante para tal. Segundo Queiroga (2001, p.219) “A escala e a criação de ambientes micro-climaticamente satisfatórios é, no que tange à relação entre o projeto e o uso comunicativo, mais importante que a discussão dos movimentos estéticos.”

A apropriação dos espaços livres pelo público no cotidiano está diretamente relacionada com a qualificação e gestão destes mesmos espaços. De um lado, o quanto se permite ou se possibilita a diversidade de usos, em função da não especialização desses espaços. De outro lado, a necessidade de espaços especializados que possam ser utilizados, de modo simultâneo ou alternado, por diversas faixas etárias e grupos sociais (MACEDO et. al., 2009, p.63).

Desse modo, fica clara a importância do planejamento no contexto de uso dos espaços livres públicos e, de forma mais ampla, da constituição da paisagem urbana. Conforme destacado por Macedo no trecho acima, promover a heterogeneidade de possibilidades de usos e de usuários é essencial para o estabelecimento de relações sociais mais ricas e um uso mais efetivo dos espaços, o que pode ser garantido através de uma gestão municipal que promova, dentre outros aspectos, a conservação de suas praças, a elaboração de projetos compatíveis com as demandas da população e a adequação ao contexto local.

## **2.4 Paisagem Urbana e o Planejamento**

Ao longo do tempo, a intensificação dos processos de urbanização e industrialização foram, cada vez mais, acentuando os problemas vivenciados pelas cidades e, conseqüentemente, seus moradores. Déficit habitacional, segregação socioespacial, violência, degradação ambiental, questões relacionadas a mobilidade, acessibilidade diferencial e seletiva à cidade, são algumas das adversidades que passaram a fazer parte da realidade urbana.

Com a acentuação da industrialização, ocorre simultaneamente a repulsão da população em relação ao campo e a sua atração em relação às cidades, tendo em vista as oportunidades que esta aparenta oferecer, situação esta que acarreta um crescimento tanto no número de habitantes quanto na extensão territorial urbana.

A falta de planejamento e a falsa noção de que todos encontrariam trabalho e melhores condições de vida na cidade fez com que parte significativa da população migrante se visse obrigada a se estabelecer em áreas precárias e carentes de infraestrutura, o que acentua a segregação espacial e social, assim como outros aspectos negativos da vida urbana.

Mas os resultados da ausência do planejamento não se limitaram à exclusão da parcela mais pobre da população. Associada ao rápido crescimento das cidades, evidenciou-se no intenso uso do solo, espraiamento, incompatibilidade de usos, deficiência de espaços livres públicos voltados ao lazer, falta de arborização, ocupações irregulares de áreas como encostas e margens de cursos d'água, entre outros.

Desse modo, é importante destacar que os fenômenos mencionados também trouxeram impactos para a paisagem urbana e elementos que a compõem, modificando suas estruturas e modo como são produzidas e utilizadas pela população. Diante deste cenário, o planejamento

torna-se uma necessidade latente, a fim de gerar instrumentos de controle através dos quais o Estado pudesse garantir o ordenamento urbano e a qualidade dos espaços citadinos.

No entanto, segundo Villaça (2015), a história do planejamento no Brasil é difícil de ser traçada pelo fato de que, com frequência, discurso e prática se confundem. Para ele, o conceito de planejamento se relacionaria à organização do espaço urbano e a aplicabilidade das ações formuladas para cada cidade individualmente. Neste contexto, o autor cita a Lei Federal 6.766/1979 (Estatuto das Cidades) como o exemplo nacional que mais se aproxima do conceito apresentado, porém, destaca que ela se limita a loteamentos, e não a cidade como um todo.

Ao propor uma diferenciação entre os conceitos de plano e projeto, o autor diz que uma determinada prática, discurso do Estado sobre o espaço urbano estará tão mais próxima do conceito de plano quanto mais forte e simultaneamente estiverem presentes as seguintes características: abrangência de todo o espaço urbano; continuidade de execução e necessidade de revisão e atualizações; interferência das ações sobre grandes contingentes da população; papel e importância das decisões políticas (VILLAÇA, 2015).

Ainda assim, Villaça (2015) sugere que, de forma resumida, a história do planejamento no Brasil pode ser dividida em três períodos. O primeiro deles, compreendido entre os anos de 1875 e 1930, destacou-se pelos chamados planos de embelezamento e melhoramento, cujo planejamento possuía origem renascentista e enfatizava a beleza monumental. Conhecido também como urbanismo sanitaria, tratava-se de um “[...] tipo de planejamento altamente ideológico, pois foi amplamente utilizado para glorificar e ajudar a impor o Estado e a classe dirigente capitalista, quando eram revolucionários” (VILLAÇA, 2015, p.192). Conforme aponta Maricato (2002), contemplava ainda preocupações com aspectos relacionadas a infraestrutura, especialmente circulação e saneamento, contudo, predominavam as iniciativas voltadas ao atendimento das “vontades” das elites e os interesses imobiliários.

A partir de 1930, um novo cenário se delineia, no qual a eficiência passa a superar as questões estéticas no que diz respeito aos objetivos principais do planejamento urbano. De acordo com Maricato “[...] agora sob a hegemonia da burguesia urbana, a eficiência, a ciência e a técnica começam a substituir os conceitos de melhoramento e embelezamento. A cidade da produção precisa ser eficaz” (MARICATO, 2002, p.138).

Desde a década de 1930, vem-se desenvolvendo no Brasil uma visão do mundo urbano segundo a qual os problemas que crescentemente se manifestam nas cidades são causados pelo seu crescimento caótico – sem planejamento –, e que um planejamento ‘integrado’ ou ‘de conjunto’, segundo técnicas e métodos bem definidos, seria

indispensável para solucioná-los. Essa é a essência da ideologia do planejamento que ainda perdura (VILLAÇA, 2015, p.183).

Sendo assim, nesta segunda fase, que vai de 1930 até 1990, se destaca a ideologia do planejamento como técnica de base científica, indispensável para a solução dos “problemas urbanos”. As grandes obras passam a ser de infraestrutura, “[...] saem do consumo conspícuo para privilegiar a constituição das condições gerais de produção e reprodução do capital” (VILLAÇA, 2015, p.199).

Nesse contexto, passa-se do ideal da cidade bela para o da cidade eficiente. Contudo, mesmo diante desta mudança, Villaça (2015), destaca que permanece havendo “[...] interesse pelas oportunidades imobiliárias que as remodelações urbanas oferecem, e nesse sentido o centro da cidade ainda é o grande foco de atenção dos planos. No discurso, entretanto, pretende-se abordar a cidade inteira” (VILLAÇA, 2015, p. 207).

Conforme destacado, os problemas urbanos ganhavam novas dimensões e, diante disso, não havia como justificar os gastos com grandes obras de embelezamento. Frente a este cenário, cada vez mais os planos passam a ser discurso apenas, pois as classes dominantes não têm propostas para resolver os problemas que se agravam.

Em meio a esta conjuntura, é interessante ressaltar que o período do regime militar foi quando o planejamento urbano mais se desenvolveu no Brasil. Uma quantidade inédita de Planos Diretores foi elaborada, porém, desconsiderando a participação da população e técnicos municipais. Segundo Maricato (2002), houve um grande crescimento das cidades durante o período de implementação do primeiro e único sistema nacional de planejamento urbano e municipal, porém, de forma irregular, sem seguir qualquer lei ou plano, o que originou uma cidade informal dentro da cidade formal.

Após 1990 tem início um período marcado pela reação ao período anterior. Por determinação constitucional, várias cidades brasileiras voltam a elaborar Planos Diretores, tendo como principal objetivo “ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem-estar de seus habitantes” (CAETANO, ROSANELI, 2017, p.3).

Tal período é marcado ainda por um processo de politização, fruto do avanço da consciência e organização populares. Contudo, a atenção principal se estabeleceu sobre a produção imobiliária. As forças progressistas têm tentado orientar o plano diretor nessa direção; instrumentando-o no sentido de fazer com que o poder público capte parte da valorização imobiliária da qual ele e a sociedade como um todo são os principais criadores. O plano

inovador dos anos 1990 elegeu como objeto fundamental o espaço urbano de sua produção, reprodução e consumo. Para tanto, seus instrumentos fundamentais, limitados a alçada municipal – a qual nem sempre possui condições técnicas e orçamentárias para exercer este papel - são basicamente os de natureza urbanística, tributária e jurídica. Para os movimentos populares, o Plano Diretor tornou-se um instrumento desgastado.

Como é possível perceber,

A ideologia sofre contínuas transformações e metamorfoses, que são adaptações para enfrentar novas situações ou, mais frequentemente, o agravamento de tendências; com isso ela assegura a sobrevivência da hegemonia da classe dominante. Isso é particularmente verdade no caso de um país como o Brasil, onde, dadas as violentas disparidades sociais, econômicas e de poder político, a tendência de declínio da hegemonia da classe dominante é constante e exige, para sua manutenção, contínuas reformulações da ideologia (VILLAÇA, 2015, p.185).

Assim, percebe-se que “O urbanismo brasileiro (entendido aqui como planejamento e regulação urbanística) não tem comprometimento com a realidade concreta, mas uma ordem que diz respeito à uma parte da cidade, apenas” (MARICATO, 2002, p.122). Segundo a autora, o planejamento aplica-se na cidade formal/legal, enquanto para a cidade ilegal/informal não há planos nem ordem, afirmando que a legislação desconsidera a existência de uma parcela da população que vive na ilegalidade no que diz respeito à habitação e ocupação da terra, excluindo-os socialmente e favorecendo pequenos interesses corporativos (MARICATO, 2002).

A autora destaca que o Brasil possui um abundante aparato regulatório - Leis de Uso e Ocupação do Solo, Parcelamento do solo Urbano, códigos de edificação - que normatiza a produção do seu espaço urbano não sendo, portanto, a falta de planos e leis a causa do crescimento das cidades de modo predatório (MARICATO, 2002). Afirma ainda que a legislação urbanística de regulação do espaço urbano implica padrões de produção do ambiente construído urbano.

Se antes os principais problemas das cidades estavam relacionados a questões como o crescimento desordenado, a necessidade de equipamentos de consumo coletivo e a racionalização do uso do solo, a “nova questão urbana” pauta-se na competitividade. Sob esta ótica, a cidade é vista como uma mercadoria a ser vendida em um mercado altamente competitivo, do qual fazem parte outras cidades.

Tal mudança está relacionada ao fato de que “uma série de fenômenos significativos vêm exercendo intensa pressão sobre os instrumentos tradicionais de planejamento urbano” (SANCHEZ, 1999), a exemplo do dinamismo das mudanças econômicas mundiais, da presença de diversos agentes econômicos em ação no meio urbano e da rivalidade entre cidades que competem na atração de investimentos e consumidores. Conforme destaca Harvey (1996, p.50), nesse contexto, há uma valorização do local frente ao cenário da globalização econômica. Diante disso,

O movimento da reprodução do espaço, fundado na fragmentação das parcelas da cidade, ganha uma dimensão mais ampla: o que está à venda, além de suas parcelas, é a própria metrópole através do planejamento estratégico e do *marketing* urbano. Essa estratégia do capital situa-se na necessidade de criar novas fronteiras de acumulação. Um exemplo disso é a “renovação urbana”, principalmente das áreas centrais, como estratégia para superação da contradição entre a necessidade de áreas passíveis de incorporação pelo mercado imobiliário numa metrópole superedificada e a condição de raridade do espaço produzida pelo próprio desenvolvimento do capitalismo (CARLOS, 2016, p.100).

Segundo Sanchez (1999), o *city marketing* e os planos estratégicos configuram-se como os principais instrumentos do novo planejamento urbano. O autor destaca que o marketing urbano vem se transformando em função básica do poder local nos últimos anos e, juntos aos planos estratégicos, se tornam uma verdadeira “fábrica de imagem” que tem como objetivo final “vender a cidade”.

É nesse contexto que tem se difundido no Brasil e América Latina o denominado Planejamento Estratégico, cujas origens estão no planejamento empresarial. “[...] segundo seus defensores, deve ser adotado pelos governos locais em razão de estarem as cidades submetidas às mesmas condições e desafios que as empresas” (VAINER, 2002, p.76).

Em síntese, pode-se afirmar que, transformada em coisa a ser vendida e comprada, tal como a constrói o discurso do planejamento estratégico, a cidade não é apenas uma mercadoria mas também, e sobretudo, uma mercadoria de luxo, destinada a um grupo de elite de potenciais compradores: capital internacional, visitantes e usuários solváveis (VAINER, 2002, p.83).

De acordo com Harvey (1996, p.59), “A ênfase no turismo, na produção e consumo de espetáculos, na promoção de eventos efêmeros numa dada localidade representa os remédios favoritos para economias urbanas moribundas”. No entanto, o autor destaca que tais soluções não resolvem de fato os problemas urbanos, configurando-se apenas como medidas paliativas.

Neste sentido, Sanchez (1999) complementa que este novo modelo de gestão da cidade tem alterado fortemente a atuação do poder local em relação às suas prioridades de investimentos e promoção de políticas públicas, tendo em vista que, com frequência, programas e projetos de cunho social são deixados de lado em prol de interesses privados, cujos atores passam a exercer papel dominante nos processos decisórios das políticas urbanas. “A parceria público-privada assegurará que os sinais e interesses do mercado estarão adequadamente presentes, representados, no processo de planejamento e de decisão” (VAINER, 2002, p.87).

É importante destacar que no modelo modernista de planejamento, já havia a presença de características advindas das empresas (taylorismo), porém, estas limitavam-se aos princípios de organização da produção, tendo originado conceitos como a racionalidade, funcionalidade e ordem. Contudo, no modelo atual, do planejamento estratégico, tal influência se deu de maneira mais direta, de modo que a própria cidade é concebida como empresa. Nesse sentido, Vainer destaca que:

Assim, ver a cidade como empresa significa, essencialmente, concebê-la e instaurá-la como agente econômico que atua no contexto de um mercado e que encontra neste mercado a regra e o modelo do planejamento e execução de suas ações. Agir estrategicamente, agir empresarialmente significa, antes de mais nada, ter como horizonte o mercado, tomar decisões a partir das informações e expectativas geradas no e pelo mercado. É o próprio sentido do plano, e não mais apenas seus princípios abstratos, que vem do mundo da empresa privada (VAINER, 2002, p.86).

Diante disso, “As principais ações propostas pelos novos planos estratégicos são voltadas para um redesenho espacial das cidades face à obsolescência da infraestrutura urbana instalada nas novas relações de produção”. (SANCHEZ, 1999) Assim, a paisagem urbana passa a ser moldada em função dos objetivos que se almeja alcançar e da imagem que precisa ser construída para atingi-los.

Porém, este processo não se dá de forma homogênea e igualitária em todo o território urbano. Os investimentos são realizados de forma seletiva e intencional em determinadas áreas privilegiadas, ao passo que outras permanecem de fora deste processo. Contudo, “A grande veiculação das imagens sintéticas da cidade intensifica a idéia do socialmente pleno usufruto dos novos espaços modernizados e, implicitamente, sugere uma vida de classe média para todos os cidadãos” (SANCHEZ, 1999). Tal imagem, é garantida através da promoção de um marketing urbano pautado na seleção simbólica de fragmentos escolhidos da paisagem urbana, que retratem a representação desejada da cidade, transformando-a em um espetáculo.

Este espetáculo ostenta uma cidade sem contradições porque sem profundidade, uma imagem plana, evidente. As intervenções urbanísticas parecem significar por elas próprias. Desta forma, pensamos que a imagem-mito é uma linguagem domesticada para ‘cantar louvores’ às intervenções urbanas, para seduzir os cidadãos, ao contrário de estimular qualquer tipo de ação efetivamente construtora de cidadania. (SANCHEZ, 1999)

A autora afirma que mesmo diante dos prejuízos sociais gerados pelas remodelações urbanas, que poderiam ser caracterizadas como seletivas e excludentes, “A identificação entre os cidadãos e a “imagem de marca” de sua cidade os têm levado a aceitar com maior facilidade os transtornos ou sacrifícios em sua vida cotidiana [...]” (SANCHEZ, 1999).

Diante do contexto traçado, ficam claros os efeitos do capitalismo em relação à produção do espaço urbano, influenciando diretamente a paisagem urbana e, mais do que isso, a vida da população. Os conflitos de interesse e as complexas consequências por ele geradas, reforçam a demanda aqui exposta de um planejamento urbano que considere o direito do cidadão de participar da produção da cidade, e não apenas de utilizá-la. No entanto, é importante ressaltar que hoje, com a velocidade com a qual se dão as transformações se torna cada vez mais difícil um planejamento de longo prazo, além do mais, a variedade de demandas – públicas e privadas – entorno dos espaços livres públicos potencializam o desafio do planejamento.

### 3 O CONTEXTO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

O município de Campos dos Goytacazes, junto à Carapebus, Cardoso Moreira, Conceição de Macabu, Quissamã, Macaé, São Fidélis, São Francisco do Itabapoana e São João da Barra, compõe a denominada região Norte Fluminense, a qual está localizada no interior do Estado do Rio de Janeiro (Figura 1). A região possui uma área de 9.730.443 km<sup>2</sup> e uma população de 861.084 habitantes (IBGE, 2010)

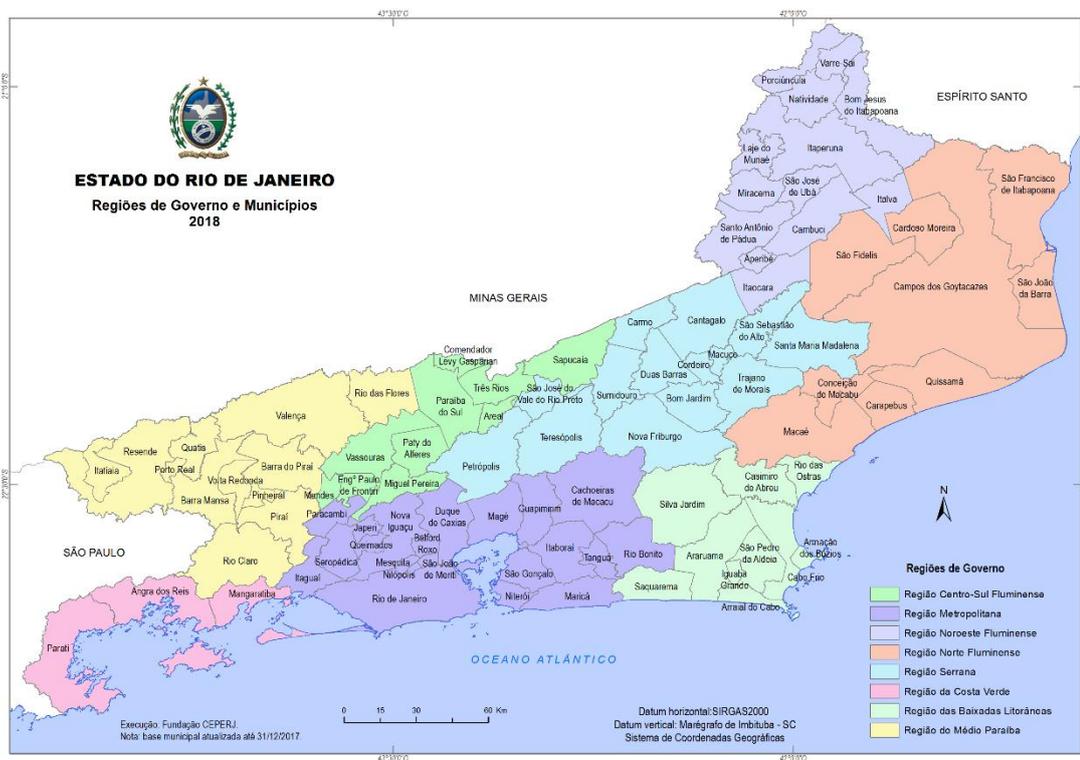


Figura 1: Localização dos municípios do Estado do Rio de Janeiro e divisão regional.  
Fonte: Fundação CEPERJ (2018)

Distando aproximadamente 280 km da capital do estado, Rio de Janeiro, pode-se considerar que possui uma posição estratégica em relação a esta e também a capital do Estado do Espírito Santo, Vitória, da qual dista cerca de 250 km. Outro dado relevante sobre o município, diz respeito ao seu território, o qual possui a maior extensão do Estado do Rio de Janeiro, contando com uma área de 4.037,7 km<sup>2</sup>, a qual inclui 14 distritos, sendo eles: Santo Eduardo, Santa Maria, Morro do Coco, Vila Nova, Travessão, Morangaba, Ibitioca, Serrinha, Dores de Macabu, Tocos, Goytacazes, São Sebastião, Santo Amaro, Mussurepe. Tal característica, representa um desafio para o planejamento e gestão municipal.

Juntos, sede e distritos somam, segundo o censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), uma população de 463.731 habitantes, sendo o número estimado para 2018 de 503.424. De um modo geral, os dados mostram um crescimento populacional se consolidando ao longo dos anos, conforme demonstra a Figura 2. Destaca-se ainda que a densidade demográfica identificada no censo de 2010 foi de 115,16 hab/km<sup>2</sup> (IBGE, 2010).

População	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
População total	376.496	100,00	407.118	100,00	463.731	100,00
Homens	183.660	48,78	196.779	48,33	223.259	48,14
Mulheres	192.836	51,22	210.339	51,67	240.472	51,86
Urbana	317.981	84,46	364.177	89,45	418.725	90,29
Rural	58.515	15,54	42.941	10,55	45.006	9,71
Taxa de Urbanização	-	84,46	-	89,45	-	90,29

Figura 2: População total, por gênero, rural/urbana e taxa de urbanização - Campos dos Goytacazes – RJ  
Fonte: IBGE (2010)

Como é possível notar na Figura 2, entre 2000 e 2010, a população de Campos dos Goytacazes teve uma taxa média de crescimento anual de 1,31%. Na década anterior, de 1991 a 2000, a taxa média de crescimento anual foi de 0,87%. Além disso, chama atenção o crescimento da população urbana, a qual já se mostrava bastante superior a população rural na década de noventa, e atinge os 90,29% em 2010.

Este processo de urbanização, assim como em outras cidades do Brasil e do mundo, está, em grande parte, relacionado a dois fenômenos principais: o êxodo rural e a migração em busca de emprego e melhores condições de vida. Em Campos dos Goytacazes, pode-se destacar

neste contexto a queda da atividade econômica ligada à cultura canavieira e ascensão da exploração petrolífera, que fez com que muitas pessoas se deslocassem para a cidade.

Destaca-se ainda que Campos também consolidou-se como um importante polo universitário, abrangendo um significativo número de instituições de ensino superior públicas e privadas, dentre as quais estão a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), Instituto Federal Fluminense (IFF), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Estácio de Sá, Institutos Superiores de Ensino do Censa (Isecensa), Faculdade Redentor, Universidade Salgado de Oliveira (Universo), Faculdade de Medicina de Campos (FMC), entre outras, possibilitando uma oferta variada de cursos de graduação e pós-graduação. Diante disso, um grande número de pessoas proveniente de cidades próximas e até mesmo de outras regiões do país, estes em menor quantidade, é atraído para a cidade, sendo que uma parte destes deixa a cidade ao concluir os estudos e outra parte permanece na cidade com o intuito de construir uma nova vida.

No que diz respeito à evolução urbana da cidade de Campos dos Goytacazes, Aliprandi (2017) destaca que esta pode ser subdividida em três fases principais: a Formação do Núcleo Urbano, a Era Industrial e a Era do Petróleo. Segundo a autora,

A Formação do Núcleo Urbano vai do século XVI ao final do século XIX, incluindo a consolidação da economia da cana-de-açúcar, que foi muito importante para a fixação da Vila de Campos, como era chamada na época; a Era Industrial se inicia no final do século XIX e vai até a década de 1970, e se refere à criação do parque industrial na cidade, com expansão de usinas de cana-de-açúcar e de grandes latifundiários, possíveis pela ocorrência de significativas intervenções urbanas; e a Era do Petróleo vai da década de 1970 até a década de 2010, e relaciona-se à queda da economia anterior e ao início da produção de petróleo na Bacia de Campos. (ALIPRANDI, 2017)

A mudança econômica da atividade canavieira para a petrolífera trouxe rápidas e significativas transformações para Campos dos Goytacazes sob os mais variados aspectos. Sem a realização de um devido planejamento, surgem novas questões urbanas e as já instauradas ganham vulto, acentuando processos como o espraiamento da malha urbana, as contradições centro x periferia e o déficit e/ou ausência de infraestrutura. Diante do exposto, ressalta-se ainda que parte da mão de obra que se deslocou para a cidade em busca de emprego não possuía a qualificação necessária para os postos de trabalho existentes, agravando o panorama aqui delineado.

Mais recentemente, a instalação do Complexo Portuário do Açú no município vizinho de São João da Barra, cuja construção teve início em 2007, e a proposta para o Complexo Logístico e Industrial Farol-Barra do Furado – a qual acabou não se concretizando – trouxeram grandes expectativas de desenvolvimento e crescimento para Campos, contudo, na prática, até o presente momento os efeitos se fizeram brandos, fazendo-se notar especialmente no setor imobiliário mediante a construção de novos hotéis, condomínios de médio e alto padrão, loteamentos de rendas variadas e algumas obras de infraestrutura urbana.

Diante deste quadro, é importante salientar que Guarus, localizado na margem norte do Rio Paraíba do Sul – o qual configura-se como um elemento marcante na paisagem de Campos dos Goytacazes – sempre recebeu investimentos dos poderes público e privado de forma desigual quando comparado a margem sul do rio, o que consolidou um fenômeno de segregação socioespacial na cidade. No entanto, nota-se também ao longo da extensão de Guarus uma grande heterogeneidade quanto aos investimentos recebidos e quanto às diferentes classes sociais que abarca, o que reflete-se em sua paisagem.

Neste contexto, salienta-se que atualmente Guarus vem recebendo novos empreendimentos, tais como seu primeiro *Shopping Center*, um Superatacado de uma rede capixaba, um Residencial lançado pela Construtora MRV e outro pela Realiza Construtora, o que pode indicar o início de uma nova fase para a margem norte do Rio Paraíba do Sul, embora todos os empreendimentos citados estejam, de certa forma, concentrados em uma área específica. Segundo reportagem publicada pelo Jornal Terceira Via em abril de 2019 Guarus, representada especificamente pela Avenida Senador José Carlos Pereira Pinto, estaria despontando no eixo comercial de Campos dos Goytacazes (ALVES, 2019). Referindo-se a chegada do Shopping e do Superatacado, o economista Alexandre Delvaux destaca na notícia que

[...] a tendência é que haja uma mudança de públicos nestes locais. ‘Estes empreendimentos atraem um público freqüente, inclusive pessoas de municípios vizinhos e que moram em áreas mais distantes. É possível que indiretamente, em função destes novos negócios, a região passe por uma transformação. [...] (ALVES, 2019)

Tal fenômeno, é compatível com os movimentos de valorização destacados por Serpa (2018), comandados por estratégias do mercado imobiliário e/ou do poder público e com potencial para requalificar o espaço urbano, o que parece estar acontecendo nesta área de

Guarus. Nestes caso a tendência, segundo Serpa (2018), é que ocorram mudanças aceleradas no perfil social do bairro, mas isto só poderá ser constatado com o tempo.

Ainda no que diz respeito à investimentos, nota-se também a realização de poucos voltados para o turismo no município, embora haja elementos naturais e construídos com grande potencial para tal, com destaque para a Lagoa de Cima, a Serra do Itaóca e os exemplares de patrimônio histórico e cultural presentes em Campos dos Goytacazes.

Por todos os aspectos mencionados, percebe-se que o município de Campos dos Goytacazes apresenta um panorama permeado por complexidades e potencialidades resultantes do seu extenso e rico território, mas também das muitas transformações e impactos vivenciados ao longo de sua história. A breve perspectiva aqui delineada, permite antever que tais fenômenos deixaram suas marcas também na paisagem urbana, bem como na configuração do sistema de espaços livres de Campos, conforme será apresentado nos itens seguintes.

### **3.1 As praças públicas na paisagem urbana de Campos dos Goytacazes**

Enquanto componentes da paisagem urbana, as praças, ao longo de sua existência, passam por transformações físicas e simbólicas que acompanham e refletem cada momento da evolução histórica de uma cidade e sua sociedade. Embora tais mudanças denotem uma intrínseca relação entre as pessoas e seu entorno, isso não significa que todos os indivíduos sejam representados e beneficiados de maneira igualitária. Ao contrário disso, conforme destacado no capítulo 2, o sistema capitalista por vezes manifesta-se de forma perversa, excludente e desigual promovendo, dentre outras sequelas, acesso diferenciado ao urbano e a vida em sociedade.

De acordo com o que foi apresentado na introdução do presente capítulo, a cidade de Campos dos Goytacazes passou, nas últimas décadas por grandes transformações econômicas, as quais repercutiram na sociedade e na sua paisagem urbana. Desse modo, buscou-se analisar brevemente a forma como as praças públicas inserem-se na paisagem urbana de Campos, considerando suas características morfológicas principais e, tendo em vista a forma como todos os fenômenos por ela vivenciados interferiram e/ou tem interferido na produção da cidade.

O mapa abaixo, indica a localização das primeiras praças implantadas em Campos dos Goytacazes. Conforme é possível notar, a maior parte delas concentra-se no atual centro histórico da cidade, onde teve início a formação do núcleo urbano (SANT'ANNA, 2017).

Destaca-se que, das onze praças apontadas, apenas uma – a Santo Antônio – localiza-se em Guarus e, ainda assim, em um bairro cuja localização também é extremamente próxima do centro histórico. Tal desprivilegio se estende aos dias atuais, quando a margem norte do Rio Paraíba do Sul permanece possuindo um número significativamente mais reduzido desta tipologia de espaços livres públicos do que a margem sul. Além disso, deste total, apenas duas praças não fazem mais parte da paisagem da cidade, sendo elas a Azeredo Coutinho e a Santo Antônio (do Turf).

Neste sentido, vale ressaltar que a então Praça Azeredo Coutinho constitui-se atualmente como a Praça do Mercado. A Praça Santo Antônio, por sua vez, localizava-se entre as Ruas Manoel Landim e Benedito Queiroz, sendo hoje inexistente. Cabe destacar também que a Praça das verduras, apesar de não ter deixado de existir, sofreu modificações que fizeram com que deixasse de ser uma praça comercial e se tornasse um espaço de sociabilidade, passando a ser chamada Prudente de Moraes (SANT’ANNA, 2017).

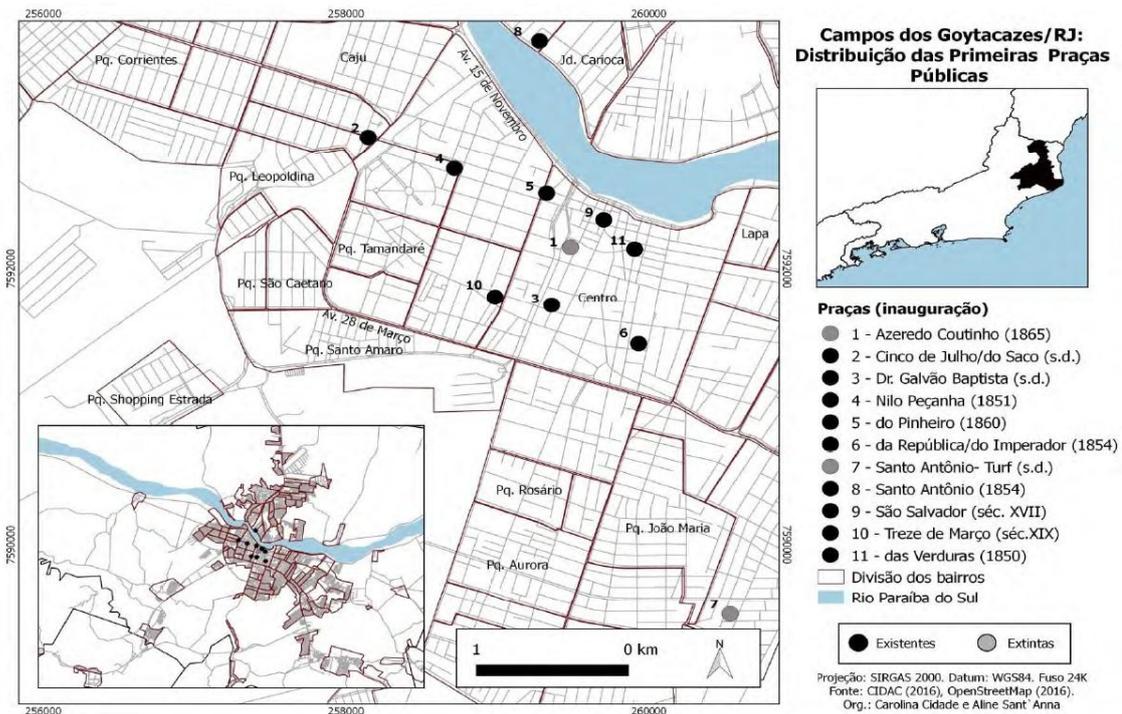


Figura 3: Mapa indicando a localização das primeiras praças públicas de Campos dos Goytacazes/RJ  
 Fonte: CIDAC (2015). Orgs.: Carolina Cidade e Aline Sant’Anna

Atualmente, apesar do maior número de praças e da sua distribuição de forma mais heterogênea nos bairros da cidade, a área central continua privilegiada em termos de quantidade e infraestrutura. No quadro abaixo, no qual é apresentado o levantamento das praças existentes

atualmente em Campos dos Goytacazes, é possível observar que das oitenta e quatro identificadas, quinze localizam-se no centro da cidade, sendo este um número bastante significativo, levando-se em consideração que a maioria dos bairros possuem apenas uma praça. Analisando tal panorama em conjunto com as informações ilustradas pelas Figuras 3 e 4, pode-se admitir que a medida que o perímetro urbano foi se expandindo e, junto a ele a população, as praças foram sendo construídas de forma mais pulverizada ao longo do tecido da cidade, na tentativa de contemplar a crescente demanda por espaços livres públicos de lazer.

No entanto, percebe-se de maneira clara que tal pulverização ocorre de forma heterogênea, porém, ainda desigual, ao passo que destas oitenta e quatro praças apenas vinte e cinco estão localizadas na margem norte do rio Paraíba do Sul.

<b>MARGEM SUL DO RIO PARAÍBA DO SUL</b>	
<b>BAIRRO</b>	<b>PRAÇAS</b>
<b>CENTRO</b>	Praça Nilo Peçanha (Jardim São Benedito)
	Praça da Igreja São Benedito
	Praça da República
	Praça São Salvador
	Praça Tiradentes
	Praça Almirante Porto (Praça Alzira Vargas)
	Praça Cel. Paula Barroso
	Praça Duque de Caxias
	Praça das Quatro Jornadas
	Praça do Chá Chá Chá (Prudente de Moraes)
	Praça da Bandeira
	Praça das Taças (Parque Alberto Sampaio)
	Praça 1º de Maio
	Praça da Independência (Maçon)
	Praça Galvão Batista (Praça do Canhão)
<b>PARQUE PECUÁRIA</b>	Praça Santa Terezinha
	Praça da Bananeira
	Praça Júlio Machado
<b>PARQUE TAMANDARÉ</b>	Praça Ary Barroso
	Praça Almirante Tamandaré
	Praça do Sossego
<b>JARDIM MARIA QUEIROZ</b>	Praça Jacyr da Silva Barreto (Praça da Bíblia)
	Praça Barão do Rio Branco (Praça do Liceu)
	Praça atrás do Senai
<b>JOCKEY</b>	Praça Santa Helena
	Praça Ana Salles (Praça do Jockey)
<b>PARQUE LEOPOLDINA</b>	Praça Ribeiro do Rosário (Praça da Igreja do Saco)
	Praça Artêmio Siqueira (Praça Antônio Siqueira)
<b>PARQUE CALIFÓRNIA</b>	Praça Teotônio Dias
	Praça Francisco Cabral Martins (Praça Domingos Viana)

<b>MARGEM SUL DO RIO PARAÍBA DO SUL (CONTINUAÇÃO)</b>	
<b>BAIRRO</b>	<b>PRAÇAS</b>
JARDIM FLAMBOYANT I	Praça dos Trovadores
	Praça Poeta Antônio Roberto Fernandes
PARQUE CAJU	Praça Dr. Luiz Gualda Junior (Praça da Árvore)
	Praça Catulo da Paixão Cearense
PARQUE SANTO AMARO	Praça Elias Vieira de Vasconcelos (Praça do General)
	Praça Alexandre Fleming
PARQUE CORRIENTES	Praça dos Ciganos
	Praça São Fidélis
TURF	Praça Antônio Viana de Souza (Praça da Record)
	Praça Domingos Viana
PARQUE TARCÍSIO MIRANDA	Praça Otacílio da Silva Lisboa
PARQUE NOVA BRASÍLIA	Praça Salim Nagem (Praça João XXIII)
PARQUE ROSÁRIO	Praça Ari Barroso
DONANA	Praça de Donana
RESIDENCIAL SANTO ANTÔNIO	Praça do Residencial Santo Antônio
LAPA	Praça da Lapa
IPS	Praça do IPS
PARQUE ESPLANADA	Praça do Parque Esplanada
PENHA	Praça Manoel Soares da Silva (Praça do BNH)
COMUNIDADE TIRA GOSTO	Praça da Comunidade Tira Gosto
PARQUE IMPERIAL	Praça Amaro dos Santos Silva
PARQUE OLIVEIRA BOTELHA	Praça Zózimo Rabello
COMUNIDADE TAMARINDO	Praça do Conjunto Tamarindo
HORTO	Praça Jofre Maia
PARQUE JOÃO MARIA	Praça São João Batista (Praça do capão)
PARQUE AURORA	Praça Nelson de Souza Maciel (Praça Parque Aurora)
PARQUE SÃO SALVADOR	Praça Esperanto
PARQUE CONSELHEIRO TOMAZ COELHO	Praça Dr. Romeu Casarsa
PARQUE DO PRADO	Praça da Penha
<b>TOTAL DE PRAÇAS NA MARGEM SUL DO RIO PARAÍBA DO SUL</b>	<b>59</b>
<b>MARGEM NORTE DO RIO PARAÍBA DO SUL</b>	
<b>BAIRRO</b>	<b>PRAÇAS</b>
PARQUE LEBRET	Praça Vila Nova (Santo Eduardo)
	Praça do CQV
	Praça Nossa Senhora Aparecida
	Praça Ovídio Ferreira (Praça do Lebret)

<b>MARGEM NORTE DO RIO PARAÍBA DO SUL (CONTINUAÇÃO)</b>	
<b>BAIRRO</b>	<b>PRAÇAS</b>
JARDIM CARIOCA	Praça de São Cristóvão
	Praça Santo Antônio
PARQUE PRAZERES	Praça do Parque Prazeres
	Praça Morar Feliz
CUSTODÓPOLIS	Praça José Dias Nogueira (Praça de Custodópolis)
	Praça Meninos do Amanhã
CODIN	Praça da Codin
	Praça Santa Edwirges Codin II
PARQUE ALDEIA	Praça do Parque Aldeia
PARQUE ALVORADA	Praça Francisco das Chagas (Praça do Parque Alvorada)
NOVO ELDORADO	Praça do Novo Eldorado
PARQUE SANTOS DUMONT	Praça do Conjunto Habitacional do Km 7
JARDIM AEROPORTO	Praça do Jardim Aeroporto
PARQUE SÃO JOSÉ	Praça Giséli Mota Vasconcelos (Praça do Parque São José)
PARQUE GUARUS	Praça do Parque Guarus
SANTA ROSA	Praça Deocleciano Cacheiro Duque (Praça das Vans)
PARQUE NOVO MUNDO	Praça Frederico Paes Barbosa
PARQUE NOGUEIRA	Praça do Amarelinho
PARQUE PRESIDENTE VARGAS	Praça Presidente Vargas
TAPERA II	Nome não identificado.
PARQUE SÃO JOSÉ	Praça do Cacique
<b>TOTAL DE PRAÇAS NA MARGEM SUL DO RIO PARAÍBA DO SUL</b>	<b>25</b>
<b>TOTAL DE PRAÇAS NA CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES</b>	<b>84</b>

**LEGENDA:**

- Bairros com mais de três praças
- Bairros com três praças
- Bairros com duas praças
- Bairros com uma praça

Quadro 1: Levantamento das praças existentes atualmente na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ  
 Fonte: Centro de Informações e Dados de Campos (CIDAC, 2015) e Pesquisa de Campo.  
 Org.: ANA PAULA LETTIERI (2019)



importância que representam para a cidade. Outro aspecto sobre o qual é válido refletir é o fato de que a existência de praças em todos os bairros e a falta de atratividade para uso das que estão em bairros distintos do que se reside pode influenciar na menor interação entre usuários provenientes de contextos diversos, empobrecendo as trocas e gerando uma situação na qual cada grupo se isola em sua ilha. Sob este ponto de vista, torna-se imprescindível garantir a boa acessibilidade e conectividade da malha urbana e evitar a homogeneização dos espaços livre públicos, de modo que estes se tornem atrativos e complementares, compondo de fato um sistema.

Conforme é possível observar na Figura 5, as maiores densidades demográficas estão localizadas em áreas periféricas da cidade e, quando sobrepõe-se tais informações com as da Figura 4, a qual destaca a localização das praças, é possível perceber nitidamente o grande quantitativo populacional que não é contemplado com tal tipologia de espaços livres públicos próximos de sua residência ou, ainda, a desproporção entre estes e o volume de pessoas a ser atendido em função da inexistência de quantidade adequada de praças, o que denota a necessidade de um planejamento mais eficiente, que leve em conta tais especificidades.

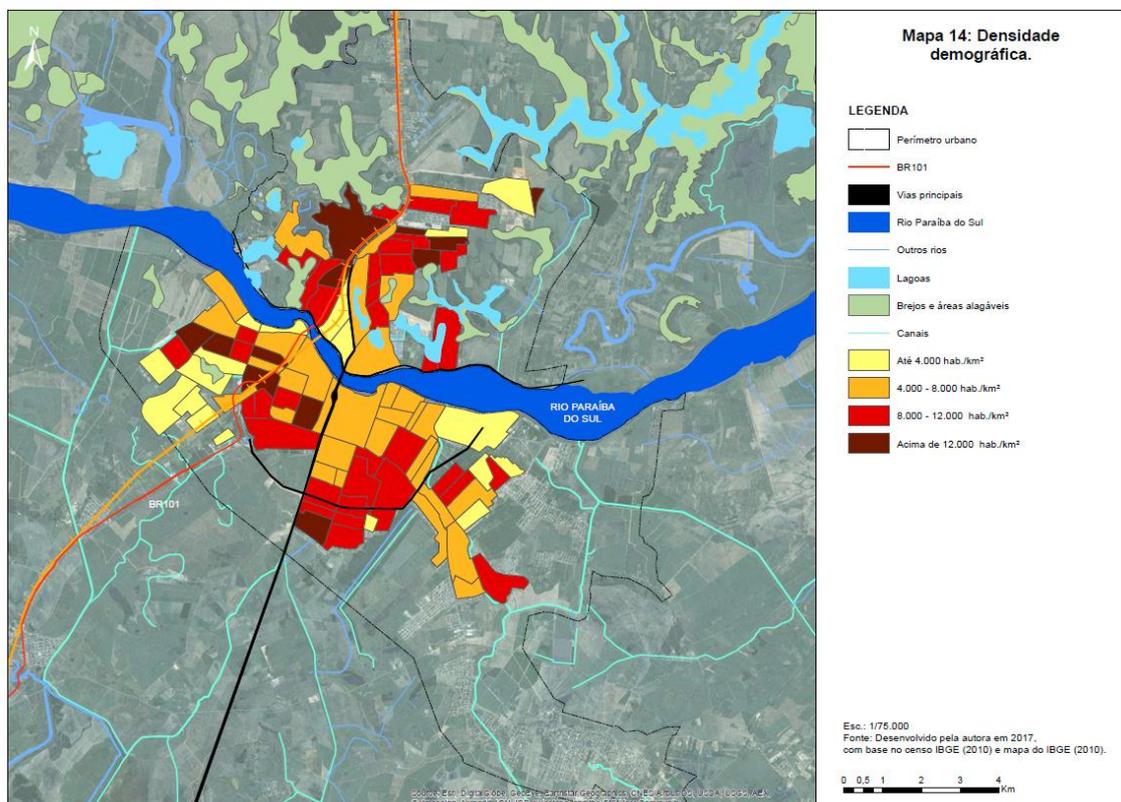


Figura 5: Mapa indicativo da densidade demográfica por bairro em Campos dos Goytacazes/RJ.  
 Fonte: ALIPRANDI (2017)

Diante disso, ressalta-se que o espraiamento do tecido urbano, o qual vem se intensificando nas últimas décadas em Campos, tem originado novas áreas, as quais possuem um perfil preponderantemente residencial. Desde a Era do Petróleo, mas especialmente nos últimos anos, com as expectativas e postos de trabalho gerados em função da construção do Porto do Açú, houve um aumento de demanda, e um aumento ainda maior das perspectivas de crescimento de demanda, as quais fizeram surgir novos loteamentos e condomínios residenciais em áreas periféricas da cidade, cuja distância em relação a malha urbana consolidada possibilita um menor valor do solo e, conseqüentemente, maiores lucros e reprodução do capital por parte do mercado imobiliário. De acordo com Bortolo, Batista e Ribeiro (2018), o problema se agrava tendo em vista que:

Além da expansão periférica, destaca-se que as mudanças ocorridas na área central e pericentrais atreladas ao interesse do mercado imobiliário favoreceram a migração da população com maior renda para áreas também periféricas, dotadas de infraestrutura, acesso a áreas de lazer, consumo e trabalho, ou seja, com amenidades que possibilitam a manutenção da qualidade de vida. A produção da cidade sob o domínio do capital produz espaços desiguais, nos quais cada indivíduo tem o acesso mediado por sua capacidade de pagar. Subjuga-se a renda as necessidades de reprodução da vida como moradia e lazer (BORTOLO, BATISTA e RIBEIRO, 2018).

Em virtude do exposto, percebe-se que concentrações populacionais consideráveis se veem deficientes de espaços livres públicos, especialmente praças, tendo em vista que, na maioria das vezes, o surgimento destes novos bairros e loteamentos não são acompanhadas por infraestrutura adequada, fazendo com que seus moradores tenham que se deslocar para outras áreas da cidade em busca, por exemplo, de espaços de lazer e serviços como escolas e hospitais. No caso de Campos, observa-se que em alguns bairros, como o Parque Tropical, até existem áreas destinadas a construção de praças, mas ainda sem a instalação da infraestrutura necessária para seu uso, o que pode indicar uma ineficiência no cumprimento do estabelecido pela legislação municipal.

Tendo em vista o papel dos espaços públicos enquanto instrumentos de valorização fundiária, tal cenário representa uma valorização diferenciada do solo urbano, a qual acaba por submeter o acesso à cidade ao mercado. Na figura 6, é possível constatar que as áreas com os maiores valores de solo são também as que possuem o maior número de praças e as que possuem melhor infraestrutura. Tais áreas, contemplam a grande parte do comércio e prestação de serviço da cidade, bem como edificações residenciais de alto padrão e boa infraestrutura urbana. Em contrapartida, a medida que caminha-se para os bairros mais periféricos da cidade, nos

quais estão também os menores valores do solo, as praças vão ficando mais escassas e em condições de uso menos adequadas. Tais áreas, por sua vez, caracterizam-se por um perfil preponderantemente residencial de baixo padrão manifestando-se, em menor quantidade, a presença de comércios e prestações de serviço.

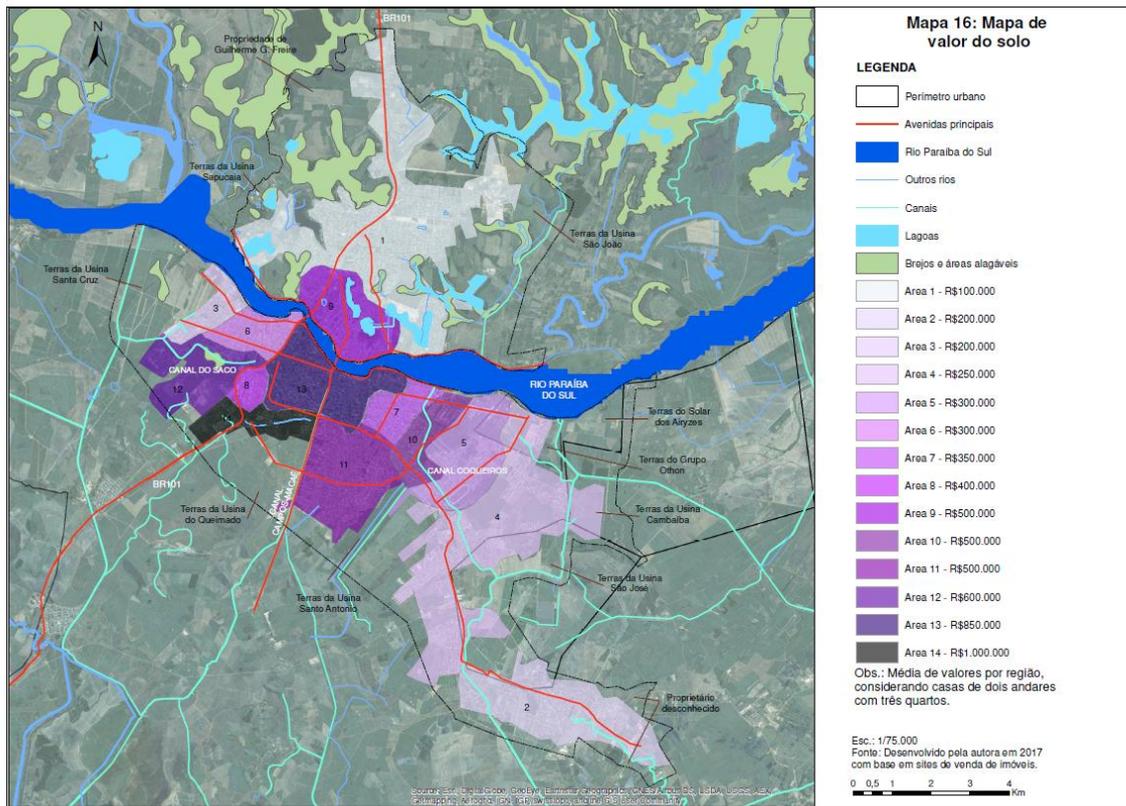


Figura 6: Mapa indicativo do valor do solo por bairro em Campos dos Goytacazes/RJ.  
 Fonte: ALIPRANDI (2017)

A figura 7, por sua vez, a qual apresenta a renda média por domicílio em Campos dos Goytacazes, demonstra que as menores rendas por domicílio também se encontram nas áreas periféricas da cidade, reforçando a percepção de que a população mais pobre é pior atendida em relação a disponibilidade de espaços livres públicos de permanência. Tal observação traduz a face cruel do capitalismo que, ao transformar o espaço em mercadoria, mantém uma parcela da população à margem do desenvolvimento e sujeita aos interesses do mercado, excluindo-a da vida social urbana e gerando segregação socioespacial.

Como é possível constatar, certas áreas da cidade acabam por não receber investimentos de forma adequada, acentuando seu processo de desvalorização e cerceando os indivíduos de locais de lazer, serviços básicos e infraestrutura urbana apropriada.

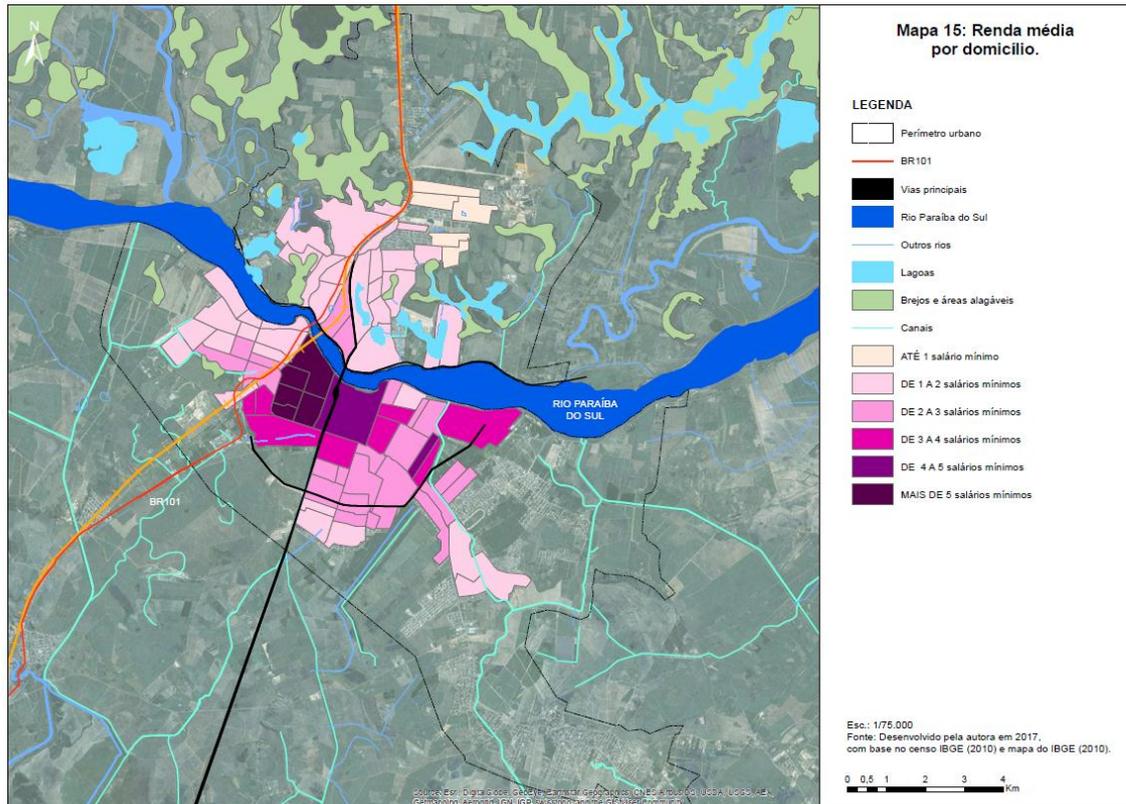


Figura 7: Mapa indicativo da renda média por domicílio por bairro em Campos dos Goytacazes/RJ.  
 Fonte: ALIPRANDI (2017)

Percebe-se assim, que a paisagem urbana é claramente segregada e vinculada à transformação, por parte do sistema capitalista, dos cidadãos em consumidores. Conforme destacado por Bortolo, Batista e Ribeiro (2018):

Deste modo, as praças são apropriadas pelo mercado imobiliário como mecanismo para a valorização do solo urbano, ratificando a segregação socioespacial. Assim, áreas ocupadas pela população com alta renda tendem a ter melhores praças e áreas livres para o lazer, o que nem sempre é observável em áreas com moradores com menor renda, tendo em vista que, muitas vezes os espaços que seriam destinados às praças e áreas verdes, no projeto do loteamento, não são mantidos no processo de ocupação e comercialização do mesmo. (BORTOLO, BATISTA e RIBEIRO, 2018.

O trecho acima apresentado refere-se a cidade de Montes Claros, em Minas Gerais, mas o mesmo observa-se no tocante às praças públicas de Campos dos Goytacazes e de muitas outras cidades, as quais estão inseridas em uma lógica de produção e reprodução do espaço que gera processos de valorização do solo, acesso diferenciado aos espaços públicos, exclusão socioespacial, dentre outros.

Outro aspecto observado em relação às praças na paisagem urbana de Campos é a existência de uma certa homogeneização dos espaços, principalmente nas praças localizadas nos bairros de classe média baixa e parte significativa das situadas nos bairros de classe média. A impressão que se tem, é a de que o poder público tem adotado quase que uma fórmula na hora de construir ou reformar as praças, o que contribui para tornar o processo mais rápido, como uma produção em série. Além disso, pode-se supor que desta forma acredita-se que a população se sentiria contemplada de uma forma mais igualitária, ao perceber que a praça do seu bairro possui os mesmos equipamentos que a de outros. O fato é que tal prática acaba trazendo certo prejuízo à diversidade da paisagem no que tange às praças, o que pode vir a interferir, inclusive, no interesse gerado ou não por parte da população.

O programa de necessidades bastante semelhante adotado em um grande número de praças aparenta a não realização de um estudo prévio das reais necessidades da população de cada bairro, o que reforça o questionamento do direito à cidade feito por Henri Lefebvre (2008), e destacado no capítulo dois deste trabalho. Também não parece haver um estudo adequado dos condicionantes ambientais e um projeto apropriado, sendo comum observar praças com o visual muito “entulhado”, não sendo, muitas vezes, atrativas. Nesses locais mencionados, a maioria das praças não apresenta dimensões muito vantajadas, não sendo capazes de suportar de forma confortável todos os equipamentos propostos, o que demonstra uma incompatibilidade entre o projeto e as características físicas apresentadas pelo espaço.

Outra observação feita em relação às praças dos bairros de classe média baixa e parte das situadas nos bairros de classe média é a inexistência de um trabalho de composição vegetal muito elaborado, muito pelo contrário, em geral são bastante simples notando-se, algumas vezes, a existência de amplos canteiros ocupados apenas com grama, o que acaba sendo pouco atrativo, principalmente à atividade de contemplação. Admite-se que, talvez por este tipo de jardim gerar uma necessidade mais constante de manutenção, a prefeitura opte por não executá-lo.

Outra particularidade percebida são alguns casos nos quais as praças encontram-se associadas a escolas municipais. Nestes casos, é comum detectar a presença de quadras, de modo que a praça funciona como uma extensão da escola no que diz respeito à realização das atividades esportivas.

Em geral, segundo informações disponíveis no site Google acessadas no dia 21 de Janeiro de 2019, são praças classificadas pela população com uma nota mediana a boa, havendo comentários reclamando da falta de manutenção e conservação na maioria delas.

Ainda nos bairros de classe média, também identificam-se algumas praças com maiores dimensões, algumas com um trabalho paisagístico mais elaborado e com aparência mais convidativa, o que parece demonstrar que a medida que as praças possuem mais visibilidade, também recebem uma atenção maior com alguns detalhes.

Já nos bairros de classe alta, nota-se a existência de um número menor de praças, contudo, há que se considerar que estes também ocupam menor extensão na cidade. No que concerne o seu tamanho, parte delas pode ser considerada grande e outra parte possui dimensões mais reduzidas.

Na área central da cidade, a qual também pode ser considerada como de classe média alta, está a maioria das praças mais antigas da cidade as quais, em geral se diferenciam das demais no que tange à sua estética e, por vezes, também ao seu programa de necessidades. Quanto às suas dimensões, parte delas é bastante espaçosa e outra parte não. Destaca-se que, comumente, as praças localizadas nessa região da cidade são espaços de heterogeneidade e multiplicidade de funções.

Desse modo, a espacialização das informações aqui apresentadas, permite afirmar que as praças com melhores condições e possibilidades de uso, em geral, estão localizadas nas áreas de maior valor de solo, maior renda por domicílio e média densidade demográfica, demonstrando a apropriação do mercado imobiliário destes espaços.

Conforme mencionado anteriormente, as praças de Campos dos Goytacazes encontram-se distribuídas de modo heterogêneo pela malha urbana, porém, em áreas cuja população possui menor renda, nota-se a existência de certas características que demonstram um certo desprivilegio em relação a outras áreas da cidade. Ressalta-se ainda, como já informado, a existência de bairros onde praças não são encontradas, e a existência de regiões bastante populosas com um quantitativo de praças insuficiente para atender a todos.

Destaca-se ainda que, tendo em vista que uma das funções das praças na morfologia urbana é o embelezamento da paisagem, o mercado imobiliário acaba, muitas vezes, tirando partido desta característica para vender maior qualidade de vida à população mais rica. Tal aspecto fica claro ao analisar e notar diferenças entre as praças localizadas em bairros de classe média baixa, média e média alta. Diante desse contexto, ratifica-se que:

Os espaços públicos bem como o espaço urbano, na contemporaneidade são construídos sob a lógica do capital e das relações sociais e de produção; apresentando assim, as características do contexto e da sociedade em que estão inseridos. As praças

são historicamente, o lócus do convívio social, dos encontros cotidianos. Na cidade-mercadoria, os espaços públicos são, também, apropriados pelo mercado imobiliário como mecanismo de valorização fundiária; deste modo, o espaço da vivência social torna-se o elemento de diferenciação e segregação socioespacial. (BORTOLO, BATISTA e RIBEIRO, 2018).

Fica clara, assim, a existência de um “jogo de interesses” entre o capital, o Estado e os indivíduos, o qual enfatiza o caráter segregador e desigual da cidade contemporânea.

### **3.2 As praças públicas e o planejamento urbano municipal**

Conforme destacado no capítulo 2 deste trabalho, o planejamento urbano possui relevante papel no que concerne aos espaços públicos urbanos, sua produção, conservação, uso, dentre outros aspectos. Tomando-se como pressuposto as novas questões urbanas, que envolvem a competitividade, o planejamento estratégico e o marketing urbano, nota-se que, muitas vezes, os investimentos nesta tipologia de espaços não se dá de forma homogênea ou igualitária, privilegiando determinadas áreas (e grupos sociais) em detrimento de outras.

Neste sentido, com o intuito de compreender de que modo todos estes fatores têm sido abordados no planejamento urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, e se ele tem considerado tais aspectos, foi realizado um levantamento da legislação urbana municipal vigente, visando identificar e analisar os pontos que se referem às praças. Dentre as leis averiguadas estão o Plano Diretor de 2008, o qual está passando por revisão, e as leis de Uso e Ocupação do Solo Urbano (Lei Nº 7.974, de 10 de dezembro de 2007) e de Parcelamento do Solo (Lei nº 7.975, de 12 de dezembro de 2007), as quais são complementares ao Plano Diretor de 2008 no que tange à regulação dos espaços públicos urbanos da cidade.

Além disso, foi realizado um levantamento das notícias veiculadas pelo site da prefeitura entre os anos de 2010 e 2019 que abordavam as referidas questões. Tal recorte foi adotado com o objetivo de averiguar como estes espaços livres públicos foram tratados pelo governo vigente entre os anos de 2008 e 2016, do qual esteve à frente a então prefeita Rosinha Garotinho, e pelo governo atual, o qual foi assumido pelo prefeito Rafael Diniz no ano de 2017. Vale destacar, que embora o mandato de Rosinha Garotinho tenha se iniciado em 2008, o registro de notícias disponível no site vai apenas até o ano de 2010, o que determinou o limite desta pesquisa. Ressalta-se ainda que devido ao recorte locacional adotado neste trabalho, serão abordadas

apenas as praças localizadas na cidade de Campos dos Goytacazes, excluindo-se distritos e localidades.

### 3.2.1 Legislação urbana municipal

A história de Campos dos Goytacazes foi marcada por uma série de planos urbanísticos realizados em diferentes contextos e com objetivos diversos. Dentre propostas de melhoramentos sanitários, tentativas de ordenamento do processo de expansão urbana, esforços de promoção do desenvolvimento físico e territorial urbano do município, muitas foram as mudanças sofridas pela cidade. Segundo Sant'Anna (2017):

No século XX, as leis gerais que trataram a respeito da organização do espaço urbano em Campos dos Goytacazes foram: o Plano de Saturnino de Brito de 1902, o Plano Urbanístico de 1944, o Plano de Desenvolvimento Urbanístico e Territorial de Campos de 1979, a Lei Orgânica Municipal de 1990 (e sua posterior atualização em 2014), o Plano Diretor Municipal de 1991 e, no século XXI, o Plano Diretor de 2008, que está em vigência. (SANT'ANNA, 2017)

Contudo, conforme afirma Faria (2005), embora todos estes planos urbanísticos tenham sido elaborados, sua implementação não ocorreu de maneira integral. Além disso, destacou-se a ausência de intervenções concretas nas áreas periféricas, voltadas para as necessidades das camadas populares, impedindo que se eliminassem as contradições do espaço urbano e a oposição centro x periferia, os quais manifestam-se como grandes problemas para o município. (FARIA, 2005)

No que diz respeito aos espaços livres públicos, atualmente, o ainda vigente Plano Diretor de 2008 do município de Campos dos Goytacazes trata das praças basicamente em três momentos: no Capítulo II, que versa sobre a cidadania e inclusão social; no Capítulo V, o qual aborda o desenvolvimento urbano e qualidade ambiental; e no Capítulo II do Título V, que dispõe sobre os instrumentos de intervenção urbana (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2007).

No que diz respeito ao Capítulo II, no inciso IV do Artigo 39 (Seção IV), tem-se que “Elaborar e implantar projetos para requalificação de praças e espaços públicos para promoção de atividades esportivas e de lazer, melhorando sua acessibilidade” (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2007) deveria estar entre as ações e medidas prioritárias de planejamento para o esporte e lazer do município. No inciso II do Artigo 40 (Seção IV), por sua vez, consta que

“Promover atividades esportivas nos espaços públicos, parques e praças, de cada bairro ou distrito” (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2007) deveria ser uma das ações e medidas prioritárias de gerenciamento para o esporte e lazer do município. Desse modo, prevê a necessidade de requalificação dos espaços públicos e sugere estes como aliados na valorização e promoção da cultura e dos esportes destacando, para tanto, a importância de melhorar a acessibilidade a estes espaços.

Já no que tange ao Capítulo V, o inciso I do Artigo 89 (Seção II) estabelece que “Revitalizar espaços culturais – como o Centro Histórico, o Horto, os casarões e usinas, parques, jardins e praças – potencializando seus usos, para o desenvolvimento de projetos culturais e áreas de lazer” (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2007) deve ser considerado como ação e medida de gerenciamento a ser adotada para valorização do patrimônio natural e cultural.

Ainda no referido capítulo, o inciso II do Artigo 91 (Seção III) dispõe a respeito das estratégias de qualificação dos espaços públicos e privados e de melhoria dos serviços urbanos prestados à população que adote-se enquanto diretriz:

A implementação de equipamentos turísticos, culturais e de lazer, em parques, praças e áreas verdes, associada à melhoria de facilidades urbanas e ao estímulo à instalação de atividades que conciliem a utilização pública e a preservação ambiental, segundo os princípios de sustentabilidade. (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2007)

Por fim, no Capítulo II do Título V, o inciso II do Artigo 223 (Seção I – Subseção II) estabelece que os “Equipamentos públicos dotados de áreas verdes, como parques, praças, bosques e hortos existentes ou a serem criados” (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2007) estão inclusos entre as áreas de especial interesse de recuperação e valorização paisagística.

Diante disso, o Plano Diretor destaca as praças como uma das tipologias de espaços públicos importantes para a promoção de atividades culturais, esportivas e turísticas, valorizando também o patrimônio cultural e natural. Além disso, o Plano aponta a necessidade de “Inventariar e selecionar espaços públicos ociosos para promoção de atividades culturais permanentes” ((CAMPOS DOS GOYTACAZES, Capítulo II, Seção II, Artigo 31, Inciso II, 2007).

A Lei de Uso e Ocupação do Solo Urbano de Campos dos Goytacazes (Lei Nº 7.974, de 10 de dezembro de 2007), a qual complementa o Plano Diretor de 2008, não apresenta diretrizes que tratem das praças e demais espaços públicos do município, mencionando o termo “praça” apenas para vedar a instalação estações e torres de radiocomunicação dos serviços de

telecomunicações nesses espaços. Para além disso, tendo em vista que a lei considera que Equipamentos comunitários “são os equipamentos públicos de educação, cultura, segurança, assistência social, saúde, esporte, recreação e lazer, administração e similares”, o artigo 107 afirma que quando um imóvel urbano, privado ou público for considerado necessário para fins de implantação de equipamentos urbanos e comunitários, seu proprietário poderá exercer em outro local, ou alienar, mediante escritura pública, o direito de construir. Este aspecto demonstra que certa relevância foi conferida aos espaços públicos para desempenhar suas funções, alterando a configuração espacial urbana. (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2007)

A Lei de Parcelamento do Solo do município de Campos dos Goytacazes (Lei nº 7.975, de 12 de dezembro de 2007), por sua vez, trata das praças basicamente em dois momentos: no capítulo I, que versa sobre os requisitos urbanísticos e ambientais; e no capítulo II, o qual trata do processo administrativo. (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2007)

No capítulo I, o inciso III do artigo 22 (Seção II – Subseção II) dispõe que as áreas públicas destinam-se à implantação de redes de infraestrutura, de equipamentos urbanos e comunitários e áreas verdes, dentre as quais estão discriminadas as praças. (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2007)

Já no capítulo II, o inciso VII do artigo 131 (Seção V – Subseção I) estabelece que para que um projeto de parcelamento seja aprovado nas modalidades de loteamento e desmembramento é necessário que seja aprovado um cronograma para implantação e implementação das obras e serviços contendo, no mínimo:

O número total de lotes e quadras, área total da gleba, áreas destinadas para implantação de equipamentos urbanos e comunitários, áreas destinadas a áreas verdes e praças, área útil do loteamento, área destinada ao arruamento, outras áreas com restrições, se existirem, e respectivos percentuais. (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2007)

No referido capítulo, o inciso II do artigo dispõe ainda que o projeto de loteamento e de condomínio urbanístico deve vir acompanhado de projeto de arborização de ruas, praças e áreas verdes projetadas, sendo um dos critérios a serem adotados o de que “As praças deverão ter, pelo menos, metade de sua área total arborizada” (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2007). Desse modo, nota-se na legislação a preocupação das praças públicas se tornarem espaços para a implantação de áreas verdes.

Além do exposto, a Lei de Parcelamento e Uso de Solo de Campos dos Goytacazes também define, em seu artigo 27, que a soma total das áreas destinadas ao uso público nos loteamentos não pode ser inferior a 35% da área total da gleba e, ainda no mesmo artigo, o parágrafo único destina 15% das áreas ao uso público, excluindo o sistema viário e as faixas de domínio. No artigo 37, por sua vez, fica definido que os espaços designados para as áreas verdes devem ser de pelo menos 6% da gleba. (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2007)

Assim, nota-se que a Lei nº 7.975, de 12 de dezembro de 2007 versa, basicamente, sobre a garantia de reserva de uma determinada porcentagem da área parcelada para áreas públicas destinadas, entre outros, à construção de praças. Ademais, demonstra certa atenção em relação a importância das áreas verdes, ao exigir a arborização de, pelo menos, metade da área das praças públicas.

Diante da análise realizada em relação a legislação municipal vigente no tocante às praças de Campos dos Goytacazes, observa-se ainda uma certa timidez ao tratar do tema, levando-se em consideração a importância de tais espaços livres públicos para o município e as poucas diretrizes traçadas sobre estes. Embora tenham sido destacadas medidas interessantes, há que se ponderar também que a precária fiscalização torna-se um obstáculo a sua correta implementação.

### 3.2.2 Ações protagonizadas pela prefeitura entre 2010 e 2018

Após a análise das informações levantadas em notícias do site da Prefeitura de Campos dos Goytacazes, percebeu-se a existência de algumas diferenças na forma como os governos Rosinha Garotinho (2008-2016) e Rafael Diniz (2017-atual) tratam das questões relacionadas às praças da cidade, não obstante que ambos as inseriram de alguma forma em suas pautas.

Contudo, antes de apresentar os dados levantados, é imprescindível ressaltar que, cada um dos governos acima destacados, se deram em contextos diferentes e, principalmente no que diz respeito às questões econômicas, o período no qual Rosinha Garotinho foi prefeita foi de maior abundância para o município, o que pode ter contribuído para que o panorama a seguir exposto tenha se delineado. O gráfico (Figura 8) abaixo reforça tal dicotomia entre os períodos governados por Rosinha Garotinho e Rafael Diniz ao apresentar os valores de *Royalties* +

Participações Especiais recebidos pelo município de Campos dos Goytacazes entre os anos de 2008 e 2019.

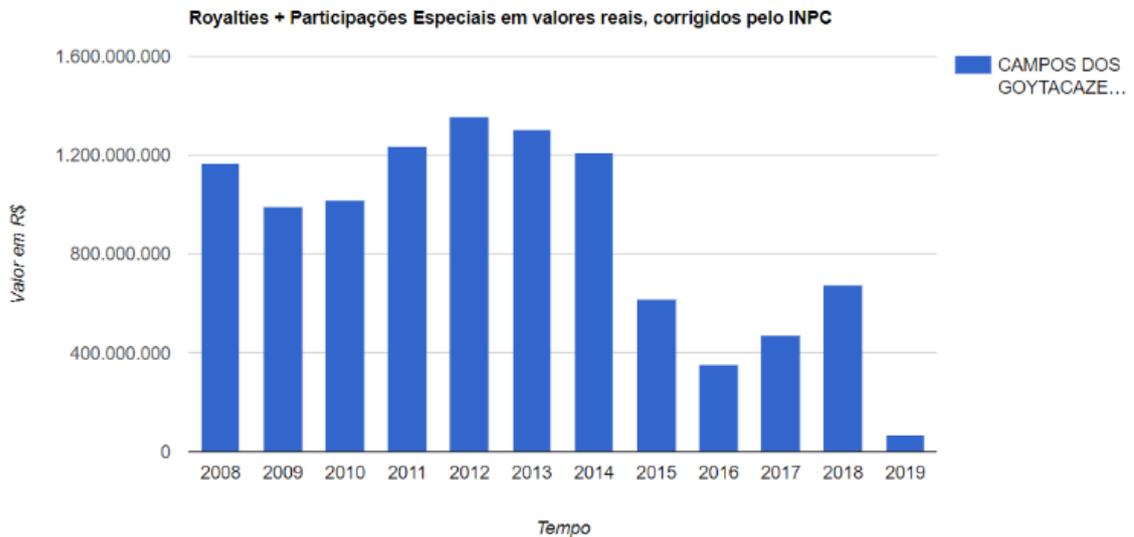


Figura 8: Gráfico com valores de *Royalties* + Participações Especiais recebidos por Campos dos Goytacazes/RJ entre 2008 e 2019.

Fonte: <<http://inforoyalties.ucam-campos.br/informativo.php>> Acesso em: 10 de Março de 2019.

Diante do exposto, no governo Rosinha Garotinho, constatou-se que um grande número de praças foi reformado ou construído pela própria prefeitura em diferentes bairros de Campos dos Goytacazes. De um modo geral, as obras contemplavam reforma ou implantação de quadras poliesportivas e instalação de coberturas nas mesmas; colocação de nova iluminação visando maior segurança e incentivo ao uso noturno dos espaços; reparo de playgrounds; realização de melhorias na pavimentação e mobiliário em geral; remodelação do paisagismo; inserção ou conserto de equipamentos para prática de exercícios físicos; adaptações no intuito de promover condições de acessibilidade; reforma de quiosques e banheiros públicos.

Segundo reportagem de 2010, publicada no site da Prefeitura de Campos dos Goytacazes, dez novas praças estavam, à época, sendo construídas no município e outras dez sendo reformadas, com o objetivo de ofertar espaços de lazer aos moradores. Neste contexto, foram mencionadas as praças da Comunidade Tira Gosto, do Parque Prazeres, do Parque Esplanada, de Custodópolis, Lebre I e II, praça ao lado da escola Maria Lucia, Parque Alberto Sampaio, Almirante Tamandaré, Luiz Gualda Júnior, IPS e Praça do Tamarindo. Ainda conforme noticiado, o então coordenador de infraestrutura destacava que a Secretaria de Obras e Urbanismo vinha realizando um levantamento de todas as praças do município para que fossem realizadas as reformas necessárias em cada uma delas. (FARIA, 2010)

Destaca-se que, dentre as doze praças e/ou bairros acima mencionados, quatro ficam localizadas na margem norte do Rio Paraíba do Sul (Guarus) e as outras oito na margem sul. Além disso, observa-se que a grande maioria delas está situada em bairros de classe média e média baixa de Campos dos Goytacazes. Conforme será visto adiante, esta é uma característica que se destaca nas obras do governo Rosinha Garotinho, embora haja considerável heterogeneidade em relação aos bairros cujas praças foram contempladas.

No ano de 2011, encontrou-se nas reportagens levantadas referências à Política de Recuperação do Patrimônio Público e ao Programa Brilha Campos. No que diz respeito à Política de Recuperação do Patrimônio Público, não foram encontradas informações complementares que possibilitassem uma melhor compreensão, tendo a mesma sido citada no contexto de relato de reforma por parte da prefeitura na Praça São Cristóvão, localizada no bairro Jardim Carioca. A reportagem mencionava esta como mais uma das reformas que fazia parte do programa, dando a entender que outras também já haviam sido feitas.

O Programa Brilha Campos, por sua vez, foi realizado pela Campos Luz<sup>6</sup> e, segundo relatado, visava a iluminação de praças que estavam sendo reformadas e construídas pela prefeitura, com o objetivo principal de melhorar a qualidade de vida da comunidade, proporcionando segurança, lazer e conforto aos moradores. Na data da reportagem, dezessete praças já haviam recebido nova iluminação, dentre as quais estavam as do Parque Lebrecht, do bairro Caju, da Penha, da comunidade Tamarindo, praça 1º de Maio, Praça Esperanto, entre outras. (THEDERICH, 2011)

Cabe ressaltar, que algumas praças citadas em notícias de 2010 só tiveram suas obras concluídas em 2011, como a Praça Ovídio Ferreira, no Parque Lebrecht; a Praça do Tamarindo, no Centro; a praça do Parque Prazeres, em Guarus e Praça da Tira Gosto. Também foram mencionadas obras na Praça da Penha e Praça do Saco (Dr. Ribeiro do Rosário), no parque Leopoldina; em Donana; no Parque Santo Antônio; Caju e da Praça Esperanto.

Já no ano de 2012, as notícias levantadas no site da Prefeitura de Campos dos Goytacazes versam sobre a reforma das praças José Dias Nogueira, no Parque Custodópolis; de Nova Brasília; e do IPS (ASSIS, 2012). Aparentemente, um número menor de praças teria sido reformado ou construído neste ano, contudo, observa-se ainda a existência de ações nesse sentido.

---

<sup>6</sup> Companhia municipal de iluminação pública de Campos dos Goytacazes.

O ano de 2013, por outro lado, demonstrou uma atividade bastante intensa da prefeitura em relação às obras de praças em Campos dos Goytacazes, dentre as quais foram mencionadas a Praça Prudente de Moraes (Chá Chá Chá), localizada no centro histórico da cidade; a Praça do Santa Rosa, localizada no Parque Santa Rosa; a Praça Otacílio Lisboa, no Parque Tarcísio Miranda; a Praça do Amarelinho, no Parque Nogueira, em Guarus; a praça do Horto; praça da Lapa; as Praças Planejada e do Cacique, ambas localizadas na Avenida Nazário Pereira Gomes; Praça Almirante Tamandaré, localizada na Avenida Pelinca, entre as ruas Marcílio Dias e Almirante Greenhalgh; A Praça Nilo Peçanha, do Jardim São Benedito; praça do Parque Santo Amaro.

Vale ressaltar que a reforma das praças Prudente de Moraes e do Amarelinho, estiveram envolvidas em contextos mais amplos dentro das ações do governo. A Praça Prudente de Moraes, fez parte do projeto da prefeitura de revitalização do centro histórico da cidade, o qual contemplou outras obras como, por exemplo, de infraestrutura. Já a reforma da praça do Amarelinho, fez parte do projeto de revitalização da Avenida José Carlos Pereira Pinto, que tornou-se um corredor de passagem para os distritos de Travessão, Conselheiro Josino e para o município de São Francisco de Itabapoana.

Além disso, no ano de 2013 a prefeitura também desenvolveu um amplo projeto de paisagismo que contemplou praças e canteiros espalhados pelo município. As praças já reformadas também passaram por constante manutenção seguindo um cronograma estabelecido pela secretaria. Entre as que foram contempladas, estão: Praça Nilo Peçanha (Jardim São Benedito), Praça do Flamboyant, Praça do Tamarindo, Praça do Almirante, entre outras.

De acordo com uma reportagem de 2013, do site da prefeitura, nos bairros e distritos, mais de 50 praças haviam sido construídas e/ou reformadas nos últimos quatro anos, entre elas, Praça João XXIII, no Parque Nova Brasília; Praça da Penha; Praça de Donana; Praça de São Benedito, em Goitacazes; Praça São Cristóvão, no Jardim Carioca; Praça da Tira-Gosto, no bairro da Lapa; Praça do Parque Aldeia; Praça Almirante Tamandaré, na Pelinca; Praça de Ururá; entre outras (FILHO, 2013).

Uma reportagem de Julho de 2013, afirma que a então prefeita Rosinha Garotinho havia criado a Comissão de Praças e Jardins, a qual englobaria nove secretarias (Guarda Civil Municipal; Companhia de Desenvolvimento do Município de Campos (Codemca); Guarda Civil Municipal; Secretarias de Governo e de Obras, Urbanismo e Infraestrutura; Superintendência de Iluminação Pública e Secretaria Municipal de Comunicação sendo que

cada uma, com seu trabalho específico, ficaria responsável por resolver a problemática das praças e jardins dentro de sua área. De acordo com o então subsecretário de Limpeza Pública, Praças e Jardins, Carlos Morales, em menos de dois meses os órgãos responsáveis já haviam conseguido resolver vários problemas, como o da Praça da República, onde toda a iluminação foi trocada; o das Praças do Parque Flamboyant I e II, onde os brinquedos quebrados foram trocados por novos, entre outras intervenções (MARIA, 2013).

A reportagem afirmava ainda que, apesar do grande número de praças existentes no município, a prioridade da Comissão seria cuidar daquelas consideradas como principais (por serem maiores), as quais totalizavam quarenta e uma praça e eram classificadas como A. Dentre elas estavam o Jardim São Benedito, a Praça São Salvador, a Praça de Nova Brasília, entre outras. As demais, classificadas como B, C, D e E, possuíam menor extensão, mas também teriam seus problemas resolvidos posteriormente (MARIA, 2013).

Segundo informações noticiadas no site da Prefeitura de Campos dos Goytacazes, em 2014, a então prefeita inaugurou a reforma da praça do Parque Alvorada, da nova praça do Parque Aldeia, praça dos Ciganos, no Parque Nova Brasília, Praça Santa Helena, localizada na Matinha, no parque Jôquei Clube. Todas elas foram relacionadas como parte da programação de aniversário de 179 anos da cidade. (ABREU, 2014)

Em 2015 foram inauguradas as praças Maria Geysa Messias Genásio, construída no Condomínio Recanto Solares Campistas, Morar Feliz <sup>7</sup>do Parque Esplanada (FILHO, 2015) e outra no Recanto dos Campeões, do Morar Feliz Tapera II. A construção da praça é fruto da realização do projeto Viver Feliz, que levou ações de cidadania para as famílias que foram contempladas com casas do Programa Morar Feliz, construídas com recursos da Prefeitura de Campos dos Goytacazes. (FILHO, 2015)

Em 2016, último ano do governo da então prefeita, Rosinha Garotinho, foram encontradas notícias com alusão a obras de três praças em Campos dos Goytacazes, todas as três localizadas em Guarus: a praça do Parque Rio Branco, a Praça Sérgio Luiz Paes da Silva (Lilico), ao lado da Igreja Nossa Senhora da Conceição, e a Praça do Povo.

Já em relação ao governo Rafael Diniz, uma reportagem de 2017 da Prefeitura de Campos dos Goytacazes relata o compromisso do prefeito de “[...]massificar o esporte em todo o município, como principal proposta de melhorar a qualidade de vida dos campistas”. Neste

---

<sup>7</sup> Programa habitacional financiado pela prefeitura municipal durante o governo da prefeita Rosinha Garotinho com o intuito de construir conjuntos habitacionais voltados para a população vulnerável residente em áreas consideradas de risco.

contexto, é mencionada a entrega à população da academia da Praça Santo Antônio, no Jardim Santo Antônio, por parte da Fundação Municipal de Esportes (FME), destacando que esta, com o apoio da iniciativa privada, estaria trabalhando também na reforma das academias da praça do Parque Imperial e Jardim São Benedito.

Além desta atividade realizada com apoio da iniciativa privada, também foi sancionado pelo prefeito em 2017 o Programa Adote uma Praça, previsto na Lei 8771/17. Tal programa prevê parceria entre o município, a iniciativa privada, sociedade civil e interessados em assumir o compromisso de realizar manutenção e conservação de logradouros públicos em todo o município, dentre os quais estão consideradas as praças (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2017). Com a finalidade de melhorar a urbanização da cidade, a Prefeitura de Campos dos Goytacazes regulamentou o programa “Adote uma Praça”, por meio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Ambiental (SMDA).

Segundo a Lei 8771/17, a adoção de um logradouro público poderá ser destinada para urbanização; implantação de áreas de esporte e lazer; conservação e manutenção da área adotada; realização de atividades culturais, esportivas ou de lazer; e medidas de proteção e segurança.

Em 2017, a praça 1º de Maio (inaugurada em 2010 pelo então prefeito Nelson Nahin) inaugurou o programa, tendo sido adotada por membros da Câmara Junior Internacional. Até o presente momento, de acordo com os registros encontrados em notícias locais, esta foi a única praça da cidade a ser adotada.

Também em 2017, após solicitação da comunidade do Parque Prazeres para que a praça do bairro fosse revitalizada, a secretaria municipal de Desenvolvimento Ambiental (SMDA), através do Setor de Arborização, realizou um mutirão junto aos moradores para a realização de uma intervenção no local, mais uma vez demonstrando um exemplo de iniciativa desenvolvida com apoio da sociedade.

Em 2018 foram realizadas pela prefeitura obras de revitalização do Jardim São Benedito, que contemplaram a reforma e pintura das grades do entorno da praça, obras nas quadras, brinquedos infantis, nova iluminação, dentre outros aspectos. A entrega da obra inaugurou ainda o Projeto Viva Jardim São Benedito, o qual visa a promoção de shows com artistas locais no segundo domingo de cada mês, das 11h às 13h, de modo a incentivar a ida das famílias à praça.

No final de 2018, teve início a revitalização da Praça das Taças, no Parque Alberto Sampaio a partir de uma ação conjunta da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Ambiental, Secretaria Municipal de Infraestrutura e Mobilidade Urbana, Companhia de Desenvolvimento do Município de Campos dos Goytacazes (Codemca) e Superintendência de Limpeza Pública. De acordo com o site da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes (NUNES, 2018), as intervenções incluíam pintura, reforma dos canteiros, estudo para reativação do chafariz e retirada das grades com intenção de que a comunidade possa transitar pelo espaço, dando movimentação a área central da cidade.

É válido ressaltar que a Praça das Taças já havia sido contemplada em 2012 por um projeto paisagístico que fazia parte de um projeto de revitalização da área central da cidade. Em período semelhante, no ano de 2011, a Praça Nilo Peçanha, no Jardim São Benedito, também recebeu o novo projeto de paisagismo e recuperação de praças, jardins e canteiros do município. O local foi revitalizado com o plantio de cerca de seis mil mudas de plantas ornamentais.

Além das obras realizadas em algumas praças, notam-se também algumas ações do governo de incentivo ao uso das praças. O Projeto Praça Viva, por exemplo, desenvolvido pela Superintendência de Entretenimento e Lazer, em parceria com a Associação dos Profissionais de Educação Física (Apef) e Institutos Superiores de Ensino do Censa (Isecensa) tem o objetivo de proporcionar qualidade de vida e bem-estar através de atividades físicas a todos os cidadãos. O projeto já foi iniciado nas praças do Parque Santo Amaro, Parque Guarus, Pecuária, Flamboyant, IPS, Jardim Carioca, Jóquei e Morro do Coco. (BARRETO, 2017)

Ainda neste sentido, no ano de 2018 foi aprovado o Projeto de Lei nº 0130/18, a qual colocou o Projeto Samba na Praça, que acontece no Jardim do Liceu, no calendário oficial do município (CHAGAS, 2018). O Samba na Praça acontece sempre no primeiro domingo de cada mês e chega a reunir mais de duas mil pessoas por edição. “A iniciativa é de cantores e instrumentistas da cidade que sentiam a necessidade de se encontrar para tocar e cantar apenas como confraternização”. (TRINDADE, 2018)

Outro projeto musical criado pelo governo de Rafael Diniz e realizado através da superintendência de Entretenimento e Lazer, foi o Viva Jardim São Benedito, o qual ocorre todo segundo domingo de cada mês e tem atraído um público considerável. Segundo reportagem de 2018 do site da Prefeitura de Campos dos Goytacazes, devido ao sucesso o objetivo para 2019 seria de aumentar a quantidade de eventos no Jardim São Benedito (NUNES, 2018). O Viva Jardim São Benedito consiste em apresentações intimistas de voz e violão, nos

ritmos MPB, Pop Rock, Blues e Jazz, realizadas por músicos que se inscrevem em um edital aberto pela superintendência responsável (NUNES, 2018).

Também no Jardim São Benedito, acontece a Feira ETC (Economia, Trabalho e Cultura), onde expositores comercializam artesanatos, doces, produtos da agricultura familiar, entre outros, todos os domingos das 9h às 16h. Tanto o Viva Jardim quanto à Feira ETC fazem parte do projeto de revitalização do Jardim São Benedito (JORNAL TERCEIRA VIA, 2018).

Após as análises realizadas, concluiu-se que no governo Rosinha Garotinho as ações voltadas às praças do município são realizadas pela própria prefeitura e consistem primordialmente em obras de revitalização de praças já existentes, mas contemplam também a construção de algumas praças novas. Além disso, nota-se uma grande heterogeneidade de praças e bairros atendidos observando-se, no entanto, uma tendência de maior atenção aos bairros cujo população é mais carente. Também destaca-se o grande quantitativo de praças citadas ao longo das reportagens, as quais foram beneficiadas por projetos da prefeitura o que, possivelmente reflete um momento de maior abundância do governo.

O governo de Rafael Diniz, apresenta algumas semelhanças com o da ex-prefeita Rosinha Garotinho, entretanto, os pontos divergentes aparecem em maioria. Assim como na gestão anterior, o atual prefeito também tem realizado algumas obras de revitalização de praças existente, contudo, até o momento não foram encontrados relatos de construção de novas praças. Por outro lado, foram identificadas ações de incentivo ao uso de tais espaços livres públicos, como é o caso do Projeto Praça Viva e da Feira ETC. Outro ponto que difere do governo Rosinha Garotinho consiste na opção pela realização de parcerias público-privadas a qual fica clara, por exemplo, no programa Adote uma Praça. Tal alternativa, pode estar relacionada ao momento atual de menor abundância do governo, o que se reflete ainda no quantitativo de praças beneficiadas até o momento, o qual é bastante inferior ao observado no governo anterior. Além disso, nota-se uma menor heterogeneidade de praças e bairros contemplados, fazendo-se perceber uma maior atenção às praças principais, localizadas na região central da cidade. Desse modo, principalmente no governo Rafael Diniz, até o presente momento, tem-se uma percepção de que os investimentos não têm se dado de forma homogênea e igualitária em toda cidade, sendo realizados de forma seletiva e intencional em determinadas áreas privilegiadas.

De modo geral, constata-se que ambos os governos realizam ou realizaram algumas ações, projetos ou programas voltados às praças da cidade, contudo, não se observam um planejamento ou a constituição de políticas públicas consistentes que possam de fato suprir de

forma igualitária a deficiência de espaços livres públicos de qualidade voltados ao lazer. Além disso, deve-se ressaltar a importância de políticas complementares, como por exemplo, de transporte público de qualidade, que garantam a acessibilidade a tais espaços.

## **4 ESPAÇO PÚBLICO: O DESAFIO DO PLANEJAMENTO EM ÂMBITO LOCAL**

Neste capítulo, serão apresentados os resultados das análises realizadas nas praças São Salvador, Trovadores e José Dias Nogueira, as quais consistem nos objetos de estudo deste trabalho. Através das técnicas e ferramentas de pesquisa adotadas, será possível identificar os principais usos e apropriações existentes atualmente nos referidos espaços livres públicos e, principalmente, compreender alguns fatores que podem estar exercendo influência sobre a maneira como estes se manifestam.

Em geral, irá perceber-se que, ao contrário do que defendem alguns autores, não há desuso nestes espaços. É claro que, se fosse realizado um estudo comparativo com outros momentos da história de tais praças, possivelmente elas podem ter tido um uso mais intenso em outras épocas o que, no entanto, não significa que hoje estejam passando por um processo de esvaziamento. Na prática, o que irá se observar são modificações, tanto nos usos quanto nas relações sociais, que refletem não somente o contexto local que as abarca, e sim, transformações sociais, políticas e econômicas muito mais amplas e complexas.

Tendo em vista que se tratam de praças localizadas em bairros de Campos dos Goytacazes com perfis bastante distintos, conforme é explicitado no item 4.1, serão identificados pontos em comum e, também, certas heterogeneidades entre estas. Uma das semelhanças detectadas por meio das análises consiste no fato de que, independentemente das especificidades que permeiam os entornos de cada uma das três praças, em todos os casos nota-se sua influência sobre os padrões de uso das mesmas, em concordância com as informações levantadas nos itens 4.2 e 4.3 a seguir. Tal verificação corrobora com aspectos abordados anteriormente neste trabalho, os quais destacam que a forma como se dão o planejamento e a produção do espaço urbano em si reflete-se, de certa maneira, nos espaços livres públicos. Neste sentido, conforme afirmado por Queiroga (2001), a praça é a síntese do contexto urbano

na qual está inserida, podendo corresponder a identidade de um bairro, como é o caso da dos Trovadores e da José Dias Nogueira, ou de uma cidade, como é o caso da São Salvador.

Além do perfil do entorno no qual estão situadas, outro fator que parece impactar não só os usos, mas a diversidade de usuários e, até mesmo, as oportunidades de interação entre estes, são as características do traçado e programa de necessidades das praças avaliadas, destacadas no item 4.4. As possibilidades de usos ofertadas pela estrutura disponível nessa tipologia de espaço livre público podem ser responsáveis por atrair grupos específicos de usuários, como por exemplo crianças, ou estratos mais heterogêneos, bem como influenciar seu tempo de permanência e até mesmo frequência de visitação. Ademais, sua configuração espacial pode promover distanciamento ou aproximação entre os usuários, conferindo maior ou menor grau de confiança entre os mesmos.

Outro aspecto em comum que poderá ser identificado através das observações e entrevistas realizadas consiste na necessidade de manutenção pela qual passam as três praças, conforme verificou-se na análise do item 4.5. A degradação e falta de conservação de alguns elementos foram citadas e constatas como possível influência negativa no uso destes espaços. Tal situação pode estar relacionada a um processo de desvalorização por parte do poder público que, no momento, pode ter optado por direcionar seus investimentos para outros setores, deixando tais praças à espera de novos investimentos. Conforme destacado no capítulo 1 desta dissertação, em meio a tal panorama, muitas vezes, estes espaços públicos acabam sendo apropriados de maneira informal, como se observa na Praça São Salvador e seu entorno com a presença de moradores de rua.

Consequentemente, se gera uma sensação de insegurança, a qual também pode inibir o uso destes espaços, principalmente em determinados horários. É importante destacar que, apesar de não terem sido notados moradores de rua nas praças dos Trovadores e José Dias Nogueira, nestas também foi relatada percepção de insegurança, tendo em vista outras questões como falta de policiamento, presença ínfima de usuários em alguns momentos do dia, ou o próprio contexto urbano na qual estão inseridas.

Por fim, outro ponto compartilhado pelas praças e que deverá ser ressaltado, é a sua acessibilidade e conexão em relação ao tecido urbano a qual, segundo Alex (2011), é tida como uma condição essencial para o seu uso. Notou-se nos três espaços livres públicos analisados a existência de linhas de ônibus que passam por perto ou até param nos mesmos, como é o caso da Praça José Dias Nogueira. Além do mais, a presença de outros elementos, como é o caso de estacionamento e ponto de táxi contribuem nesse sentido. Diante deste cenário, pode-se afirmar

que a há certa integração destas praças com a malha urbana de Campos dos Goytacazes, o que configura-se como um fator que pode influenciar positivamente o seu uso, além de possibilitar uma diversidade de usuários, uma vez que moradores de outros bairros conseguem se deslocar até elas.

Neste contexto, é interessante reascender a discussão sobre o desaparecimento do espaço público enquanto lugar da cidadania e do encontro social, argumentada por urbanistas pós-modernos e citada na Introdução deste trabalho. A interação, ou inexistência desta, entre os usuários das praças São Salvador, Trovadores e José Dias Nogueira será um dos aspectos que mais chamaram atenção durante as visitas e observações realizadas, tendo sido identificados diferentes cenários em cada uma delas.

Na Praça São Salvador, principalmente ao longo dos dias de semana e horário comercial, será notada uma tendência já destacada por Serpa (2016) do espaço público como lugar de reunião e de fragmentação. Apesar do grande número de pessoas que se observa na praça, seja passando por ela ou fazendo algum tipo de uso, é claro o distanciamento entre as mesmas e a dificuldade de estabelecer qualquer tipo de relação. Prevalece a impessoalidade, o distanciamento, a não identificação com o outro e, até mesmo, a sensação de desconfiança em relação a este. Uma visão que chama bastante atenção, e que foi confirmada pela entrevista realizada com um jovem que vendia balas no local, é a invisibilidade de um usuário em relação ao outro naquele espaço. As pessoas passam como se, simplesmente, aquele jovem não estivesse ali.

Desse modo, ratificando a visão de Serpa (2016), perceber-se-á nesta situação que, muitas vezes, os próprios usuários contribuem com a amplificação da esfera privada, à medida que resistem à interação social, ocasionando desdobramentos para a esfera pública, a qual se vê fragilizada. O distanciamento em relação ao outro, a decadência da coletividade e o crescimento do individualismo, conforme já destacado nesta dissertação podem, então, levar ao enfraquecimento ou perda da sociabilidade.

Na Praça dos Trovadores e, principalmente, na José Dias Nogueira, o panorama já se modifica. Por estarem localizadas em bairros com perfis predominantemente residenciais, parece haver uma maior identificação entre as pessoas, o que acaba facilitando a ocorrência de interação entre as mesmas. Na Praça José Dias Nogueira isso ficou bastante claro durante as visitas para a realização do trabalho, tendo em vista que algumas pessoas se aproximavam para conversar com a autora sem que esta tivesse realizado uma abordagem nesse sentido. Na Praça

dos Trovadores também chegaram a acontecer contatos, porém, de maneira mais superficial, como um cumprimento, por exemplo.

Diante do exposto, notar-se-á que não há, no contexto analisado, um desaparecimento generalizado do espaço público enquanto lugar da cidadania e do encontro social. Há sim indícios de perdas nesse sentido, mas parecem estar relacionadas a certas especificidades das praças e seus entornos não sendo, portanto, um processo homogêneo.

Ainda no que tange às suas particularidades, é possível traçar um breve perfil das três praças analisadas. A São Salvador, por estar localizada na área central de Campos dos Goytacazes e ser um importante símbolo de sua história, conforme destacado no item 4.1, possui papel de destaque no tecido urbano. Por ter sido e ainda ser palco de importantes acontecimentos, faz parte da memória coletiva do município, ainda que as transformações que sofreu ao longo do tempo a tenham modificado tão profundamente. Como já destacado por Queiroga (2001) sobre as praças das áreas centrais, configura-se como lugar do cotidiano, do trabalho, de passagem, da diversidade e dos conflitos. Reflete as transformações citadinas, as metamorfoses do homem público, representando a cidade e sua população (QUEIROGA, 2001). As diversidades que transpõem-se em seu espaço refletem-se em variados usos e apropriações, possibilita trocas ricas e diversas – ainda que na prática não se manifestem com frequência – mas também expõe contradições, a pobreza e a miséria. É um espaço que dificilmente se esvazia por completo e que, em seu cerne, guarda muitos significados.

A Praça dos Trovadores, por sua vez, apresenta um valor ambiental, devido a sua farta arborização o que, por vezes, é utilizado como instrumento de valorização fundiária e de profusão de uma imagem de qualidade de vida, tendo em vista que esta é uma característica presente no bairro como um todo, conforme destacado no item 4.1. Apresenta usos menos diversos que a Praça São Salvador, considerando que está localizada em um bairro residencial, mas, ainda assim, não trata-se de um espaço subutilizado, pelo contrário, há um uso bastante significativo, principalmente em determinados horários. Nota-se uma certa predisposição de formação de uma imagem fragmentada, de uma espécie de ilha, já destacada por Gomes (2011) como uma tendência das classes médias brasileiras de morar em ambientes cada vez mais homogêneos. Contudo, na prática, percebe-se a existência de usuários provenientes de outros bairros do município, o que garante alguma heterogeneidade. Retrata a imagem de um local aprazível, familiar, de descanso e lazer.

Tal imagem, é compartilhada também pela Praça José Dias Nogueira, a qual aparenta ainda uma vivacidade que reflete a variedade de estabelecimentos (comercial, de prestação de

serviços e institucional) presente em seu entorno. Assim como a Praça São Salvador, também é um elemento de identidade e memória coletiva, porém, para os moradores de Custodópolis, especialmente os mais antigos. Estes, inclusive, relatam que hoje a praça oferece certa insegurança, devido à falta de policiamento, drogadição, entre outros aspectos, apesar de ainda ser um local de convívio social (AZEREDO, 2010).

Nos itens a seguir, são descritas de forma detalhada as constatações levantadas por meio da pesquisa de campo executada, de modo a reforçar e ilustrar os fenômenos aqui destacados.

## **4.1 Caracterização dos bairros nos quais localizam-se as praças estudadas**

### **4.1.1 Centro**

A história do Centro de Campos dos Goytacazes e da Praça do Santíssimo Salvador ou Praça São Salvador, como é mais conhecida, se confundem, devido ao fato de estarem ambos estritamente relacionados a estruturação inicial da cidade, a qual ocorreu justamente no entorno da referida praça. Tendo em vista que, à época, o transporte – tanto de mercadorias quanto de pessoas – era feito pelo Rio Paraíba do Sul, a proximidade com o mesmo era algo de extrema relevância (FREITAS, 2011).

No período compreendido entre o final do século XVIII e início do século XIX, a Praça São Salvador se consolidou como um espaço que concentrava atividades políticas, comerciais e sociais da época, ou seja, era onde, de fato, a cidade acontecia. Diante da importância desta área, começaram a surgir no entorno da praça Solares dos Senhores de Terras e os principais comércios, dando ainda mais ênfase à centralidade da mesma (FARIA *apud* FREITAS, 2011).

É interessante observar que, o atual centro da cidade coincide com esta mesma área, que compreende o centro histórico, guardando ainda muitas de suas características, tanto em relação a algumas atividades quanto no que tange à presença de edificações datadas daquela época. Desse modo, a diversidade de pessoas, comércios, serviços e relações que hoje o caracterizam, resultam de aspectos que permeiam seu passado.

Por outro lado, é importante destacar que alguns processos que se delinearão naquela área também foram responsáveis por significativas transformações, as quais se refletem no

centro que hoje conhecemos. Neste sentido, evidenciam-se as obras realizadas no final do século XIX com o objetivo de eliminar o aspecto colonial da cidade, as quais

Ao privilegiarem a parte central, dotando-a dos símbolos do progresso, as ações do poder público excluíam a população pobre que nela morava para novas áreas sem infraestrutura, localizadas na periferia da cidade. Ao mesmo tempo, a população que possuía condições de arcar com os custos de residir na área central, nela permanecia (FREITAS, 2011, p. 59-60).

No entanto, nos dias atuais, esta população mais abastada também já não habita o local, o que demonstra fenômenos de valorização-desvalorização vivenciados pelo bairro que, se ao valorizar-se acabou expulsando a população mais pobre que antes ali residia, em um momento posterior também deixou de servir aos mais ricos, voltando, de certa forma, a se desvalorizar. Mesmo diante das transformações empreendidas, em determinado momento a estrutura urbana colonial do centro da cidade passou a não comportar o novo padrão de moradia, perdendo tal função, conforme se verifica atualmente (FARIA apud FREITAS, 2011). Sendo assim, hoje, o centro não é caracterizado como uma área residencial, tendo sua vivacidade enfatizada durante o dia e em horário comercial, quando estão funcionando os estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços.

As décadas de 1940 e 1960 marcaram a construção de edifícios com mais de quatro pavimentos para fins comerciais no entorno da praça São Salvador, registrando o início de uma nova fase. Conforme destaca Freitas (2011), “Atualmente, o entorno da Praça São Salvador representa de maneira significativa as mudanças trazidas pela verticalização à paisagem do espaço urbano de Campos dos Goytacazes”.

Com o passar do tempo, a região da cidade que compreende a Pelinca, passou a abrigar um importante e variado comércio e estabelecimentos de prestação de serviços, consolidando-se também como uma centralidade no tecido urbano de Campos dos Goytacazes. No entanto, é necessário destacar que mesmo diante deste fato, o centro histórico em si não perdeu sua importância.

Conforme destacado em outros momentos neste trabalho, por volta dos anos 2012/2013, a então prefeita Rosinha Garotinho empreendeu um programa de revitalização do centro histórico da cidade, o qual inclui obras em diversos pontos. Em geral, o bairro é atendido por uma infraestrutura urbanística satisfatória, a qual compreende praças; coleta de lixo; abastecimento e distribuição de água, energia elétrica; rede telefônica; pavimentação nas vias; e transporte público, apesar disso, notam-se ainda muitas deficiências, as quais, por vezes,

acabam por comprometer todo o potencial cultural existente nesta área da cidade, mas que é pouco valorizado tanto pela população quanto pelo poder público. A presença de pedintes, moradores de rua, lixo pelas ruas, sensação de insegurança, são algumas das situações relatadas e que corroboram com tal afirmativa. Além disso, alguns dos serviços citados demandam melhorias e manutenção mais frequente, de modo a garantir sua qualidade.

A variedade do comércio e serviços existentes no centro de Campos dos Goytacazes atrai uma heterogeneidade populacional que se desloca diariamente em sua direção, seja a trabalho, para fazer compras, buscar algum tipo de serviço, entre outras atividades.

#### 4.1.2 Jardim Flamboyant I

Considerado como um bairro de classe média alta, o Jardim Flamboyant I fica localizado a aproximadamente três quilômetros do centro da cidade de Campos dos Goytacazes, possuindo fácil acesso a partir de importantes vias, tais como a Avenida 28 de Março, Avenida Tenente Coronel Cardoso e Avenida Dr. Arthur Bernardes. Desse modo, pode-se considerar que este se encontra em uma posição privilegiada do tecido urbano, tendo em vista que seu afastamento da área mais adensada e verticalizada é o suficiente para garantir maior tranquilidade e qualidade de vida aos seus moradores sem, contudo, estarem distantes do comércio, serviços ou lazer principais.

Ainda no que diz respeito aos atributos do bairro que beneficiam os seus residentes, cabe ressaltar sua farta arborização, característica esta que o diferencia da maioria dos outros bairros de Campos dos Goytacazes e possibilita maior conforto térmico, qualidade do ar, além de uma paisagem agradável. Segundo Silva (2001), “O Flamboyant tem uma quantidade de árvores quase três vezes maior do que a segunda vizinhança colocada neste indicador”, o que demonstra de fato uma presença arbórea bastante superior às demais áreas da cidade. Cabe ressaltar que, além das árvores existentes nos espaços livres públicos do Jardim Flamboyant I, seu próprio perfil, caracterizado pelo grande número de residências, reforça tal panorama, tendo em vista a presença vegetal também nos espaços livres privados. Conforme afirma Silva (2011), há uma quantidade expressiva de jardins frontais, os quais são observados em 93% das edificações do bairro.

Destaca-se, ainda, a boa infraestrutura urbanística nele existente, a qual compreende praça; coleta de lixo; abastecimento e distribuição de água, gás e energia elétrica; rede

telefônica; pavimentação na quase totalidade das vias; e transporte público, sendo que, este último, ainda é foco de algumas reclamações por parte dos moradores do bairro. Outra problemática levantada pela população local trata-se da necessidade de maior segurança. Percorrendo pelo bairro nota-se o uso de sistemas de segurança na maioria dos imóveis, bem como a existência de cabines com vigias em algumas ruas mas, ainda assim, situações de insegurança são relatadas com certa frequência. Por fim, alguns moradores expõem também que sentem falta de uma oferta de comércio e prestação de serviços mais completos. (JORNAL FOLHA DA MANHÃ, 2014)

No que tange às características de formação do Jardim Flamboyant I, pontua-se que as terras que nos anos 70 deram origem ao bairro compunham uma propriedade rural, tendo esta sido loteada para o referido fim. Segundo Freitas; Faria (2011), tal loteamento teria sido voltado à população de alto poder aquisitivo, a qual se instalou mediante a construção de residências unifamiliares e edifícios multifamiliares (FREITAS; FARIA, 2011). Sendo assim, percebe-se que o perfil socioeconômico atual do Jardim Flamboyant I reflete suas características originárias sendo, ainda hoje, um bairro com alto valor de solo e uso predominantemente residencial.

Pode-se dizer que, até o início dos anos 2000, a paisagem do Flamboyant I era configurada por edificações mais horizontalizadas, as quais englobavam residências unifamiliares térreas e de dois pavimentos. No entanto, conforme afirmam Freitas e Faria (2011), a partir de 2006/2007 no bairro, assim como outras áreas da cidade, passaram a ser implantadas construções verticais, contudo, em menor ritmo e tipologia variada em relação à da região da Pelinca a qual, por sua vez, vivenciou um processo de verticalização muito mais acelerado e marcado por construções com gabarito consideravelmente mais elevado (FREITAS; FARIA, 2011).

Os autores destacam ainda a existência de uma terceira fase, na qual

[...] o fenômeno da verticalização foi dividido, outras áreas como o bairro Flamboyant - a leste da área central - também passaram a abarcar parte da construção de edifícios de apartamentos para uma população de status social mais elevado, porém, com uma tipologia diferente da área central. O bairro, que iniciou-se com o loteamento da área para a população de alto padrão que construiu casas unifamiliares, passou a ter os apartamentos em sua paisagem. A diferença para a região central ou a Pelinca é que aqui a legislação, através do código de obras, impôs o máximo de 6 andares para os apartamentos construídos no Flamboyant [...] (FREITAS; FARIA, 2011)

Hoje, no entanto, a paisagem destacada no trecho acima já modificou-se. Ao caminhar pelo bairro, percebe-se a presença de edifícios residenciais multifamiliares acima de seis andares, inclusive, um deles localizado em frente à praça analisada neste trabalho. Tal cenário decorre da lei de Uso e Ocupação do Solo (CAMPOS DOS GOYTACAZES, 2007) ainda vigente, a qual classifica o bairro Jardim Flamboyant I com um trecho pertencente a Zona Residencial 3 e outro a Zona Residencial 4, as quais caracterizam-se, respectivamente, como multifamiliar de média densidade e multifamiliar de alta densidade. Freitas destaca que:

A área do Flamboyant, que se consolidou através do loteamento para a construção de moradias unifamiliares à população de maior status socioeconômico, passou assim a conviver com os edifícios de apartamentos a ponto de as ruas urbanizadas mais recentemente serem, quase totalmente, ocupadas por esse tipo de empreendimento. (FREITAS, 2011, p.73)

É importante mencionar que, no momento no qual essa dissertação foi redigida, o Plano Diretor do município de Campos dos Goytacazes estava passando por revisão, o que possivelmente implicará em modificações na lei de Uso e Ocupação do Solo e, conseqüentemente, na paisagem urbana como um todo nos próximos anos.

#### 4.1.3 Custodópolis

Localizado na margem norte do Rio Paraíba do Sul, Custodópolis é o bairro mais antigo de Guarus, tendo recebido este nome em função do proprietário das terras que deram origem a ele, Dr. Custódio Siqueira. Apesar de sua aparente distância em relação ao centro da cidade de Campos dos Goytacazes, é possível acessá-lo com certa facilidade através de vias importantes, como a Avenida Senador José Carlos Pereira Pinto, Avenida Tancredo Neves ou pelo trecho urbano da Rodovia Governador Mário Covas.

A formação de Custodópolis data dos anos 1930, contudo, naquela época, o bairro possuía a denominação de Cidade de Palha, em função dos materiais empregados na construção das primeiras casas, erguidas no local pelos próprios moradores. À época, Dr. Custódio Siqueira “[...] idealizou uma espécie de moradia popular para os primeiros ocupantes trabalhadores das suas antigas terras [...]”, os quais descendiam de pessoas escravizadas e comerciantes (ASSIS, 2016, p.14). Desse modo, assim como destacou-se em relação ao Jardim Flamboyant I no item anterior, nota-se que o perfil socioeconômico atual de Custodópolis reflete suas características

originárias sendo, ainda hoje, um bairro com baixo valor de solo e residido por uma população de baixa renda.

Segundo Azeredo (2011, p.271), “Na versão de alguns moradores, o bairro tem hoje, em seu comércio forte, um motivo de orgulho e garantem que: A pessoa sai a qualquer hora e encontra o que quiser”. Esta característica se desenha principalmente no entorno da praça José Dias Nogueira, a qual consiste em uma das que foi analisada neste trabalho. Segundo Assis (2016, p.16), “a primeira ocupação da localidade denominada Cidade de Palha delineou o núcleo do bairro, onde funciona a praça”. O autor afirma, ainda, que:

Custodópolis está situada a 6 km da área central da cidade e possui um comércio local dinâmico, serviços de atendimento médico público e privado, escola de samba, igrejas de diferentes denominações e consultórios dentários que conferem ao bairro relativa centralidade em relação aos demais bairros do seu entorno. Aliás, os relatos e documentos que descrevem a trajetória do bairro o caracterizam como possuidor diversas atividades culturais desde a sua formação. Estas ocorriam, sobretudo, na Praça José Dias Nogueira, em termos nativos: ‘pracinha’. (ASSIS, 2016, p.14)

O trecho acima ilustra que, apesar de ser um bairro periférico, no qual se fazem presentes deficiências e demandas próprias da situação na qual se enquadra, Custodópolis, de certa forma, se diferencia de outros bairros do entorno. Desde seus primórdios manifestações culturais se fazem presentes de forma significativa, além disso, construiu-se uma forte identidade, memória coletiva e senso comunitário entre os moradores os quais, no entanto, vem se enfraquecendo nos dias atuais, segundo a percepção, principalmente, dos moradores mais antigos. Nesse contexto,

Na memória dos antigos moradores, Custodópolis, reflete a degradação de valores (ritualizados em códigos de condutas) e a decadência das experiências públicas. As mudanças desenhadas alteraram os espaços públicos e privados, estabelecendo fronteiras. De um lugar de ‘tradição’, representado por sua singularidade, tornou-se, com o movimento de acomodação da cidade, mais uma periferia e apesar da distinção com relação a outros lugares, incorpora as características definidoras da construção social desses espaços. (AZEREDO, 2011, p.274)

Hoje, o bairro vivencia situações de vulnerabilidade e segregação, há problemas com o tráfico de drogas e, em função de todas estas questões, a violência se manifesta constantemente, fazendo parte da rotina dos moradores. Segundo Assis (2016, p.14), “o bairro é categorizado pela mídia impressa e em pesquisas acadêmicas pela violência”. Azeredo (2011) reforça esta afirmação ao relatar a transformação vivenciada pela imagem do bairro, de uma comunidade

com características rurais, visto pelos antigos moradores como “um bairro de tradição”, para um lugar tido como perigoso, tal como outras periferias.

Diante desse quadro, deve-se mencionar que a infraestrutura urbanística de Custodópolis carrega os estigmas de um local periférico, apresentando algumas deficiências e falta de qualidade de serviços prestados (saúde, segurança, educação) que se estendem para outros setores, como trabalho e políticas públicas (AZEREDO, 2011). Tais precariedades, em algum grau, também acabam contribuindo com a existência de situações de insegurança. Azeredo (2011, p.272), no trecho abaixo, explicita o cenário delineado no bairro:

A falta de segurança é apenas uma das marcas de vulnerabilidade do lugar. Ao percorrer suas ruas, os moradores seguem seus desenhos irregulares, convivem com um tráfego intenso de veículos e calçadas ocupadas, negando a prioridade aos pedestres. Driblam a água que “desce de uma rua e volta por outra”, a retratar a falta de saneamento básico, sentem o mau cheiro do lixo acumulado, encontram animais que transitam livremente, arriscam-se com a falta de iluminação de algumas áreas. O cenário desenhado é para eles “uma vergonha” e se por um lado culpam o descaso do poder público, por outro, sabem que os próprios moradores também contribuem para o agravamento de tais situações.

Os itens a seguir tratarão de uma análise mais aprofundada sobre as praças analisadas, contudo, no contexto aqui destacado cabe mencionar que, segundo Azeredo (2011), os moradores mais antigos acham que a praça José Dias Nogueira já foi um bom lugar para convivência e entretenimento, mas hoje, consideram que a “molecada” tomou conta, que os quiosques implantados em uma reforma ocorrida nos anos 2000 geram aglomeração de muitas pessoas consumindo bebidas alcoólicas e, que a falta de policiamento gera muita insegurança, principalmente à noite. Desse modo, percebe-se preliminarmente, os reflexos das transformações sofridas pelo bairro também em sua praça.

## **4.2 Uso e ocupação do solo no entorno das praças**

Para a análise de uso e ocupação do solo das áreas nas quais localizam-se as Praça São Salvador, Trovadores e José Dias Nogueira, foi estabelecido um raio de 250 metros partindo do seu centro, com o intuito de avaliar as influências do entorno imediato no seu uso, bem como caracterizá-lo, como mostrado nas Figuras 8, 9 e 10 e suas legendas, as quais estão divididas de acordo com os usos observados. No que diz respeito aos usos, adotou-se a classificação como residencial, comercial, serviço, institucional, uso misto, terrenos vazios, imóveis sem uso e

espaços livres públicos de permanência. Esses critérios foram avaliados a partir das funções detectadas por meio de observação externa das construções através do *Google Street View* e visitas aos locais.

Foram identificados como residencial, comercial e serviço, edificações que aparentavam um destes usos de maneira exclusiva. Quando ocorriam mais de um dos usos mencionados de forma simultânea na mesma construção, como por exemplo residencial e comercial, a classificação se deu enquanto uso misto. Em institucional, por sua vez, foram inclusas edificações de cunho religioso, escolas, clubes, teatro, museu e órgão públicos. Também foram utilizados os termos “terrenos vazios”, para lotes sem construções ou usos específicos, “imóveis sem uso”, para construções aparentemente abandonadas e cujo possível uso não era identificável, e “espaços livres públicos de permanência”, para outras praças ou outras áreas externas de uso público prolongado.

No que diz respeito à Praça São Salvador, por tratar-se do centro da cidade, observa-se uma área consolidada, densamente construída, na qual verifica-se a presença de um número significativo de construções históricas sendo que, infelizmente, a maioria destas se encontra em mau estado de conservação ou até mesmo foram parcialmente modificadas para se adequar ao uso que possuem atualmente.

Conforme mostra a Figura 9, identificou-se a predominância do uso comercial das edificações do entorno, seguida pelos usos relacionados a prestação de serviços. Nota-se também, em menor escala, a presença de usos residenciais, institucionais e edificações de uso misto. Além disso, foram identificados imóveis que, no momento da realização da análise, encontravam-se sem uso, além de terrenos que não possuem qualquer tipo de edificação.

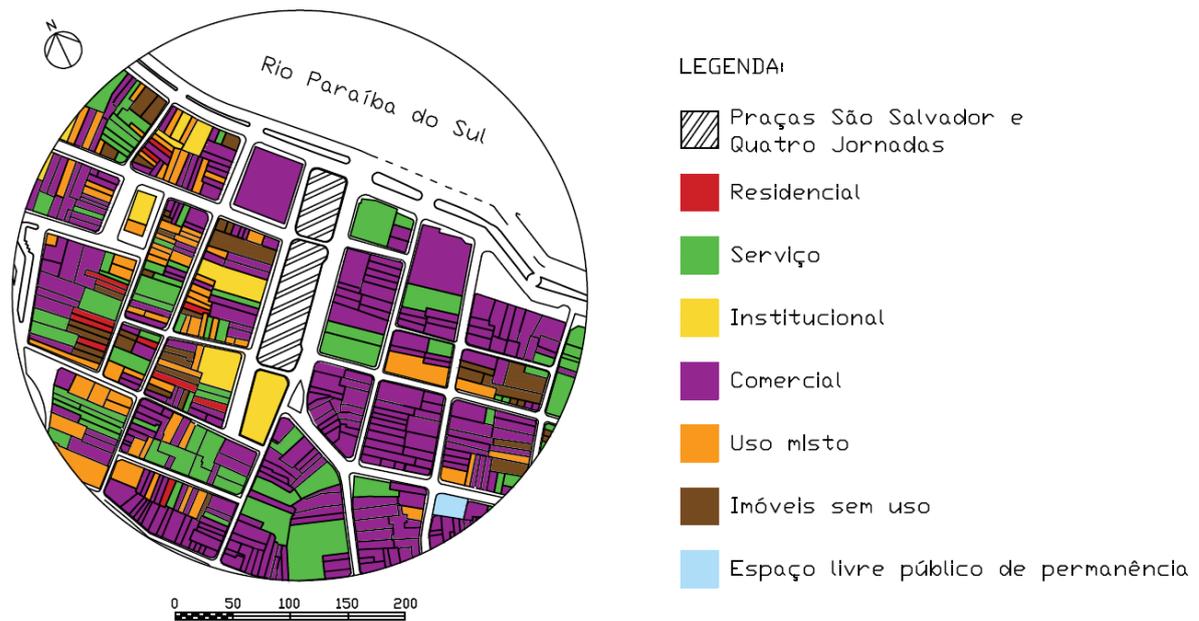


Figura 9: Mapa de uso e ocupação do solo do entorno da Praça São Salvador considerando-se um raio de 250 metros.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base no *Google Street View* e Observações *in loco*, 2019.

Tais constatações, podem ser consideradas fatores relevantes que ajudam a explicar a presença mais acentuada da população na praça durante os dias e horários comerciais, sendo usada como local de passagem e descanso no período que os estabelecimentos permanecem abertos. Além disso, permitem compreender a heterogeneidade de pessoas que ocupam e transitam pelo espaço da praça, tendo em vista os diferentes interesses e objetivos que podem estar relacionados com as atividades existentes no entorno. Essa heterogeneidade, acaba por gerar um certo distanciamento entre as pessoas, pois o outro é visto como desconhecido, como alguém que não se conhece e, portanto, não se pode confiar. Conforme afirma Caldeira (2011, p.301) “Os encontros no espaço público se tornam a cada dia mais tensos, até violentos, porque têm como referência os estereótipos e medos das pessoas. Tensão, separação, discriminação e suspeição são as novas marcas da vida pública”. Essa falta de identificação acaba dificultando a ocorrência de interações, tornando as relações e contatos mais frios ou mesmo inexistentes.

Já no que tange à Praça dos Trovadores, localizada no Jardim Flamboyant I, apesar de também ser uma área já bastante consolidada, nota-se ainda a existência de lotes vagos, principalmente quando se caminha em direção à Avenida Dr. Arthur Bernardes. Fato este justificável por se tratar de um bairro de formação mais recente, no qual é comum observar muitas edificações novas sendo construídas nos dias atuais, o que contribui para a constante modificação de sua paisagem.

Ao contrário do constatado no entorno da Praça São Salvador, o uso predominante do solo que circunda a Praça dos Trovadores é residencial (Figura 10), havendo pouquíssimas tipologias de uso misto, serviço e institucional. Desse modo, percebe-se uma maior heterogeneidade na paisagem do Centro e uma certa homogeneidade na paisagem do Jardim Flamboyant I, no qual prevalecem as casas e edifícios residenciais.

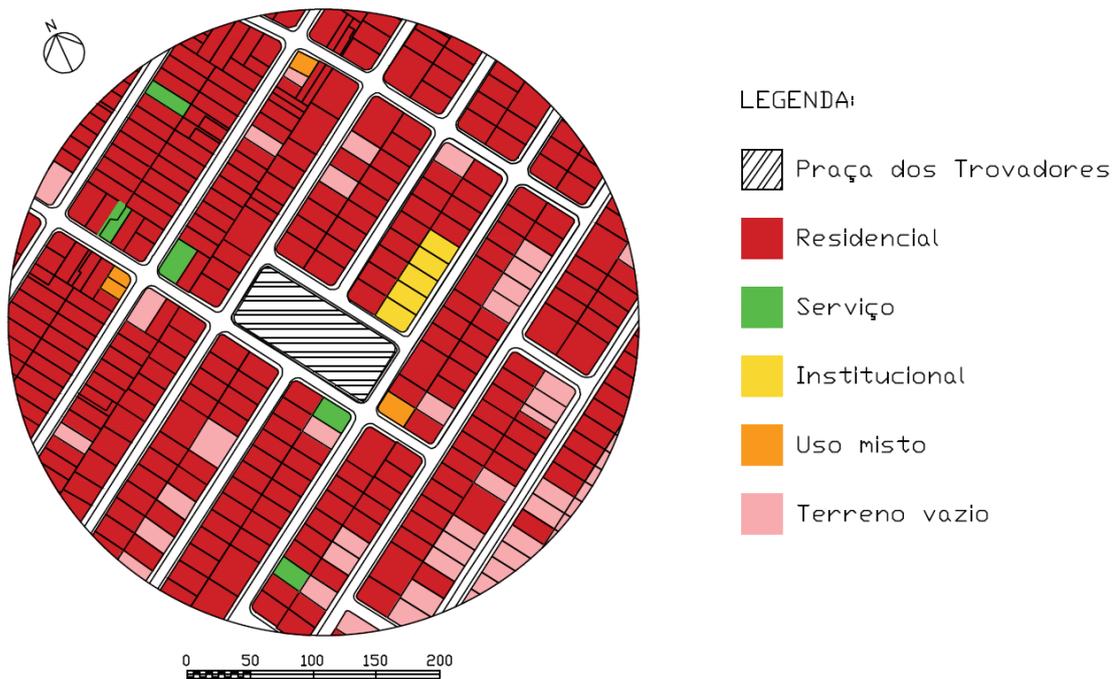


Figura10: Mapa de uso e ocupação do solo do entorno da Praça dos Trovadores considerando-se um raio de 250 metros.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base no *Google Street View* e Observações *in loco*, 2019.

Diante do exposto, o mapa de uso e ocupação do solo do entorno da Praça dos Trovadores sugere que a grande maioria dos que circulam pelo bairro são pessoas que nele residem, trabalham ou destinam-se a ele com um objetivo específico, como visitar um familiar. Sendo assim, por meio da análise do mapa, das observações *in loco* e entrevistas realizadas, verificou-se que os usuários da praça são moradores do próprio Flamboyant ou de outros bairros, que a ele se direcionam com o objetivo específico de usufruir deste espaço livre público. Assim sendo, se na Praça São Salvador nota-se um grande uso do espaço como local de passagem, aqui predomina a permanência. Percebeu-se também pessoas transitando pela praça com destino a outros locais, porém, com uma frequência muito inferior.

Ademais, por se tratar de um bairro preponderantemente residencial, nota-se uma maior identificação entre as pessoas, que tendem a se reconhecer como semelhantes, como vizinhos, ainda que, em princípio, não se conheçam. Tal afirmativa é reforçada pela experiência da autora de ao visitar a praça para as análises deste trabalho, ter estabelecido contatos inesperados com usuários ali presentes. É mais comum alguém passar e cumprimentar com um “bom dia” ou mesmo esboçar um sorriso, o que facilita o estabelecimento de interações sociais.

Outro aspecto em comum observado entre a Praça dos Trovadores e a José Dias Nogueira diz respeito ao seu entorno, tendo em vista que o mapa de uso e ocupação do solo dos arredores da praça localizada em Custodópolis (Figura 11), também aponta um predomínio de residências. Todavia, trata-se de um bairro que apresenta uma maior variedade de usos, especialmente na área mais próxima à praça, onde se nota um comércio relativamente diversificado e algumas edificações de uso misto e institucionais. Dentro desta última tipologia, chamou a atenção a existência significativa de construções de cunho religioso e também a presença de escolas, as quais certamente contribuem para a intensificação do movimento na praça em determinados horários.

Assim sendo, entende-se que as características do entorno refletem em um uso dual da praça, tanto como local de passagem quanto de permanência. Além disso, como o comércio é variado, existem estabelecimentos que funcionam apenas durante o dia e outros que funcionam à noite o que, somado à existência de quiosques na própria praça, faz com que a mesma tenha algum tipo de uso ao longo de todo o dia.

De modo semelhante ao percebido no Flamboyant I, o predomínio residencial em Custodópolis também parece fazer com que as pessoas se sintam mais identificadas umas com as outras, inclusive de forma mais intensa. Durante as visitas para observação e conversas informais, a impressão obtida é de que todos parecem se conhecer, de alguma forma, o que facilita muito as possibilidades de interação. Outra característica em comum entre os dois bairros, é o fato de serem áreas já bastante consolidadas, ainda que note-se a existência de lotes vagos.

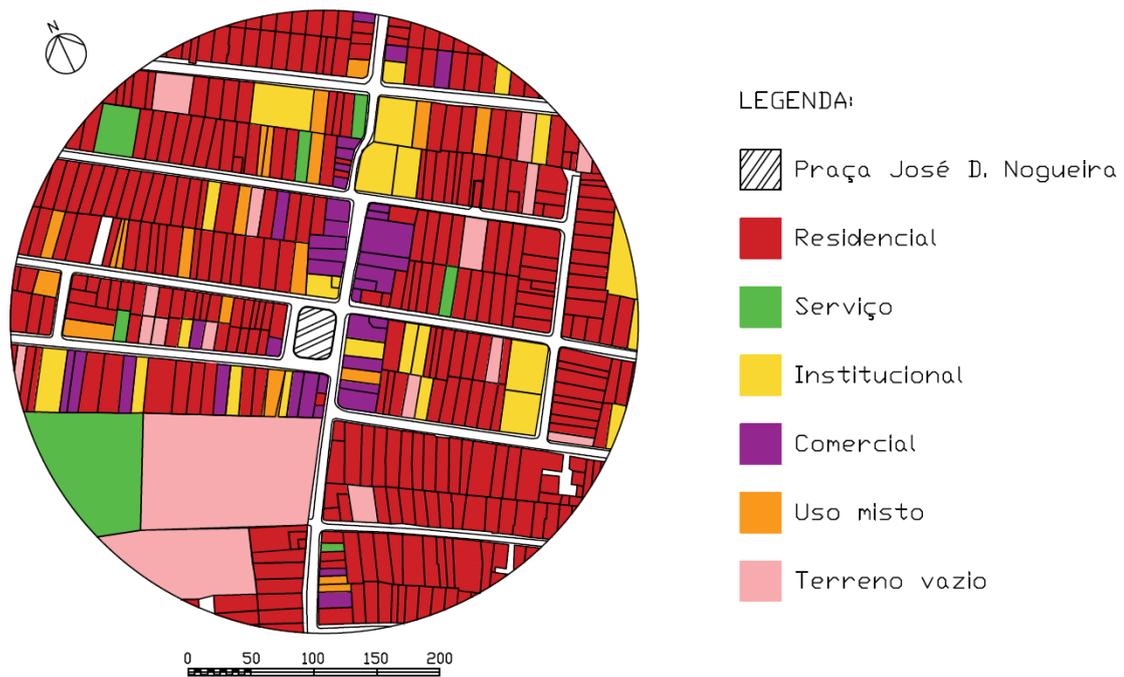


Figura11: Mapa de uso e ocupação do solo do entorno da Praça José Dias Nogueira considerando-se um raio de 250 metro.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base no *Google Street View* e Observações *in loco*, 2019.

De um modo geral, percebeu-se que os mapas de uso e ocupação do entorno de cada uma das praças estudadas neste trabalho possuem características bastante específicas, guardando algumas semelhanças e disparidades entre si ficando claro, no entanto, em todos os casos, que tais aspectos influenciam diretamente no uso das praças.

### 4.3 Avaliação do grau de atratividade das visadas do entorno

Além de analisar os usos do solo existentes no entorno das praças, considerou-se relevante avaliar o grau de atratividade das visadas dos arredores das mesmas, compreendendo de que forma suas características podem influenciar ou não no movimento de pessoas pela área. Para tanto, foi utilizada a ficha 1, constante do Apêndice B deste trabalho, desenvolvida com base em uma ferramenta criada pelo Instituto Gehl. O quadro abaixo apresenta, de forma resumida, os resultados obtidos nas três praças.

Categorias de Visadas	Praças / Visadas											
	Praça São Salvador				Praça dos Trovadores				Praça José D. Nogueira			
	A	B	C	D	A	B	C	D	A	B	C	D
<b>1. Vibrante</b>												
Fachadas pequenas e com muitas aberturas.		x		x						x	x	
Fachadas com alta transparência.		x		x						x	x	
Nenhum lote vago ou edificação em uso.		x			x		x	x	x	x	x	x
Tipologias arquitetônicas variadas.		x		x					x	x	x	x
Fachadas com significativa variedade de materiais/detalhes.		x		x						x	x	
<b>2. Ativa</b>												
Fachadas relativamente pequenas e com algumas aberturas.					x		x		x			x
Fachadas com alguma transparência.					x		x		x			x
Poucos lotes vagos ou edificações sem uso.				x		x						
Alguma variedade de tipologias arquitetônicas.					x		x					
Fachadas com alguma variedade de materiais/detalhes.					x		x		x			x
<b>3. Maçante</b>												
Fachadas extensas e com poucas aberturas.						x		x				
Fachadas com baixa transparência.						x		x				
Alguns lotes vagos e edificações sem uso.												
Pouca variedade de tipologias arquitetônicas.						x		x				
Fachadas com pouca ou nenhuma variedade de materiais/detalhes.						x		x				
<b>4. Inativa</b>												
Fachadas extensas com poucas ou nenhuma abertura.												
Fachadas com muito pouca ou nenhuma transparência.												
Presença de estacionamentos ou lotes vazios e edificações sem uso.												
Fachadas uniformes e sem detalhes.												
<b>5. Monumentos/ Elementos naturais</b>												
Fachada histórica ou artística marcante (mesmo não sendo muito ativa / transparente) ou elemento natural de destaque.	x		x									
<b>Classificação</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>

Quadro 2: Resultados obtidos através da Avaliação do Grau de Atratividade das visadas do entorno das praças São Salvador, Trovadores e José Dias Nogueira.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base em observações *in loco*, 2019.

A visada “A” da Praça São Salvador, indicada na Figura 12 e classificada como Monumentos/Elementos Naturais, caracteriza-se pela fachada de um edifício histórico, a Catedral do Santíssimo Salvador, construída em 1745. Desde esta época, a mesma vem exercendo grande influência no município de Campos dos Goytacazes enquanto elemento de centralidade no tecido urbano.

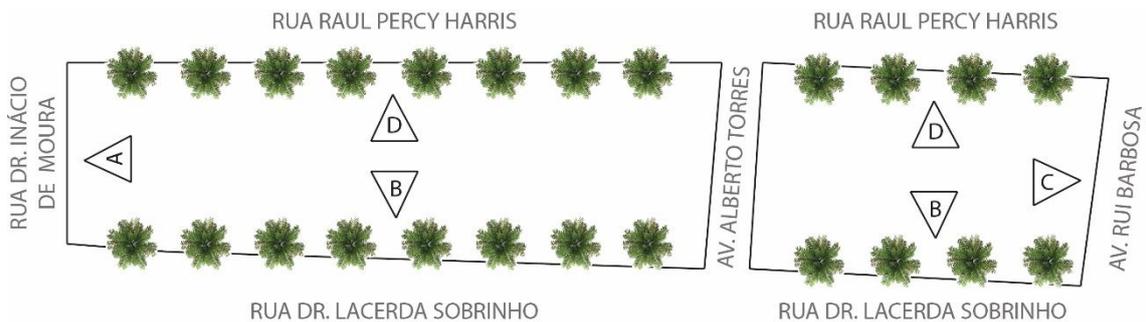


Figura 12: Planta da Praça São Salvador com indicação das visadas do entorno.  
Fonte: Desenvolvido pela autora, 2019.

A catedral se evidencia na paisagem da praça por sua arquitetura e posicionamento em relação a mesma, tornando-se um elemento de destaque, capaz de atrair olhares de quem passa por ali, conforme é possível constatar na Figura 13. Em uma das visitas feitas à praça com o intuito de realizar entrevistas para este trabalho, notou-se, por exemplo, um senhor tirando fotos da catedral. Ao abordá-lo, o mesmo revelou ser morador de Niterói e estar de passagem pela cidade em uma breve estadia na casa de um parente, tendo achado a catedral bela e resolvido registrar sua imagem. Tal situação, demonstra seu grau de atratividade no contexto no qual está situada. Além disso, sua existência também acaba influenciando, de certa forma, o uso da praça, tendo em vista ser comum ver pessoas fazendo uso deste espaço enquanto aguardam o horário das celebrações ou após o seu término, como local de encontro e interação.



Figura 13: Visada “A” da Praça São Salvador ilustrando, ao fundo, a Catedral de São Salvador.  
Fonte: Da autora, 2019.

Analisando as visadas “B” e “D” (Figura 12), por sua vez, nota-se uma característica bastante interessante presente na paisagem da praça São Salvador. Concentram-se ao seu redor edifícios pertencentes a diferentes momentos históricos da cidade de Campos dos Goytacazes o que, portanto, faz com que possuam características bastante distintas, o que torna aquele espaço por si só atrativo. Nota-se nestas duas visadas uma variedade arquitetônica e também de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços com grande potencial de atratividade de uma diversidade de usuários. Inclusive, em entrevistas realizadas com usuários do espaço em março de 2019, os monumentos e edifícios do entorno da praça foram citados como elementos que contribuem para uma visão mais positiva do centro da cidade.

A visada “B” (Figura 14) compreende, em sua maioria, edifícios construídos a partir dos anos 1970, que apresentam características do movimento modernista, como o prédio dos Correios e o edifício Ninho das Águias. Além disso, nota-se ainda a presença de construções ecléticas, como o edifício da tradicional banda Lyra de Apolo.

A visada “D” (Figura 15), por outro lado, concentra uma arquitetura mais antiga, porém, em geral em bom estado de conservação (ainda que um pouco descaracterizada), em estilo eclético, com destaque para o Solar do Visconde de Araruama, o qual foi restaurado durante o projeto de revitalização do centro histórico da cidade empreendido pela prefeitura em 2012 e, desde então, abriga o Museu Histórico de Campos dos Goytacazes. Ainda na visada “D”, nota-se a presença de uma construção contemporânea, o Shopping Plaza, que também é fruto da revitalização de 2012, abrigando no térreo pontos comerciais e acima destes funcionando como edifício garagem.



Figura 14: Visada “B” da Praça São Salvador indicando a predominância de edifícios altos, construídos a partir de 1970.

Fonte: Da autora, 2019.



Figura 15: Visada “D” da Praça São Salvador demonstrando a predominância de edifícios ecléticos e a presença do Shopping Plaza, no lado direito da imagem.

Fonte: Da autora, 2019.

Por fim, a visada “C” (Figura 12) caracteriza-se pela presença das avenidas Rui Barbosa e Nelson de Souza Oliveira e, mais ao fundo, o Rio Paraíba do Sul (Figura 16). Apesar do seu potencial paisagístico e de atratividade, tal elemento natural praticamente não é valorizado pelo poder público e comunidade.



Figura 16: Visada “C” da Praça São Salvador com as Avenidas Rui Barbosa e Nelson de Souza Oliveira e, mais ao fundo, o Rio Paraíba do Sul.

Fonte: Da autora, 2019.

Com exceção dos estabelecimentos comerciais que funcionam no térreo do Shopping Plaza e a Catedral, todos os demais edifícios funcionam apenas em horário comercial, o que restringe sua influência em relação ao uso da praça. Apesar disso, conclui-se que a praça São

Salvador possui em suas visadas do entorno uma grande variedade, significativo potencial de atratividade, notando-se grande influência deste nos usos e usuários da praça.

Já na visada “A” da Praça dos Trovadores, apontada na Figura 17, observa-se um predomínio de residências e um edifício residencial multifamiliar.

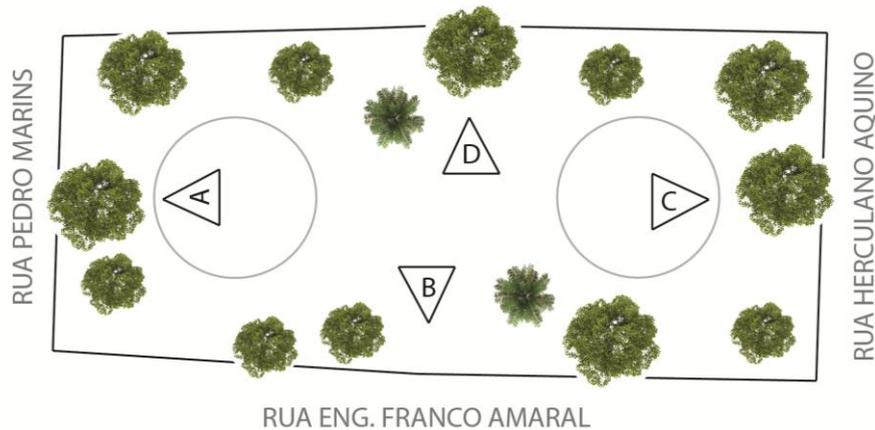


Figura 17: Planta da Praça dos Trovadores com indicação das visadas do entorno.  
Fonte: Desenvolvido pela autora, 2019.

As residências possuem muros com trechos totalmente fechados que se mesclam com trechos com grades, os quais permitem certa visibilidade (Figura 18). As construções em si também possuem algumas aberturas voltadas para a rua. No edifício residencial (Figura 19) as características observadas são semelhantes, no entanto, ao invés de grade foi utilizado vidro no muro. Apesar de tais características que demonstram certa transparência em relação às edificações e a rua, nos momentos nos quais foram realizadas visitas à praça observou-se muito pouca movimentação em frente ou dentro das edificações que a rodeiam sendo que, na maioria das vezes, esta chegava inclusive a ser inexistente.



Figuras 18 (à esquerda) e 19 (à direita): Edificações existentes na visada “A” da Praça dos Trovadores.  
Fonte: Da autora, 2019.

Ainda no que tange à visada “A” (Figura 17) da Praça dos Trovadores, notou-se que as fachadas ali presentes possuem alguma variedade de materiais/detalhes arquitetônicos. As residências, em especial, chamam bastante atenção, e o prédio destaca-se por seu gabarito mais alto em relação aos do seu entorno imediato.

Já a visada “B” (Figura 17), qualifica-se pela existência de residências e edifícios residenciais multifamiliares baixos. Nesta visada notou-se uma maior extensão de muro sem qualquer tipo de abertura (Figura 20), o que a torna menos atrativa e pode, inclusive, gerar uma sensação de insegurança. Em termos de materiais/detalhes, não há nada que se destaque muito. Um dos edifícios residenciais (Figura 21) acaba chamando um pouco mais de atenção por possuir características plásticas que o diferem dos demais ali presentes. É importante destacar que observou-se que em uma das casas funciona um salão de beleza, o que pode trazer certa movimentação para o local.



Figura 20 (à esquerda): Muro extenso sem aberturas existente em um trecho da visada “B” da Praça dos Trovadores. Figura 21 (à direita): Edifício residencial multifamiliar localizado na visada “B” da Praça dos Trovadores com arquitetura que se destaca das demais.

Fonte: Da autora, 2019.

Na visada “C” (Figura 17), há edifícios residenciais multifamiliares baixos Figuras 22 e 23), sendo que um deles (o de esquina) possui um ponto comercial no térreo. No momento da visita, o estabelecimento não estava sendo ocupado por nenhum tipo de comércio, entretanto, estava em obras, o que sugere que possivelmente volte a funcionar em breve. Os fechamentos dos edifícios em relação à rua são feitos principalmente com grades (Figura 22), havendo ainda pequenos trechos de muros, o que possibilita boa visibilidade. O ponto comercial, quando em funcionamento, pode representar um importante ponto de atratividade, tendo em vista que se sobressai em meio ao predomínio de residências. Há alguma variedade de materiais e detalhes nas fachadas.



Figuras 22 (à esquerda) e 23 (à direita): Edifícios multifamiliares baixos existentes na visada “C” da Praça dos Trovadores.

Fonte: Da autora, 2019.

A visada “D” da Praça dos Trovadores, é marcada, em uma grande extensão, por um muro alto e totalmente fechado (Figuras 24 e 25). Nota-se também a presença de um edifício residencial multifamiliar cujo fechamento em relação à rua é feito por grades em toda sua extensão, no entanto, a fachada do edifício em si, em sua parte térrea, possui poucas aberturas. Essa é uma característica presente também nos demais prédios do entorno da praça. A parte frontal do lote é, em geral, destinada ao estacionamento/garagem.



Figuras 24 (à esquerda) e 25 (à direita): Presença de grande extensão de muros totalmente fechados na visada “D” da Praça dos Trovadores.  
Fonte: Da autora, 2019.

Em geral, as visadas do entorno da Praça dos Trovadores não têm grande potencial de atratividade, especialmente por se tratarem de edificações de uso residencial e não ser comum a movimentação constante dos moradores na sua área externa frontal ou pelas ruas do bairro. Tal característica é apontada por Caldeira (2011) como resultado de uma tendência de isolamento por trás dos muros justificada pela busca por proteção e segurança, no entanto, conforme ressalta a autora, as consequências disso podem afetar não apenas a paisagem urbana, mas também o próprio uso dos espaços livres públicos.

No que diz respeito às visadas da Praça José Dias Nogueira, observa-se ao longo de todo o seu perímetro uma forte presença de atividades de prestação de serviços e comerciais, as quais voltam-se ao atendimento de necessidades variadas, contemplando segmentos como vestuário, alimentício, farmacológico, etc. É importante destacar que, alguns destes estabelecimentos, não possuem seu funcionamento restrito ao horário comercial, como é o caso de uma academia, o que pode contribuir para a presença de usuários na praça mesmo após o final da tarde. Nota-se que grande parte dos pontos comerciais ao redor da praça foram construídos no térreo ou na parte frontal de edificações residenciais, o que promove uma maior diversidade de usos no local.

A visada “A”, por exemplo, indicada na Figura 26 abaixo, é composta por uma residência e pontos comerciais.

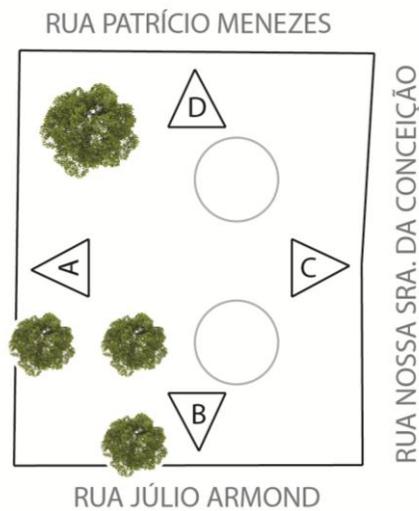


Figura 26: Planta da Praça José Dias Nogueira com indicação das visadas do entorno.  
Fonte: Desenvolvido pela autora, 2019.

A residência (Figura 27), apesar de possuir uma fachada extensa, apresenta um muro relativamente baixo, o que permite maior interação entre esta e a rua. Já o comércio, constitui-se de uma loja de roupas e acessórios e um botequim, o qual, por ficar aberto também no turno da noite, tem seu potencial de atratividade prolongado. Inclusive, durante uma conversa informal com a responsável pela limpeza da praça no dia 03 de abril de 2019, a mesma mencionou a realização de “pagodes” pelo bar, evento este que desperta o interesse de muitas pessoas, que acabam ocupando também o espaço da praça, tendo em vista o tamanho reduzido do estabelecimento comercial.



Figuras 27 (à esquerda) e 28 (à direita): Visadas “A” e “B” da Praça José Dias Nogueira, respectivamente.  
Fonte: Da autora:

A visada “B” da Praça José Dias Nogueira (Figura 28) compõe-se preponderantemente por estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços sendo que, algumas das edificações apresentam uso misto, desempenhando também o papel de residências. Em geral, são construções cujas fachadas são pouco extensas e com muitas aberturas, o que as torna mais atrativas e possibilita maior contato com a rua. Assim como relatado sobre a visada “A”, alguns estabelecimentos da visada “B” também funcionam para além do horário comercial, o que oportuniza sua atratividade inclusive no turno da noite. Acredita-se que, especialmente a academia e igreja ali situadas, atraíam um volume mais concentrado de pessoas em determinados horários.

Do mesmo modo, na visada “C” (Figura 29), também predomina o uso comercial existindo, até mesmo, uma galeria, na qual notou-se uma variedade de estabelecimentos deste tipo. Outra semelhança entre as duas visadas é o fato das fachadas serem pouco extensas e com muitas aberturas, entretanto, quando a visita foi realizada percebeu-se que alguns dos pontos comerciais estavam desocupados, reduzindo, portanto, sua capacidade de atratividade.



Figuras 29 (à esquerda) e 30 (à direita): Visadas “C” e “D” da Praça José Dias Nogueira, respectivamente.  
Fonte: Da autora, 2019.

Por fim, a visada “D” (Figura 30) apresenta uma Igreja Católica cuja tipologia arquitetônica se difere das demais construções do entorno da praça, o que acaba chamando atenção em sua paisagem. Além disso, devido à sua função, pressupõe-se que a mesma atraia um número maior de pessoas para a área em determinados horários o que, possivelmente, influência de alguma forma no uso da Praça José Dias Nogueira. Nesta visada, existem ainda residências e um ponto comercial.

Observando o espaço como um todo, percebe-se que a atratividade das visadas do entorno na Praça José Dias Nogueira está muito relacionada aos usos das edificações e, talvez, em menor grau, às suas características físicas. Tal afirmação pauta-se na constatação de que, em sua maioria, são edificações simples, que apresentam alguma variedade de materiais e detalhes arquitetônicos mas que, por si só, provavelmente não possuem força o bastante para surtir algum efeito significativo. Neste contexto, do ponto de vista das características físicas, as que mais contribuem são a pequena extensão da maioria das fachadas e sua alta transparência.

Diante do exposto, nota-se que, assim como verificado no item 4.2, a forma como se apresentam as visadas do entorno de espaços livres públicos de permanência, neste caso representados pelas praças, também pode gerar reflexos nos usos dos mesmos, contribuindo ou não para uma maior atração de pessoas para estes espaços.

#### **4.4 Avaliação do traçado e do programa de necessidades**

Para a realização da Avaliação do Traçado e do Programa de Necessidades foi utilizada a ficha 2, presente no Apêndice C deste trabalho, a qual foi desenvolvida com base em uma das ferramentas criadas pelo Instituto Gehl. O objetivo foi compreender de que modo tais características físicas podem interferir na interação e diversidade de usuários nas praças.

A visita para a realização da análise na praça São Salvador ocorreu no dia 15 de março de 2019. Na oportunidade, constatou-se que a praça possui um formato retangular, sendo circundada por vias em todo o seu perímetro. Constitui-se de um traçado regular, sem a definição de áreas e caminhos específicos. É um grande espaço aberto, passível de abrigar usos diversos e a livre circulação de pessoas que, embora criticado por uma grande parcela dos moradores de Campos dos Goytacazes, tendo em vista as características que a praça já possuiu em outras fases de sua existência, é compatível com o contexto no qual se situa. A vegetação existente também foi disposta de modo regular e linear, criando uma perspectiva que valoriza ainda mais a fachada da Catedral.

Com relação ao programa de necessidade, como é possível perceber na Figura 31 abaixo, foi concebido de uma forma bastante simples, identificando-se basicamente uma área com bancos, que atende ao lazer passivo (descanso, contemplação, interação entre pessoas), e uma área livre, na qual estão locados apenas o Monumento ao Expedicionário e o chafariz,

restando um amplo espaço que abriga a circulação de pessoas, manifestações, comércio, eventos e atende ao lazer ativo (crianças andam de bicicleta, patins, skate).

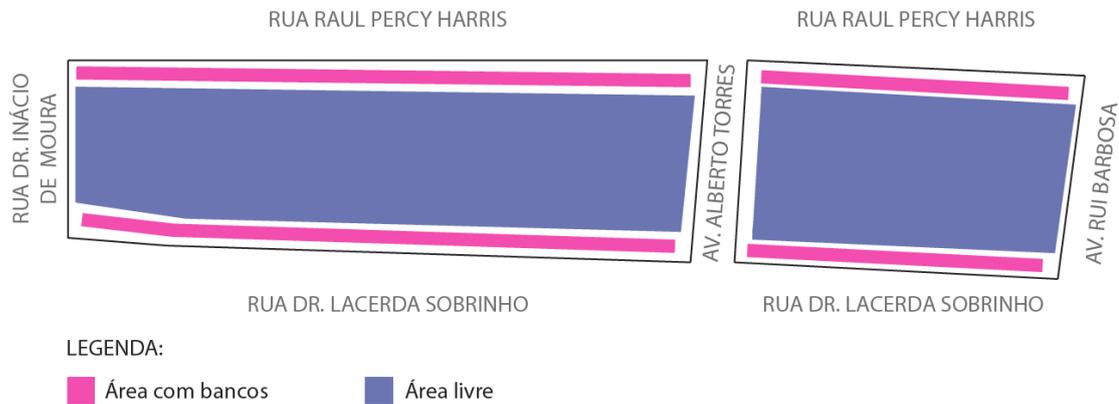


Figura 31: Planta da Praça São Salvador com indicação do programa de necessidades da mesma.  
Fonte: Desenvolvido pela autora, 2019.

A partir da análise realizada na Praça São Salvador, concluiu-se que a maioria das suas características físicas ou do programa de necessidades podem dificultar a interação e diversidade de usuários na praça. Um exemplo disso, é que o local não oferece variedade de espaços para se sentar e descansar, levando-se em consideração tanto as opções formais quanto as informais. A única opção formal são os bancos e, como opções informais, identificou-se as bordas do chafariz e alguns blocos de concreto existentes ao redor da praça. Além disso, como em geral os assentos não oferecem muito conforto, especialmente durante o dia, quando estão expostos ao sol, podem dificultar a permanência de pessoas no local. Por fim, a disposição dos bancos lado a lado nas laterais opostas da praça, como indicado na Figura 31, pode dificultar a interação entre as pessoas. Além do mais, a própria amplitude do espaço acaba deixando as pessoas mais distantes, o que pode reforçar tal situação.

Outro ponto importante e que pode trazer prejuízos tanto à interação quanto à diversidade de usuários, é a inexistência de elementos como áreas específicas para prática de exercícios físicos, espaços voltados para crianças, gramados multiuso, mesas não comerciais onde as pessoas possam comer e socializar. A oferta reduzida de atividades na praça, no dia a dia, pode acabar atraindo uma menor diversidade de usuários, podendo, inclusive, minimizar

as oportunidades de interação considerando que, por vezes, quando pessoas realizam atividades em comum elas acabam estabelecendo algum tipo de contato.

Outro aspecto observado é a existência de algumas vistas interessantes na praça e seu entorno, como o chafariz, a arquitetura e o rio Paraíba do Sul, os quais configuram-se como elementos que podem atrair usuários. Contudo, o estado atual no qual se encontra o chafariz, por exemplo, acaba prejudicando e gerando mais repulsa do que atratividade. O rio, por sua vez, tem na sua frente duas avenidas bastante movimentadas, o que também acaba tirando um pouco da sua possibilidade de atratividade. A arquitetura, apesar de bastante interessante, pode não ser atrativa a todos os olhares. Desse modo, a inexistência de variedade pode acabar limitando os grupos de interesse. Além disso, não são vistas que prendem a atenção por muito tempo o que, aliado ao fato de durante o dia no horário comercial as pessoas parecerem estar sempre muito apressadas, faz com que a maioria não dê atenção a estes aspectos.

Cabe destacar ainda, que o ambiente da praça não oferece muito conforto ao usuário. Do ponto de vista do conforto térmico, trata-se de um espaço pouco sombreado, em uma cidade quente como Campos dos Goytacazes. No que tange à acústica, a grande movimentação nos dias de semana/horário comercial, traz prejuízos. Por fim, os bancos existentes não possuem ergonomia satisfatória. Também se pode citar como aspectos negativos e que podem interferir na diversidade e interação, a inexistência de banheiros públicos, a razoável iluminação a noite e a sensação de insegurança.

Ressalta-se ainda que o espaço é parcialmente acessível a pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida. É possível vencer o desnível e acessar a praça pelos *traffic calms* existentes no seu entorno, além disso, o piso, em geral, é liso e não apresenta barreiras ao deslocamento. Contudo, não observa-se no local a presença de pisos táteis e outros tipos de identificação, o que pode limitar a diversidade de usuários na praça ou, no mínimo, dificultar o uso do espaço por um grupo de pessoas.

Por outro lado, há também alguns atributos positivos a serem destacados. O fato do local não possuir grades ou outros tipos de barreiras físicas ao acesso, pode facilitar a diversidade de usuários, e faz com que as pessoas fluam naturalmente pelo espaço, visto que este está bastante integrado ao contexto urbano no qual está inserido. A praça possui apenas algumas peças em concreto ao seu redor para evitar que veículos a invadam, tendo em vista que seu nível é

próximo ao da rua, no entanto, estes não atuam como barreiras visuais ou físicas para os usuários, não sendo, portanto, considerados como fechamento do espaço.

Apesar de não existirem na praça vendedores fixos de comida e bebida, ao seu redor há essa disponibilidade. No entorno da praça há variedade de estabelecimentos comerciais/empresas ativas no térreo das edificações adjacentes ao local, incluindo comércio de alimentos e bebidas, o que facilita a diversidade de usuários. As opções de compra são bem variadas, não limitando-se apenas ao acesso de pessoas com maior poder aquisitivo, o que reforça tal característica.

Embora alguns dos aspectos destacados possam dificultar a diversidade de pessoas na praça, é importante destacar que, na prática, essa se faz presente, tanto em relação a gênero, quanto idade e classe social. Todavia, atribui-se tal fenômeno, principalmente, à composição de seu entorno, conforme foi destacado nos itens 4.2 e 4.3. Por outro lado, no que diz respeito à interação entre as pessoas, nota-se que, de fato, é algo que ocorre com certa resistência e de forma menos frequente. Na maior parte do tempo, não parece ser um local agradável para interagir com pessoas que você não conhece. Em contrapartida, em alguns horários/ dias da semana, se torna um pouco mais propício para socializar, estar com amigos e família.

A visita à Praça dos Trovadores também ocorreu no dia 15 de março de 2019. Assim como na Praça São Salvador, constatou-se que a dos Trovadores possui um formato retangular, sendo circundada por vias em todo o seu perímetro. Constitui-se de um traçado regular e simétrico, com caminhos, canteiros e espaços bem definidos, ainda que também possua áreas multiuso. A vegetação existente, por sua vez, foi disposta de modo irregular e abundante ao longo dos canteiros, criando um ambiente agradável, aconchegante, bem sombreado e que permite um contato mais próximo com a natureza. De modo geral, acredita-se que a composição do traçado e características da praça facilitem, de certa forma, a possibilidade de interação entre seus usuários.

Conforme ilustra a Figura 32, o programa de necessidades da praça é composto por uma área com bancos, que atende ao lazer passivo, a qual circunda as duas áreas multiuso existentes, as quais atendem, por sua vez, ao lazer ativo. Também destacou-se a presença de dois playgrounds e uma área para caminhada, disposta ao redor de toda a praça. Os demais espaços que não foram destacados na Figura 32, englobam os canteiros e demais caminhos. Desse modo,

diante do exposto, percebe-se uma maior variedade no programa de necessidades da Praça dos Trovadores quando comparada à Praça São Salvador.

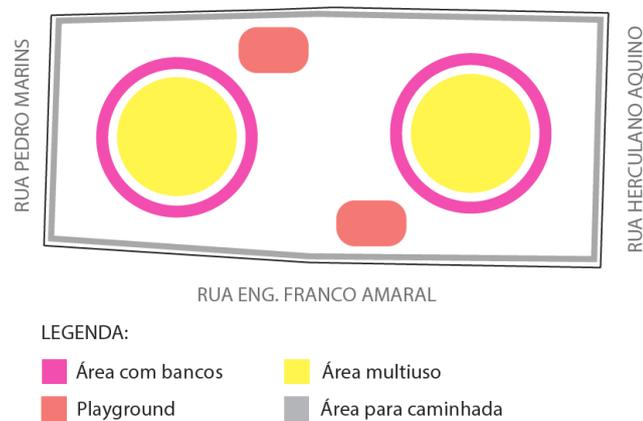


Figura 32: Planta da Praça dos Trovadores com indicação do programa de necessidades da mesma.  
Fonte: Desenvolvido pela autora, 2019.

Apesar de apresentar alguns aspectos interessantes, assim como na Praça São Salvador, a maioria dos itens analisados na Praça dos Trovadores também pode interferir negativamente na diversidade de usuários e interação entre os mesmos.

A praça não possui variedade de espaços para se sentar e descansar. Como elementos formais existem os bancos, e como informais os próprios canteiros, onde observou-se durante as visitas pessoas sentadas fazendo piquenique, acompanhando crianças no playground ou apoiando livro no banco para ler. Além disso, também não há no espaço mesas para que as pessoas possam comer e socializar.

Outro aspecto que pode prejudicar a diversidade e permanência de usuários é a inexistência de vendedores fixos de comida e bebida no local. Conforme já mencionado nos itens 4.1 e 4.2, também não há variedade de estabelecimentos comerciais e de serviço no térreo das edificações adjacentes ao local. Nos finais de semana observou-se carrinho de pipoca e barrquinha de doces, no entanto, em dias de semana não foi constatada sua presença. Destaca-se que havia, até recentemente, uma padaria em um ponto comercial em frente à praça, porém, ela fechou. Ao longo das visitas constatou-se que há obras no local, o que talvez indique que vá reabrir.

Além disso, cabe exemplificar a ausência de banheiros público como outro fator negativo. Inclusive, foi citado por uma das entrevistadas que reside no entorno da praça que já

ocorreu de baterem na sua casa pedindo para usar o banheiro. Tendo em vista a forte presença de crianças, principalmente nos finais de semana, a existência dos mesmos seria de suma importância.

Apesar de notar-se uma certa sensação de segurança nos horários de mais movimento, devido a presença de outras pessoas, em horários de menor uso não ocorre o mesmo. Por ser um bairro residencial, o fluxo de pessoas e veículos é reduzido, com isso, o fato de ter pouco movimento gera sensação de insegurança. Ademais, a praça não possui atualmente uma boa iluminação a noite.

De um modo geral, pode-se dizer que o ambiente oferece conforto aos usuários. A existência de vegetação abundante e as próprias características do bairro ajudam a deixar o clima mais agradável. Por haver pouco movimento em seu entorno, tendo em vista o predomínio de residências, há também conforto acústico. Já no que diz respeito à acessibilidade para pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, nota-se que foi prevista de forma parcial. Há rampas de acesso à praça, porém, algumas delas encontram-se danificadas, assim como trechos do piso. Há ainda raízes de árvores aparentes, podendo causar acidentes. Por outro lado, não há piso tátil ou outros elementos que facilitem a locomoção e autonomia de um modo geral.

Como características positivas, pode-se considerar que o local oferece elementos para contemplar/belas vistas, que constituem-se do seu próprio espaço, tendo em vista o efeito causado pela arborização abundante. Além do mais, o local não apresenta nenhum tipo de fechamento ao seu redor, possibilitando o livre acesso. No entanto, o canteiro, ainda que baixo, limita o acesso das pessoas ao centro e esquinas da praça, a menos que estas adotem fluxos informais.

Quanto aos espaços existentes na Praça dos Trovadores, observou-se que apesar de o local não apresentar áreas formais para prática de exercícios físicos, exceto a área no entorno da praça que é usada por muitas pessoas para caminha, percebe-se o seu uso para tal. Há informação, por exemplo, que às segundas, quartas e sextas-feiras por volta das 18h acontecem aulas de ioga. Também já observou-se grupos praticando atividades físicas com acompanhamento profissional. Além disso, a praça possui *playground* e espaços multiuso que, devido ao piso liso, são usados para práticas de esportes como patins, skate e bola, principalmente por crianças e adolescentes. Outro espaço utilizado informalmente pelas pessoas são os próprios canteiros, ainda que a grama esteja bastante danificada. Durante as visitas, percebeu-se o seu uso para brincadeiras e piquenique.

Em geral, a praça parece tratar-se de um local razoavelmente bom para interagir com pessoas que você não conhece, bem como para socializar entre amigos e família. Apesar do programa de necessidades relativamente enxuto, sua estrutura física possibilita a realização de diferentes tipos de atividades, o que influencia positivamente na diversidade quanto às faixas etárias que fazem uso da mesma. Entretanto, o mesmo não se pode afirmar em relação a diversidade de classes sociais, tendo em vista que parece existir uma certa homogeneidade neste sentido.

A visita à Praça José Dias Nogueira, por sua vez, ocorreu no dia 03 de abril de 2019. Diferentemente das outras duas praças, as quais possuem formato retangular, constatou-se a José Dias Nogueira é mais próxima de um quadrado, sendo como as demais circundada por vias em todo o seu perímetro. Constitui-se de um traçado regular e simétrico, com caminhos e canteiros bem definidos, embora tenha sido observado que muitas pessoas “cortam caminho” pelos canteiros. Assim como na Praça dos Trovadores, seus espaços são mais bem definidos, no entanto, esta não possui áreas multiuso. A vegetação existente foi disposta de modo irregular e mais concentrada no playground, o que gera pouco sombreamento nas demais áreas.

Como se pode constatar observando a Figura 33, entre as três praças analisadas, a José Dias Nogueira é a que possui o programa de necessidades mais diversificado, ainda que, em contraponto, possua menor extensão que as demais. Sua composição engloba uma área com bancos, que atende ao lazer passivo, um *playground*, uma academia, sanitários, quatro quiosques e um ponto de ônibus. Os demais espaços que não foram destacados na Figura 33, englobam os canteiros e caminhos. Há também algumas estruturas móveis na praça como, por exemplo, uma antiga estrutura de banca de jornais que hoje em dia comercializa salgados e bebidas, que não foram ilustradas por não fazerem parte do programa de necessidades original da praça e não serem fixas.

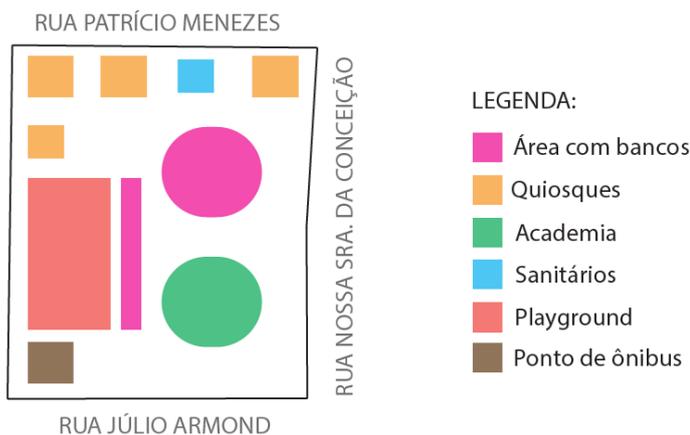


Figura 33: Planta da Praça José Dias Nogueira com indicação do programa de necessidades da mesma.  
Fonte: Desenvolvido pela autora, 2019.

Ao contrário do constatado nas praças São Salvador e Trovadores, a maioria das características analisadas na José Dias Nogueira tem potencial para favorecer a diversidade de usuários e interação entre os mesmos. O principal aspecto talvez esteja relacionado ao próprio programa de necessidades da praça. Conforme destacado, o local possui uma área formal voltada para a prática de exercícios físicos, *playground* e vendedores fixos de comida e bebida no local. Além disso, como já mencionado no item 4.2, no térreo das edificações adjacentes à praça há variedade de estabelecimentos comerciais e de serviços, incluindo comércio de comidas e bebidas. Estas opções de compra disponíveis não são muito caras, o que não as limita apenas a pessoas com maior poder aquisitivo, facilitando, além da interação, também a diversidade de usuários no local.

Outro aspecto positivo e em comum com as demais praças estudadas, é que o local também não possui barreiras físicas o cercando do entorno, o que pode facilitar a diversidade de usuários, além de fazer com que as pessoas fluam naturalmente pelo espaço até mesmo ao passar se deslocando para outros lugares. Ademais, foi observada a existência de banheiros públicos - ainda que demandando manutenção – a razoável sensação de segurança que se tem, especialmente durante o dia; a existência de rampas de acesso e de uma superfície de piso adequada para a locomoção de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, as quais também configuram-se como características desejáveis. Por outro lado, vale destacar a ausência de pisos táteis, elementos de comunicação em braille e outros detalhes importantes para tornar o espaço plenamente acessível, assim como observado nas praças São Salvador e Trovadores, demonstrando que, possivelmente, se trata de um problema comum a outros espaços livres públicos do município.

Por fim, ressalta-se ainda o conforto ambiental e a variedade de espaços para se sentar e descansar como características com potencial mediano na promoção de diversidade de usuário, bem como na sua permanência no espaço. As árvores existentes contribuem com o conforto térmico, no entanto, como estão concentradas no playground muitos bancos ficam expostos ao sol, o que pode ser bastante desconfortável em algumas épocas do ano/horários do dia. Quanto ao conforto acústico pode-se dizer que, apesar de ser uma área com certo movimento de veículos e pessoas, não chega a ser algo incômodo para a permanência na praça. Por fim, no que tange à ergonomia, assim como observado na Praça São Salvador e na dos Trovadores, a inexistência de encosto nos bancos pode influenciar na permanência dos usuários no espaço, pelo fato de não oferecer conforto o bastante, especialmente para pessoas mais idosas. Além dos bancos, é possível se sentar no ponto de ônibus e nas cadeiras dos quiosques.

Como fatores que poderiam afetar negativamente a diversidade e interação entre os usuários, poderiam ser citados a inexistência de elementos para contemplar/belas vistas, a inexistência de gramado ou espaço multiuso e a ausência de mesas que não sejam comerciais para que as pessoas possam comer e socializar. No entanto, diante das observações realizadas, tais aspectos não parecem trazer prejuízos significativos.

Em geral, a Praça José Dias Nogueira é um bom lugar para interagir com pessoas que você não conhece. Também consiste em um bom lugar para estar com amigos e família e realizar diferentes tipos de atividades, sendo possível encontrar pessoas com diferentes interesses. Observou-se diversidade de gênero e faixa etária, porém, aparentemente não muita de classe social, assim como destacado em relação a Praça dos Trovadores.

#### **4.5 Diagnóstico dos elementos construídos e florísticos**

O diagnóstico dos elementos construídos e florísticos foi realizado com base na Ficha 3, apresentada no Apêndice D deste trabalho, e visou identificar a presença ou ausência de determinados elementos nas praças, assim como seu grau de conservação, de modo a identificar como estas vem sendo tratadas pela população e pelo poder público. Além disso, o diagnóstico possibilita compreender a relação dos aspectos observados com os usos de tais espaços. O quadro abaixo destaca de forma resumida as observações realizadas.

Elementos Construídos e Florísticos	Praça São Salvador					Praça dos Trovadores					Praça José Dias Nogueira				
	Condição		Estado Conserv.			Condição		Estado Conserv.			Condição		Estado Conserv.		
	Exist.	Inexist.	Bom	Reg.	Ruim	Exist.	Inexist.	Bom	Reg.	Ruim	Exist.	Inexist.	Bom	Reg.	Ruim
<b>Arte</b>															
Escultura		x					x					x			
Obelisco		x					x					x			
Painel		x					x					x			
Busto		x					x				x			x	
Instalação		x					x					x			
Estátua	x		x				x					x			
Outro:		x					x					x			
<b>Água</b>															
Cascata		x					x					x			
Fonte		x					x					x			
Chafariz	x				x		x					x			
Espelho d'água		x					x					x			
Rio, riacho, lagoa		x					x					x			
Outro:		x					x					x			
<b>Iluminação</b>															
Poste alto	x			x		x				x	x		x		
Poste médio		x				x				x		x			
Poste baixo	x			x			x					x			
Spot	x			x			x					x			
Arandela		x					x					x			
Balizador		x					x					x			
Refletor		x					x					x			
Outro:		x					x					x			
<b>Cercamento</b>															
Muro		x					x					x			
Gradil		x					x					x			
Cerca Viva		x					x					x			
Alambrado		x					x					x			

Cerca		x				x					x			
Sistema misto		x				x					x			
Outro:		x				x					x			
<b>Sinalização</b>														
Indicativa e direcional		x				x					x			
Informativa	x			x		x			x		x			x
Interpretativa		x				x					x			
Outro:		x				x					x			
<b>Acessibilidade</b>														
Ciclovia		x				x					x			
Transporte público		x				x				x			x	
Passarela de pedestres		x				x					x			
Estacionamento	x			x		x			x				x	
Piso tátil		x				x					x			x
Rampa	x			x		x			x		x			x
Outro:		x				x					x			
<b>Equipamentos Lazer e Esportes</b>														
Playground		x				x				x	x			
Quadra esportiva		x				x							x	
Pista de skate/patins		x				x							x	
Equipamentos ginástica		x				x					x			x
Mesa de jogos		x				x							x	
Outro:		x				x							x	
<b>Equipamentos Públicos</b>														
Bicicletário		x				x							x	
Ponto de ônibus/táxi	x					x					x			x
Bebedouro		x				x							x	
Lixeira	x					x					x			
Telefone público		x				x							x	
Outro:		x				x							x	
<b>Construções</b>														
Quiosque		x				x					x			x

Banca de jornais		x					x					x			
Sanitário		x					x				x			x	
Palco/coreto		x					x					x			
Anfiteatro		x					x					x			
Ponte		x					x					x			
Pergolado		x					x					x			
Segurança		x					x					x			
Espaço para animais		x					x					x			
Pórtico		x					x					x			
Edifícios institucionais		x					x					x			
Outro:		x					x					x			
<b>Pavimentação</b>															
Piso	x			x			x			x			x		
Outro:															
<b>Mobiliários</b>															
Bancos	x			x			x			x			x		
Mesas/cadeiras		x					x					x			
Outro:							x					x			
<b>Vegetação</b>															
Forração	x			x			x			x	x				x
Arbustos		x					x			x	x				x
Árvores	x			x			x		x		x			x	
Herbáceas		x					x					x			
Outro:		x					x					x			

Quadro 3: Resultados do diagnóstico de elementos construídos e florísticos obtidos através de visitas às praças São Salvador, Trovadores e José Dias Nogueira.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base em observações *in loco*, 2019.

De modo geral, como é possível observar, constatou-se que todas as três praças analisadas estão, atualmente, demandando de manutenção de alguns dos itens, em menor ou maior grau. Tal panorama parece refletir uma subtração generalizada de investimentos nos espaços livres públicos da cidade, questão esta já levantada no item 3.2.2 deste trabalho. Conforme destacado, têm sido observadas apenas algumas intervenções pontuais em praças centrais da cidade, como a Praça das Taças e o Jardim São Benedito, os quais configuram-se como espaços visíveis na paisagem urbana em virtude de sua localização.

No que diz respeito à arte, observou que apenas a Praça São Salvador e a José Dias Nogueira foram contempladas. A primeira, possui uma estátua - o Monumento ao Expedicionário (Figura 34) - que compreende o túmulo no qual estão depositados os restos mortais de soldados combatentes da segunda guerra mundial, como uma homenagem aos campistas que lutaram pela pátria. Encontra-se em bom estado de conservação, tendo sido restaurada em 2011 como parte do projeto de revitalização do centro histórico. A segunda, abriga o busto de José Dias Nogueira, o qual dá nome à praça, possuindo, no entanto, algumas partes danificadas, como é possível verificar na Figura 35 abaixo.

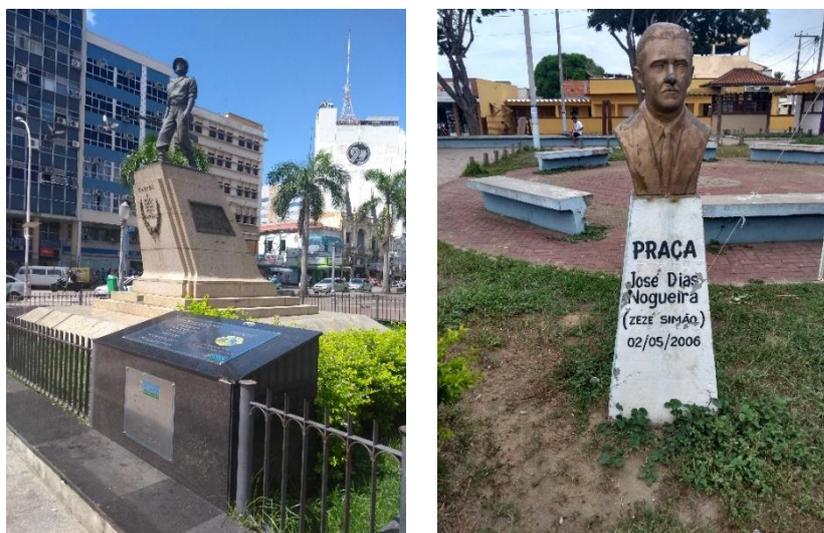


Figura 34 (à esquerda): Monumento ao Expedicionário, localizado na Praça São Salvador. Figura 35 (à direita): Busto de José Dias Nogueira, situado na praça de mesmo nome.

Fonte: Da autora, 2019.

Quanto à presença de elemento água, foi verificado apenas na Praça São Salvador. A praça possui um chafariz (Figura 36) feito em louça belga. Trata-se de um presente recebido pelo primeiro prefeito de Campos. Foi restaurado em 2013 como parte do programa de

revitalização do centro histórico, mas não encontra-se em bom estado de conservação. Segundo relatos de um dos entrevistados, não tem recebido a manutenção devido à falta de pagamento por parte da prefeitura, estando com partes faltantes que foram roubadas, com lodo, mal cheiro, plantas nascendo e sem funcionamento. Ainda de acordo com relatos obtidos nas entrevistas, também tem sido utilizado por moradores de rua para tomar banho e até beber água. É considerado um dos cartões postais da cidade, mas encontra-se em mau estado de conservação.



Figura 36: Chafariz Belga da Praça São Salvador com lodo no fundo, crescimento de vegetação e partes danificadas, demonstrando seu mau estado de conservação.

Fonte: Da autora, 2019.

Com relação à iluminação, a Praça de José Dias Nogueira foi a que apresentou o melhor estado de conservação. Na São Salvador, ela é mais variada, sendo feita através de postes altos, baixos e spots. É suficiente, porém, encontra-se em estado regular de conservação, tendo sido observadas luminárias danificadas. É interessante notar também a variedade nos modelos adotados. Os postes altos são voltados para a rua, estão nas laterais da praça e possuem design mais contemporâneo. Os postes baixos estão mais para o centro da praça e possuem design mais antigo. E, por fim, spots foram usados como iluminação de destaque nas palmeiras. Na Praça dos Trovadores também notou-se a necessidade de manutenção dos postes, muitos encontram-se danificados e com luzes queimadas, fazendo com que a iluminação no período da noite seja insuficiente em algumas áreas.

No que tange à elementos que cerquem as praças, observou-se a inexistência em todas as três, o que facilita o livre fluxo de pessoas pelos seus espaços. No entanto, na praça dos Trovadores observou-se que a existência de canteiros em todo o seu perímetro, ainda que estes sejam baixos, limita o acesso dos usuários à praça pelo seu centro e esquinas. Como é possível

visualizar na Figura 37, não há uma calçada que fique ao redor da praça pelo lado externo do canteiro.



Figura 37: Praça dos Trovadores vista pelo lado de fora, demonstrando a presença de canteiros em quase todo o seu entorno e a inexistências de calçadas externas à estes.

Fonte: Da autora, 2019.

A sinalização, por sua vez, foi detectada como insuficiente nas três praças analisadas. Na São Salvador, há apenas placas informativas posicionadas próximas à estátua e ao chafariz. A dos Trovadores possui somente uma placa com nome da praça. Na José Dias Nogueira, há placas informativas no busto e na academia. Em geral, falta sinalização indicativa, direcionais e interpretativa podendo dificultar, principalmente, a locomoção autônoma e segura de pessoas com deficiência visual.

O piso da praça São Salvador é em granito e encontra-se em estado de conservação regular. Devido ao material utilizado e o fato da superfície como um todo ficar diretamente exposta ao sol, o material absorve muito calor e o transfere, prejudicando o conforto térmico no local. Além disso, sua superfície lisa não oferece conforto aos usuários, principalmente em dias de chuva. Levando-se em consideração a área da praça e fazendo uma análise geral, foram observadas áreas onde o piso está completamente danificado (inexistente ou soltando), o que pode oferecer insegurança aos usuários do espaço.

Quanto às condições de acessibilidade, pode-se dizer que é bastante deficitária. Em todas as praças foram observadas rampas, o que possibilita o acesso de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida, no entanto, é importante mencionar que algumas das rampas

encontram-se com o piso danificado, como se vê nas Figuras 38 e 39, podendo acarretar acidentes.



Figuras 38 (à esquerda) e 39 (à direita): Rampas de acesso às praças dos Trovadores e José Dias Nogueira, respectivamente. Ambas danificadas.

Fonte: Da autora, 2019.

Apesar da existência da rampa, faltam outros elementos, como piso tátil direcional e alerta, para guiar pessoas com deficiência. Na Praça José Dias Nogueira, como mostra a Figura 39, ele existe apenas na rampa. Já em relação aos elementos integrados às praças, nenhuma delas possui estacionamento em seu espaço físico, mas no seu entorno ele é existente, atendendo da mesma forma aos usuários que se deslocam até elas de carro particular. Somente a José Dias Nogueira possui ponto de ônibus, mas na São Salvador e dos Trovadores há linhas que passam por ali e pontos de ônibus relativamente próximos. Nenhuma das três possui ciclovia em seu entorno imediato, contudo, a praça dos Trovadores fica próxima à Avenida 28 de Março, na qual está uma das principais ciclovias da cidade, e à Rua Caldas Viana, na qual há uma ciclofaixa. Desse modo, percebe-se que há condições para que moradores de outros bairros da cidade possam chegar às praças estudadas, neste sentido, possibilitando certa diversidade de usuários.

Por outro lado, a inexistência de uma variedade de equipamentos de lazer e esportes, principalmente na Praça São Salvador, poderia prejudicar a diversidade de usuários, tendo em vista a limitação em sua atratividade no que diz respeito à possibilidade de atividades a serem desenvolvidas.



Figuras 40 (à esquerda) e 41 (à direita): Brinquedos danificados nos *playgrounds* das praças dos Trovadores e José Dias Nogueira, respectivamente.

Fonte: Da autora, 2019.

Nas praças Trovadores e José Dias Nogueira há *playgrounds*, porém, notam-se brinquedos quebrados ou danificados, com a pintura ruim, podendo oferecer risco as crianças, como ilustram as Figuras 40 e 41. A José Dias Nogueira possui ainda equipamentos de ginástica, estes sim em bom estado de conservação (Figura 42).



Figura 42: Equipamentos de ginástica existentes na Praça José Dias Nogueira.

Fonte: Da autora, 2019.

Quanto aos equipamentos públicos, há ponto de táxi somente na praça São Salvador, e ponto de ônibus somente na José Dias Nogueira. No que tange às lixeiras, as da São Salvador encontram-se em estado regular de conservação. As da praça dos Trovadores em si são toras de árvore de madeira e estrutura metálica, como mostra a Figura 43. Como são vazadas, o lixo

acaba escapando para fora. Algumas, inclusive, estão quebradas. Há também algumas lixeiras de plástico (padrão do município), em melhor estado de conservação. Há ainda um ponto de coleta seletiva. Na praça José Dias Nogueira não há lixeiras mas, nota-se que há partes remanescentes, como se vê na Figura 44. Havia uma senhora, a qual afirmou ser contratada da prefeitura, fazendo a limpeza. Segundo a mesma, realiza o serviço todos os dias na praça. No que concerne a construções, foram identificadas apenas na Praça José Dias Nogueira. Contudo, tanto os quiosques quanto sanitários demandam manutenção.



Figura 43 (à esquerda): Lixeira da Praça dos Trovadores feita com toras de madeira, o que possibilita que o lixo saia pelos espaços vazados. Figura 44 (à direita): Resto da estrutura de uma lixeira na Praça José Dias Nogueira.  
Fonte: Da autora, 2019.

Quanto à pavimentação, nas três praças encontra-se em regular estado de conservação. Na São Salvador é em granito, apresentando muitas reclamações por parte da população por sua superfície lisa oferecer risco de queda, principalmente em dias de chuva. Em alguns lugares encontra-se bastante danificado (Figura 45). Na praça dos Trovadores o piso é de granilite, intertravado e pedra portuguesa. Apresenta irregularidades, em alguns locais soltou completamente (Figura 46) e em outros encontra-se danificado por raízes de árvores. Na José Dias Nogueira é em blocos de concreto sextavados e intertravado. Apresenta pouquíssimas partes danificadas. Algumas poucas peças faltando e vegetação nascendo entre os intertravados.



Figuras 45 (à esquerda) e 46 (à direita): Pisos danificados nas praças São Salvador e dos Trovadores, respectivamente.  
Fonte: Da autora, 2019.

Na Praça São Salvador os bancos são em alvenaria revestidos com granito. Estão em regular estado de conservação. Devido ao fato de ficarem constantemente e diretamente expostas ao sol, não oferecem conforto térmico. Além disso, alguns deles encontram-se danificados, com superfície solta e/ou partes quebradas (Figura 47).

Na dos Trovadores também são em concreto. A pintura encontra-se desgastada e pequenos pedaços quebrados. Além disso, o concreto esquenta um pouco quando exposto ao sol. Situação semelhante se observa na José Dias Nogueira, onde os bancos também são em concreto e encontram-se com partes quebradas (Figura 48). Isto não inviabiliza o uso, mas pode acarretar em algum tipo de acidente. Em geral, os bancos das praças não são muito confortáveis, pois não tem encosto, o que pode afetar, de certa forma, a permanência dos usuários.



Figuras 47 (à esquerda) e 48 (à direita): Bancos danificados nas praças São Salvador e José Dias Nogueira, respectivamente.  
Fonte: Da autora, 2019.

Quanto aos elementos florísticos, na Praça São Salvador há a presença de palmeiras e forração apenas ao redor do monumento ao expedicionário. Observou-se que as raízes de algumas palmeiras cresceram estourando o piso do entorno. Na praça dos Trovadores a vegetação é mais abundante e variada, identificou-se palmeiras, pau ferro, flamboyant, grama, arbusto, jamelão, chuva de ouro, pata de vaca. Na José Dias Nogueira há grama e arbustos nos canteiros, porém encontram-se sem manutenção. Há árvores, mas se concentram no *playground*, outros espaços como os bancos ficam sem proteção contra a insolação direta.

#### **4.6 Visitas exploratórias**

As visitas exploratórias foram realizadas com o objetivo de proporcionar um contato mais atento da pesquisadora com os locais pesquisados, mediante a observação dos espaços e seus usuários. Foram realizadas duas visitas exploratórias em cada uma das praças analisadas neste trabalho, tendo-se procurado executá-las em diferentes dias da semana e horários do dia, de modo a possibilitar a percepção de possíveis variações e especificidades que pudessem ocorrer.

A primeira visita exploratória à Praça São Salvador, foi realizada em uma quarta-feira à tarde, no dia 15 de agosto de 2018, por volta das 15h, e teve aproximadamente uma hora de duração. O dia estava ensolarado e, por ser inverno, o clima estava agradável. A autora do trabalho ficou posicionada em um ponto ao redor da praça, de onde fosse possível ter uma boa visibilidade do todo e, ao mesmo tempo, que sua presença não intervisse nas atividades e usuários ali presentes. Em função da localização da praça e dos usos existentes em seu entorno, já destacados nas análises dos itens 4.2 e 4.3, no dia e horário da visita observou-se grande circulação de pessoas pelo espaço. Percebeu-se muitas pessoas caminhando rapidamente, parecendo não estar passeando, mas utilizando a praça como travessia.

Havia também, algumas pessoas sentadas nos bancos da praça, mas a concentração maior era na praça Quatro Jornadas, onde naquele horário já havia alguma sombra. Apesar de ser inverno e as temperaturas nesta época do ano serem mais amenas, a disposição dos bancos da praça a sol pleno acaba, de certa forma, inibindo a permanência das pessoas neste horário, devido ao desconforto gerado por tal situação. Inclusive, esta foi uma das observações recorrentes feitas pelos entrevistados em um momento posterior de visita à praça. Eles

destacaram a falta de sombra e a grande sensação de calor, especialmente no verão, como características que dificultam sua estada naquele espaço.

Neste sentido, notou-se, ainda, pessoas sentadas nas bordas do chafariz, onde também havia sombra naquele momento. A sensação que se tinha, era de que a maioria das pessoas que estava sentada na praça estava à espera de alguma coisa ou alguém, não aparentavam ter saído de casa com o objetivo específico de ir à praça para lazer ou contemplação. Desse modo, ressalta-se que o uso do espaço predominante no momento da visita era o de circulação.

No que diz respeito aos usuários do espaço, destaca-se que havia uma significativa heterogeneidade de gênero e faixas etárias – homens, mulheres, idosos, crianças, adultos – sem o predomínio de um grupo em especial, refletindo uma característica própria do centro da cidade, o qual abarca diferentes interesses.

Na oportunidade, inclusive, havia barracas dispostas ao longo da praça expondo e comercializando artesanatos. Tratava-se da feira “Mãos de Campos”, a qual costumava ocorrer às quartas, quintas e sextas-feiras, das 8h às 17h. No entanto, no momento da visita, não observou-se muitas pessoas parando nas barracas para comprar ou observar as peças expostas. Vale destacar que, ao que parece, em 2019 a feira não vem tendo mais esta periodicidade.

Um fator em especial que chamou atenção foi a presença de moradores de rua ocupando a praça, assim como seu entorno imediato, o que gera uma sensação de insegurança constante, pela impressão de que a qualquer momento você pode ser abordado, como chegou a acontecer com a autora deste trabalho enquanto estava lá. Durante as entrevistas realizadas em março de 2019, este foi um aspecto mencionado por praticamente todos os participantes, os quais diziam-se incomodados e amedrontados com a presença destes. Também havia pessoas vendendo balas, abordando os outros em busca de ajuda.

Percebeu-se que em dia de semana e horário comercial a praça é um local bastante agitado, dinâmico e movimentado. A atmosfera é mais impessoal, de estranhamento, o que inibe qualquer tipo de contato com o outro (desconhecido), que parece ser visto com uma certa desconfiança. O depoimento de Yuri, vendedor de balas entrevistado em março de 2019 reforça essa percepção. O jovem demonstrou certa insatisfação com o fato de não receber atenção das demais pessoas que por ali passam, chegando a dizer que são mal educadas e evitam qualquer tipo de interação. Uma outra situação que fortalece a sensação de estranhamento e desconfiança foi a reação de uma senhora que, enquanto estava sendo entrevistada, demonstrou ter ficado bastante assustada quando uma moça curiosa se aproximou de nós inesperadamente. Neste

sentido, percebe-se um fenômeno já destacado por Caldeira (2011) em relação ao uso dos espaços que, muitas vezes, ocorre de forma coletiva mas não de fato compartilhada. A resistência na interação de pessoas ou grupos de pessoas acabam, assim, para a constituição nos espaços públicos de uma esfera que não é nem pública nem privada.

Ainda em relação a atmosfera da praça, ressalta-se que o movimento constante de pessoas e veículos no entorno intensificam a sensação de agitação. Não se percebe tranquilidade, o espaço não é bom para relaxar neste horário. Os veículos também contribuem para um desconforto acústico. Tais características, aliadas às destacadas no item sobre o traçado e programa de necessidades das praças, podem afetar a interação entre os usuários do espaço.

A segunda visita exploratória à Praça São Salvador, por sua vez, ocorreu em um domingo, dia 19 de agosto de 2018, às 18:30h, e durou aproximadamente uma hora. Estava uma noite de céu limpo e, mesmo sendo inverno, o clima estava ameno e agradável. Nesta oportunidade, diferentemente do observado em dia de semana/horário comercial, notou-se uma maior permanência dos usuários que estavam na praça. A maioria das pessoas parece de fato ter se deslocado para a praça com o objetivo de passear ou realizar alguma atividade de lazer. Além disso, o menor quantitativo de pessoas e veículos circulando no entorno promoviam um ambiente mais confortável e propício ao lazer e encontro. A iluminação estava regular, não havia pontos escuros mas, em geral, a praça poderia ser mais clara, de modo a contribuir com a sensação de segurança.

Observou-se a presença de crianças e adolescentes fazendo uso de equipamentos como skate, bicicleta e patins, tendo em vista que o piso liso e o espaço amplo e livre propiciam tais atividades. Na lateral da praça próxima ao Museu Histórico de Campos, havia brinquedos infantis, como carrinhos elétricos, sendo alugados para uso das crianças na praça. Também notou-se a presença de adultos, inclusive grupos que pareciam estar se direcionando ou aguardando o horário de início das celebrações em igrejas próximas. No entorno da praça, alguns estabelecimentos comerciais do ramo alimentício estavam funcionando, porém, sem muito movimento durante o tempo da visita.

Já a primeira visita exploratória à Praça dos Trovadores, ocorreu em uma quarta-feira à tarde, dia 08 de agosto de 2018, às 17h, teve duração de aproximadamente uma hora e era um dia de céu limpo. A pesquisadora ficou posicionada em um banco na parte central da praça, de onde era possível ter uma visão do todo. Em geral, pode-se dizer que se trata de um local bastante agradável. A farta arborização torna o ambiente aconchegante e tranquilo, propício a realização de atividades diversas e interação com outras pessoas.

Observou-se a presença de alguns usuários caminhando/correndo ao redor da praça, tanto homens quanto mulheres. Notou-se também, o uso de um dos espaços multiuso existentes por adolescentes/pré-adolescentes para jogar bola. No playground, por sua vez, havia algumas crianças brincando acompanhadas dos pais. Observou-se ainda a presença de pessoas passeando com seus cachorros. Aparentemente, a maioria dos usuários presentes parecia residir por perto, pois chegavam a pé ou de bicicleta. Pessoas também passavam pela praça se deslocando para algum lugar, sendo que a maioria parecia ir no sentido da Avenida 28 de Março. Acredita-se que, pelo horário, poderiam ser pessoas que trabalham no bairro e estavam indo pegar o transporte público em direção às suas residências.

Ainda em relação aos usuários, notou-se que havia um predomínio de adolescentes na praça durante o tempo da visita. Notou-se que há certa interação entre os adultos (que aparentemente não se conhecem) e as crianças parecem ser o aspecto em comum que incentiva tal contato. A praça transmite a sensação de um ambiente familiar, agradável e tranquilo. A sensação de familiaridade parece gerar maior possibilidade de aproximação entre as pessoas, o que se diferencia do observado na Praça São Salvador.

A segunda visita exploratória à Praça dos Trovadores ocorreu em um domingo à tarde, no dia 12/08/18 às 15:30h, e teve duração de aproximadamente uma hora. O dia estava ensolarado e o clima agradável. No horário da visita à praça estava bastante movimentada. Observou-se a presença de um grande número de crianças. Os adultos, em sua maioria, pareciam estar acompanhando as crianças.

No centro da praça haviam sido montados alguns brinquedos infantis, como cama elástica e escorregador inflável, além do aluguel de triciclos para que as crianças pudessem andar com eles pela praça. Observou-se também a existência de carrinhos e barraquinhas de comércio alimentício, como pipoca e doces. Ao que se sabe, esta estrutura sempre é montada nos finais de semana e alguns feriados, e parece atrair bastante as crianças. Além da área central, da praça, também notou-se um maior uso/concentração de pessoas em seus “espaços multiuso”, que consistem em duas áreas circulares, de piso liso, cercadas por barras de ferro baixas, dispostas simetricamente dos dois lados da praça. São áreas utilizadas para práticas de esportes e brincadeiras em geral.

Neste dia, observou-se um maior uso dos espaços por parte das crianças. Os adultos, em geral, estavam sentados pelos bancos as observando ou mexendo no celular. Como a praça estava bem cheia, notou-se o uso de um dos canteiros por um pai com seu filho para jogar bola. Em outro canteiro, embaixo de uma árvore, havia também um grupo de pessoas sentadas ao

chão, aparentemente fazendo piquenique. Uma cena de integração intergeracional chamou a atenção: aparentemente avô, filho e neto jogando bola juntos. É interessante a forma como as pessoas conseguem usar ao mesmo tempo um espaço livre, que não tem barreiras físicas, para funções variadas e de maneira harmônica.

No que diz respeito à origem dos usuários, observou-se neste dia que havia bastante carros estacionados ao redor da praça, o que talvez indique que parte das pessoas ali presentes não eram moradores do bairro. Destaca-se que através das entrevistas realizadas em outros dias constatou-se que, de fato, moradores de outros bairros próximos costumam fazer uso da Praça dos Trovadores.

Por fim, a primeira visita exploratória à Praça José Dias Nogueira ocorreu em uma quarta-feira, no dia 04 de abril de 2019 às 9h, e teve aproximadamente uma hora de duração. O dia estava encoberto e um pouco abafado, mas nada que interferisse negativamente no uso da praça naquele horário. A autora do trabalho ficou posicionada na área central da praça, de onde era possível ter uma visão de todo o espaço.

Apesar da simplicidade e do espaço reduzido, a praça é um local agradável e acolhedor. Devido a existência dos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços em seu entorno, a área possui uma certa movimentação, mas nada que gere desconforto ou atrapalhe a tranquilidade do lugar, diferentemente do que notou-se na praça São Salvador. Por ser um bairro predominantemente residencial, a tendência é que a maioria das pessoas que circulam por ali sejam residentes do próprio bairro ou de outros localizados por perto.

Em virtude disso, a sensação que se teve durante a visita é de que todos por ali se conhecem, o que facilita a possibilidade de interação entre as pessoas. Inclusive, durante o tempo em que a pesquisadora esteve na praça, algumas pessoas se aproximaram espontaneamente para conversar, sendo bastante simpáticas e solícitas, o que chamou bastante atenção em relação ao que vivenciou-se nas demais praças.

Notou-se significativo uso do espaço como passagem, tendo em vista a característica em comum com a praça São Salvador, ainda que em menor escala, da existência de edificações comerciais, de serviço e institucionais no entorno. Entretanto, também havia pessoas que ficavam um tempo na praça conversando, aguardando o transporte público no ponto de ônibus e até passeando com crianças. Percebeu-se que, algumas das pessoas que estavam pela praça realizavam algum tipo de atividade ali, como o senhor do quiosque, outro que tomava conta de uma barraca que vende biscoitos e duas senhoras que distribuíam panfletos religiosos.

Na maior parte do tempo, o predomínio era de adultos, contudo, próximo do horário do almoço, percebeu-se a presença de alguns jovens na praça, tendo em vista a proximidade dela com uma escola, provavelmente estavam no horário de saída da mesma. Além disso, em menor proporção, também observou-se idosos e crianças, o que denota uma certa heterogeneidade de gênero e faixa etária.

A segunda visita exploratória à Praça José Dias Nogueira ocorreu em uma quinta-feira, no dia 11 de abril de 2019 às 16:30h, e teve aproximadamente uma hora de duração. O dia estava ensolarado, porém, a temperatura estava agradável. A autora do trabalho ficou posicionada na área central da praça, de onde era possível ter uma visão de todo o espaço. Nesta oportunidade, diferentemente do observado pela manhã, notou-se uma maior presença de usuários na praça, especialmente jovens, visto que há uma escola perto da praça e estava próximo do horário de saída. Devido a isto, o local estava mais agitado, demonstrando toda a sua vivacidade. O entorno da praça também estava mais movimentado do que pela manhã.

Apesar do maior quantitativo de pessoas, se manteve a sensação de familiaridade, de uma certa proximidade entre as pessoas, ainda que em menor grau do que o constatado na primeira visita exploratória. Talvez porque muitos dos que estavam ali parecem não residir no bairro, tendo em vista que a quantidade de usuários se reduziu consideravelmente próximo das 17:30h, quando passaram pelo menos três ônibus pela praça.

Um fato não observado pela manhã e que pode gerar algum incômodo, ou até mesmo sensação de insegurança, foi a presença de pessoas consumindo bebidas alcoólicas e até mesmo já um pouco alteradas o que, de certa forma, prejudica um pouco a sensação de ambiente propício para o lazer e encontro de pessoas de todas as idades. Acredita-se que, mais a noite, tal fenômeno possa se intensificar. No momento da visita, dois dos quatro quiosques estavam em funcionamento, além da banca de capinhas de celular e de salgados/bebidas. No entanto, não havia muitas pessoas em nenhum destes estabelecimentos. Pelas observações feitas, aparentemente os outros dois quiosques que estavam fechados não estão funcionando, mas não foi possível chegar a uma conclusão com plena certeza.

Além dos jovens, observou-se também algumas crianças presentes. Chamou atenção o fato de elas, aparentemente, preferirem brincar nos equipamentos de ginástica do que no *playground*. Conforme constatado, alguns dos brinquedos do *playground* encontram-se danificados, no entanto, outros estão em estado de possível utilização. Desse modo, em princípio, não atribuiria a isto o motivo pela preferência em relação aos equipamentos de

ginástica. Notou-se que estes possuem cores e formatos mais diferentes e atrativos, o que possivelmente desperta a atenção e curiosidade das crianças.

#### **4.7 Mapa Comportamental centrado no lugar**

Os Mapas comportamentais foram realizados com o intuito de observar o comportamento dos usuários em cada uma das praças, seus principais usos e apropriações. Com o objetivo de alcançar uma visão mais ampla e diversa de tais espaços, foram realizados quatro mapas da Praça São Salvador e três das praças dos Trovadores e José Dias Nogueira, de modo que fossem englobados os dias e horários nos quais já havia sido constatado por meio de observações e pesquisa que ocorrem variações relevantes de comportamentos.

Desse modo, conforme indicado na Figuras 49, os mapas da Praça São Salvador foram realizados nos dias 27 de março de 2019 (quarta-feira) pela manhã, 04 de abril de 2019 (quinta-feira) pela noite, 06 de abril de 2019 (sábado) pela noite e 10 de abril de 2019 (quarta-feira) pela tarde.

Na visita para realização do primeiro Mapa Comportamental da Praça São Salvador observou-se um significativo uso do espaço para circulação, tendo em vista as características do seu entorno já mencionadas no item 4.1. Percebeu-se um fluxo mais intenso cruzando a praça em seu sentido transversal, sendo que havia uma certa predominância deste no sentido da Rua Raul Percy Harris para a Rua Dr. Lacerda Sobrinho. Tal constatação pode ser justificada pelo fato de que a maior concentração de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços do Centro encontra-se naquela direção e, pelo horário, as pessoas poderiam estar se deslocando para trabalhar ou para resolver alguma questão pessoal. Em geral, os transeuntes caminham rapidamente, sem prestar muita atenção para o que ocorre a sua volta. Destaca-se que, ao aproximar-se das 11h observou-se um aumento no fluxo de jovens uniformizados (estudantes) pelo local.

Além do uso do espaço para circulação, também observou-se a permanência de alguns usuários, principalmente nas laterais da praça, onde se localizam os bancos. Na maior parte dos casos, estes estavam sentados ou de pé, conversando ou observando o movimento. É interessante destacar que havia pessoas sentadas não apenas nos bancos, mas também nas bordas do chafariz, o que demonstra um uso informal daquele espaço. Percebeu-se ainda que, a lateral da praça voltada para a Rua Dr. Lacerda Sobrinho abarca uma certa apropriação por

parte dos taxistas, tendo em vista que há um ponto em toda a sua extensão. Desse modo, eles sempre estão presentes naquela área da praça conversando ou descansando enquanto aguardam clientes. Essa presença constante parece trazer uma certa sensação de segurança.

Ainda no sentido do uso da praça como espaço para trabalho, também observou-se a presença de vendedores ambulantes de bala e de uma senhora que, segundo relatado por ela própria, utiliza a praça como ponto de referência para encontrar seus clientes e entregar encomendas. Ademais, um comerciante do entorno entrevistado em outra oportunidade declarou que é comum ter pessoas realizando algum tipo de comércio informal ali.

Segundo ilustrado na Figura 49, havia uma predominância de adultos e jovens na praça. Apesar das atividades de permanência relatadas, é imprescindível destacar que, em geral, elas não ocorriam por um tempo muito prolongado.

A Figura 49 representa, ainda, os comportamentos presenciados no segundo dia de visita para realização do Mapa Comportamental. Ao contrário do dia 27 de março de 2019, no dia 04 de abril de 2019 percebeu-se uma permanência superior a circulação, tendo em vista que tratava-se do período noturno, quando a grande maioria dos estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços do entorno já encontravam-se fechados. Desse modo, a maioria das pessoas que estavam na praça haviam de fato saído de casa com o objetivo de ir até lá, o que acarretou também na percepção de usos mais variados e prolongados. O fluxo de pessoas, além de menor, parece ocorrer com menor velocidade, e tende a predominar no sentido longitudinal da praça, sugerindo guardar relação com as linhas de transporte público existentes na beira rio.

Havia uma forte presença de jovens, destacando-se também a existência de uma quantidade significativa de adultos. Neste dia, alguma academia estava promovendo uma aula de dança para seus alunos na praça, o que atraiu alguns dos presentes para acompanhar as coreografias ou simplesmente assistir, o que gerou uma certa concentração de pessoas na área da praça localizada em frente ao Monumento ao Expedicionário. Nesta mesma área da praça, havia também um grupo de jovens, em sua maioria negros, conversando, fumando e andando de patins. É interessante observar que apesar da proximidade destes com um outro grupo de jovens localizado mais para a lateral da praça, não constatou-se qualquer tipo de interação entre eles.

Em geral, as laterais da praça e ao redor do chafariz concentravam-se pessoas conversando, observando, namorando e descansando e, em sua parte central, havia pessoas andando de patins e skate. Ressalta-se que, assim como observado no dia 27 de março de 2019,

também havia taxistas conversando e descansando na lateral da praça voltada para a Rua Dr. Lacerda Sobrinho, o que denota uma certa territorialização daquele espaço. Salienta-se ainda a presença de moradores de rua ocupando o entorno da praça e o cheiro de droga, sugerindo a presença de usuários.

No dia 06 de abril de 2019, ilustrado pela Figura 49, observa-se que apesar da visita também ter ocorrido no período da noite, mais uma vez os usos da praça modificam-se. Percebe-se que, desta vez, o espaço é tomado por crianças, que utilizam o centro da praça para brincar principalmente com suas bicicletas, skates, patins, patinetes, dentre outros. O ambiente da praça se torna, portanto, mais familiar. Ao longo dos bancos dispostos nas laterais da praça nota-se a presença de adultos conversando e observando, muitos deles acompanhando as crianças. Além disso, há também alguns jovens e, em menor quantidade, idosos.

Assim como no dia 04 de abril de 2019, e pelos mesmos motivos, percebe-se que o fluxo de pessoas na praça é reduzido neste dia/horário, predominando também no seu sentido longitudinal. Outro fato em comum, porém desta vez com o observado no dia 27 de março de 2019, é a presença de pessoas trabalhando na praça. Neste caso, havia vários carrinhos infantis dispostos ao lado no Monumento ao Expedicionário para que pudessem ser alugados para uso das crianças na praça. Vale destacar que, de acordo com as observações realizadas pela autora, tal aluguel ocorre também aos domingos à noite. Ressalta-se que, além do movimento na praça, havia pessoas também nos estabelecimentos do ramo alimentício localizados no térreo do Shopping Plaza, situado em frente à ela.

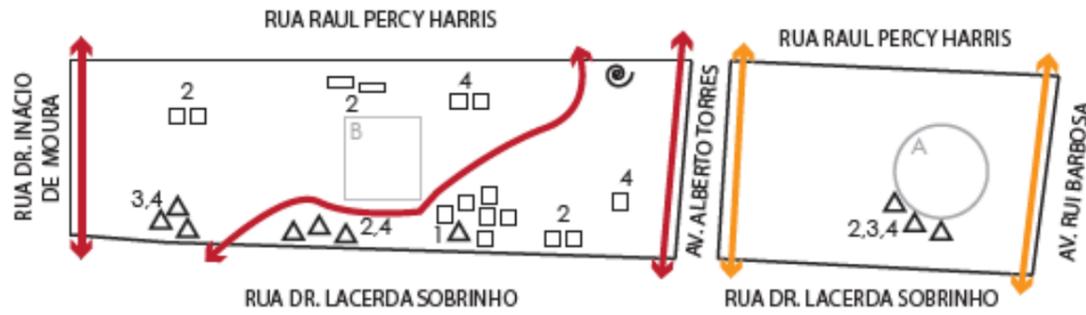
Por fim, o mapa comportamental (Figura 49) do dia 10 de abril de 2019 ilustra um panorama mais semelhante ao do dia 27 de março de 2019, porém, com um uso mais intenso e apresentando algumas especificidades.

Neste dia também observou-se um significativo uso do espaço para circulação, tendo em vista as características do seu entorno já mencionadas no item 4.1. Do mesmo modo que no dia 27 de março de 2019, percebeu-se um fluxo mais intenso cruzando a praça em seu sentido transversal sendo que, desta vez, havia uma sensível predominância deste no sentido da Rua Dr. Lacerda Sobrinho para a Rua Raul Percy Harris. Talvez pelo horário, as pessoas estivessem vindo da área do Centro de maior concentração de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços em direção a outros lugares. Assim como no dia 27 de março de 2019, os transeuntes caminhavam rapidamente, sem prestar muita atenção para o que ocorre a sua volta. Ressalta-se que observou-se um forte fluxo de jovens uniformizados (estudantes) pelo local sendo que, muitas das vezes, eles paravam na praça para conversar ou descansar.

Além do uso para passagem, também havia uma forte concentração de pessoas nos bancos ao longo da praça, conversando, descansando ou simplesmente observando o movimento. Chamou atenção o fato de que as pessoas sentavam-se não apenas nos bancos e nas bordas do chafariz, conforme já havia sido observado em outros momentos, mas também no chão, no canteiro das palmeiras e nos blocos de concreto que existem nas extremidades da praça para evitar que veículos invadam seu espaço demonstrando, portanto, usos informais de tais elementos pela população.

Percebeu-se que algumas das pessoas ficavam por pouco tempo na praça, outras, no entanto, permaneciam por um período mais prolongado. Notou-se uma certa quantidade de casais sentados nos bancos, principalmente quando foi se aproximando mais do final de tarde. Aparentemente, é um horário no qual se vai a praça se encontrar com outras pessoas. Constatou-se ainda que, neste horário, começa a chegar uma quantidade significativa de moradores de rua no entorno da praça concentrando-se, principalmente, em uma edificação localizada na esquina da Rua Raul Percy Harris com a Rua Dr. Inácio de Moura e na lateral da Catedral do Santíssimo Salvador (Rua Raul Percy Harris), o que gera uma certa sensação de insegurança.

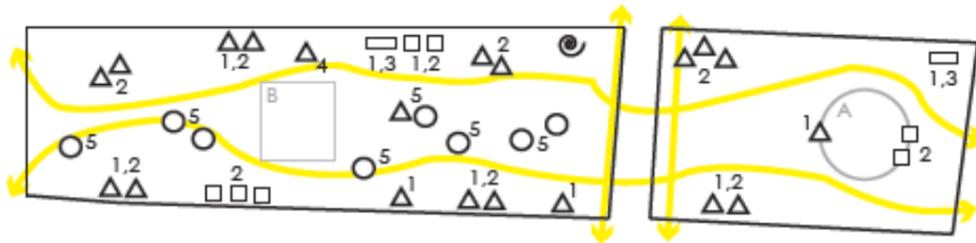
Diante das análises realizadas, percebe-se que a Praça São Salvador possui usos e usuários bastante diversos, e que estes modificam-se consideravelmente em função dos dias da semana e horários do dia, o que demonstra que trata-se de um espaço mutável, vivo e capaz de abrigar distintos comportamentos simultaneamente. Nas figuras a seguir é possível analisar melhor os relatos realizados sobre a Praça São Salvador



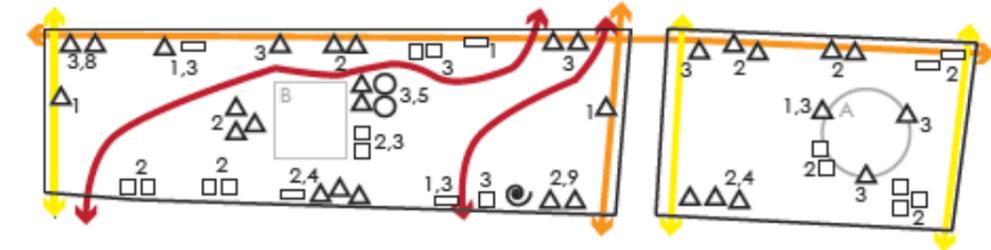
27 de março de 2019 (quarta-feira)  
9h às 11h



04 de abril de 2019 (quinta-feira)  
19:30h às 20:30h



06 de abril de 2019 (sábado)  
19h às 20h



10 de abril de 2019 (quarta-feira)  
16:30h às 17:30h

**Indivíduos:**

- ⊙ Observador
- Criança
- Jovem
- △ Adulto
- ◻ Idoso

**Espaços / elementos:**

- A. Chafariz
- B. Monumento

**Percursos:**

- Percursos formais (baixo fluxo)
- Percursos formais (médio fluxo)
- Percursos formais (alto fluxo)

**Principais comportamentos:**

1. Observando/Contemplando
2. Conversando
3. Descansando
4. Trabalhando
5. Brincando
6. Fazendo aula de dança
7. Andando de patins/skate
8. Comendo/bebendo

Figura 49: Mapas Comportamentais da Praça São Salvador  
Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de observações *in loco*, 2019.

Assim como na Praça São Salvador, os Mapas Comportamentais da Praça dos Trovadores, localizada no Flamboyant, também demonstram uma variação de usos, principalmente quando se compara dia útil x final de semana. As visitas para a realização dos mapas foram realizadas nos dias 12 de agosto de 2018 (domingo) no período da tarde, 28 de março de 2019 (quinta-feira) pela manhã e 10 de abril de 2019 (quarta-feira) a tarde.

Na primeira visita, representada pela Figura 50, observou-se que o uso da praça como local de passagem era praticamente inexistente e, quando notado, ocorria principalmente no caminho central da mesma. Entretanto, tal registro não significa que havia poucas pessoas na praça, pelo contrário. Conforme constatou-se através das observações realizadas, nos fins de semana é quando a praça abriga o maior número de usuários.

A sensação era de um ambiente extremamente familiar, havendo um grande número de crianças entretidas com as mais variadas atividades. Algumas estavam no *playground*, outras ocupavam as áreas multiuso para jogar bola, andar de bicicleta e patins. Como a praça estava bastante cheia de pessoas havia, inclusive, crianças brincando de bola em um dos canteiros, segundo indicado na Figura 50, o que demonstra informalidades no uso do espaço. Em um outro canteiro, estavam dispostos tecidos coloridos nos quais era possível descansar ou, até mesmo, fazer piquenique. Inclusive, observou-se uma família praticando tal atividade, porém, em um outro canteiro. Como se pode notar, havia um forte uso destes espaços, ainda que eles não tenham sido projetados para tais funções.

Neste dia, assim como ocorre em outros finais de semana, o centro da praça estava ocupado por camas elásticas, escorregador inflável e outros brinquedos disponíveis para uso pago por parte das crianças. Havia também carrinhos de pipoca e sacolé e uma barraquinha de doces (Figura 50). Devido a tais atrativos, nesta área da praça concentrava-se um significativo número de pessoas. Percebe-se que esta estrutura montada nos finais de semana é capaz de atrair uma grande quantidade de usuários, inclusive de outros bairros, por trazer para a praça mais opções de lazer e entretenimento. No entanto, é importante ressaltar que o acesso a estes elementos, em específico, restringe-se àqueles que tem condições de pagar pelo seu uso.

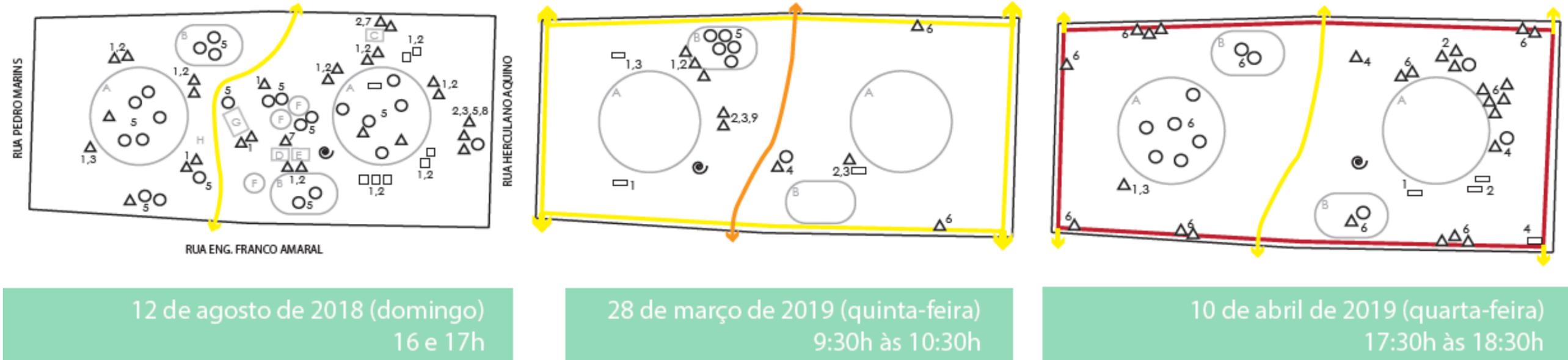
Além da mencionada presença das crianças, estavam na praça alguns jovens, em geral sentados conversando e observando, e diversos adultos os quais, em sua maioria, pareciam estar acompanhando as crianças. É importante destacar que notava-se interação entre as crianças, porém, entre os adultos nem tanta.

O segundo Mapa Comportamental da Praça dos Trovadores (Figura 50), já ilustra um panorama diferente. Também foram observados crianças e adultos as acompanhando, porém a praça não estava tão cheia quanto no dia 12 de agosto de 2018. Além disso, desta vez as crianças estavam brincando concentradas em um dos *playgrounds*. Também havia alguns idosos tomando sol e observando.

Quanto ao fluxo de pessoas pela praça, era um pouco maior do que o do dia 12 de agosto de 2018, contudo, percebe-se que, de fato, a circulação não é uma das funções principais da mesma. Percebe-se no mapa do dia 28 de março de 2019 um percurso circundando todo o perímetro da praça, o qual representa as pessoas que se utilizam deste espaço para fazer caminhadas. Inclusive, no mapa que ilustra as observações realizadas no dia 10 de abril de 2019 percebe-se um fluxo intenso neste sentido, indicando que havia grande quantidade de pessoas caminhando e correndo naquele local.

Assim como os demais mapas da Praça dos Trovadores, o do dia 20 de abril de 2019 também demonstra o predomínio de crianças e adultos. Algumas crianças encontravam-se brincando nos *playgrounds* e outras jogando bola em um dos espaços multiuso. Além disso, havia dois bebês que estavam em seus carrinhos passeando com suas mães. É importante observar que, no dia, o clima estava nublado e instável, mas mesmo assim as pessoas estavam utilizando o espaço da praça. Quanto aos adultos, além das atividades já relatadas, observou-se um grupo praticando exercícios funcionais sob a supervisão de um *personal trainer*. Aliás, através de observações realizadas pela autora e informações obtidas por meio de pesquisas e conversas com frequentadores da praça, percebeu-se que esta é uma prática relativamente comum na Praça dos Trovadores, de realizar atividades físicas em grupo sob a supervisão de um profissional.

Conforme foi possível notar a partir da análise dos Mapas Comportamentais da praça localizada no Flamboyant, o lazer ativo e passivo predominam enquanto usos do seu espaço, sendo notada baixa circulação de pessoas, exceto aquelas que estão praticando caminhada/corrida na praça ou seu entorno. Comumente, as atividades observadas relacionam-se a brincadeiras, atividades físicas e contemplação.

**Indivíduos:**

- ☉ Observador
- Criança
- Jovem
- △ Adulto
- ◻ Idoso

**Espaços / elementos:**

- A. Áreas multiuso
- B. Playground
- C. Carrinho sacolé
- D. Carrinho pipoca
- E. Barraca doces
- F. Cama elástica
- G. Brinquedo inflável
- H. Aluguel de carrinhos

**Percursos:**

- Percursos formais (baixo fluxo)
- Percursos formais (médio fluxo)
- Percursos formais (alto fluxo)

**Principais comportamentos:**

1. Observando/Contemplando
2. Conversando
3. Descansando
4. Passeando
5. Brincando
6. Praticando exercício
7. Trabalhando
8. Comendo/bebendo
9. Lendo

Figura 50: Mapas Comportamentais da Praça dos Trovadores.  
Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de observações *in loco*, 2019

Por fim, os Mapas Comportamentais da Praça José Dias Nogueira foram realizados nos dias 03 de abril de 2019 (quarta-feira) pela manhã, 11 de abril de 2019 (quinta-feira) à tarde e 13 de abril de 2019 (sábado) no período da tarde/noite. No primeiro dia (Figura 51) apenas o quiosque da esquina da Rua Patrício Menezes com a Nossa Senhora da Conceição e a banca de salgados/bebidas estavam abertos mas não atraíam muitas pessoas. Além disso, havia uma tenda armada na praça comercializando biscoitos, na qual também observou-se pouquíssimas pessoas parando.

Ao contrário do constatado na Praça dos Trovadores, a José Dias Nogueira se aproxima um pouco mais do observado na São Salvador no que diz respeito à circulação de pessoas, porém, é claro, em proporção menor. Conforme destacado no item 4.1 deste trabalho, a praça localizada em Custodópolis também possui variados estabelecimentos em seu entorno (comerciais, institucionais, prestação de serviços), o que gera um movimento considerável de pessoas por ali e que cruzam o espaço da praça. Foram identificados, inclusive, percursos informais passando por um canteiro existente nela, conforme indicado na Figura 51.

Outros usos observados foram de pessoas conversando e descansando. Além do mais, devido a existência de um ponto de ônibus na praça, havia também algumas pessoas aguardando o transporte coletivo. No entanto, é interessante destacar que o ponto de ônibus é utilizado não apenas por pessoas que estão à espera dos ônibus, mas também para descansar e conversar, mesmo existindo bancos em outras áreas da praça.

Conforme apresentado no mapa do dia 03 de abril de 2019 (Figura 51), a maioria dos usuários da praça naquele horário era adultos, entretanto, observou-se que as poucas crianças que ali passaram eram mais atraídas a brincar com os equipamentos da academia do que com os próprios brinquedos do *playground*. Próximo ao horário do almoço surgiram também alguns jovens na praça, devido à proximidade desta com uma escola. Estes, por sua vez, estavam concentrados na banca de salgados/bebidas.

Se no dia 03 de abril de 2019 os jovens eram minoria, no dia 11 de abril de 2019 eles “dominavam” a praça (Figura 51). Devido à proximidade com o horário de saída da escola, havia uma grande concentração destes em seu espaço. Em geral, estavam distribuídos entre a área com bancos, academia e lateral da praça voltada para a Rua Nossa Senhora da Conceição conversando e interagindo uns com os outros. Ressalta-se que, apesar de estarem no espaço da academia, os jovens não estavam de fato praticando atividades físicas, e sim, utilizando informalmente os equipamentos enquanto conversavam. Ao longo da observação percebeu-se que muitos deles estavam na praça esperando ônibus para irem para suas casas visto que, por

volta das 17:30h, quando passaram cerca de três ônibus em seguida pela praça, esta teve seu número de usuários reduzido rapidamente.

Além dos jovens, havia também algumas crianças na praça, brincando tanto no playground quanto na academia. No entanto, estas não se demoraram por lá. Quanto aos adultos, concentravam-se principalmente próximos dos quiosques. Um grupo estava sentado no chão conversando e outros estavam sentados em uma das mesas bebendo. Neste dia, além do quiosque da esquina da Rua Patrício Menezes com a Nossa Senhora da Conceição e a banca de salgados/bebidas, estavam abertos também um outro quiosque e a banca de capinhas de celular. Diferentemente do dia 03 de abril de 2019, a barraca com biscoitos não estava lá.

No que diz respeito ao fluxo de pessoas pela praça, era relativamente alto e concentrava-se cruzando seu caminho central e em sua lateral paralela à Rua Nossa Senhora da Conceição. Acredita-se que o horário no qual foi realizada a visita para observação influencia tal intensidade, visto que pessoas começam a sair do trabalho/escola.

No dia 13 de abril de 2019 (Figura 51) nota-se também um uso bastante intenso da Praça José Dias Nogueira, principalmente com a aproximação do turno da noite. Todos os quiosques encontravam-se abertos, bem como a banca de salgados/bebidas. Além disso, estavam lá dois carrinhos de pipoca e havia sido montada uma cama elástica, da qual as crianças poderiam fazer uso mediante o pagamento de 3 reais para cada 10 minutos de brincadeira. O fluxo de pessoas pelo espaço era menos intenso, ainda que existente.

Os usuários presentes da praça eram de faixas etárias bastante variadas. Apesar de predominarem os adultos, havia crianças, jovens e idosos. Nos quiosques havia uma certa concentração de pessoas conversando e bebendo. Ressalta-se que em um dos bares localizados em frente à praça também havia muitas pessoas e música. Conforme relatado em uma conversa informal com uma usuária da praça, esta é uma cena comum nos finais de semana.

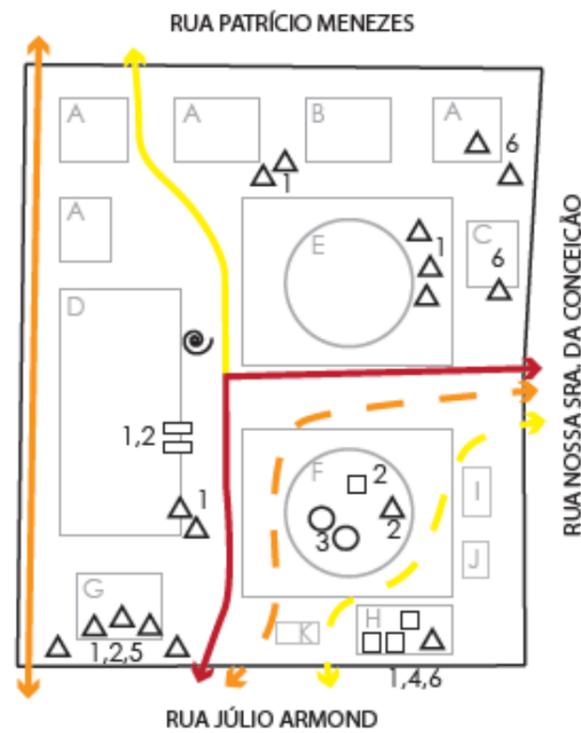
Na área dos bancos havia alguns adultos sentados sozinhos observando o movimento e outros em grupo conversando. A quantidade de crianças, por sua vez, aumentou também ao anoitecer. Elas brincavam no *playground*, academia e cama elástica. Alguns adultos sentavam-se no banco próximo ao *playground* para tomar conta das mesmas. Observou-se algumas pessoas sentadas na praça junto às sacolas de compras, como se tivessem vindo comprar algo por perto da praça e aproveitaram para ficar um pouco por ali.

Um fato que pode ser destacado é que havia um grande número de bicicletas paradas ao longo da praça junto aos seus proprietários, demonstrando que esta é uma importante forma de

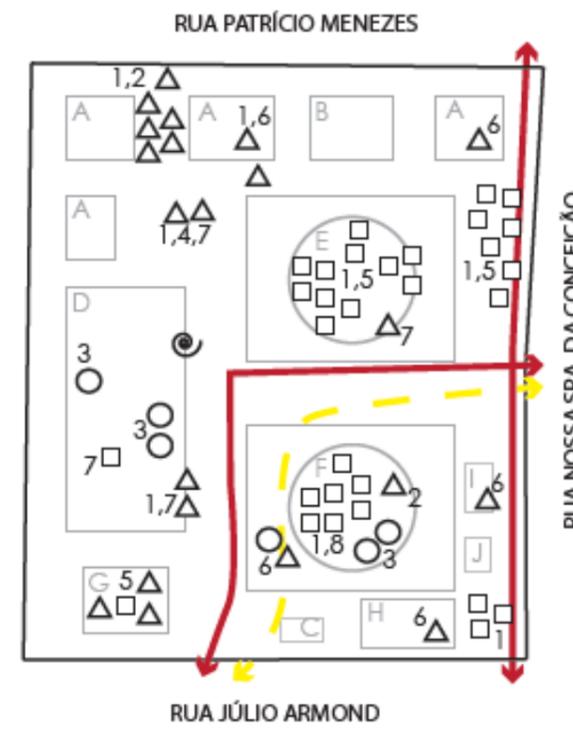
deslocamento usada pelos que estavam presentes. Além disso, em geral, eles não se preocupavam em acorrenta-las, o que pode demonstrar uma certa confiança em relação ao local e demais pessoas.

Diante das análises dos Mapas Comportamentais da Praça José Dias Nogueira percebe-se o quanto ela é “viva” na maior parte do tempo, recebendo um significativo número de usuários especialmente nos finais de semana.

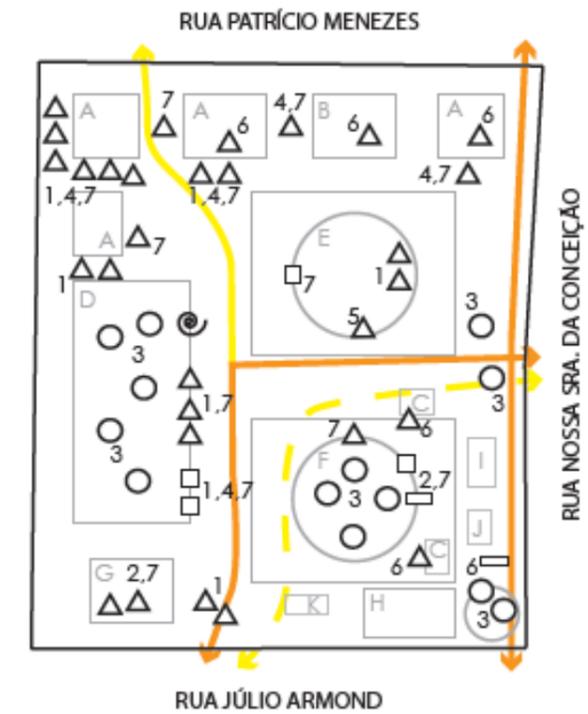
Apesar das diferenças e particularidades de cada uma das três praças analisadas, percebe-se que todas são espaços múltiplos, que apresentam usos variados e que se modificam diante de determinadas circunstâncias. Fazem parte do cotidiano, seja da cidade como um todo – como é o caso da Praça São Salvador, ou de um bairro – como é o caso da José Dias Nogueira, mas comprovam, através de todas as observações realizadas, que são vítimas do desuso por parte da população.



03 de abril de 2019 (quarta-feira)  
9h e 11h



11 de abril de 2019 (quinta-feira)  
16:40h às 17:40h



13 de abril de 2019 (sábado)  
18h às 20h

#### Indivíduos:

- ⊙ Observador
- Criança
- Jovem
- △ Adulto
- ◻ Idoso

#### Espaços / elementos:

- A. Quiosques
- B. Sanitários
- C. Carrinhos de pipoca
- D. Playground
- E. Área com bancos
- F. Academia
- G. Ponto de ônibus
- H. Banca de salgados/bebidas
- I. Banca de capinhas de celular
- J. Gerador
- K. Churrasquinho
- L. Cama elástica

#### Percursos:

- Percursos formais (baixo fluxo)
- Percursos formais (médio fluxo)
- Percursos formais (alto fluxo)
- Percursos informais (baixo fluxo)
- Percursos informais (médio fluxo)

#### Principais comportamentos:

1. Conversando
2. Descansando
3. Brincando
4. Comendo/bebendo
5. Esperando transporte público
6. Trabalhando
7. Observando/contemplando
8. Praticando atividade física

Figura 51: Mapa Comportamental da Praça José Dias Nogueira realizado no dia 03 de abril de 2019 (quarta-feira) entre as 9h e 11h.  
Fonte: Desenvolvido pela autora a partir de observações *in loco*, 2019.

## 4.8 Entrevistas

Nas três praças analisadas buscou-se identificar perfis variados de entrevistados, de modo que os resultados obtidos pudessem englobar diversos pontos de vista. Ainda neste sentido, as entrevistas foram realizadas em diferentes dias da semana e horários, de modo a contribuir com tal variedade de opiniões. A seguir serão apresentados os principais resultados obtidos.

### 4.8.1 Praça São Salvador

Foi entrevistado um total de 16 (dezesseis) pessoas, sendo 8 (oito) homens e 8 (oito) mulheres. O gráfico abaixo ilustra as faixas etárias nas quais se enquadram os entrevistados, reforçando a constatação realizada nas observações quanto à presença de uma heterogeneidade de usuários na praça.

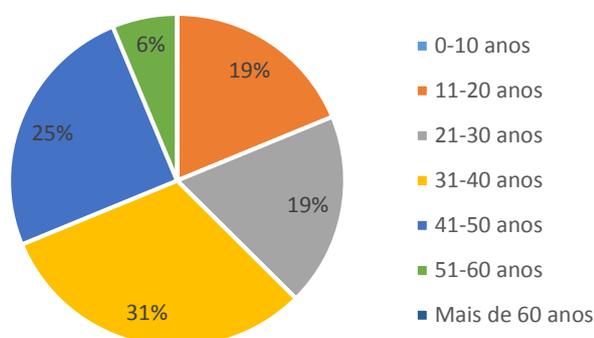


Gráfico 1: Quantidade de entrevistados na Praça São Salvador por faixa etária.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Além disso, notou-se uma significativa variedade de bairros/distritos quando perguntado aos entrevistados onde residiam, tendo sido citados Calabouço, Parque Guarus, Turf, Parque Presidente Vargas, Nova Brasília, Parque São Caetano, Centro, Parque São José, Parque Leopoldina, Travessão, Jockey, Parque Califórnia e Jardim Carioca, o que demonstra uma grande heterogeneidade de usuários também neste sentido. Concomitantemente, tal

constatação também demonstra uma certa facilidade no que tange à acessibilidade ao Centro e à Praça São Salvador, tendo em vista que moradores de distintos bairros conseguem se deslocar até lá. Tal fato pode ser justificado pela proximidade desta com a Rodoviária Roberto Silveira e o Terminal Rodoviário Urbano, localizado na beira rio. Este é um aspecto bastante interessante, pois pode possibilitar a ocorrência de interações diversas e ricas entre usuários pertencentes a diferentes contextos apesar de, na prática, conforme já destacado neste trabalho, isto não ocorrer com frequência.

Quanto à cor/etnia com a qual se identificam os entrevistados, o gráfico abaixo ilustra os dados coletados, demonstrando uma predominância de brancos e pardos:

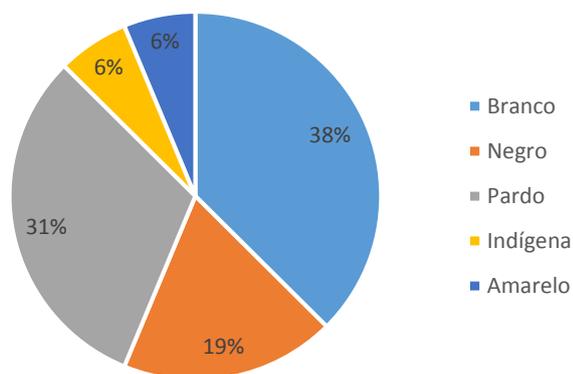


Gráfico 2: Forma como os entrevistados na Praça São Salvador se autoidentificam quanto à cor da sua pele.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Os entrevistados também foram questionados quanto à sua ocupação, conforme demonstra o Gráfico 3. É importante destacar que era permitido ao entrevistado marcar mais de uma opção como resposta. Desse modo, percebe-se que a maioria classificou-se enquanto trabalhador. Tal predominância pode ser relacionada a dois aspectos: o fato da maior parte das entrevistas ter sido realizada em horário comercial e pela resposta dada pelo maior número de entrevistados de que sua relação com o bairro Centro era de trabalhador, como mostra o Gráfico 5.

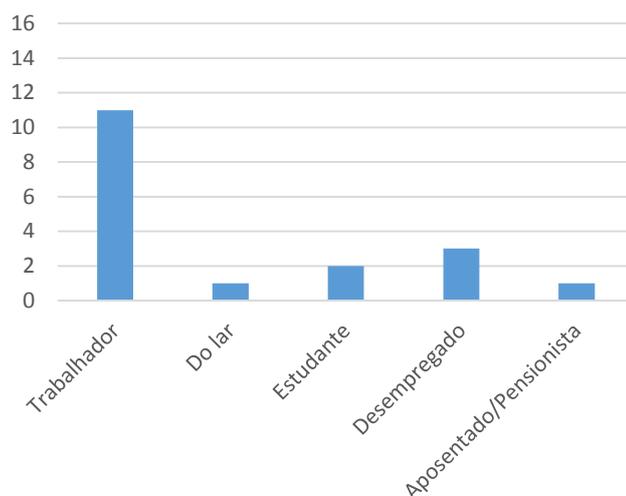


Gráfico 3: Ocupação dos entrevistados na Praça São Salvador.  
 Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Quando perguntados sobre os principais lugares que costumam frequentar nos seus dias de folga (Gráfico 4), a grande maioria citou *shopping*, deixando clara esta como a principal opção dentre os ouvidos. A opção “cinema” também foi marcada por um certo número de entrevistados e, tendo em vista que atualmente os cinemas existentes em Campos dos Goytacazes localizam-se dentro de *shoppings*, reforça-se a impressão da preferência por este tipo de espaço. Tal predileção pode estar atrelada a diversos fatores, tais como comodidade, oferta de opções de lazer mais atrativas e sensação de maior segurança, podendo variar de usuário para usuário. A segunda opção mais respondida pelos entrevistados foi “praia” e, neste sentido, cabe mencionar que a proximidade e relativa facilidade de acesso faz com que o campista tenha um certo costume de deslocar-se para as praias próximas no período do verão. Por tratar-se de uma cidade bastante quente, esta acaba sendo uma opção interessante e barata, adotada tanto por classes mais abastadas quanto por pessoas com menor renda. As praças, por sua vez, foram citadas por menos da metade dos entrevistados que, com isso, demonstram não fazer um uso efetivo de tais espaços. Vale ressaltar que era permitido marcar mais de uma opção como resposta. Destaca-se ainda, que na opção “outros”, foram mencionados baladas, bares/restaurantes e igreja.

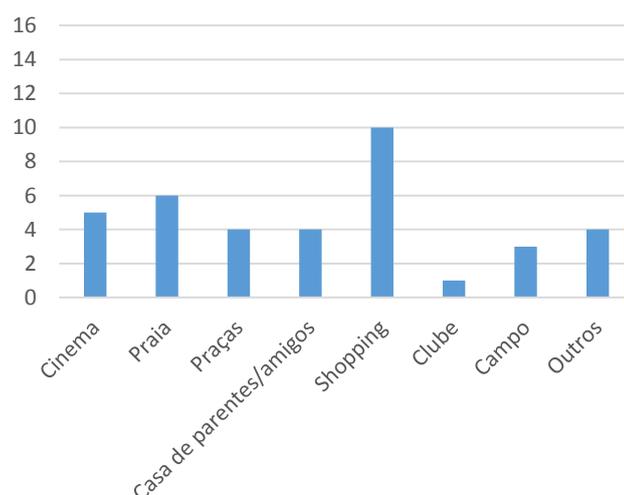


Gráfico 4: Principais lugares frequentados pelos entrevistados na Praça São Salvador em seus dias de folga.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

No que diz respeito à relação dos entrevistados com o bairro onde está situada a praça, neste caso representado pelo Centro, a maioria afirmou trabalhar por ali. Em seguida, a maior porcentagem deve-se àqueles que o visitam por alguma razão (Gráfico 5). Tal panorama condiz com o perfil do bairro que, conforme destacado nos itens 4.1 e 4.2 deste trabalho, possui um predomínio de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços.

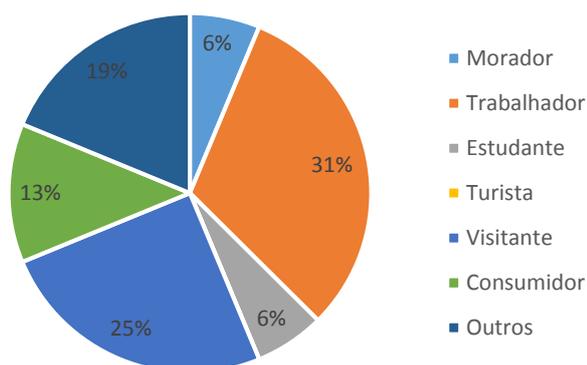


Gráfico 5: Relação dos entrevistados na Praça São Salvador com o bairro no qual ela está situada.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

O Gráfico 6, por sua vez, demonstra a percepção dos entrevistados quanto ao Centro, tendo-se observado uma predominância de respostas como “neutra” e “negativa”. Dentre aqueles que classificaram sua percepção como neutra, a justificativa pautou-se no fato de, por

um lado, ser um bairro “que tem tudo que se pode precisar”, referindo-se a variedade de estabelecimentos comerciais e de prestação de serviços. Também foi destacada a existência de “prédios diferentes” e a sua vivacidade. Por outro lado, estes entrevistados também pontuam questões como transporte ruim; a presença de usuários de droga, mendigos e muitos vendedores ambulantes; a falta de policiamento e o descaso com o patrimônio como aspectos negativos. Desse modo, contrapondo-se tais fatores, não percebem o bairro nem de forma totalmente positiva nem totalmente negativa.

Aqueles que classificaram sua percepção como “fortemente negativa” e “negativa”, atribuíram maior peso a questões como a falta de uma administração pública atuante, que acarreta um abandono generalizado do local; a presença de moradores de rua; a insegurança representada, por exemplo, na ocorrência de furtos; o trânsito desorganizado; o insuficiente policiamento e a falta de higiene. Por outro lado, houve também uma parcela que classificou sua percepção do bairro como “fortemente positiva” ou “positiva”. Estes, por sua vez, atribuíram maior peso a diversidade de pessoas e comércios existentes no bairro e a existência de monumentos e importantes prédios históricos.

Com isso, percebe-se que apesar da disparidade nas respostas, existe a construção generalizada de uma imagem de insegurança e abandono em relação ao centro da cidade. O mesmo acontece em relação a alguns grupos de pessoas tratando-se, porém, da formação de estereótipos atribuídos intuitivamente a questões negativas mas que, de fato, nem sempre oferecem algum tipo de risco. No entanto, a desconfiança em relação ao outro acaba gerando suspeição e distanciamento como formas de proteção.

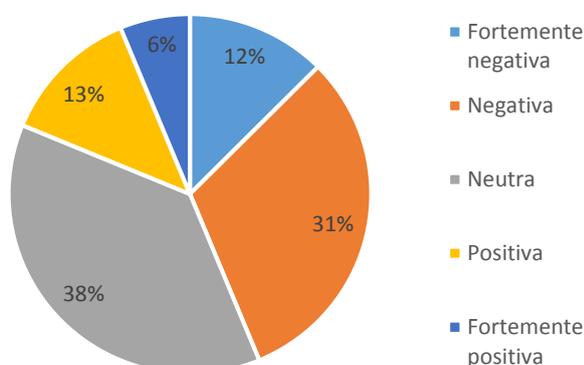


Gráfico 6: Percepção dos entrevistados na Praça São Salvador sobre o bairro no qual ela está situada.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Quando perguntados sobre a frequência com que costumam ir a praça (Gráfico 7), a maioria dos entrevistados identificou-se com a opção “diariamente”, o que pode estar relacionado a resposta obtida no Gráfico 3 de que a relação da maior porcentagem dos entrevistados com o Centro é de trabalhador, o que significa que estão por ali todos os dias e acabam tendo contato com a praça. Tal aspecto contribui para que haja uma movimentação constante na praça, a qual raramente está vazia, o que atenua a sensação de insegurança.

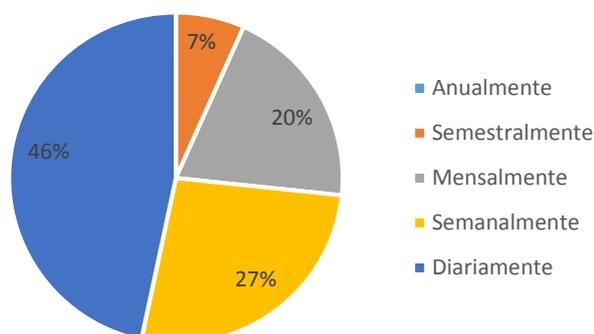


Gráfico 7: Frequência com a qual os entrevistados costumam ir a Praça São Salvador.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Neste sentido, o Gráfico 8, por sua vez, ilustra as principais atividades que os entrevistados costumam realizar na praça São Salvador. Os resultados obtidos foram bastante interessantes, visto que guardam estreita relação com as observações feitas por meio de outras ferramentas de pesquisa que compuseram a metodologia deste trabalho. É importante destacar que era permitido aos entrevistados marcarem mais de uma opção como resposta a esse questionamento. Além disso, ressalta-se que havia outras opções que não constam no Gráfico 8, conforme é possível visualizar no Apêndice A, mas estas não foram selecionadas pelas pessoas que responderam a entrevista.

Como é possível notar, a maioria deles marcou a opção de uso da praça para passagem a caminho de outros lugares, conforme foi observado também nos itens 4.5 e 4.6. Além disso, foram constatados usos como trabalhar, encontrar pessoas, passear e descansar no horário de almoço/intervalo. Este último, relaciona-se as respostas obtidas nos Gráficos 5 e 7, que demonstram que muitos dos entrevistados trabalham no centro e costumam visitar a praça São Salvador diariamente. Por fim, também foram citados, porém com menor frequência, o uso da praça para caminhar e levar crianças para brincar.

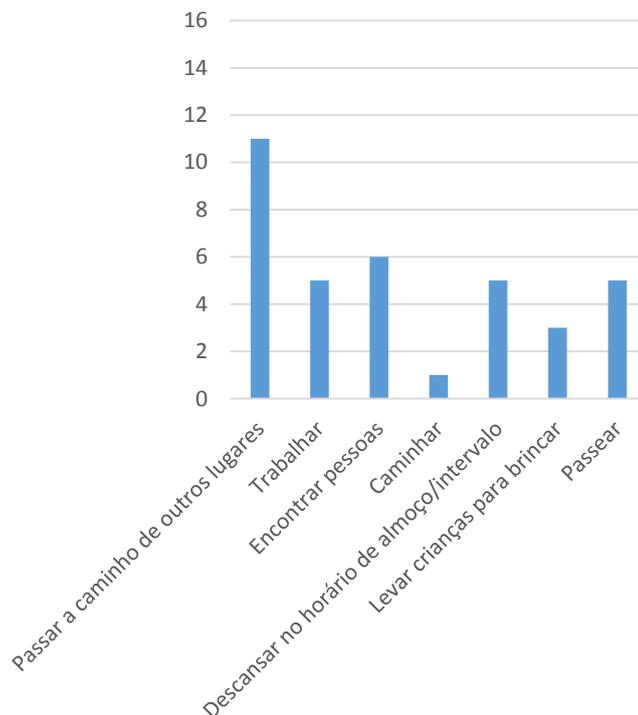


Gráfico 8: Atividades que os entrevistados costumam realizar na Praça São Salvador.  
 Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Quando perguntados quanto ao que mais gostam quando estão na praça (Gráfico 9), a maioria dos entrevistados mencionou o frescor do local no final da tarde e à noite por conta da ventilação significativa existente em função da proximidade com o Rio Paraíba do Sul. Devido à inexistência de barreiras, a ventilação atinge a praça livremente, deixando o ambiente agradável, especialmente no período mais quente do ano. Esta foi uma resposta que chamou a atenção visto que, se no final da tarde e noite o conforto térmico é destacado como algo positivo pelos usuários, durante o dia este é alvo das principais críticas dos mesmos, tendo em vista a forte insolação que incide sobre a praça e a inexistência de elementos construídos ou vegetais que gerem pontos de sombreamento.

Também foram mencionados a intensa movimentação de pessoas e a sensação de ambiente familiar no período da noite, fato este que foi observado principalmente nos finais de semana, quando os usos da praça se modificam bastante em relação aos dias de semana e horário comercial e essa recebe, de fato, famílias em busca de lazer. Quanto às edificações do entorno, foram citadas a Catedral e a Lyra, as quais realmente se destacam na paisagem por sua arquitetura e história.

Ainda no que diz respeito à esta pergunta, é importante mencionar que alguns dos entrevistados relataram não haver nada que mais gostassem quando estão na praça. Houve ainda um entrevistado que relembrou formas anteriores da Praça São Salvador destacando que naquela época havia elementos que o atraíam, mas não na sua configuração atual.

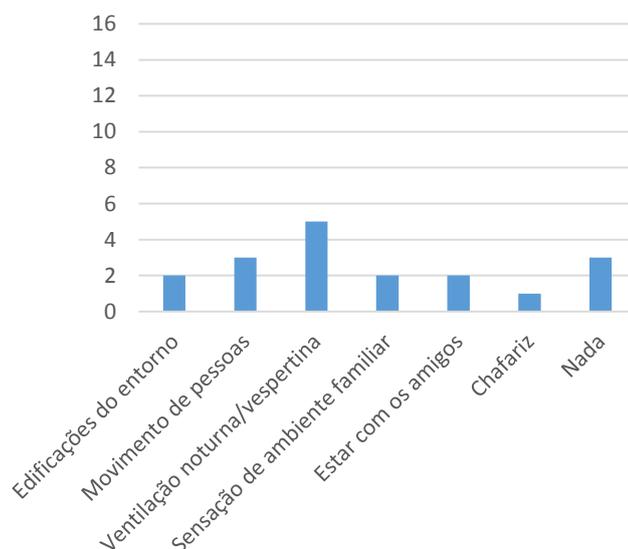


Gráfico 9: Respostas dos entrevistados quanto ao que mais gostam quando estão na Praça São Salvador.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Além disso, também perguntou-se aos entrevistados o que mais lhes chamava atenção fisicamente na praça São Salvador. Alguns deles, no entanto, afirmaram que não havia nenhum elemento que pudessem destacar. Dentre os aspectos mencionados, percebe-se que a maioria refere-se a aspectos negativos, como a insolação intensa, a falta de arborização e o piso escorregadio. Por outro lado, foram citados aspectos positivos, como a boa iluminação e as edificações do entorno (Gráfico 10).

É interessante perceber como as edificações do entorno foram citadas como resposta tanto no Gráfico 9 como no Gráfico 10, o que demonstra a profunda relação existente entre estas e a praça, conforme já observado no item 4.2 deste trabalho.

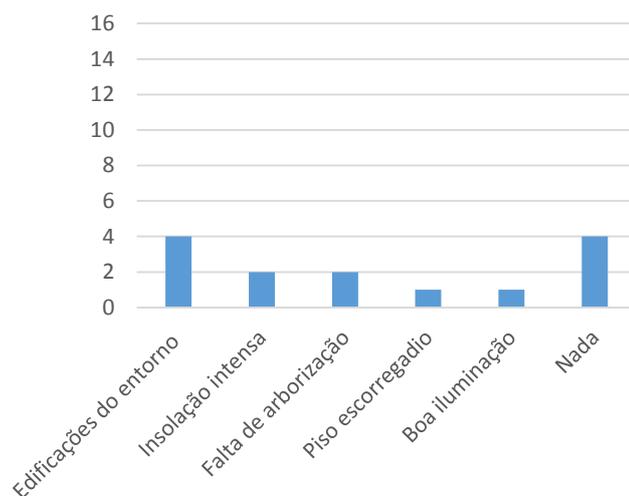


Gráfico 10: Respostas dos entrevistados quanto ao que mais lhes chama atenção fisicamente na Praça São Salvador.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Quando perguntados se mudariam algo na praça, caso pudessem, as respostas obtidas foram bastante variadas, entretanto, foi possível agrupar as principais nos segmentos apresentados no Gráfico 11. Nota-se que, de um modo geral, todas as respostas estão relacionadas a aspectos que poderiam ampliar o uso da praça por parte dos usuários, seja pela maior oferta de opções ou pela melhoria de sua estrutura.

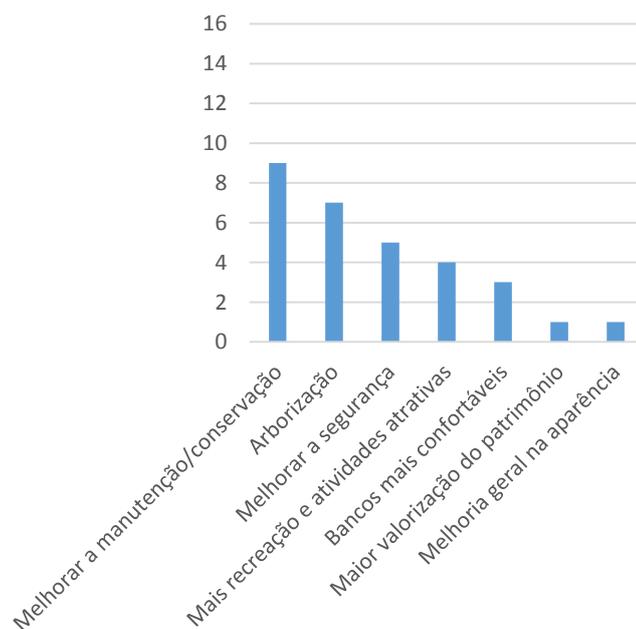


Gráfico 11: Respostas dos entrevistados quando perguntados se mudariam algo na Praça São Salvador.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Já quando perguntados sobre como se sentem quando estão na praça (Gráfico 12), percebeu-se um grande equilíbrio entre aqueles que relataram sensações positivas e os que relataram sensações negativas, ainda que estas últimas predominem. Dentre os relatos positivos foram destacadas sensação de liberdade – devido ao espaço aberto e à diversidade de pessoas; leveza e tranquilidade. Em contraponto, dentre os relatos negativos foram destacadas sensação de incômodo devido ao calor; de frieza pela falta de interação entre as pessoas; de insegurança pela presença de moradores de rua e do grande quantitativo de pessoas desconhecidas. É interessante notar que, apesar dos relatos dos entrevistados quanto à aspectos negativos em relação a praça, ainda assim a porcentagem dos que afirmaram possuir sensações positivas quando estão na mesma é bem próximo dos que destacaram sensações negativas.

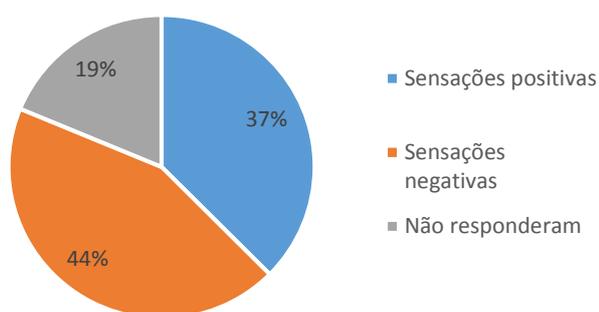


Gráfico 12: Como os entrevistados se sentem quando estão na Praça São Salvador.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Sobre a opinião dos entrevistados em relação ao cuidado e preservação com o espaço da praça, constatou-se que a maioria considera que esta não é bem cuidada/preservada (Gráfico 13) o que, conforme será visto adiante, também ocorreu nas outras duas praças estudadas. Os que tiveram esta opinião, utilizaram como justificativa problemas no piso, na iluminação e no chafariz, além da sujeira. Tal resultado é compatível com as observações feitas pela autora do trabalho e destacadas no item 4.4. Os que afirmaram que consideram o espaço bem cuidado/preservado citaram que a praça não é tão degradada e disseram que a mesma está sempre limpa, o que demonstra um certo conflito de opiniões. No entanto, observa-se que estes últimos expressaram sua opinião com base na comparação da situação da São Salvador com outras praças do municípios com as quais tem contato, desse modo, a referência de espaços mais degradados pode ter feito com que sua opinião, neste caso, fosse minimizada.

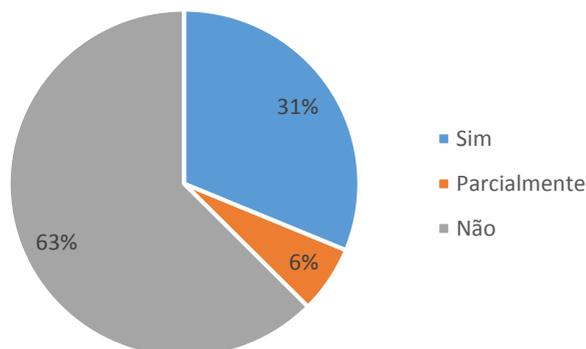


Gráfico 13: Opinião dos entrevistados se o espaço da Praça São Salvador é bem cuidado/preservado.  
 Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Por fim, os entrevistados foram perguntados sobre o que a praça São Salvador representava pessoalmente para eles e o que representa para a comunidade como um todo. Quase metade relatou que a praça não possui qualquer significado pessoal. Outros, no entanto, disseram que representa um ponto de referência no centro da cidade e um ponto turístico, por fazer parte da história de Campos dos Goytacazes. Também foi dito que representa um espaço com potencial para várias atividades e interação entre as pessoas, tendo sido, ainda, lembrados momentos da infância vivenciados por um dos usuários da praça.

Quanto à sua representatividade para a comunidade, o Gráfico 14 indica as principais respostas obtidas. Alguns relembram, se lamentando, o fato da praça ter sofrido muitas transformações/modificações ao longo de sua existência. Esta se trata de uma questão bastante controversa entre os campistas, pois muitos questionam a configuração atual da praça São Salvador, principalmente no que diz respeito à intenção insolação que a atinge em função da inexistência de uma vegetação apropriada para gerar sombreamento. Em outros momentos, a praça já possuiu uma vegetação bastante significativa, a qual muitos moradores gostariam que continuasse existindo, tanto por questões estéticas quanto ambientais. Além disso, também são feitas críticas quanto ao material empregado nos bancos e piso. Diante disso, pode-se considerar que uma parcela da população possa ter tido sua relação de identidade com a praça enfraquecida, por não reconhecê-la mais do mesmo modo que fixou-se em suas memórias, guardando um certo saudosismo quanto às suas imagens anteriores.

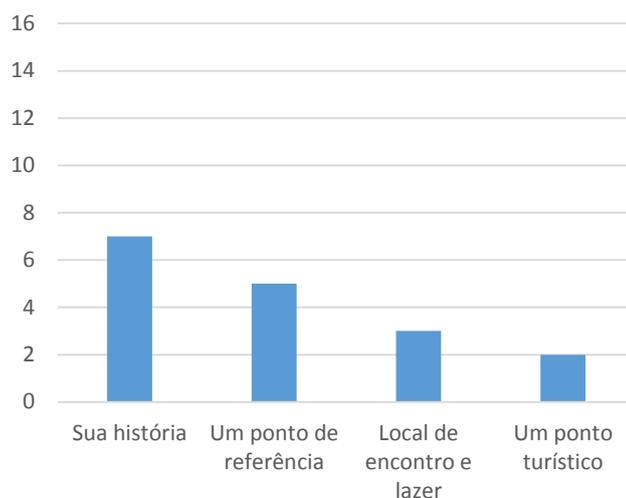


Gráfico 14: Opinião dos entrevistados sobre o que a Praça São Salvador representa para a comunidade como um todo.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

De modo geral, analisando os resultados das entrevistas, constatou-se que a localização da Praça São Salvador em relação à malha urbana, suas condições de acessibilidade e conectividade bem como as características do seu entorno podem ser consideradas aspectos de grande importância e influência sobre ela. Outro fenômeno que chama atenção é que, mesmo diante dos relatos de falta de investimentos, manutenção precária, sensação de insegurança, dentre outros pontos negativos, ainda assim a praça está quase sempre bastante movimentada, demonstrando não serem estas barreiras ao uso. Talvez, se a praça possuísse a mesma configuração e problemas mas estivesse localizada em outro bairro, com perfil distinto do centro, não fosse atrativa o bastante para receber tantos usuários, dessa forma, fica clara sua indissociabilidade do contexto no qual está inserida. Percebeu-se ainda por meio dos relatos dos entrevistados uma dicotomia de usos, que em parte se dão de maneira fortuita e em parte intencional, tendo sido notado na mesma um caráter de marco na paisagem de Campos dos Goytacazes, um importante ponto de encontro entre pessoas. Por fim, vale ressaltar que as edificações do entorno foram citadas de forma constante pelos entrevistados, o que reforça sua importância e indica que estas poderiam ser melhores aproveitadas a partir de investimentos que lhes garantissem um uso aberto à população, podendo estimular a vida no centro da cidade e, principalmente, na própria praça.

## 4.8.2 Praça dos Trovadores

Foi entrevistando um total de 13 (treze) pessoas, sendo 6 (seis) homens e 7 (sete) mulheres. O gráfico abaixo ilustra as faixas etárias nas quais se enquadram os entrevistados, reforçando a constatação realizada nas observações quanto à presença de uma heterogeneidade de usuários na praça.

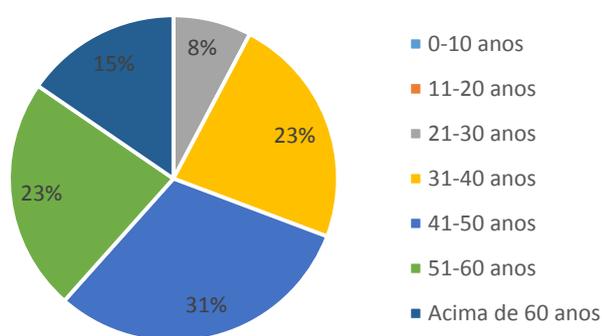


Gráfico 15: Quantidade de entrevistados na Praça dos Trovadores por faixa etária.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Ao contrário do observado nas praças São Salvador e José Dias Nogueira, notou-se uma menor variedade de bairros/distritos quando perguntado aos entrevistados onde residiam, tendo sido citados Jockey, Parque Rosário, Turf, Centro, Parque São Sebastião, em geral, bairros relativamente próximos do Flamboyant, onde está localizada a Praça dos Trovadores. Apesar disso, acredita-se que não haja tanta relação com uma questão de acessibilidade, tendo em vista a proximidade da praça com a Avenida 28 de Março, na qual passam variadas linhas de ônibus.

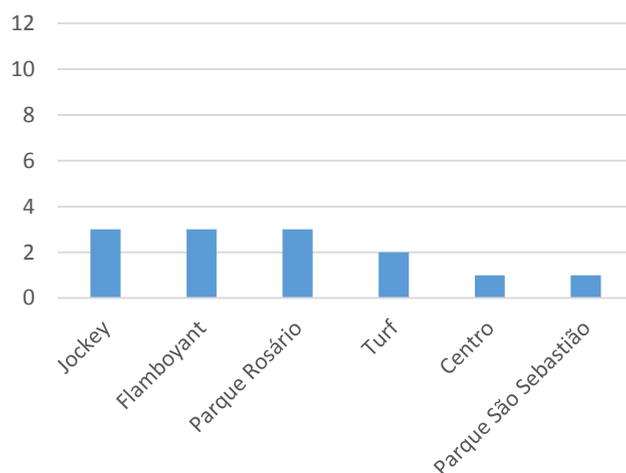


Gráfico 16: Bairros nos quais residem os entrevistados na Praça dos Trovadores.  
 Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Quanto à cor/etnia com a qual se identificam os entrevistados, o gráfico abaixo ilustra os dados coletados, demonstrando uma predominância de brancos e pardos:

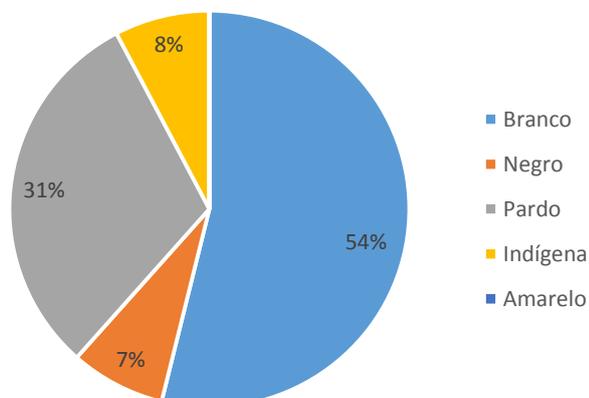


Gráfico 17: Forma como os entrevistados na Praça dos Trovadores se autoidentificam quanto à cor da sua pele.  
 Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Os entrevistados também foram questionados quanto à sua ocupação, conforme demonstra o Gráfico 18. É importante destacar que era permitido ao entrevistado marcar mais de uma opção como resposta. Desse modo, percebe-se que a maioria classificou-se enquanto trabalhador, o que pode estar relacionado com a faixa etária da maior parte dos entrevistados.

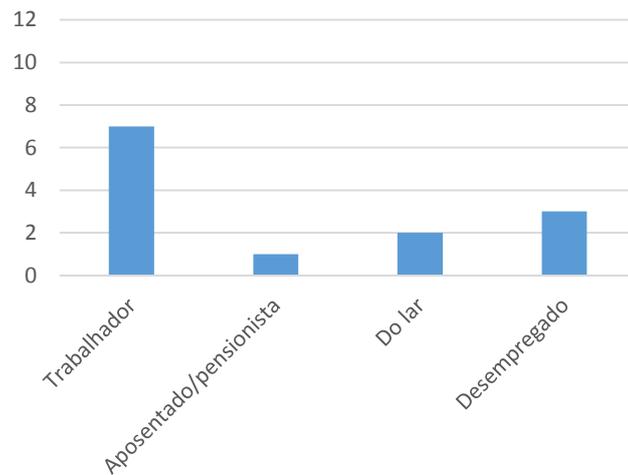


Gráfico 18: Ocupação dos entrevistados na Praça dos Trovadores.  
 Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Quando perguntados sobre os principais lugares que costumam frequentar nos seus dias de folga (Gráfico 19), a maioria citou praças e *shopping*, deixando claras estas como as principais opções dentre os ouvidos. É importante destacar que diferentemente do que acontece na Praça São Salvador, na qual há um uso intenso do espaço para passagem, os usuários da Praça dos Trovadores se dirigem intencionalmente até ela com o objetivo de usufruir da mesma, o que justifica o elevado número de respostas mencionando estes como locais aos quais se direcionam nos momentos de folga. Por outro lado, as respostas obtidas nas duas praças têm em comum a significativa preferência pelos *shoppings* como locais de lazer, demonstrando uma certa tendência de opção pelo uso de tais espaços. Percebe-se ainda que cerca de metade dos entrevistados na praça localizada no bairro Flamboyant relatam frequentar a casa de parentes e/ou amigos nos momentos de folga, sugerindo uma propensão de restrição à uma esfera de vida privada. Vale ressaltar que era permitido marcar mais de uma opção como resposta. Destaca-se ainda, que na opção “outros”, foi mencionado igreja.

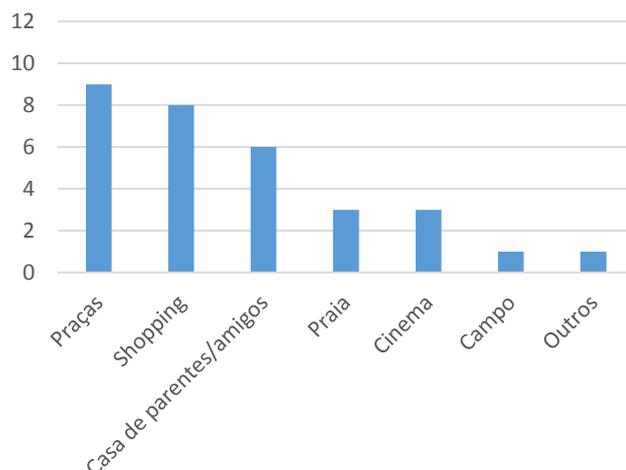


Gráfico 19: Principais lugares frequentados pelos entrevistados na Praça dos Trovadores em seus dias de folga.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

No que diz respeito à relação dos entrevistados com o bairro onde está situada a praça, neste caso representado pelo Flamboyant, a maioria afirmou ser visitante. Em seguida, a maior porcentagem deve-se àqueles que residem no bairro (Gráfico 20). Este foi um dado que trouxe certa surpresa pois, inicialmente, imaginou-se que a maioria dos usuários da praça eram moradores do bairro e, a partir das entrevistas, constatou-se que há também um uso considerável por parte de visitantes. A Praça dos Trovadores é tida como um bom lugar para praticar atividades físicas e para levar as crianças para brincarem o que, de certa forma, justifica que moradores de outros bairros optem por se deslocar até ela. Além disso, as próprias características do entorno no qual está localizada fazem com que usuários que se relacionam com o bairro como trabalhadores, estudantes, consumidores e turistas sejam poucos ou inexistentes.

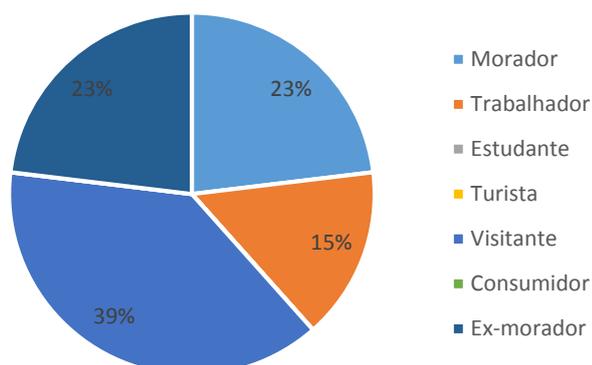


Gráfico 20: Relação dos entrevistados na Praça dos Trovadores com o bairro no qual ela está situada.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

O Gráfico 21, por sua vez, demonstra a percepção dos entrevistados quanto ao Flamboyant, tendo-se observado uma predominância de respostas como “neutra” e “positiva”. Os que descreveram sua percepção como positiva atribuíram sua opinião ao fato do bairro ser “bem frequentado”, arborizado, tranquilo, não ter bagunça por não ter bares por perto e apresentar boa estrutura. Os que alegaram ter uma percepção neutra afirmaram que o bairro é muito agradável, porém, vivencia problemas de insegurança. Esta última foi citada também como justificativa por aqueles que tem uma percepção negativa do bairro.

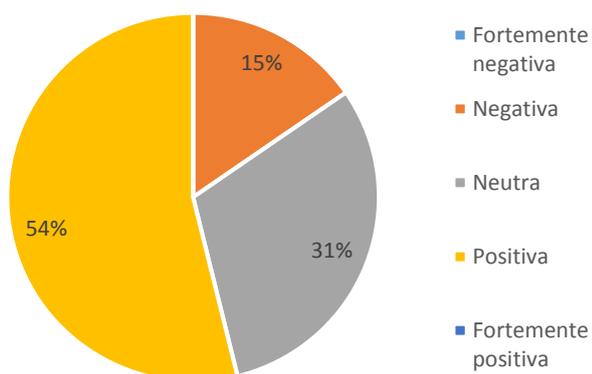


Gráfico 21: Percepção dos entrevistados na Praça dos Trovadores sobre o bairro no qual ela está situada.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Quando perguntados sobre a frequência com que costumam ir a praça (Gráfico 22), a maioria dos entrevistados identificou-se com a opção “semanalmente”, o que reforça as

respostas obtidas no Gráfico 19 de que grande parte destes costuma frequentar praças quando estão de folga. Esse uso frequente do espaço pode contribuir para a criação de uma atmosfera familiar, diante da qual é possível identificar “rostos conhecidos”, de pessoas que estão sempre por ali, ainda que não se tenha nenhum tipo de relação com as mesmas. Tal aspecto, pode auxiliar na percepção de maior segurança e confiança, facilitando a ocorrência de interações.

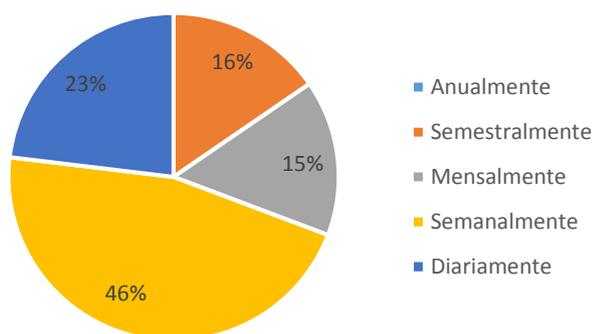


Gráfico 22: Frequência com a qual os entrevistados costumam ir a Praça dos Trovadores.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

No que diz respeito às atividades realizadas pelos entrevistados quando estão na praça, o Gráfico 23 ilustra que são bastante diversas, contemplando tanto o lazer passivo quanto o ativo. Destacam-se como os mais mencionados, levar crianças para brincar/passear, passear e caminhar, as quais coincidem com as observações realizadas. Desse modo, percebe-se que, ainda que o programa de necessidades da praça não seja tão diversificado, sua estrutura permite a realização de atividades variadas, atendendo ainda a diferentes faixas etárias, o que acaba atraindo um número expressivo de usuários, especialmente em alguns horários.

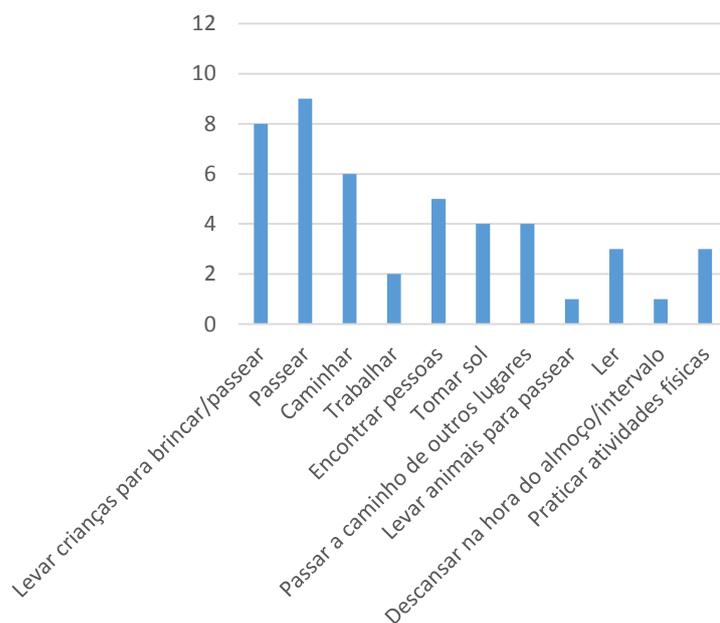


Gráfico 23: Atividades que os entrevistados costumam realizar na Praça dos Trovadores.  
 Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Quando perguntados sobre o que mais gostam quando estão na praça, as respostas foram bastante variadas, tendo sido citados: a tranquilidade, a sombra, as atividades dos finais de semana, a interação com as pessoas, as árvores, assistir as crianças brincarem, dentre outros. No entanto, o aspecto mais mencionado foi a tranquilidade a qual, de um modo geral, está atrelada à própria imagem do bairro.

Sobre o que chama mais atenção dos entrevistados fisicamente na praça, a vegetação aparece com o maior destaque (Gráfico 24). É importante frisar que a cidade de Campos dos Goytacazes não apresenta uma quantidade significativa de vegetação em suas ruas, o que de fato faz com que o bairro Flamboyant se destaque neste sentido, conforme já mencionado no item 4.1.

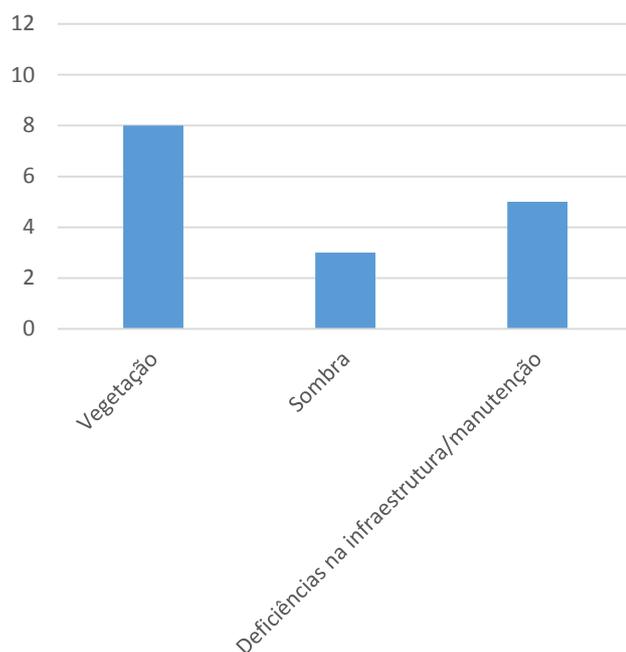


Gráfico 24: Respostas dos entrevistados quanto ao que mais lhes chama atenção fisicamente na Praça dos Trovadores.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

No que diz respeito ao que os entrevistados mudariam na praça caso pudesse, todos citaram aspectos relacionados à manutenção e conservação da mesma, tendo sido destacada também a necessidade de melhorias na segurança (Gráfico 25). Trata-se de uma opinião bastante semelhante à dos entrevistados em relação à Praça São Salvador, reforçando uma demanda por maiores investimentos voltados para esta tipologia de espaços livres públicos. Ademais, nota-se que a sensação de insegurança parece permear a cidade como um todo, pois mesmo em um bairro como o Flamboyant, classificado inclusive por parte dos entrevistados como um local tranquilo, ela se faz presente.

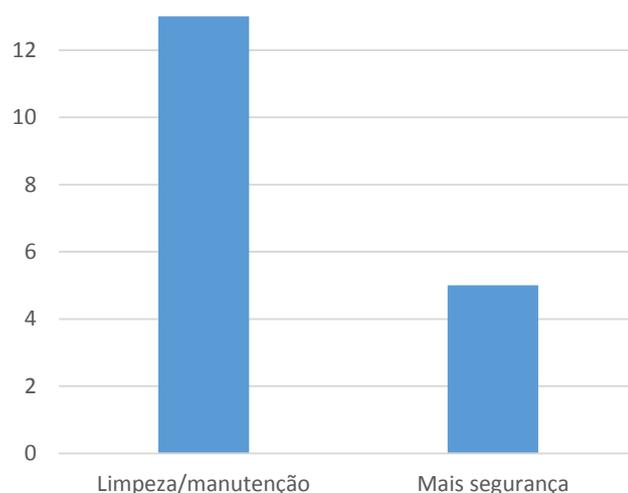


Gráfico 25: Respostas dos entrevistados quando perguntados se mudariam algo na Praça dos Trovadores.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

No que tange às sensações dos entrevistados quando estão na praça, a grande maioria mencionou sentimentos positivos, dentre os quais estão felicidade, relaxamento, bem-estar e tranquilidade. Algumas pessoas relataram medo por conta da insegurança (Gráfico 26).

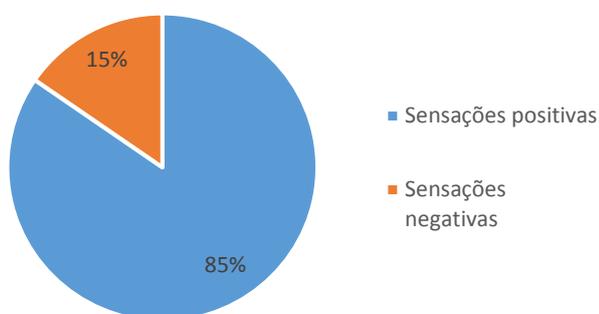


Gráfico 26: Como os entrevistados se sentem quando estão na Praça dos Trovadores.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Quando perguntados se consideravam a praça bem conservada/preservada, a maioria alegou que não (Gráfico 27), corroborando com as observações feitas pela autora no item 4.3 deste trabalho.

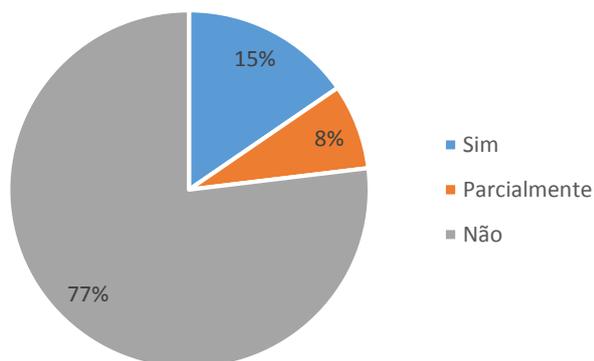


Gráfico 27: Opinião dos entrevistados se o espaço da Praça dos Trovadores é bem cuidado/preservado.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Por fim, quanto à opinião dos entrevistados sobre o que a praça representa para eles próprios (Gráfico 28) e para a comunidade (Gráfico 29), em ambos a principal resposta foi de um local de lazer/relaxamento.

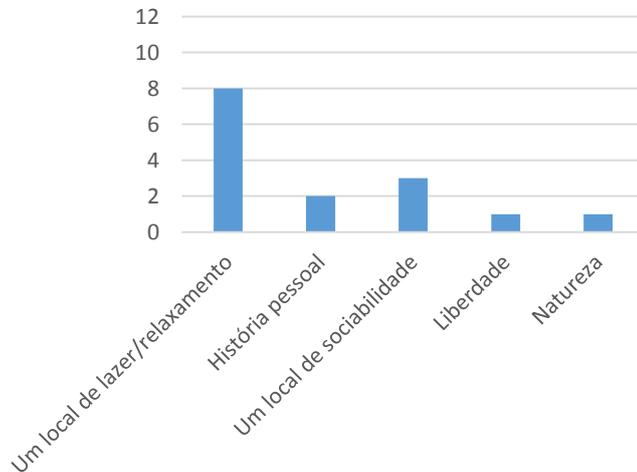


Gráfico 28: Opinião dos entrevistados sobre o que a Praça dos Trovadores representa para eles próprios.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

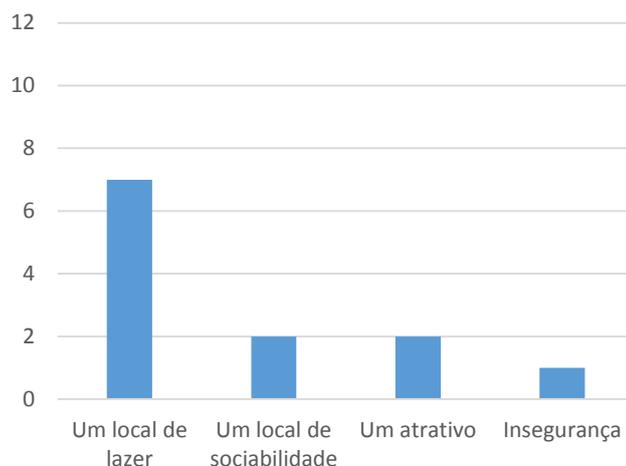


Gráfico 29: Opinião dos entrevistados sobre o que a Praça dos Trovadores representa para a comunidade como um todo.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Diante do exposto, nota-se que para a maioria dos entrevistados a imagem do bairro e da praça parecem bastante atrelados, sendo esta expressa pela impressão de um local agradável, tranquilo e que oferece certo grau de segurança, o que parece ser justamente o que os usuários da Praça dos Trovadores buscam quando vão até lá. Desse modo, a praça acaba sendo um dos instrumentos de valorização do bairro, o qual tem sua imagem vendida justamente com base nas características aqui destacadas.

Ainda neste sentido, parece se criar também uma percepção quanto aos usuários que predominantemente utilizam aquele espaço, o que fica expresso na fala de uma das entrevistadas que diz que o bairro é “bem frequentado”, referindo-se claramente às condições socioeconômicas das pessoas que observa por ali. Cabe mencionar que tratava-se de uma moradora de outro bairro de Campos dos Goytacazes, também dotado de praças com boa infraestrutura, que prefere se deslocar uma distância maior por encontrar na Praça dos Trovadores as condições por ela descritas do que servir-se da comodidade dos espaços localizados próximo à sua residência, alegando serem frequentados por usuários de drogas, dentre outros perfis vistos pela mesma como incômodos.

Além do mais, demonstrou-se pelos relatos obtidos que a Praça dos Trovadores oferece bastante opções de lazer, tanto por meio de sua estrutura em si quanto através de atividades pagas que estão disponíveis, principalmente no que se refere à atividades físicas e recreação infantil. De certo modo, consiste em uma praça que foge à regra da homogeneização dos

espaços identificada no capítulo 3 deste trabalho, demonstrando a importância de se ter espaços públicos com perfis variados, capazes de atrair pessoas e mantê-lo ativo.

### 4.8.3 Praça José Dias Nogueira

Foi entrevistando um total de 14 (quatorze) pessoas, sendo 6 (seis) homens e 8 (oito) mulheres. O gráfico abaixo ilustra as faixas etárias nas quais se enquadram os entrevistados, reforçando a constatação realizadas nas observações quanto à diversidade de usuários na praça.

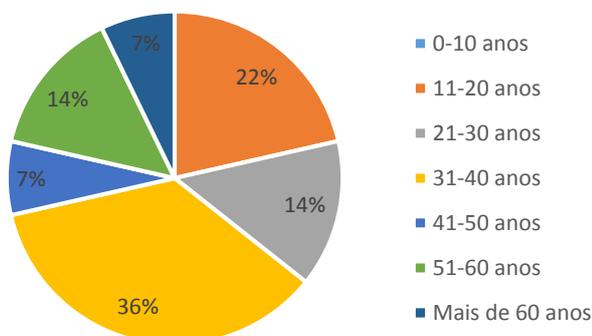


Gráfico 30: Quantidade de entrevistados na Praça José Dias Nogueira por faixa etária.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

No que diz respeito aos bairros/distritos onde residem os entrevistados, notou-se uma certa variedade, tendo-se obtido como respostas Calabouço, Parque Prazeres, Parque Guarus, Santa Rosa, Eldorado, Novo Eldorado, Parque Novo Mundo, Parque Santa Clara, Parque Aurora, Parque Presidente Vargas e quatro moradores do próprio bairro de Custodópolis, no qual está localizada a praça José Dias Nogueira. Como se observa, apesar da referida variedade, percebe-se uma certa homogeneidade no sentido de que praticamente todos estes bairros estão localizados em Guarus, ou seja, na margem norte do Rio Paraíba do Sul. São bairros relativamente próximos da praça e nos quais, em geral, reside uma população de baixa renda.

É importante destacar que esta variedade de bairros de origem dos usuários da praça denota que Custodópolis e, especificamente, a Praça José Dias Nogueira, são dotados de boa acessibilidade e conectividade com a malha urbana, o que pôde ser confirmado através da observação das linhas de ônibus que passam por ali. Além disso, deve-se considerar também

que a existência de escola e um comércio diversificado, os quais não são realidades comuns a todos os bairros próximos, podem justificar este fenômeno identificado.

Quanto à cor/etnia com a qual se identificam os entrevistados, o gráfico abaixo ilustra os dados coletados, demonstrando uma forte predominância de pardos. Enquanto nas praças São Salvador e Trovadores há um certo equilíbrio entre brancos e pardos, aqui, estes últimos apresentam-se em número bastante superior.

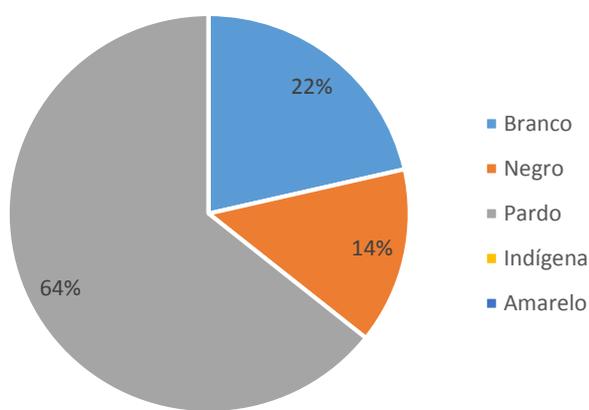


Gráfico 31: Forma como os entrevistados na Praça José Dias Nogueira se autoidentificam quanto à cor da sua pele.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Os entrevistados também foram questionados quanto à sua ocupação, conforme demonstra o Gráfico 32. É importante destacar que era permitido ao entrevistado marcar mais de uma opção como resposta. Desse modo, percebe-se que a maioria classificou-se enquanto trabalhador ou estudante.

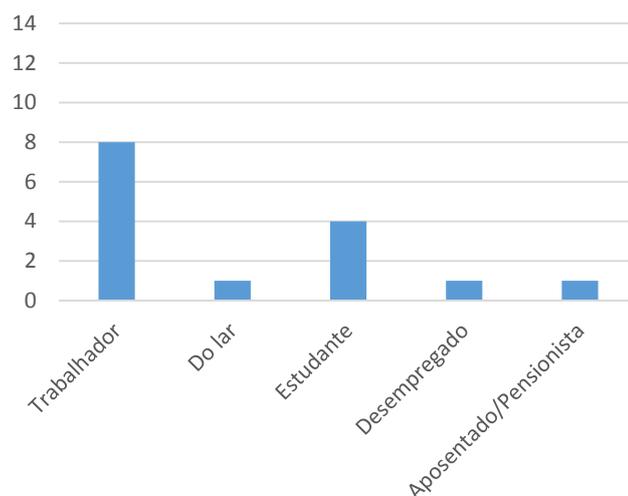


Gráfico 32: Ocupação dos entrevistados na Praça José Dias Nogueira.  
 Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Quando perguntados sobre os principais lugares que costumam frequentar nos seus dias de folga (Gráfico 33), assim como na Praça dos Trovadores as três principais respostas foram praças, casa de parentes/amigos e *shopping*. Contudo, aqui, há uma superioridade dos que citaram casa de parentes/amigos em relação aos que mencionaram *shopping*. Vale ressaltar que era permitido marcar mais de uma opção como resposta.

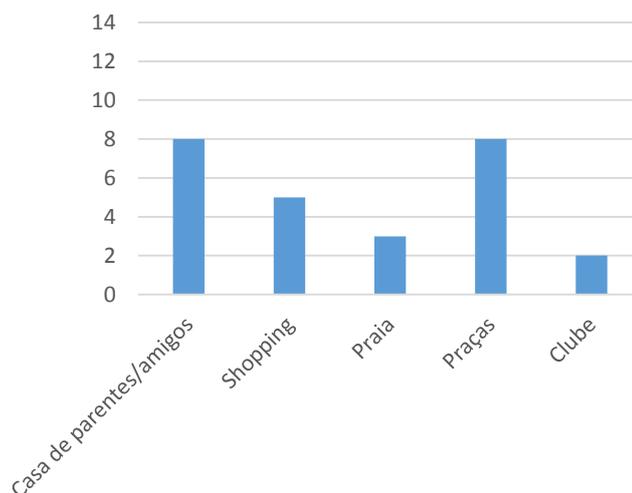


Gráfico 33: Principais lugares frequentados pelos entrevistados na Praça José Dias Nogueira em seus dias de folga.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

No que diz respeito à relação dos entrevistados com o bairro onde está situada a praça, neste caso representado por Custodópolis, a maioria afirmou trabalhar, morar por ali ou ser visitante. (Gráfico 34)

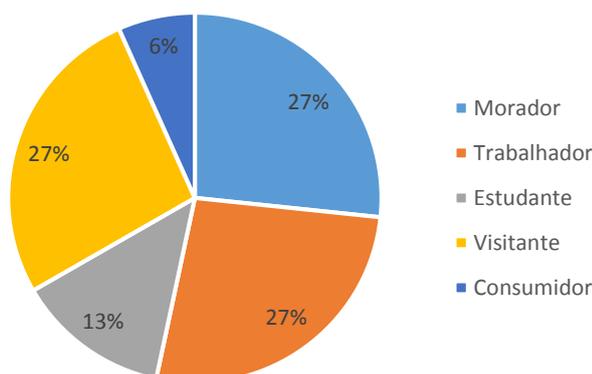


Gráfico 34: Relação dos entrevistados na Praça José Dias Nogueira com o bairro no qual ela está situada.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

O Gráfico 35, por sua vez, demonstra a percepção dos entrevistados quanto ao bairro de Custodópolis, tendo-se observado uma predominância de respostas como “neutra” e “positiva”. Os que classificaram sua percepção como positiva justificaram afirmando se tratar de um local tranquilo, com um comércio forte, que oferece segurança e no qual se notam poucos conflitos quando comparado a outros bairros de Campos dos Goytacazes. Os que possuem uma percepção negativa, por sua vez, mencionam o contrário, destacando a violência e, além disso, a falta de atenção do poder público com o bairro. Por fim, os que possuem uma percepção neutra também destacam a questão da insegurança, mas afirmam que nas proximidades da praça ela é menos presente. Desse modo, pode-se constatar entre as opiniões dos entrevistados uma certa discordância quanto à questão da segurança no bairro de Custodópolis.

No que diz respeito à esse tema, chamou atenção o fato de que parece haver algo como uma “banalização” da violência e insegurança, que acabam se tornando fatos cotidianos. Percebeu-se isto através de relatos de entrevistados de terem presenciado assaltos e mortes na Praça José Dias Nogueira e, ainda assim, considerarem o local como relativamente tranquilo. A própria expressão das pessoas ao relatarem o ocorrido transparecia não ser algo que as chocasse ou fosse incomum.

Talvez se esta pergunta fosse feita para moradores de bairros com perfil diferente do de Custodópolis e, os quais não conhecessem este local, a percepção seria negativa ou, até mesmo, fortemente negativa tendo em vista que, conforme destacado no item 4.1, existe a construção geral de uma imagem ruim da maioria dos bairros localizados na margem norte do Rio Paraíba do Sul. No entanto, a partir do momento em que se conhece ou se vivencia sua realidade, é possível ter uma percepção diferente, o que reforça as respostas obtidas.

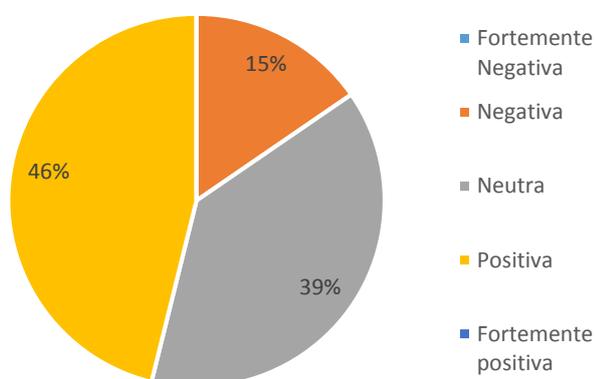


Gráfico 35: Percepção dos entrevistados na Praça José Dias Nogueira sobre o bairro no qual ela está situada.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Quando perguntados sobre a frequência com que costumam ir a praça (Gráfico 36), a grande maioria dos entrevistados identificou-se com a opção “diariamente”, o que mostrou-se como um dado bastante interessante. Talvez este possa ser um dos fatores pelos quais ao longo das observações se percebeu um clima de familiaridade e sensação de que as pessoas se conhecem. Essa frequência também sugere reflexões no sentido de inexistência de outras opções de lazer gratuitas e próximas, o que poderia acabar induzindo a um maior uso desta praça.

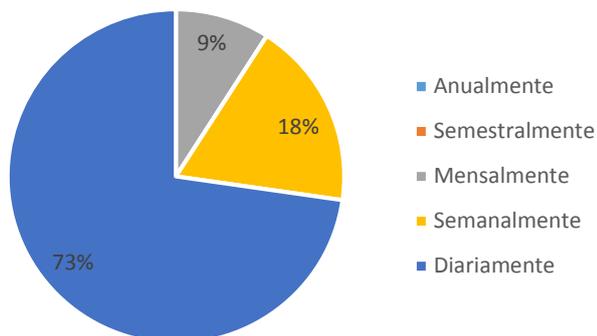


Gráfico 36: frequência com a qual os entrevistados costumam ir a Praça José Dias Nogueira.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Os resultados obtidos no Gráfico 37 foram bastante interessantes, visto que guardam estreita relação com as observações feitas por meio de outras ferramentas de pesquisa que compuseram a metodologia deste trabalho. É importante destacar que era permitido aos entrevistados marcarem mais de uma opção como resposta a esse questionamento. Além disso, ressalta-se que havia outras opções que não constam no Gráfico 37, conforme é possível visualizar no Anexo 1, mas estas não foram selecionadas pelas pessoas que responderam a entrevista. Percebe-se a partir das respostas obtidas que há certa variedade de usos mencionados pelos entrevistados, demonstrando que a praça é utilizada tanto como local de passagem como também de permanência, conforme já havia sido observado pela autora do trabalho.

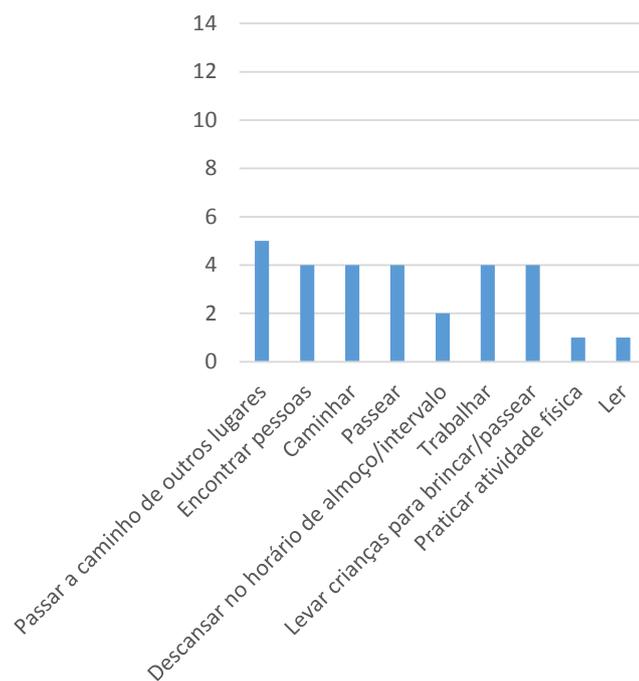


Gráfico 37: Atividades que os entrevistados costumam realizar na Praça José Dias Nogueira  
 Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Quando perguntados sobre o que mais gostam quando estão na praça, a maioria mencionou o fato de encontrar pessoas e também a tranquilidade do local (Gráfico 38).

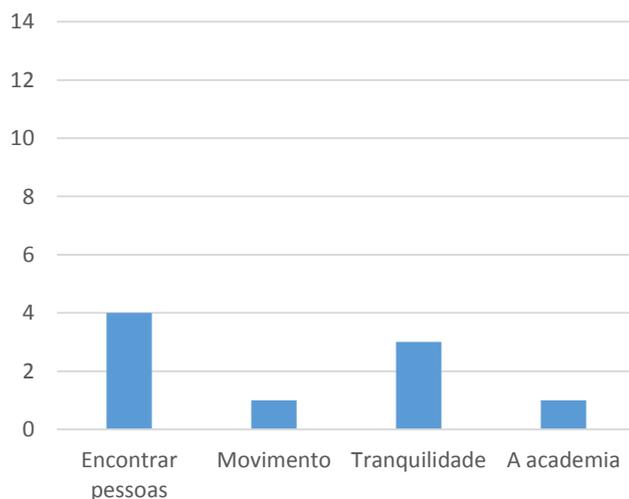


Gráfico 38: Respostas dos entrevistados quanto ao que mais gostam quando estão na Praça José Dias Nogueira.  
 Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Já no que diz respeito ao que mais lhes chama atenção fisicamente na praça (Gráfico 39), recebe destaque a academia. Durante as observações realizadas percebeu-se que, de fato, há sempre pessoas próximas aos equipamentos ou fazendo uso dos mesmos, especialmente crianças e jovens. Talvez por sua cor ou formas diferenciadas, acabem chamando atenção na paisagem.

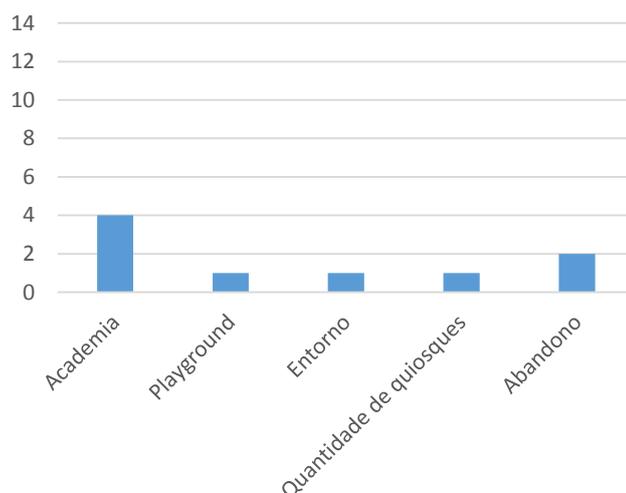


Gráfico 39: Respostas dos entrevistados quanto ao que mais lhes chama atenção fisicamente na Praça José Dias Nogueira.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Quanto ao que mudariam no local se pudessem, praticamente todos falaram algo relacionado à manutenção e conservação do espaço, assim como ocorreu nas outras duas praças. Além disso, dois entrevistados sugeriram colocar *Wi-fi* disponível para uso da população e um deles falou sobre ter um instrutor semanal na academia, de modo que esta pudesse ser melhor aproveitada. Também foi sugerido mais policiamento, na tentativa de melhorar a segurança no local.

Quanto à como se sentem na praça, todos tiveram respostas positivas relacionadas à tranquilidade, calma, segurança em função do movimento constante de pessoas e por ser um local onde é possível estar com os amigos e família. Um dos entrevistados relatou que se sente inseguro, por já ter ocorrido um tiroteio ali e já terem morrido duas pessoas. Foram relatados também assaltos no comércio do entorno.

A maioria considera que o espaço na praça não encontra-se conservado/preservado (Gráfico 40), conforme observado também pela autora do trabalho no item 4.4. Atribuem ao

estado ruim dos equipamentos, a vegetação sem manutenção. Os que consideraram bem conservada/preservada citaram a limpeza da praça.

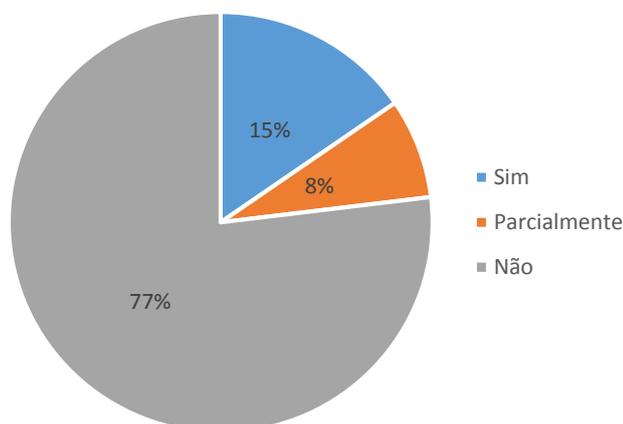


Gráfico 40: Opinião dos entrevistados se o espaço da Praça José Dias Nogueira é bem cuidado/preservado.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

O Gráfico 41 representa a opinião dos entrevistados quanto ao que a praça representa para eles, tendo sido mencionados principalmente um local de encontro e lazer, o que coincide com sua opinião sobre o que ela representa para a comunidade.

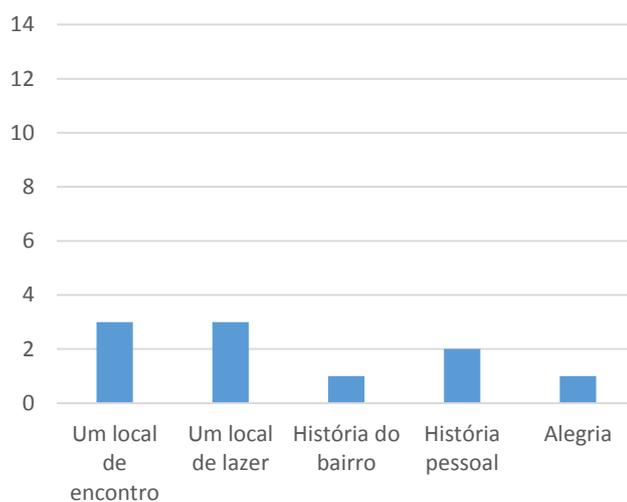


Gráfico 41: Opinião dos entrevistados sobre o que a Praça José Dias Nogueira representa para eles próprios.  
Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

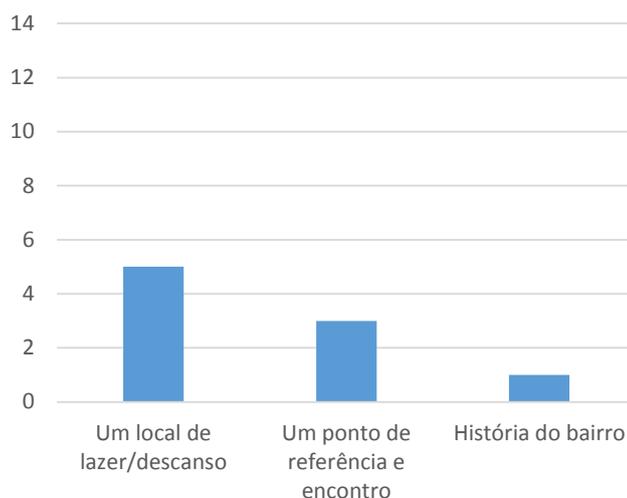


Gráfico 42: Opinião dos entrevistados sobre o que a Praça José Dias Nogueira representa para a comunidade como um todo.

Fonte: Desenvolvido pela autora com base nas entrevistas realizadas, 2019.

Diante das respostas obtidas através das entrevistas, foi curioso perceber que a imagem do bairro para a sociedade como um todo e para seus moradores e frequentadores é bastante distinta. Apesar dos problemas levantados e aqui apresentados, o bairro e a praça foram, em geral, relatados como locais tranquilos, prevalecendo uma visão positiva dos mesmos.

Na prática, uma análise mais criteriosa poderia mostrar que o local não é tão tranquilo quanto mencionado, porém, de certa forma, a população se habituou a conviver com a situação na qual está inserida, ao ponto de que tal condição não impede o uso dos espaços públicos. Inclusive, percebe-se que pessoas de outros bairros, nos quais os aspectos negativos se fazem mais intensos, buscam a Praça José Dias Nogueira como uma opção de lazer mais agradável e segura.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme destacado ao longo desta dissertação, as praças são espaços livres públicos de suma importância para as cidades e seus moradores, sob os mais variados aspectos. São palco de acontecimentos cotidianos e insólitos, focos de interesses diversos e, muitas vezes, contraditórios, e expressam em si uma multiplicidade de significados, histórias, anseios e conflitos. Sendo reflexo das transformações vivenciadas pela sociedade, acabam incorporando processos que atingem a cidade como um todo, o que gera consequências na forma como a população se relaciona com elas e entre os próprios grupos que a compõem.

Tendo em vista o contexto apresentado, esta dissertação teve como propósito compreender a relação entre praças localizadas no município de Campos dos Goytacazes e sua população, observando suas características, desdobramentos e consequência para a realização da esfera pública. Para além disso, buscou ainda analisar de que modo o planejamento, ou a falta dele, tem influenciado tais fenômenos e, inclusive, a construção da paisagem urbana da cidade.

Neste sentido, por meio dos estudos realizados observou-se que o planejamento parece falhar em alguns pontos, desdobrando-se em consequências negativas que, no entanto, podem ser revertidas através da percepção da importância de tais espaços e estabelecimento de um enfoque sobre os mesmos. O levantamento das praças existentes atualmente em Campos dos Goytacazes, em conjunto com a identificação de sua localização através de um mapa, explicitou a presença de um número significativo desta tipologia de espaço livre público, no entanto, percebeu-se que a sua distribuição ao longo da malha urbana denota a inexistência de um estudo aprofundado em relação às características e demandas dos bairros. Desse modo, enquanto em algumas áreas se nota a concentração de praças, em outras não há nenhuma. É importante ressaltar, que acredita-se que a distribuição das praças não deve reforçar a fragmentação da

cidade e segregação da população, ou seja, julga-se interessante o estímulo ao deslocamento para uso de espaços livres públicos pertencentes a outros contextos, diferentes do local onde se reside, entretanto, há que se fazer um planejamento neste sentido, garantindo a complementariedade entre os espaços e composição de um sistema. Nesse contexto, contudo, a promoção da conectividade e possibilidades adequadas de acesso se fazem imprescindíveis.

Sob esta ótica, a tendência de homogeneização dos espaços destacada no capítulo 3 deste trabalho pode se tornar um empecilho, tendo que em vista que muitas praças da cidade acabam tendo um programa de necessidades extremamente parecido, sem potencial para gerar estímulos no sentido de que a população em geral tenha interesse em percorrê-los e utilizá-los. Além disso, tal percepção sugere a inexistência de um estudo visando compreender as potencialidades e limitações dos espaços e, especialmente, os anseios da população. Diante deste cenário foram observadas situações como praças com área muito reduzida e estrutura precária; com implantação de equipamentos superior ao que seu espaço físico é capaz de abranger adequadamente; apresentando estruturas muito semelhantes e repetitivas; dentre outros aspectos que coadunam para uma sensação de que, muitas vezes, praças são construídas apenas por sua existência em si, sem a preocupação se serão locais atrativos e que possibilitem um uso efetivo.

Ainda no que tange o âmbito do planejamento, percebeu-se uma dificuldade generalizada de garantir a manutenção e preservação das praças de Campos dos Goytacazes, que pode ser relacionada, dentre outros fatores, a um custo elevado em função do quantitativo levantado. Frente à esta questão, nota-se que, por vezes, se fazem presentes investimentos seletivos voltados para determinadas áreas de interesse, as quais podem variar em função do momento e de objetivos específicos. Cabe destacar que manter as boas condições dos espaços livres públicos é importante não apenas para viabilizar seu uso mas, de forma mais ampla, para garantir a sensação de segurança a partir do movimento constante de pessoas – que contribui para que usos indevidos sejam inibidos – e para a manutenção da própria vida nas cidades, bem como incentivando a constituição da esfera de vida pública.

Neste sentido, as políticas de incentivo ao uso de tais espaços também podem se tornar ótimas soluções. A exemplo disso, foram destacadas no capítulo 3 desta dissertação o “Samba na Praça”, a “Feira ETC”, o “Viva Jardim São Benedito”, o “Projeto Praça Viva” como iniciativas extremamente interessantes, as quais acredita-se que deveriam se espalhar por outras praças da cidade no intuito de fortalecer ainda mais relação entre a população e os espaços livres

públicos. No capítulo 3 foi citado também o Programa Adote uma Praça, o qual acredita-se que poderia ser uma iniciativa interessante para minimizar os problemas relacionados à manutenção das praças do município, tendo em vista a proposta de que tanto empresas quanto membros da sociedade civil poderiam assumir o compromisso de cuidar destes espaços. No entanto, é importante considerar que tais parceiros, especialmente quando se tratam de empresas, podem acabar optando por direcionar suas ações para o centro da cidade, o qual inevitavelmente proporciona maior visibilidade, ou para áreas sobre as quais tenham interesses específicos. Desse modo, seria importante que Prefeitura exercesse um papel de complementariedade, realocando seus recursos para as áreas não atendidas pelas parcerias estabelecidas através do Programa.

No que diz respeito especificamente às praças São Salvador, Trovadores e José Dias Nogueira, e sua relação com a população, nos três casos analisados observou-se que esta ocorre de forma consistente, ainda que haja particularidades em cada uma delas. Esta constatação opõe-se a crença de alguns autores, destacada no início deste trabalho, de que o espaço público estaria morrendo, demonstrando que, na prática, o que se sucedem são transformações e ressignificações em seus usos.

De maneira sintetizada, a relação entre a Praça São Salvador e a população, percebida através das análises e entrevistas, poderia ser classificada como contraditória, pois ao mesmo tempo que esta é alvo de diversas críticas, também possui um uso bastante intenso e constante. Poderia, ainda, ser descrita como abrangente, pois abarca a diversidade nos mais variados sentidos, tanto no que diz respeito aos seus usuários quanto aos usos por eles procedidos. Apesar das transformações pelas quais passou ao longo de sua existência, continua sendo um elemento de forte identidade, representando uma importante referência para os moradores da cidade. Para alguns é local de lutas, de manifestação, para outros é sinônimo de lazer, palco de eventos e de encontros. Mas a São Salvador também é abrigo para moradores de rua; local de trabalho para ambulantes; é a praça que fez parte da infância de muitos; é cartão postal; é local de desconfiança e medo, no qual mesmo na presença de tantas pessoas é possível se sentir sozinho e invisível. É um espaço democrático, de múltiplas possibilidades e oportunidades que, no entanto, não são vistas por todos.

Na Praça dos Trovadores, por sua vez, essa relação poderia ser representada pela busca por um refúgio. Isto porque, por um lado, percebeu-se o apreço pelo espaço por oferecer tranquilidade, certo grau de segurança, arborização abundante que o torna agradável e

acolhedor, opondo-se a imagem geral da cidade e sendo, portanto, uma ótima opção de lazer, encontro, relaxamento e prática de atividades físicas para diversas pessoas. Por outro lado, também é vista por alguns como refúgio do ponto de vista social, por aparentemente ser frequentada de modo predominante por grupos com melhores condições de vida e que, em princípio, não oferecem “ameaças”.

Já na Praça José Dias Nogueira, a relação com a população poderia ser resumida em torno da sociabilidade. É uma praça que tem certas características de centralidade urbana, por conta dos estabelecimentos existentes no seu entorno e por ser um ponto importante de passagem de linhas de transporte público, entretanto, em uma outra escala, tendo em vista se tratar de uma “praça de bairro”. Além disso, assim como a Praça São Salvador, expõe fragilidades e problemas mas, contraditoriamente, estas questões não inibem seu uso. É local de encontro com os vizinhos, da cerveja nos quiosques no fim de tarde, da música nos bares do entorno nos finais de semana, de levar as crianças para brincar, da reunião dos colegas da escola, do bate-papo na saída da igreja, da socialização.

Ainda no que tange à Praça José Dias Nogueira e, na verdade, ao bairro de Custodópolis como um todo, é relevante mencionar que as visitas e análises demonstraram que estes se apresentam como locais relativamente distintos da imagem geral e estigmatizada construída pela população e pela mídia locais em relação ao conjunto de bairros localizados na margem norte do Rio Paraíba do Sul. Apesar dos já conhecidos problemas, Custodópolis é um bairro de grande vivacidade, o que se reflete em sua praça, possuindo um comércio forte e completo, escolas, igrejas, uma diversidade de atividades culturais que fazem parte da sua formação, uma forte identidade e senso comunitário que apesar de, segundo relatos, ter se enfraquecido com o tempo, ainda se faz claramente presente.

Como se pôde notar por meio das análises realizadas nesta dissertação, muitos fatores estão envolvidos na relação entre as praças e a população, seus usos ou desusos e nas interações sociais que nelas se manifestam com maior ou menor intensidade. Desde aspectos que dizem respeito à própria estrutura física destes espaços, passando por seu entorno e outras questões muito mais amplas, que extrapolam o contexto local, contribuem em menor ou maior grau com o panorama que se delineia. Precariedade e abandono; condições de segurança; existência ou não de opções atrativas e convenientes de lazer; impacto das inovações tecnológicas; características do entorno e questões culturais são algumas das possíveis influências em tais processos, atuando, muitas vezes de forma conjunta e, portanto, complexa, sobre a cidade e

seus habitantes. Percebe-se ainda, que apesar de existirem certas semelhanças entre as realidades das praças São Salvador, Trovadores e José Dias Nogueira, seu entorno e contexto no qual estão inseridas exercem uma interferência incontestável sobre as mesmas, seus usuários e usos.

Por todos os fatos mencionados, concluiu-se que os espaços livres públicos e a vida nas cidades estão intrinsecamente relacionados uns aos outros, sendo capazes de influenciar-se mutuamente. Se os usos e apropriações que se desenvolvem nas praças são reflexo da sociedade em si, o processo contrário também é plausível, o que transparece a importância de planejá-los, assim como a cidade com um todo, de forma responsável e consciente de seus possíveis desdobramentos. Especialmente no que tange seu caráter de cidadania e local da interação social, percebeu-se que de fato há limitações neste sentido, as quais podem acabar fortalecendo processos que atingem a cidade de forma generalizada, principalmente no que diz respeito à construção de uma imagem de insegurança, de necessidade de se limitar cada vez mais em uma esfera privada em busca de proteção, de fragmentação e segregação e, em última instância, do enfraquecimento da visão de sociedade, os quais são aspectos bastante preocupantes.

Desse modo, o presente trabalho teve importância no sentido de clarificar o panorama existente atualmente em Campos dos Goytacazes, ilustrando suas características e desdobramentos a partir de um recorte que abrangesse diferentes contextos da cidade. No entanto, não almejou-se esgotar o tema entendendo-se, assim, a necessidade de expandir as análises para outras áreas, de modo a fortalecer as reflexões aqui realizadas e, inclusive, expor questões não abordadas por não fazerem parte da realidade das praças estudadas. Espera-se ainda que este material possa servir de fonte de informações para que avanços sejam procedidos no sentido de incentivo no uso das praças e das interações que nelas podem vir a ocorrer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Frânio. **Inaugurações marcam os 179 anos de Campos dos Goytacazes.**

Reportagem publicada no site da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, 2014.

Disponível em: [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=24010](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=24010). Acesso em: 07 de Janeiro de 2019.

AB'SABER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALEX, Sun. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público.** São Paulo: Editora Senac, 2011.

ALIPRANDI, Danielly Cozer. **O sistema de espaços livres da cidade de Campos dos Goytacazes/RJ: carências e potencialidades.** Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2017.

ALVAREZ, Isabel Pinto. A produção e reprodução da cidade como negócio e segregação. In: CARLOS, Ana Fani; VOLOCHKO, Danilo; ALVAREZ, Isabel Pinto (Orgs.). **A cidade como negócio.** São Paulo: Editora Contexto, 2015.

ALVES, Priscilla. **Guarus desponta no eixo comercial:** Avenida Senador José Carlos Pereira Pinto tem atraído investimentos para alavancar a economia. Reportagem publicada no site do Jornal Terceira Via, 2019. Disponível em: [https://www.jornalterceiravia.com.br/2019/04/21/guarus-desponta-no-eixo-comercial/?fbclid=IwAR1N7db7jUpFGQ9WV0jqdunN2PUjN1Yopw0\\_mKaewbHAknSJjnVBeJzqa\\_I](https://www.jornalterceiravia.com.br/2019/04/21/guarus-desponta-no-eixo-comercial/?fbclid=IwAR1N7db7jUpFGQ9WV0jqdunN2PUjN1Yopw0_mKaewbHAknSJjnVBeJzqa_I). Acesso em: 22 de abril de 2019.

ASSIS, Renan Lubanco. **Morador de Custodópolis e morador de Guarus: a moradia como um símbolo de estigma na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ.** 2016. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2016. Disponível em: [http://uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wp-content/uploads/sites/9/2013/03/Renan-Lubanco-Assis\\_Tese.pdf](http://uenf.br/posgraduacao/sociologia-politica/wp-content/uploads/sites/9/2013/03/Renan-Lubanco-Assis_Tese.pdf). Acesso em: 02 de março de 2019.

ASSIS, Taysa. **Praça do IPS elogiada pelos moradores.** Reportagem publicada no site da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, 2012. Disponível em: [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=15254](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=15254). Acesso em: 08 de Janeiro de 2019.

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL DE CAMPOS. **Feira ETC e Viva Jardim acontecem neste domingo no Jardim São Benedito.** Reportagem publicada no site do Jornal Terceira Via, 2018. Disponível em: < <https://www.jornalterceiravia.com.br/2018/11/10/feira-etc-e-viva-jardim-acontecem-neste-domingo-no-jardim-sao-benedito/>>. Acesso em 15 de Janeiro de 2019.

AZEREDO, Verônica Gonçalves. Da Cidade de Palha à Custodópolis: memória e sociabilidades. **Revista Caminhos de Geografia**, v. 12, n. 37, p. 268-277, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/41080546-Da-cidade-de-palha-a-custodopolis-trajetorias-de-vulnerabilidade-e-cidadania.html>. Acesso em: 03 de março de 2019.

BARRETO, Liliane. **Projeto Praça Viva abre inscrições nesta 2ª para atividades físicas**. Reportagem publicada no site da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, 2017. Disponível em: [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=39422](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=39422). Acesso em: 08 de Janeiro de 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BORTOLO, Carlos Alexandre de; BATISTA, Ramony Pereira; RIBEIRO, Brenda Soares. Espaços públicos e paisagem urbana: breves apontamentos sobre uso e apropriações das praças. *In*: CONGRESSO EM DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 6., 2018, Montes claros. **Anais [...]**. Montes Claros: UEMC, 2018. Disponível em: <https://www.cpngressods.com.br>. Acesso em: 08 de Janeiro de 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.406**, de 10 de janeiro de 2002. Brasília-DF, 2002a. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/2002/L10406.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10406.htm). Acesso em: 03 de novembro de 2018.

CAETANO, Fernando Domingues; ROSANELI, Alessandro Filla. As ideias de paisagem nos planos diretores municipais do estado do Paraná. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL, 17., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FAU/USP, v.1, 2017. Disponível em: [http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVIIENANPUR\\_Anais/ST\\_Sessoes\\_Tematicas/ST%203/ST%203.3/ST%203.3-01.pdf](http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/publicacoes/XVIIENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%203/ST%203.3/ST%203.3-01.pdf). Acesso em: 16 de novembro de 2018.

CALDEIRA, Júnia Marques. **A praça brasileira: trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade**. 2007. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2007. Disponível em: [https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/trabalhos/OCR\\_CALDEIRA.pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/brasil/trabalhos/OCR_CALDEIRA.pdf). Acesso em: 27 de outubro de 2018.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Editora 34, 2011.

CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Lei nº 7.972, de 10 de Dezembro de 2007**. Institui o Plano diretor do Município de Campos dos Goytacazes. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/plano-diretor-campos-dos-goytacazes-rj>. Acesso em 06 de Janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 7.974, de 10 de Dezembro de 2007**. Institui a Lei de Uso e Ocupação do Solo Urbano do Município de Campos dos Goytacazes. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/plano-de-zoneamento-uso-e-ocupacao-do-solo-campos-dos-goytacazes-rj>. Acesso em 06 de Janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 7.975, de 12 de Dezembro de 2007.** Institui a Lei de Parcelamento do Solo do Município de Campos dos Goytacazes. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/parcelamento-do-solo-campos-dos-goytacazes-rj>. Acesso em 06 de Janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 8.771, de 30 de Agosto de 2017.** Dispõe sobre o Programa Adote uma Praça, no Município de Campos dos Goytacazes e dá outras providências. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rj/c/campos-dos-goytacazes/lei-ordinaria/2017/878/8771/lei-ordinaria-n-8771-2017-dispoe-sobre-o-programa-adote-uma-praca-no-municipio-de-campos-dos-goytacazes-e-da-outras-providencias?q=Lei%208771>. Acesso em 06 de Janeiro de 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A condição espacial.** São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. A prática espacial urbana como segregação e o “direito à cidade” como horizonte utópico. In: VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Orgs.). **A cidade contemporânea: segregação espacial.** São Paulo: contexto, 2016. p.95-110.

CENTRO DE INFORMAÇÕES E DADOS DE CAMPOS DOS GOYTACAZES. **Perfil Praças e Jardins.** Campos dos Goytacazes, 2015. Disponível em: <https://cidac.campos.rj.gov.br/pracas/mobile/index.html>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2019.

CHAGAS, Viviane. **Aprovada lei que coloca Projeto Samba na Praça do Liceu no Calendário Oficial do Município.** Disponível em: <http://www.camaracampos.rj.gov.br/legislativo/1499-aprovada-lei-que-coloca-projeto-samba-na-praca-do-liceu-no-calendario-oficial-do-municipio>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Carl Sauer e Denis Cosgrove: a paisagem e o passado.** Revista **Espaço Aberto**, Rio de Janeiro, v. 4, n.1, p. 37-46, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/EspacoAberto/article/view/2431>. Acesso em: 29 de outubro de 2018.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny. **Paisagem, tempo e cultura.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.

CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana.** Lisboa: Edições 70, 2010.

FARIA, Teresa Peixoto. Configuração do espaço urbano da cidade de Campos dos Goytacazes, após 1950: novas centralidades, velhas estruturas. In: **Anais do Congresso de Geógrafos da América Latina**, n.10, São Paulo, 2005.

FARIA, Gislanne. **Prefeitura constrói e reforma praças.** Reportagem publicada no site da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, 2010. Disponível em: [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=1930](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=1930)>. Acesso em: 07 de Janeiro de 2019.

FERREIRA, Alvaro; RUA, João; MATTOS, Regina Célia. **Desafios da metropolização do espaço.** Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

LIRA FILHO, José Augusto. **Paisagismo: princípios básicos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2012.

FILHO, Telmo. **Mais duas praças inauguradas nesta quarta-feira**. 2013. Disponível em: [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=17242](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=17242). Acesso em: 08 de Janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. **Praça do Morar Feliz do Esplanada será inaugurada neste sábado**. 2015. Disponível em: [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=32268](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=32268). Acesso em: 08 de Janeiro de 2019.

FREITAS, Kêila Pirovani da Silva. **Produção e apropriação do espaço urbano de Campos dos Goytacazes – RJ: da residência unifamiliar aos edifícios de apartamentos**. 2011. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2011. Disponível em: <http://uenf.br/posgraduacao/politicas-sociais/wp-content/uploads/sites/11/2015/06/KEILA-PIROVANI-DA-SILVA-FREITAS.pdf>. Acesso em: 5 de março de 2019.

FREITAS, Kêila Pirovani da Silva; FARIA, Teresa Peixoto. Produção e apropriação do espaço urbano de Campos dos Goytacazes – RJ: da residência unifamiliar aos edifícios de apartamentos. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DA PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS*, 2011, [Vitória]. *Anais [...]* [Vitória]: UFES, v.1, n.1, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/view/1575>. Acesso em: 6 de março de 2019.

GALENDER, Fany Cutcher. Considerações sobre a conceituação dos espaços públicos urbanos. *Revista Paisagem e Ambiente*, São Paulo, n.4, 1992, p. 113-120. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/133743>. Acesso em: 27 de outubro de 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

HOLZER, Werther. O lugar na geografia humanista. *Revista Território*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 7, p. 67-78, 1999. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/100887094/O-Lugar-Na-Geografia-Humanista-Werther-Holzer>. Acesso em: 27 de outubro de 2018.

\_\_\_\_\_. Augustin Berque: um trajeto pela paisagem. *Revista Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n.17-18, p. 55-63, 2004. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/7853/5681>. Acesso em: 10 de novembro de 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Panorama de Campos dos Goytacazes com base no Censo demográfico 2010**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/campos-dos-goytacazes/panorama>. Acesso em: 03 de Janeiro de 2019.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

LIRA FILHO, José Augusto. **Paisagismo: princípios básicos**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2012.  
LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2008.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

MACEDO, Silvio Soares. Espaços Livres. **Revista Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n.7, p.15-56, 1995.

\_\_\_\_\_. **Quadro do paisagismo no Brasil: 1783 – 2000**. São Paulo: Editora da USP, 2015.

MACEDO, Silvio; *et. al.* Considerações preliminares sobre o sistema de espaços livres e a constituição da esfera pública no Brasil. *In*: TÂNGARI, Vera Regina; ANDRADE, Rubens de; SCHLEE, Mônica Bahia (Orgs.). **Sistema de Espaços Livres: o cotidiano, apropriações e ausências**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

MACEDO, Silvio; *et. al.* **Os sistemas de espaços livres e a constituição da esfera pública contemporânea no Brasil**. São Paulo: EdUSP, 2018.

MARIA, Kelly. **Praças e jardins da cidade estão ganhando novo visual**. 2013. Disponível em: [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=19573](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=19573). Acesso em: 08 de Janeiro de 2019.

MARICATO, Ermínia. As ideias fora do lugar e o lugar fora das ideias: planejamento urbano no Brasil. *In*: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único: desmanchando consensos**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 121-188.

NUNES, Livia. **Viva Jardim São Benedito: músicos podem se inscrever até 6ª**. 2018. Disponível em: < [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=46407](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=46407) >. Acesso em: 15 de Janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. **Praça das Taças passa por revitalização e será aberta à população**. 2018. Disponível em: [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=49399](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=49399). Acesso em: 7 de Janeiro de 2019.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. **A megalópole e a praça: o espaço entre a razão de dominação e a ação comunicativa**. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

RHEINGANTZ, Paulo Afonso; AZEVEDO, Gisele Arteiro; BRASILEIRO, Alice; ALCANTARA, Denise de; QUEIROZ, Mônica. **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

SANCHEZ, Fernanda. Políticas urbanas em renovação: uma leitura crítica dos modelos emergentes. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, São Paulo, n. 1, p.115-132, 1999. Disponível em: <http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/13/1>. Acesso em: 15 de novembro de 2018.

SANT'ANNA, Aline Guimarães de Souza. **As praças e os conteúdos das desigualdades socioespaciais urbanas em Campos dos Goytacazes – RJ**. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2017.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 6 ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

\_\_\_\_\_. **Pensando o espaço do homem**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SCHELEE, Mônica Bahia. et. al. Sistema de espaços livres nas cidades brasileiras: um debate conceitual. **Revista Paisagem Ambiente**: ensaios, n. 26, São Paulo, p. 225-247, 2009.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/77358>. Acesso em: 06 de novembro de 2018.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2018.

\_\_\_\_\_. Segregação, território e espaço público na cidade contemporânea. *In*:

VASCONCELOS, Pedro de Almeida; CORRÊA, Roberto Lobato; PINTAUDI, Silvana Maria (Orgs.). **A cidade contemporânea: segregação espacial**. São Paulo: contexto, 2016. p.169-188.

SILVA, Aline de Figueirôa. Por uma epistemologia contemporânea da paisagem: ensaio sobre cinco proposições teóricas. **Revista Pós**, v. 21, n. 36, São Paulo, p. 54-68, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/90245>. Acesso em: 27 de outubro de 2018.

SILVA, Victor Andrade Carneiro da. **O papel do público e do privado na distribuição de amenidades ambientais**. Um estudo de caso sobre a arborização pública em Campos dos Goytacazes. 2001. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais), Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2001. Disponível em: <http://uenf.br/posgraduacao/politicas-sociais/wp-content/uploads/sites/11/2015/06/VICTOR-ANDRADE-CARNEIRO-DA-SILVA.pdf>. Acesso em: 02 de março de 2019.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **Capitalismo e Urbanização**. São Paulo: Contexto, 2005.

SIQUEIRA, Jô. **Prefeitura entrega domingo a academia da Praça Santo Antônio**. 2017. Disponível em: [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=42452](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=42452). Acesso em: 07 de Janeiro de 2019.

THEDERICH, Kelly. **Campos Luz ilumina praça praças de Campos**. 2011. Disponível em: [https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id\\_noticia=8451](https://www.campos.rj.gov.br/exibirNoticia.php?id_noticia=8451). Acesso em: 09 de Janeiro de 2019.

TRINDADE, Ocinei. **Samba na Praça volta domingo ao Jardim do Liceu**. Disponível em: <https://www.jornalterceiravia.com.br/2018/04/12/samba-na-praca-volta-domingo-ao-jardim-do-liceu/>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2019.

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES – CAMPOS. **Info Royalties**. Informativo de Royalties + Participações Especiais recebidos por Campos dos Goytacazes/RJ entre 2008 e

2019. Disponível em: <http://inforoyalties.ucam-campos.br/informativo.php>. Acesso em: 10 de Março de 2019.

VAINER, Carlos B. Pátria, empresa e mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. *In*: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 75-104.

\_\_\_\_\_. Os liberais também fazem planejamento urbano? Glosas ao “planejamento estratégico da cidade do Rio de Janeiro”. *In*: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do pensamento único**: desmanchando consensos. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 105-120.

VILLAÇA, Flavio. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. *In*: DEÁK, Csaba; SCHIFFER, Sueli Ramos (Orgs.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: Edusp, 2015.

# APÊNDICES

## APÊNDICE A: ROTEIRO DA ENTREVISTA

### ENTREVISTA

**Local onde foi aplicada:** \_\_\_\_\_

**Data:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ **Horário:** \_\_\_\_\_

**1. Nome do entrevistado (opcional):**

\_\_\_\_\_

**2. Qual a sua idade?**

- |                                       |   |
|---------------------------------------|---|
| <input type="checkbox"/> 0 a 10 anos  | <input type="checkbox"/> 41 a 50 anos     |
| <input type="checkbox"/> 11 a 20 anos | <input type="checkbox"/> 51 a 60 anos     |
| <input type="checkbox"/> 21 a 30 anos | <input type="checkbox"/> Acima de 60 anos |
| <input type="checkbox"/> 31 a 40 anos |   |

**3. Sexo:**

Feminino     Masculino     Outro \_\_\_\_\_

**4. Como você se auto identifica?**

Branco     Negro     Pardo  
 Indígena     Amarelo (origem asiática)     Outro \_\_\_\_\_

**5. Qual a sua ocupação? (ou quais)**

Trabalhador     Estudante     Aposentado/Pensionista  
 Do lar     Desempregado

**6. Quais lugares (até 3) você mais costuma frequentar nos seus dias de folga?**

Cinema     Casa de parentes e/ou amigos     Clube  
 Praia     Shopping     Campo  
 Praças     Outros \_\_\_\_\_

**7. Em qual bairro / distrito do município de Campos dos Goytacazes você reside?**

\_\_\_\_\_

**8. O que melhor descreve sua relação com o bairro onde está situada a praça?**

- Morador       Trabalhador       Estudante  
 Turista       Visitante       Consumidor  
 Outro: \_\_\_\_\_

**9. Qual a sua percepção sobre o bairro no qual está situada a praça?**

- Fortemente negativa  
 Negativa  
 Neutra  
 Positiva  
 Fortemente positiva

**10. Quais elementos/características você acredita que estejam motivando a percepção indicada na questão 9?**

---

---

---

**11. Com que frequência costuma vir a praça?**

- Anualmente       Semestralmente       Mensalmente  
 Semanalmente       Diariamente

**12. O que você costuma fazer na praça? (marque quantas achar necessário)**

- Passar a caminho de outros lugares  
 Descansar no horário de almoço/intervalo  
 Praticar atividade física  
 Trabalhar  
 Encontrar pessoas  
 Levar crianças para brincar/passear  
 Levar animais para passear  
 Tomar sol  
 Caminhar  
 Ler  
 Passear

(        ) Outros \_\_\_\_\_

**13. Quando você vem nesta praça, o que mais gosta é:**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**14. Fisicamente, o que mais lhe chama atenção na praça? Por quê?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**15. Existe alguma coisa na praça que você mudaria? Por quê?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**16. Como você se sente quando está nesta praça? A quais elementos/características você atribuiria tais sensações?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**17. Você classificaria o espaço da praça como cuidado/conservado? O que te passa esta impressão?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**18. Para você, o que esta praça representa?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**19. O que a praça representa para a comunidade?**

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**20. Gostaria de contribuir com mais alguma informação que não tenha sido levantada nas perguntas anteriores?**



APÊNDICE B: MODELO DE FICHA 1 – AVALIAÇÃO DO GRAU DE ATRATIVIDADE DAS VISADAS DO ENTORNO

**AVALIAÇÃO DO GRAU DE ATRATIVIDADE DAS VISADAS DO ENTORNO**

ficha 1

CATEGORIAS DE VISADAS :

PRAÇA :

DATA :

**1. Vibrante**

Fachadas pequenas e com muitas aberturas.  
 Fachadas com alta transparência.  
 Nenhum lote vago ou edificação sem uso.  
 Tipologias arquitetônicas variadas.  
 Fachadas com significativa variedade de materiais/detalhes.

**2. Ativa**

Fachadas relativamente pequenas e com algumas aberturas.  
 Fachadas com alguma transparência.  
 Poucos lotes vagos ou edificações sem uso.  
 Alguma variedade de tipologias arquitetônicas.  
 Fachadas com alguma variedade de materiais/detalhes.

**3. Maçante**

Fachadas extensas e com poucas aberturas.  
 Fachadas com baixa transparência.  
 Alguns lotes vagos e edificações sem uso.  
 Pouca variedade de tipologias arquitetônicas.  
 Fachadas com pouca ou nenhuma variedade de materiais/detalhes.

**4. Inativa**

Fachadas extensas com poucas ou nenhuma abertura.  
 Fachadas com muito pouca ou nenhuma transparência.  
 Presença de estacionamentos ou lotes vazios e edificações sem uso.  
 Uniformidade de tipologias arquitetônicas.  
 Fachadas uniformes e sem detalhes.

**5. Monumentos/Elementos naturais**

Uma fachada histórica ou artística que pode não ser muito ativa ou transparente, mas é marcante, ou um elemento natural de destaque.



APÊNDICE C: MODELO DE FICHA 2 – AVALIAÇÃO DO TRAÇADO E DO PROGRAMA DE NECESSIDADES

**AVALIAÇÃO DO TRAÇADO E DO PROGRAMA DE NECESSIDADES**

ficha **2**

PRAÇA:

DATA:

**CARACTERÍSTICAS FÍSICAS OU DO PROGRAMA DE NECESSIDADES QUE PODEM INTERFERIR NA INTERAÇÃO E DIVERSIDADE DE USUÁRIOS**

1. O local oferece variedade de espaços para se sentar e descansar (formais/informais)?

(  )Sim (  )Não

2. O local oferece elementos para contemplar/belas vistas?

(  )Sim (  )Não

3. O local é cercado por grades ou possui outros tipos de barreira física ao acesso?

(  )Sim (  )Não

4. O local possui áreas formais voltados para a prática de exercícios físicos?

(  )Sim (  )Não

5. O local possui playground ou outros espaços nos quais crianças possam brincar?

(  )Sim (  )Não

6. O local possui gramado/espços multiuso?

(  )Sim (  )Não

7. O local possui mesas (não comerciais) onde as pessoas possam comer e socializar?

(  )Sim (  )Não

8. Existem vendedores fixos de bebidas e comidas no local?

(  )Sim (  )Não

9. Há variedade de estabelecimentos comerciais/empresas ativas no térreo das edificações adjacentes ao local - incluindo comércio de alimentos e bebidas?

(  )Sim (  )Não

10. As opções de compra disponíveis são muito caras ou acessíveis apenas para pessoas de maior poder aquisitivo?

(  )Sim (  )Não

11. O local possui banheiros públicos?

(  )Sim (  )Não

12. O local possui boa iluminação a noite?

(  )Sim (  )Não

13. Nota-se sensação de segurança no local?

(  )Sim (  )Não

14. O ambiente oferece conforto aos usuários (térmico, acústico)?

(  )Sim (  )Não

15. Há acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida?

(  )Sim (  )Não

## AVALIAÇÃO DO TRAÇADO E DO PROGRAMA DE NECESSIDADES

ficha 2

PRAÇA :

DATA:

### PENSAMENTOS + ANOTAÇÕES

**ESTE LOCAL É BOM PARA...**

**Observar e interagir com pessoas que você não conhece?**

(    ) Não      (    ) Talvez      (    ) Sim

**Realizar diferentes tipos de atividades?**

(    ) Não      (    ) Talvez      (    ) Sim

**Socializar, estar com os amigos, estar com a família?**

(    ) Não      (    ) Talvez      (    ) Sim

**Encontrar pessoas com diferentes interesses?**

(    ) Não      (    ) Talvez      (    ) Sim

**1. Observe quem está aqui. Em que sentidos há diversidade entre as pessoas que aqui estão? Em que sentido há homogeneidade?**

**2. Descreva as características do traçado e elementos do programa que ajudam ou dificultam o local a promover a diversidade e a interação entre as pessoas.**

**3. Observe onde as pessoas estão e o que elas estão fazendo. As atividades estão acontecendo onde você imaginou que estariam? Por que ou porque não?**

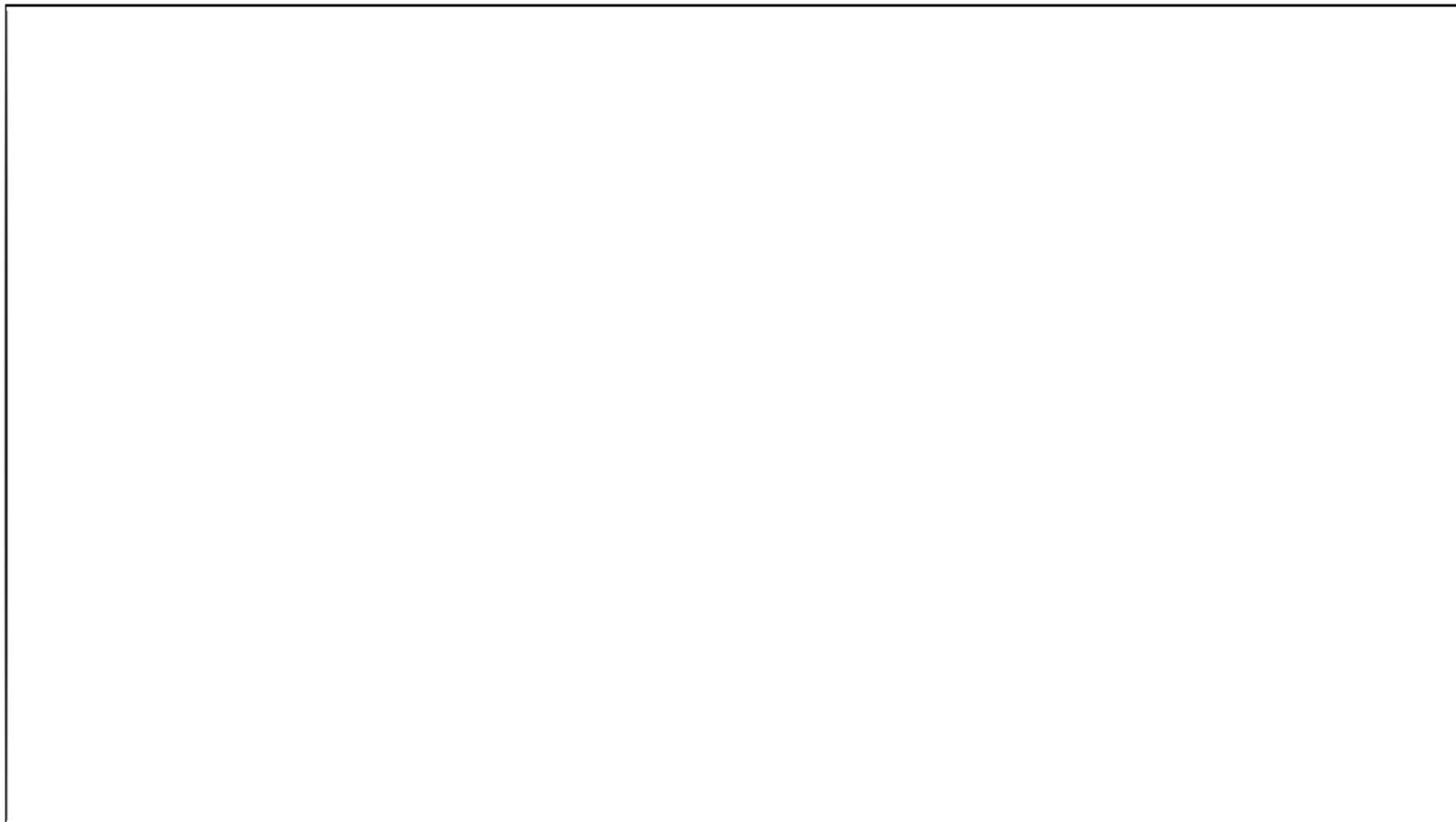


---

**AVALIAÇÃO DO TRAÇADO E DO PROGRAMA DE NECESSIDADES**ficha **2**

PRAÇA :

DATA:



## APÊNDICE D: MODELO DE FICHA 3 – DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS

## DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS

ficha 3

PRAÇA :

DATA:

### ELEMENTOS CONSTRUÍDOS

#### PISOS

(  )Cimento (  )Saibro (  )Pedra (  )Cerâmico (  )Madeira (  )Asfalto (  )Sintético

(  )Outro(s): \_\_\_\_\_

#### CONDIÇÃO

#### QUANTIDADE

#### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

(  )Existente (  )Inexistente (  )Suficiente (  )Insuficiente (  )Bom (  )Regular (  )Ruim

#### REGISTROS FOTOGRÁFICOS

#### OBSERVAÇÕES

---



---



---

# DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS

ficha 3

PRAÇA:

DATA:

## ELEMENTOS CONSTRUÍDOS

### ARTE

( )Escultura ( )Obelisco ( )Painel ( )Busto ( )Instalação ( )Estátua

( )Outro(s): \_\_\_\_\_

### CONDIÇÃO

### QUANTIDADE

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

( )Existente ( )Inexistente ( )Suficiente ( )Insuficiente ( )Bom ( )Regular ( )Ruim

### REGISTROS FOTOGRÁFICOS

### OBSERVAÇÕES

---



---



---

# DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS

ficha 3

PRAÇA :

DATA:

## ELEMENTOS CONSTRUÍDOS

### ÁGUA

( ) Cascata ( ) Fonte ( ) Chafariz ( ) Espelho d'água ( ) Rio, riacho, lagoa

( ) Outro(s): \_\_\_\_\_

#### CONDIÇÃO

#### QUANTIDADE

#### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

( ) Existente ( ) Inexistente ( ) Suficiente ( ) Insuficiente ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim

### REGISTROS FOTOGRÁFICOS

### OBSERVAÇÕES

---



---



---

# DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS

ficha 3

PRAÇA :

DATA:

## ELEMENTOS CONSTRUÍDOS

### ILUMINAÇÃO

(  ) Poste alto    (  ) Poste baixo    (  ) Spot    (  ) Arandela    (  ) Balizador    (  ) Refletor

(  ) Outro(s): \_\_\_\_\_

### CONDIÇÃO

### QUANTIDADE

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

(  ) Existente    (  ) Inexistente    (  ) Suficiente    (  ) Insuficiente    (  ) Bom    (  ) Regular    (  ) Ruim

### REGISTROS FOTOGRÁFICOS

### OBSERVAÇÕES

---



---



---

# DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS

ficha 3

PRAÇA :

DATA:

## ELEMENTOS CONSTRUÍDOS

### CERCAMENTO

(  )Muro (  )Gradil (  )Cerca Viva (  )Alambrado (  )Cerca (  )Sistema misto

(  )Outro(s): \_\_\_\_\_

### CONDIÇÃO

### QUANTIDADE

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

(  )Existente (  )Inexistente (  )Suficiente (  )Insuficiente (  )Bom (  )Regular (  )Ruim

### REGISTROS FOTOGRÁFICOS

### OBSERVAÇÕES

---



---



---

# DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS

ficha 3

PRAÇA :

DATA:

## ELEMENTOS CONSTRUÍDOS

### SINALIZAÇÃO (USO)

(  )Indicativa e direcional    (  )Informativa    (  )Interpretativa

(  )Outro(s): \_\_\_\_\_

### CONDIÇÃO

### QUANTIDADE

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

(  )Existente    (  )Inexistente    (  )Suficiente    (  )Insuficiente    (  )Bom    (  )Regular    (  )Ruim

### REGISTROS FOTOGRÁFICOS

### OBSERVAÇÕES

---



---



---

## DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS

ficha 3

PRAÇA :

DATA:

### ELEMENTOS CONSTRUÍDOS

#### CONDIÇÕES DE ACESSIBILIDADE (ELEMENTOS INTEGRADOS À PRAÇA)

- (  )Ciclovía    (  )Transporte público    (  )Passarela de pedestres    (  )Estacionamento    (  )Piso tátil  
 (  )Rampa    (  )Outro(s): \_\_\_\_\_

CONDIÇÃO

QUANTIDADE

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

- (  )Existente    (  )Inexistente    (  )Suficiente    (  )Insuficiente    (  )Bom    (  )Regular    (  )Ruim

#### REGISTROS FOTOGRÁFICOS

#### OBSERVAÇÕES

---



---



---

## DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS

ficha 3

PRAÇA :

DATA:

### ELEMENTOS CONSTRUÍDOS

#### EQUIPAMENTOS DE LAZER E ESPORTES

( ) Playground ( ) Quadra esportiva ( ) Pista de skate/patins ( ) Equipamentos de ginástica

( ) Mesa de jogos ( ) Outro(s): \_\_\_\_\_

CONDIÇÃO

QUANTIDADE

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

( ) Existente ( ) Inexistente ( ) Suficiente ( ) Insuficiente ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim

#### REGISTROS FOTOGRÁFICOS

#### OBSERVAÇÕES

---



---



---

# DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS

ficha 3

PRAÇA :

DATA:

## ELEMENTOS CONSTRUÍDOS

### EQUIPAMENTOS PÚBLICOS

(  )Bicicletário (  )Ponto de ônibus/táxi (  )Bebedouro (  )Lixeira (  )Telefone público

(  )Outro(s): \_\_\_\_\_

CONDIÇÃO

QUANTIDADE

ESTADO DE CONSERVAÇÃO

(  )Existente (  )Inexistente (  )Suficiente (  )Insuficiente (  )Bom (  )Regular (  )Ruim

### REGISTROS FOTOGRÁFICOS

### OBSERVAÇÕES

---



---



---

# DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS

ficha 3

PRAÇA :

DATA:

## ELEMENTOS CONSTRUÍDOS

### CONSTRUÇÕES

- (  )Quiosque    (  )Banca de jornais/revistas    (  )Sanitário    (  )Palco/coreto    (  )Anfiteatro    (  )Ponte  
 (  )Pergolado    (  )Segurança    (  )Espaço para animais    (  )Pórtico    (  )Edifícios institucionais  
 (  )Outro(s): \_\_\_\_\_

### CONDIÇÃO

### QUANTIDADE

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

- (  )Existente    (  )Inexistente    (  )Suficiente    (  )Insuficiente    (  )Bom    (  )Regular    (  )Ruim

### REGISTROS FOTOGRÁFICOS

### OBSERVAÇÕES

---



---



---

# DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS

ficha 3

PRAÇA:

DATA:

## ELEMENTOS CONSTRUÍDOS

### BANCOS

( ) Madeira ( ) Metal ( ) Concreto ( ) Alvenaria ( ) Misto

( ) Outro(s): \_\_\_\_\_

### CONDIÇÃO

### QUANTIDADE

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

( ) Existente ( ) Inexistente ( ) Suficiente ( ) Insuficiente ( ) Bom ( ) Regular ( ) Ruim

### REGISTROS FOTOGRÁFICOS

### OBSERVAÇÕES

---



---



---

# DIAGNÓSTICO DOS ELEMENTOS CONSTRUÍDOS E FLORÍSTICOS

ficha 3

PRAÇA:

DATA:

## ELEMENTOS FLORÍSTICOS

### VEGETAÇÃO

( )Forração ( )Arbustos ( )Árvores ( )Herbáceas

( )Outro(s): \_\_\_\_\_

### CONDIÇÃO

### QUANTIDADE

### ESTADO DE CONSERVAÇÃO

( )Existente ( )Inexistente ( )Suficiente ( )Insuficiente ( )Bom ( )Regular ( )Ruim

### REGISTROS FOTOGRÁFICOS

### OBSERVAÇÕES

---



---



---



## APÊNDICE F: MODELO DE FICHA 5 – MAPA COMPORTAMENTAL CENTRADO NO LUGAR

ficha **5**

**MAPA COMPORTAMENTAL CENTRADO NO LUGAR**

PRAÇA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_\_ DIA DA SEMANA: \_\_\_\_\_ HORÁRIO: \_\_\_\_\_

DURAÇÃO: \_\_\_\_\_ CONDIÇÃO CLIMÁTICA: \_\_\_\_\_

---

Indivíduos:	Percursos :	Principais comportamentos :	
⊙ Observador	— Percursos formais(baixo fluxo)	1. Observando/contemplando	8. Jogando
○ Criança	— Percursos formais(médio fluxo)	2. Conversando	9. Comendo
□ Jovem	— Percursos formais(alto fluxo)	3. Descansando	10. Interagindo
△ Adulto	- - - Percursos informais(baixo fluxo)	4. Passeando	11. Apresentando-se
□ Idoso	• • • Percursos informais(médio fluxo)	5. De passagem	12. Comercializando
	■ ■ ■ Percursos informais(alto fluxo)	6. Brincando	13. Manifestando-se
		7. Praticando exercícios	

